

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

**Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos
Estados Unidos (1981-1988)**

Roberto Moll Neto

Niterói, 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

**Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos
Estados Unidos (1981-1988)**

Dissertação de mestrado apresentada ao
programa de Pós-Graduação em História
da Universidade Federal Fluminense
como pré-requisito à obtenção do
diploma de mestrado.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª Cecília Azevedo

Roberto Moll Neto

Niterói, 2010

Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988)

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como pré-requisito à obtenção do diploma de mestrado.

Roberto Moll Neto

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Cecília Azevedo - Orientadora

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Marco Antonio Pamplona - Arguidor

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Flávio Limoncic - Arguidor

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Sou grato a todos os professores do departamento de História da Universidade Federal Fluminense, que de alguma forma contribuíram para a fertilização das idéias que floresceram neste trabalho. Agradeço aos funcionários do departamento de história da Universidade Federal Fluminense, que sempre foram prestativos, eficientes e simpáticos em todos os momentos que puderam ajudar. Agradeço ao Prof. Dr. Marco Antônio Pamplona, com quem comecei a pesquisar história, mais especificamente a história dos Estados Unidos, e que contribuiu com críticas e idéias para a feitura deste trabalho. Agradeço ao Prof. Dr. Flávio Limoncic, da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro, que teve a disponibilidade de aceitar o convite para argüir este trabalho, ajudando com críticas e idéias, tanto na qualificação quanto na defesa. Agradeço especialmente a Prof^a. Dr^a. Cecília Azevedo, que, com paciência, me orientou e me estimulou sempre a seguir em frente. Sem ela este trabalho, dificilmente, teria sido concluído.

Agradeço a todos os meus amigos que contribuíram de alguma forma para realização desta dissertação, fossem em momentos de relaxamento ou em momentos em que trocamos idéias sobre o sentido da história. Agradeço aos familiares que sempre se interessaram em saber como o mestrado se encaminhava e me deram força para continuar. Agradeço especialmente aos meus pais, sobretudo, pelo incentivo, mas também pelo financiamento da minha vida acadêmica. Por fim, agradeço, de forma especialíssima, a Maria Izabel, minha companheira, que teve paciência, dedicação e presteza, me ajudando em todos os momentos, com carinho e idéias.

RESUMO

Nesta dissertação pretendemos estudar a forma como um grupo de neoconservadores narrou e imaginou a nação e o nacionalismo nos Estados Unidos nos anos de governo de Ronald Reagan. A partir dos anos 1950, diante das problemáticas sociais, diversos grupos de empresários e intelectuais afinados com o conservadorismo começaram a se organizar com o objetivo de repensar o conservadorismo e pensar um novo projeto para a nação. Nos anos 1980, um grupo de conservadores, entendidos hoje como neoconservadores, conseguiu transformar seu projeto de nação em um projeto de nação amplo. Dessa forma, os neoconservadores chegaram ao poder representados por Ronald Reagan. Esse projeto de nação neoconservador apresentou uma narrativa particular e uma forma específica de narrar e imaginar a nação e o nacionalismo nos Estados Unidos. Esta forma de narrar e imaginar a nação e o nacionalismo neoconservador esteve presente e foi difundida nos discursos de Ronald Reagan, nosso principal objeto de análise, assim como nas páginas de alguns jornais. Nos discursos e nas ações do governo de Ronald Reagan, sobretudo quando tratam do estado de bem estar social para pobres e negros, das ações afirmativas e da imigração, buscamos investigar o que é a nação e o que é ser um verdadeiro estadunidense para os neoconservadores.

Palavras chave: Nação. Nacionalismo. Neoconservadorismo. Políticas públicas. Pobres e Negros. Imigração.

ABSTRACT

In this dissertation we will study how a group of neoconservatives narrated and imagined the nation and nationalism in the United States in the years of Ronald Reagan. From the 1950s onwards of social issues, diverse groups of businessmen and intellectuals sympathetic to conservatism began to organize in order to rethink this ideology and think a new project for the nation. In the 1980s, a group of conservatives, neoconservatives as understood today, managed to transform his nation into a design project of nation wide. Thus, the neocons came to power represented by Ronald Reagan. The neoconservative project of nation presented a particular narrative and a particular way of imagining the nation and nationalism in the United States. This form of narration and imagine the nation and the neoconservative nationalism was present and was widespread in the speeches of Ronald Reagan, our main object of analysis, as well as the pages of some newspapers. In the speeches and actions of the Reagan administration, especially when dealing with the state of welfare to blacks and poor people, affirmative actions and immigration, we investigate what is the nation and what is the true American for the neocons.

Keywords: Nation. Nationalism. Neoconservatism. Public policies. Poor and black people. Immigration

M726 Moll Neto, Roberto.

Reaganation: a nação e o nacionalismo (neo) conservador nos Estados Unidos (1981-1988) / Roberto Moll Neto. – 2010.

265 f.

Orientador: Cecília da Silva Azevedo.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

Bibliografia: f. 263-265.

1. Nação. 2. Nacionalismo. 3. Conservadorismo. 4. Políticas Públicas. 5. Imigrante. 6. Negro. I. Azevedo, Cecília da Silva. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 320.54

Sumário:

Introdução	p.10
1 – O liberalismo e o nacionalismo cívico nos Estados Unidos	p.26
1.1 - O liberalismo progressivista e o nacionalismo cívico.....	p.26
1.2 - O New Deal e a nação cívica Rooseveltiana.....	p.33
1.3 - 1960: a Grande Sociedade e a consolidação do nacionalismo cívico ...	p.46
2 – A crise do liberalismo e o neoconservadorismo	p.57
2.1 - A crise econômica de 1970 e o fim da Grande Sociedade.....	p.57
2.2 - A reconstrução do campo conservador e o neoconservadorismo	p.65
2.3 - O neoconservadorismo moral e religioso	p.74
2.4 - A trajetória e a vitória política do projeto neoconservador republicano	p.82
3 - O projeto neoconservador de recuperação econômica e a nação.....	p.96
3.1 - Reaganomics: o projeto e as medidas de recuperação econômica da nação	p.96
3.2 - O estado econômico da nação nos discursos e na didática neoconservadora de Reagan	p.102
3.3 - A recuperação econômica e política do projeto nacional neoconservador	p.111
3.4 - Sucesso econômico e revitalização da nação.....	p.120
4 - Reaganation.....	p.129
4.1 - A essência do povo escolhido: discurso bíblico e identidade nacional.....	p.129
4.2 - Religião, família e segurança: a cruzada política de Reagan e a pauta moral conservadora.....	p.135
4.3 - “A Segunda Revolução Americana”: o resgate das glórias do passado e o destino da nação.....	p.144
4.4 - Depois da “Revolução”: do discurso a realidade	p.152
5 - Os negros estadunidenses e o nacionalismo étnico neoconservador	p.163
5.1 - A dependência antipatriótica e os negros	p.163
5.2 - A cruzada contra as ações afirmativas e as políticas de integração racial	p.168
5.3 - Ecos do reaganismo: o nacionalismo étnico neoconservador nas entrelinhas dos jornais	p.183

5.4 - A condição dos negros estadunidenses nos anos Reagan: reflexos e efeitos do nacionalismo étnico neoconservador	p.190
6 - Os imigrantes e o nacionalismo étnico neoconservador.....	p.197
6.1 - Nacionalismo étnico neoconservador e a imigração após 1965.....	p.197
6.2 - A escala Reagan.....	p.204
6.3 - A Lei de Imigração de 1986 e o nacionalismo neoconservador	p.213
6.4 - Os imigrantes nas paginas dos jornais: a caracterização dos imigrantes como antípodas da nação	p.220
6.5 - Fechando as portas: o nacionalismo neoconservador na pele dos imigrantes e descendentes de imigrantes.....	p.233
Conclusão.....	p.244
Fontes	p.252
Bibliografia	p.263

Introdução

As nações não são entidades naturais. As nações e os nacionalismos surgiram de projetos sociais, políticos, culturais e econômicos, que buscavam legitimidade. Como observou Benedict Anderson, as nações são comunidades imaginadas, construídas. São imaginadas, pois os membros de uma nação não conhecem pessoalmente uns aos outros, mas mesmo assim nutrem e dividem o mesmo sentimento de comunhão nacional. Do ponto de vista de Anderson, o nacionalismo produziu as “comunidades imaginadas” através de práticas culturais e administrativas dos estados modernos. Tais práticas estimulavam os homens a buscarem suas identidades e definirem suas obrigações com a nação. Como nota Anderson, o estado moderno, em seu processo de formação, atuou como promotor da alfabetização e de uma gramática vernácula comum, que possibilitaram que os homens reconhecessem nos jornais imagens comuns e narrativas coletivas. Nessas imagens e narrativas, diversos eventos e relatos formam uma espécie de romance real e se entrecruzam com a vida do leitor. Dessa forma, o leitor se vê como parte de uma “comunidade imaginada” com um espaço circunscrito e sujeitos nunca vistos, aonde se desenrolam os enredos e as narrativas, que guiam parte de suas vidas¹.

Corroborando os mesmos pressupostos modernistas de Anderson, os historiadores britânicos Eric Hobsbawm e Terence Ranger argumentam que as práticas nacionalistas culturais e administrativas que legitimam as nações são “tradições inventadas” na modernidade. Hobsbawm e Ranger entendem por “tradição inventada” as práticas de natureza ritual ou simbólica, reguladas institucionalmente ou não, que têm por objetivo inculcar valores e normas de comportamento, supostamente, milenares, naturais e obrigatórias a todos os membros que pertencem a uma comunidade. Os historiadores britânicos, entretanto, explicam que o termo “tradição inventada” é utilizado em sentido amplo, que inclui as tradições construídas e institucionalizadas formalmente pelos estados e as tradições que surgiram de maneira espontânea em um período limitado e determinado do tempo, mas que se estabeleceram com rapidez. Assim, para Hobsbawm e Ranger, heróis, mitos, músicas, roupas típicas e outras tradições nacionais que confirmam a naturalidade histórica das nações e definem os valores e as normas de comportamento características dos indivíduos nas nações são na

¹ ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the origin and Spread of Nationalism*. New York: Verso, 1983.

verdade invenções do período moderno, que se fazem e se refazem desde então².

Dessa forma, Hobsbawm e Anderson tratam a nação e o nacionalismo como um fruto plantado na era moderna e desenvolvido sistematicamente durante a história até os dias atuais. Entretanto, outros teóricos da nação e do nacionalismo, sem descartar as contribuições centrais de Anderson (em maior medida) e Hobsbawm (em menor medida), apontam que as origens da nação e do nacionalismo, embora modernas, remontam a antigas organizações étnicas, que forneceram as bases para construção das identidades. O cientista político inglês Anthony Smith, tal como Anderson e Hobsbawm, encara as nações e o nacionalismo como construções, portanto sem considerá-las como entidades naturais. Para Smith as nações são “uma nomeada população humana que compartilha mitos e memórias, ocupa historicamente um território; e possui uma cultura de massas, uma economia única e responsabilidades e direitos legais iguais para todos os membros”. O nacionalismo, que dá sentido às nações, é um movimento idealizado para alcançar e manter a autonomia, a unidade e a identidade de uma população, considerada por alguns dos seus membros como uma real ou potencial “nação”. Entretanto, Smith questiona o caráter unicamente moderno das nações e do nacionalismo, embora reconheça que elas sofreram profundas transformações na modernidade. De acordo com Smith as nações só podem ser construídas, ou imaginadas, sobre raízes históricas antigas. Desse ponto de vista as nações são constructos de longo prazo, constantemente reconstruídos e re-significados.

Smith sugere que as nações modernas e os nacionalismos ampliaram estruturas e conceitos étnicos mais antigos que foram universalizados na modernidade, como a idéia de terra prometida, passado dourado e povo escolhido. A idéia de terra sagrada é associada à nação de duas formas: quando uma comunidade considera a terra um lugar de culto sagrado, um exílio espiritual; ou quando um povo, que precisa se libertar dos opressores escolhe seguir para uma terra assumida como prometida a fim de formar uma comunidade ideal. A idéia de passado dourado estimula nos componentes da nação a recuperação de um status passado, mítico e ideal. Assim, a idéia de um passado dourado enfatiza a trajetória heróica dos cidadãos, realça os grandes feitos, relembra as virtudes que os descendentes carregam no sangue e justifica o sacrifício em nome de um destino designado desde tempos imemoriais. A idéia de povo escolhido é essencialmente um conceito religioso que atribui a um povo a missão de defender os valores morais e de

² HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (org). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

realizar seu destino na terra. Isto confere à nação um status moral de superioridade sobre “os outros”; reafirma o destino comum e especial da nação que está destinada a ficar livre e a livrar o mundo da opressão; ajuda a delimitar as fronteiras e afastar os profanos que rejeitam a missão nacional, sejam eles vizinhos, conquistadores ou inimigos internos; e por fim, estimula o povo a se engajar no “caminho sagrado” obedecendo às “leis divinas” a fim de evitar que a missão não seja cumprida e que a nação seja derrotada. Na modernidade a missão do povo escolhido começa por criar e preservar uma comunidade unida e autônoma para defender e recuperar os valores morais que fizeram o passado dourado, a fim de realizar o destino próspero em uma terra prometida³.

Nesta linha, Andrian Hastings, padre, historiador e teólogo da Universidade de Leeds, aponta que a tradição judaico-cristã é um elemento fundamental para construção de nações e dos nacionalismos. Segundo Hastings, o velho testamento apresenta os modelos de comunidade calcadas em leis, uma língua escrita, uma terra prometida e um povo escolhido que tem a missão de reconstruir passados gloriosos. De acordo com o historiador e padre heterodoxo, nas histórias do antigo testamento, a comunidade israelita, afundada no pecado, foi conquistada, sofreu, e seus membros foram obrigados a procurar o exílio por castigo divino até que reconquistassem a moral primária e a fé no Deus criador, possibilitando restaurar o passado glorioso e o futuro designado pelo divino. Da mesma forma, segundo Hastings, quando o reinado britânico entrou em crise, os membros das comunidades que formavam a Grã-Bretanha se consideraram sob a punição de Deus. Assim, se viram como o povo escolhido, os israelitas do velho testamento, e facilmente lembraram que deviam passar por sofrimento, provação e aceitação para reconquistar o passado dourado e o futuro designado por Deus. Para Hastings, o que possibilitou essa nova apropriação do mito do povo escolhido pela cristandade no mundo moderno foi a tradução da bíblia em língua vernácula e a apropriação do antigo testamento como um livro político⁴.

A cientista social Athena Leoussi apresenta outra abordagem interessante que mostra como as nações e os nacionalismos podem ter raízes mais antigas do que a modernidade. Leoussi considera que no século XIX, em meio às classificações raciais de biólogos e de antropólogos, as descobertas e os estudos arqueológicos das esculturas gregas conhecidas como Elgin Marbles reforçaram uma suposta origem clássica da

³ SMITH, A. D. *Myths and memories of the nation*. New York: Oxford University Press, 1999.

⁴ HASTINGS, Adrian. *Special Peoples*. IN. *Nations and Nationalism*, n. 5 (3), ASEN 1999.

Inglaterra, dando um novo sentido à nação e ao nacionalismo inglês. Segundo Leoussi, a partir disto, várias narrativas tentaram estabelecer uma conexão entre os ingleses e a civilização grega em seu período áureo. A cientista social cita o exemplo do antropólogo Robert Knox. Segundo este, as tribos escandinavas, saxônias, celtas e eslavas se miscigenaram com as tribos que habitavam a Grécia e a Macedônia, assim deram origem à civilização grega. Sendo assim, os ingleses não eram simplesmente descendentes da grande civilização grega, mas foram também seus criadores. Ainda de acordo com Leoussi, o mito da genealogia clássica dos ingleses também era levado a sério pelos propagandistas da teoria do arianismo. Estes acreditavam que as características físicas e morais, como o físico atlético e o amor à liberdade, eram as mesmas entre os helenos e as nações arianas. Para a cientista social, homens como Knox e os teóricos arianos, passaram a ver os gregos helênicos como modelos ideais da natureza física e intelectual dos homens, papel que passou a ser representado pelos ingleses. Para Knox, os exemplares dos gregos clássicos eram facilmente encontrados nas ruas de Londres no final do século XIX. Logo a figura de Perseus sobre o cavalo Pegasus tornou-se um dos símbolos nacionais ingleses. Assim, as descobertas arqueológicas do século XIX reforçaram a idéia de um passado de ouro e o caráter de povo escolhido dos ingleses⁵.

De certo, as tradições culturais e étnicas são fundamentais para formação das nações na longa duração, mas não constituem exclusivamente a idéia moderna de nação. Por isso, segundo Smith, os nacionalismos que dão sentido às nações combinam aspectos étnicos e cívicos, não obstante, um ou outro tenha maior preponderância em determinados contextos históricos e geográficos. O nacionalismo étnico é calcado sobre a idéia de que os indivíduos de uma nação dividem uma cultura e uma história única e estão ligados por laços de solidariedade que lembram laços familiares. Manifestações culturais imaginariamente milenares, como a língua e os costumes, são mais valorizados do que a igualdade legal, a cidadania e uma cultura de massas cívica. Mitos de ancestralidade e genealogia definem a nação. O nacionalismo cívico, por outro lado, define a nação como um grupo de indivíduos que escolhe pertencer racionalmente a uma comunidade com um território definido e compacto; com igualdade de todos os membros perante a lei; com direitos sociais e políticos de cidadania indiscriminados; e com uma cultura pública de massas compartilhada por todos os membros. Na idéia de

⁵ LEOUSSI, Athena. Myths of ancestry. IN. Nations and Nationalism, n. 7 (4), ASEN 2001.

nacionalismo cívico, os cidadãos podem adotar a identidade nacional a partir da livre escolha, inclusive os imigrantes, pois estão abertas a qualquer membro que esteja disposto a obedecer às leis e a cumprir as obrigações com a comunidade. Assim, o nacionalismo é ao mesmo tempo uma construção subjetiva e uma categoria normativa que definem quem pertence a uma determinada sociedade e as obrigações que estes têm que cumprir⁶.

Tomados em conjunto, os estudos de Anderson, Hobsbawm, Smith, Leoussi e outros estudiosos têm em comum uma leitura das nações e dos nacionalismos como fenômenos que estão constantemente em construção e não são naturais. A análise de discursos pode ser um dos caminhos mais interessantes para entender a construção das nações e os nacionalismos. Como bem observou Craig Calhoun, o nacionalismo também é um modo de falar, escrever e pensar sobre a cultura, a política e o papel dos membros de uma comunidade imaginada no mundo. Os discursos nacionalistas buscam os termos retóricos e a definição da identidade nacional nas narrativas históricas da nação. Assim, constroem uma identidade coletiva e a nação torna-se um agente coletivo. As narrativas, fontes do discurso político, têm, inclusive, o poder de mudar - e mudam - o significado dos traços étnicos e cívicos que fundamentam as comunidades imaginadas. De certa forma, a narrativa situa o lugar da nação na história⁷.

As narrativas, como observa o historiador Ciro Cardoso, estão intimamente ligadas aos traços fundamentais dos fatos reais que relata, longe de deformá-los. A estrutura da ação real, segundo Cardoso, também se desenrola numa seqüência de começo, meio e fim ou em passado, presente e futuro. A própria vida humana tem um início com o nascimento e um fim com a morte. O homem quando pensa nas potencialidades do futuro, e as ações humanas são orientadas para um fim futuro, desenvolve suas atividades em passos, etapas, meios e fins que não podem ser limitados ao presente, mas têm raízes passadas e objetivos futuros. A ação humana coletiva também se desenvolve através de seqüências estruturadas que integram fatos e projetos da ação e da experiência comum. No presente, os homens coletivamente projetam seus objetivos prospectivamente e retrospectivamente, unificando os fatos, ações e experiências coletivas. Um grupo de homens que queira transformar os objetivos projetados em um projeto amplo precisa elaborar um relato que seja aceito pela

⁶ SMITH, A.D. Op. cit.

⁷ CALHOUN, Craig. O nacionalismo importa. In. DOYLE, Don e PAMPLONA, Marco (Org). Nacionalismo no Novo Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2008.

coletividade, incluindo outros grupos sociais. Para tanto é preciso que a narrativa apresente as origens comuns da comunidade, um destino coletivo e uma interpretação do presente em função do passado reconstituído e do futuro projetado. Sem esta estratégia narrativa é impossível manter a comunidade agindo como grupo. Tanto no nível da ação planejada individualmente pelos homens, quanto ao nível da coletividade, o “Eu” e o “Nós” das narrativas têm existência real, não são meras ficções e baseiam suas ações em narrativas. Portanto, as narrativas são estruturadas de acordo com a própria organização do mundo social, ao mesmo tempo em que é parte estruturante dessa organização real. Em outras palavras, a narrativa pode alcançar ou, ao menos, se aproximar da realidade e, ao mesmo tempo, ela ajuda a configurar o real, assim como é configurada por ele. Em suma, a ação narrativa é prática da vida cotidiana e real, antes de ser atividade meramente cognitiva e estética⁸. Sendo assim, toda narrativa, incluindo a pesquisa e a narrativa historiográfica, está certamente emoldurada pelas condições subjetivas e objetivas do tempo e do lugar ocupado pelo sujeito que a escreve. O historiador que busca explicar uma dada realidade através das narrativas de suas fontes deve, portanto, situar as condições de tempo e lugar dos sujeitos históricos que constroem tais narrativas.

Os discursos, principalmente aqueles que apresentam as narrativas da nação, devem ser entendidos como práticas sociais estruturadas e estruturantes. Em outras palavras, são frutos das relações sociais e ao mesmo tempo constroem tais relações. Para Norman Fairclough, o discurso é uma representação e uma forma de agir no mundo. Por um lado, o discurso é moldado e restringido pelas relações sociais, por outro lado é socialmente constitutivo, pois constrói e constitui o mundo. O discurso deve ser visto como uma prática social de origem coletiva e que altera o mundo e altera os outros indivíduos no mundo. Neste sentido, segundo Fairclough, o discurso tem três efeitos: 1- o discurso contribui para a construção do que é referido como "identidades sociais" e posições de sujeito, para o sujeito social e os tipos de EU; 2- O discurso contribui para a construção das relações sociais; 3- o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença⁹.

Em outras palavras, os discursos são resultados de realidades concretas permeadas de tensões e conflitos, mas ao mesmo tempo são intervenções políticas e sociais nesta mesma realidade. O discurso, portanto é uma prática política e como tal

⁸ CARDOSO, Ciro. Um historiador fala de teoria e metodologia. Bauru: Edusc, 2005.

⁹ FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

estabelece, mantém e transforma as relações de poder. A prática discursiva, a distribuição e o consumo dos discursos são movimentos de uma luta em busca da construção da hegemonia de um projeto de nação para reproduzir ou transformar as relações sociais existentes. Como aponta Antônio Gramsci, construir a hegemonia significa persuadir os diversos setores sociais e estabelecer alianças em torno de um projeto político, que é fruto da iniciativa de uma classe ou um setor de classe, mas que pretende ser, através do convencimento, um projeto político nacional. Entretanto, a hegemonia é um equilíbrio tênue e instável, portanto precisa ser constantemente construído e sustentado. Para conquistar as diversas frações de classe, o projeto hegemônico precisa representar, atender e criar os interesses e as necessidades das diversas classes e frações de classe que compõem a sociedade. Sobretudo precisa transformar sua ideologia em uma visão de mundo compartilhada pelos diversos grupos sociais que compõem uma nação imaginada e estão dispostos a defendê-la. Tal como as nações, as ideologias são construções. São visões de mundo construídas, que dão significado à realidade e contribuem para produção e transformação das relações sociais¹⁰.

Um discurso político que pretende dar sentido hegemônico a uma ideologia, um projeto de nação e uma prática nacionalista só pode fazê-lo se os indivíduos, as classes e os grupos sociais diversos verem sentido nele. Os discursos precisam estabelecer conexões com os códigos que remetem à realidade objetiva e aos *habitus* dos indivíduos e dos diversos grupos sociais. Ou seja, precisa estar embasado nas necessidades de sobrevivência dos homens e nas disposições duráveis estabelecidas e transmitidas através das gerações que nortearam as percepções e as ações dos grupos e classes sociais, mas ao mesmo tempo estão constantemente abertas a mudanças derivadas das ações, da dinâmica das correlações de forças sociais e do confronto por experiências novas¹¹. A constatação de que as tradições do nacionalismo são “inventadas” e de que as nações são “comunidades imaginadas” não torna esses fenômenos menos reais ou menos mutáveis.

Em sua maioria, os teóricos contemporâneos da nação e do nacionalismo acreditam que estes são fenômenos modernos, ainda que reconheçam continuidades e raízes em organizações comunitárias pré-modernas. Não existe um consenso sobre o momento fundador da nação e do nacionalismo, mas, não por acaso, todos que tentaram

¹⁰ GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas. São Paulo: Papyrus, 1996.

definir este nascimento apontaram para períodos de grandes transformações na modernidade, como a Guerra Civil Inglesa, a Revolução Francesa, os movimentos de independência nas Américas e o romantismo alemão. De forma geral, parece consenso, que as nações e os nacionalismos modernos surgiram em momentos de grandes transformações em diferentes lugares na modernidade. As nações e os nacionalismos modernos surgiram quando a organização dos indivíduos extrapolou os limites das vilas e obrigou a fundação dos Estados modernos. Este processo só foi possível graças à expansão e ao surgimento de novos meios de comunicação (como a escrita, os jornais e as estradas) e a integração comercial e militar de territórios contíguos. Isto tornou possível, e de certa forma obrigatório, que as populações de diferentes regiões, relativamente próximas, interagissem em uma velocidade, até então, impensável. Os Estados modernos promoveram a integração das pessoas, a construção das estradas, a padronização das línguas utilizadas nas comunicações, a integração dos exércitos e do comércio. A religião perdeu o monopólio como mecanismo de organização social. Isso deixou espaço para o nacionalismo configurar identidades e exigir lealdade e uma fé secular na nação.

Por outro lado, como uma via de mão dupla, a idéia de nação tornou possível o surgimento e a manutenção dos Estados modernos, que foram modelados pelo nacionalismo. A noção de nação e o nacionalismo garantiram aos homens o direito de participar do estado como fonte de legitimidade política. Esta mesma noção deu aos homens a obrigação básica de defender o estado e serem leais a eles. Em outras palavras, ao mesmo tempo, o nacionalismo legitimou a indiferença e a discriminação utilizadas para marcar aqueles, que não tinham lugar no Estado e na Nação. Assim, o nacionalismo foi largamente empregado para legitimar ou deslegitimar projetos políticos de nação para os estados modernos e foi amplamente utilizado para justificar a eliminação de dissidências políticas, culturais e étnicas. Estes processos definiram, e definem, exatamente aqueles que pertencem ou não ao Estado-Nação moderno. Portanto, a nação e o nacionalismo foram, e ainda são, cruciais para mobilização das lealdades políticas, construção das identidades, difusão das ideologias e organização das culturas dos estados nascidos na modernidade.

O nacionalismo forneceu e, ainda hoje fornece, os parâmetros comportamentais para os indivíduos sustentarem as sociedades que constituíam as nações. Desde a modernidade até nossos dias, as nações e os nacionalismos se inventam e se reinventam, constantemente, mas principalmente em períodos de grandes transformações. Os

processos de transformações políticas, econômicas e sociais, que ocorrem continuamente em qualquer espaço exigem, sobretudo em momentos de rupturas mais drásticas, novos projetos nacionais e novos discursos. Estes, frequentemente, reelaboram as narrativas da nação e o nacionalismo a fim de alcançar e transformar a realidade. Contudo, podemos dizer que os nacionalismos são construídos frequentemente sobre bases políticas modernas e tradições culturais e etno-simbólicas antigas, que também são reinventadas e resgatadas de acordo com o momento histórico. Todas as nações modernas são marcadas pela confluência de um modelo étnico antigo de organização cultural social, mas também por um modelo cívico moderno pautado por direitos e obrigações imputados aos membros da comunidade, que são frequentemente remodelados.

O objetivo principal desta dissertação é investigar a nova narrativa da nação e o novo nacionalismo nos Estados Unidos dos anos 1980. Mais especificamente, queremos investigar as narrativas da nação e o nacionalismo difundidos naquele país por um grupo de neoconservadores, que eram representados por Ronald Reagan, então presidente do país. Este novo constructo da nação e do nacionalismo era ao mesmo tempo resultado de uma visão de mundo neoconservadora, que estava transformando os Estados Unidos na década de 1980, e um dos principais vetores de consolidação desta. Em especial, pretendemos investigar o resgate, a reinvencção e a remodelagem de uma narrativa étnica da nação e do nacionalismo estadunidense, comum aos neoconservadores na década de 1980.

Na história dos Estados Unidos, como na história de todas as nações, o nacionalismo cívico e o nacionalismo étnico são complementares, antagônicos e complementares e uma ou outra forma ganha preponderância em alguns momentos. Este paradoxo está presente no contínuo processo de elaboração da constituição e das leis estadunidenses que asseguram o direito à vida, à liberdade, felicidade e a governos democráticos legítimos; mas ao mesmo tempo, endossaram a escravidão no sul, permitiram a segregação racial; limitaram a naturalização de imigrantes e impediram a entrada de estrangeiros no país. Para o historiador estadunidense Gary Gerstle, no século XX, o nacionalismo cívico e o nacionalismo étnico, nos Estados Unidos, revelaram-se tradições complexas e capazes de se adequarem aos problemas econômicos e políticos de cada conjuntura histórica específica. Esses dois modelos paradoxais, no século XX, deram forma ao que Gerstle chama de nação Rooseveltiana (Rooseveltian Nation), em referência aos presidentes Theodore Roosevelt e Franklin

Delano Roosevelt. Vale lembrar que o nacionalismo de T. Roosevelt era significativamente racializado, mesmo ou exatamente quando enfatizava o *melting pot*, visando a produção de uma raça-síntese exemplar, que excluía determinadas raças, especialmente os negros. Contudo nos últimos anos do governo de T. Roosevelt, o nacionalismo defendido por ele dava cada vez menos importância aos componentes raciais. A nação Rooseveltiana, segundo Gerstle, começou a ser construída nas duas primeiras décadas do século e definiu a sociedade estadunidense da década de 1930 até meados da década de 1960. Neste período, embora estivesse presente uma tradição étnica, um tipo de nacionalismo cívico ganhou preponderância. Este nacionalismo cívico enfatizou a igualdade política e social dos membros da nação e uma economia regulada, que garantiria oportunidade econômica e segurança para todos, independente da raça, etnia, nacionalidade, marcou a nação Rooseveltiana¹².

A promessa de oportunidade econômica e liberdade política para todos os cidadãos, independente da origem racial, religiosa ou étnica, tornou-se um componente vital de uma suposta tradição estadunidense. O liberalismo, ideologia hegemônica nos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX, foi marcado pelo Progressivismo nos anos 1910, pelo New Deal nos anos 1930 e pela Grande Sociedade nos anos 1960. Até o final dos anos 1960, sobretudo nos anos 1910, 1930 e 1960, os trabalhadores e os movimentos sociais transformaram as políticas liberais nos Estados Unidos. Trabalhadores e ativistas nesses momentos de profunda ebulição social demandaram programas sociais, seguridade social e regulações federais sobre práticas injustas de trabalho, comércio e produção. Eles alegavam que a proteção aos trabalhadores e a imposição de limites aos poderes industriais eram fundamentais para que a nação pudesse promover os direitos cívicos com os quais estava comprometida. As elites financeiras e empresariais, sobretudo depois da crise de 1929, buscaram garantir a continuidade do crescimento da lucratividade, evitando novos momentos de turbulência econômica e social e possíveis revoluções. Diante disto, os projetos liberais dos anos 1910, 1930 e 1960, embora distintos, desenvolveram políticas monetárias e fiscais voltadas para o crescimento econômico e para promoção social, em nome da cooperação e da harmonia entre as classes sociais. Dessa forma, os trabalhadores e os movimentos sociais conquistaram, ao longo do século, uma legislação social e civil que estruturou o sistema de bem estar social e os direitos civis nos Estados Unidos.

¹² GERSTLE, Gary. *American crucible: race and nation in the twentieth century*. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

Enquanto isso, as elites financeiras e empresariais conseguiram garantir suas margens de crescimento e lucratividade, não só devido à política interna, mas ao período de relativo crescimento econômico mundial depois da recuperação nos anos 1930, e principalmente, após a Segunda Guerra Mundial.

Por outro lado, a nação Rooseveltiana dependeu das guerras para alcançar boa parte de seus objetivos. Paradoxalmente, o exclusivismo étnico não esteve distante da linguagem nacionalista nesses conflitos. A guerra contra a Espanha, as duas Grandes Guerras Mundiais e a Guerra Fria moldaram a identidade nacional estadunidense contra inimigos externos que ameaçavam a existência da nação e transformaram milhões de homens em ardentes patriotas. As guerras revelaram a tendência exclusivista e os limites de abertura e tolerância do nacionalismo cívico estadunidense. Vizinhos, empregadores e o estado trataram duramente os imigrantes e os estadunidenses de origem estrangeira, que se recusaram a aceitar a versão oficial do nacionalismo nos momentos belicosos.

No final da década de 1960, a nação Rooseveltiana começou a ruir, justamente quando alcançou seu clímax. Para Gerstle, a revolução pelos direitos civis que começou na década de 1940, detonou o processo de demolição da Nação Rooseveltiana. Gerstle argumenta que nas décadas de 1940 e 1950, um ideal cívico de nação marcou o movimento pela igualdade racial. Sob a liderança de Martin Luther King o movimento pelos direitos civis apelou pelo respeito à herança democrática estadunidense e pediu que os homens fossem julgados pelo caráter e não pela cor da pele. Entretanto, a manutenção da segregação e da discriminação racial na Nação Rooseveltiana radicalizou o movimento pelos direitos civis. Na segunda metade da década de 1960, o movimento pelos direitos civis, desiludido com a Nação Rooseveltiana, parecia cada vez mais próximo de abandonar os ideais cívicos de nação em nome de projetos de construção de nações exclusivamente composta por negros. Os princípios do nacionalismo negro se espalharam para outros segmentos da Nação Rooseveltiana, mas, sobretudo a oposição racista aos direitos civis e a desastrosa Guerra do Vietnã tornaram milhões de estadunidenses, de diferentes cores ideológicas, receptivos às críticas ao poder do estado, ao nacionalismo rooseveltiano e à assimilação cultural das minorias.

Os movimentos pelos direitos civis não podem ser apontados como principais responsáveis pela crise da Nação Rooseveltiana. Outros aspectos mais importantes não podem ser negligenciados. No final da década de 1960 e no início dos anos 1970, a economia entrou em declínio e apresentou um quadro de inflação crescente e estagnação

econômica, estagflação, sobretudo devido aos gastos com a Guerra do Vietnã, a crise do petróleo e a fatores endogenos. A crise econômica, entretanto, passou a ser vista como reflexo das políticas liberais de regulação e promoção social. Enquanto isso, os gastos com a Guerra do Vietnã foram isentos de culpa, uma vez que, mais do que nunca, defender militarmente a nação era uma obrigação que se não fosse seriamente cumprida, colocaria em risco todo o povo estadunidense. As velhas indústrias do norte e do meio oeste entraram em profunda decadência com a crise econômica dos anos 1960 e 1970, mas no Sunbelt, cinturão geográfico que liga a costa leste a oeste dos Estados Unidos, as indústrias de armas, petróleo e tecnologia estavam em pleno vigor, graças à Guerra do Vietnã. A organização e a mobilização dos trabalhadores, centrada nas indústrias do Norte e do Meio Oeste, começou a se esfacelar diante do crescente desemprego e da transposição de plantas industriais para outros países e para o Sul, onde a mão de obra era mais barata. A proeminente elite econômica ligada às indústrias do sunbelt e ao mercado financeiro começou a ganhar espaço político, sobretudo através do financiamento de centros de pesquisa política destinados a combater o liberalismo. A crise econômica se aprofundou nos anos 1970. Os estadunidenses passaram a desconfiar ainda mais da política e do poder da nação. Diante de tudo isso, a rejeição ao governo liberal e à Nação Rooseveltiana cresceu.

Enquanto isso, o conservadorismo vinha se reestruturando silenciosamente desde os anos 1950 e nas décadas seguintes um movimento neoconservador, que resgatou pressupostos do conservadorismo e do libertarianismo estadunidense, começou a ganhar destaque. De forma geral, o projeto nacional neoconservador prometeu reduzir impostos; cortar os gastos federais, sobretudo nos programas sociais; resgatar o federalismo, repassando diversos programas sociais para as administrações estaduais e locais; e extinguir as regulações federais. Em suma, os neoconservadores prometiam reverter as políticas adotadas pelos liberais no século XX, principalmente aquelas desenvolvidas durante o New Deal e a Grande Sociedade. Segundo os neoconservadores, essas políticas destruíam a nação, pois minavam características essenciais dos estadunidenses como liberdade, independência, trabalho duro, iniciativa, empreendedorismo, competitividade, produtividade, fé em Deus e força. Conseqüentemente, os neoconservadores acusaram as políticas liberais de provocarem acomodação, preguiça, vício, dependência, miséria, crises econômicas, crises morais, tráfico de drogas, crimes, destruição de famílias e abortos. O projeto nacional neoconservador prometia que equilibraria o orçamento da união e conseqüentemente

reduziria a inflação através da redução dos gastos com os programas federais, que eram considerados supérfluos, exagerados, fraudulentos e desnecessários. Assim, os neoconservadores prometiam recuperar o passado glorioso da nação, com suas características essenciais, e colocá-la novamente no caminho para um futuro designado por Deus. Reagan prometeu fazer tudo isso sem se descuidar da defesa da nação.

A partir da crise econômica do final dos anos 1960, os políticos liberais, sobretudo Democratas, passaram a ser vistos por segmentos cada vez maiores como corruptos, ineficientes, representantes de negros e minorias, fracos e irresponsáveis frente aos perigos internacionais que rondavam os Estados Unidos. Enquanto isso, os políticos e ideólogos do neoconservadorismo ganhavam campo. Nos anos 1960 e 1970, o movimento neoconservador não representava a ortodoxia no campo da direita estadunidense. O neoconservadorismo ainda sentia falta de organicidade e de quadros políticos capazes de representar o projeto político nacional em empreitadas políticas mais ambiciosas. Mas, na década de 1980, os neoconservadores tornaram-se a força política dominante na sociedade americana. A chegada de Ronald Reagan à Casa Branca evidenciou o ressurgimento de uma nova forma de conservadorismo e o projeto nacional neoconservador exigiu um novo entendimento do que é a nação e do nacionalismo nos Estados Unidos.

Até os anos 1960, Reagan era ator, presidente do Sindicato dos Atores de Cinema e Televisão (Screen Actors Guild), porta voz da General Eletrics e membro do Partido Democrata. Em 1962, Reagan deixou o Partido Democrata e se filiou ao Partido Republicano por não concordar com as políticas dos Democratas que, diante da crescente influência dos trabalhadores e dos negros dentro do partido, se viram constrangidos a ampliar os direitos sociais e estabelecer os direitos civis dos afro-americanos, sobretudo no sul do país. Em 1964, no discurso de apoio à candidatura presidencial do senador Republicano Barry Goldwater, Reagan explicou a sua mudança de partido parafraseando o Democrata Al Smith, governador de Nova Iorque e primeiro candidato católico à presidência dos Estados Unidos em 1928, que em alguns momentos fez forte oposição ao New Deal. Segundo Reagan, a liderança do Partido Democrata “estava levando o partido de Jefferson, Jackson e Cleveland às ruas sob a bandeira de Marx, Lênin e Stalin”¹³.

¹³ REAGAN, Ronald. Address on behalf of Senator Barry Goldwater, Rendezvous with Destiny, October 27, 1964

A partir do retumbante discurso de apoio a Goldwater, Reagan ganhou popularidade entre os Republicanos. Dois anos depois candidatou-se a governador do estado da Califórnia e foi eleito. Como governador da Califórnia, Reagan estreitou ainda mais sua relação com a nascente elite neoconservadora do Sunbelt e dos intelectuais que esta financiava. Reagan tentou ser o candidato à presidência do Partido Republicano em 1968 e em 1976, mas não obteve sucesso, sobretudo porque a ala neoconservadora do Partido Republicano não havia alcançado a organização e a mobilização necessária. Entretanto, Reagan conseguiu ser o representante Republicano no pleito presidencial em 1980, defendendo um projeto nacional enraizado nas teorias políticas, econômicas e morais neoconservadoras.

Em 1980, o momento era oportuno. Reagan soube tirar vantagem política da conjuntura. Ele assinalou a necessidade da criação de uma nova ordem política que, supostamente, reconstruiria a economia e a moral estadunidense, promovendo crescimento econômico, lucratividade, mais dinheiro no bolso dos trabalhadores, emprego para a massa de desempregados e a verdadeira moral estadunidense. O projeto neoconservador que Reagan representava estava firmemente calcado nas elites empresariais do Sunbelt e nos setores financeiros da nação, mas alcançou trabalhadores, religiosos protestantes tradicionalistas no sul, católicos, pobres, desempregados e a classe média. Depois de eleito, as tensões, o dissenso e os projetos contra hegemônicos tornaram ainda mais imperativo a continuação da construção da hegemonia neoconservadora e uma forma de imaginar a nação e um nacionalismo que a referendasse.

Ao longo desta dissertação discutiremos a nação e o nacionalismo neoconservador nos Estados Unidos dos anos 1980. Para isso, analisaremos os discursos de Reagan e algumas colunas jornalísticas. Através dos discursos de Reagan pretendemos mostrar como o presidente atuou como porta voz de uma visão de mundo neoconservadora e como difusor de uma nova forma de imaginar a nação e de um novo nacionalismo. O papel de porta voz e difusor de uma visão de mundo, de nação e de nacionalismo representado por Reagan foi imprescindível para conquistar e manter a hegemonia em torno do projeto neoconservador de nação. Pretendemos mostrar também que a forma neoconservadora de se imaginar a nação também estava presente nos editoriais e nas colunas dos jornais do mesmo período, principalmente no Wall Street Journal, que, com frequência, utilizou a mesma linguagem neoconservadora para imaginar a nação. As matérias, os editoriais e as colunas assinadas por intelectuais

neoconservadores, sobretudo no Wall Street Journal, compuseram com os discursos de presidenciais um corpus discursivo, que referendava, explicava e reiterava o projeto nacional neoconservador e a forma neoconservadora de se imaginar a nação.

Analisaremos os discursos de Reagan e os produtos dos jornais, levando em conta os ensinamentos de J.G.A Pocock e Norman Fairclough¹⁴. Baseado nos ensinamentos de Pocock, apresentaremos os discursos presidenciais situados em seu contexto específico, ressaltando não apenas a importância do contexto histórico em que o discurso foi apresentado, mas, também a intencionalidade do autor e sua atuação neste contexto. Para isso é preciso levar em conta os “atos de fala”, ou seja, investigar para quem Reagan falou; quem o ouviu; quem respondeu e de que forma; e a quais comunidades argumentativas ele se referiu.

Fairclough propõe que a análise do discurso seja empreendida em três dimensões, que na prática estão superpostas: 1- análise das práticas discursivas; 2- análise dos textos (micro-análise da prática discursiva); e 3- análise da prática social da qual o discurso é parte. Assim, através dessa metodologia analisaremos as práticas discursivas que pressupõem especificamente a intertextualidade e a interdiscursividade das amostras do discurso do discurso de Reagan. Ou seja, especificaremos os tipos de discurso proferidos pelo presidente; a distribuição desses discursos em cadeias de textos correlacionadas; quem produziu os textos; quem assumiu os discursos; quem consumiu os discursos presidenciais; e como os discursos do presidente estavam contextualizados. A análise dos textos visa delinear como os tópicos mais importantes foram introduzidos nos discursos presidenciais; quais eram as agendas apresentadas por Reagan nos discursos; como as operações e os períodos/contextos estão conectados no discurso e qual é o significado dessa coesão para o entendimento de uma trama de causas e efeitos que o presidente quer apresentar aos seus ouvintes; como Reagan se dirige aos ouvintes, de forma amigável, negativa ou implícita; como constrói a partir dos discursos as identidades sociais, utilizando estrategicamente a gramática e a oposição implícita dos sujeitos; quais participantes Reagan favorece nos discursos, escolhendo-os como sujeitos da voz ativa ou passiva que denotam a responsabilidade das ações; como Reagan utiliza os verbos modais que indicam o dever, a obrigação moral, a responsabilidade e universalização de perspectivas parciais; e como o presidente utiliza

¹⁴ FAIRCLOUGH, Norman. Op. Cit. e POCOCK, J. G. A. Linguagens do ideário político. São Paulo: Edusp, 2003.

as palavras chaves, a criação de palavras e as metáforas para compor um significado cultural geral que aproxima o discurso dos ouvintes.

Em suma, a análise da prática social do discurso tem como objetivo compreender o discurso de Reagan como parte integrante de uma prática social que é elaborada a partir das relações sociais e ao mesmo tempo é parte constitutiva dessas relações. Para isso é importante especificar como os discursos presidenciais são artefatos que resultam das relações sociais e hegemônicas, bem como as constroem; como a prática social e a prática discursiva se relacionam com a ordem do discurso e criam um efeito de reprodução e transformação dessa ordem discursiva; e como os discursos proferidos pelo presidente sofrem e produzem efeitos ideológicos e políticos que constroem sistemas de crença, relações sociais, identidades nacionais e práticas nacionalistas.

1 – O liberalismo e o nacionalismo cívico nos Estados Unidos

1.1 – O liberalismo progressivista e o nacionalismo cívico

No início do século XX, o liberalismo nos Estados Unidos se transformou no intuito de dar respostas à pobreza, ao desemprego e aos problemas sociais associados à crise do capitalismo no final do século XIX, que tencionava a correlação de forças naquela sociedade. Assim, os liberais buscavam se apresentar como uma alternativa ao socialismo. Gary Gerstle aponta que, neste momento da história estadunidense, os liberais foram forçados a compreender que a ausência ou a limitação das instituições tidas como não naturais, como o Estado, não garantia a emancipação dos indivíduos. Ao contrário, os liberais passaram a perceber que os indivíduos necessitavam de recursos econômicos e sociais para viver e precisavam de instrução para gozar a individualidade¹⁵.

Neste sentido, a chamada Era Progressivista, no início do século XX, assistiu a uma série de projetos de reformas sociais, econômicas e políticas. Diferentes atores sociais em conflito e coalizão elaboraram as muitas agendas progressivistas, sobretudo os intelectuais liberais progressivistas de universidades tradicionais como Harvard, Yale e Columbia. A agenda progressivista era diversificada, muitas vezes contraditória e englobava uma gama de posições políticas que variava desde a esquerda socialista a grupos reacionários. Mas, quase todos intelectuais progressivistas passaram a entender o Estado como o único agente capaz de apaziguar a crescente tensão social e educar os cidadãos. Para um grupo de progressivistas, a intervenção racional do Estado, através do corporativismo, regularia as empresas e favoreceria a organização dos trabalhadores e agricultores. Assim, levaria os indivíduos a alcançarem o melhor de suas capacidades e, como resultado, as relações sociais melhorariam, restabelecendo o caminho para o progresso. Outros progressivistas prefeririam adotar a teoria inglesa do socialismo de guildas que advogava o controle democrático das indústrias pelos grupos trabalhadores como alternativa ao controle estatal e aos sindicatos que estavam limitados a buscar melhores salários e condições de trabalho.

Além de objetivarem restabelecer o equilíbrio social através de reformas sociais, os liberais progressivistas acreditavam que o revigoramento da democracia dependia de uma reforma moral da sociedade. A ênfase na moralidade era fruto do habitus desses

¹⁵ GERSTLE, Gary. The protean character of American liberalism. In *American historical review*, Vol. 99, Nº. 4, p.1046, out. 1994.

intelectuais liberais criados, em sua maioria, em famílias protestantes. Esses *habitus* nortearam as percepções e as ações dos grupos e classes sociais, dentre eles os reformadores liberais, mas ao mesmo tempo eram constantemente abertas a mudanças derivadas das ações, da dinâmica das correlações de forças sociais e do confronto por experiências novas.

Os reformadores progressivistas eram na maioria bem educados e de famílias tradicionais das cidades. Muitos eram, ou iriam se tornar, figuras conhecidas no cenário nacional depois de atuarem nos serviços comunitários, como o filósofo do pragmatismo, John Dewey; a premiação Nobel da Paz de 1931, Jane Addams; Frances Perkins, secretário de trabalho do New Deal; Harry Hopkins arquiteto do programa de assistência social do governo de Franklin Delano Roosevelt, entre outros. Alguns eram abertamente socialistas; outros, como Gerard Swope, que depois se tornou presidente da General Electric, apostavam em programas de bem-estar sem alterar as bases capitalistas. Esses diferentes grupos progressivistas tentaram atacar a dependência da caridade através de novos projetos de reformas sociais e políticas. Assim, promoveram educação, cultura, auxílio aos trabalhadores (especialmente mulheres), melhorias nas escolas públicas e diversos outros tipos de atividade lúdicas, educacionais e vocacionais nas comunidades necessitadas. Sobretudo, esses grupos demandaram maior intervenção dos poderes públicos sobre as questões sociais.

Os reformadores liberais pressionaram os governos e levaram à frente programas sociais nas áreas de educação, saúde e trabalho. Sobretudo, a educação obrigatória das crianças era uma componente chave das campanhas dos reformadores liberais. Segundo eles, as escolas, sobretudo a educação pública, reduziria a criminalidade e a pobreza, aliviaria os antagonismos sociais, promoveria a mobilidade social, criaria riqueza e moral social. Os programas de saúde desenvolvidos pelos progressivistas nas comunidades carentes e nos estados tiveram resultados significativos. Em pouco tempo, doenças que afetavam largamente as crianças como varíola, difteria e tuberculose foram reduzidas e ajudaram a diminuir a mortalidade infantil. O primeiro conselho estadual de saúde foi o criado em Massachusetts em 1869 e desde a década de 1870, outros estados criaram órgãos semelhantes que variavam quanto à efetividade e atribuições. Os economistas liberais defensores de uma perspectiva reformadora mais ampla passaram a ver o desemprego como um problema de mercado e um problema moral. Para eles, a falta de um mercado de trabalho organizado não reduzia somente os ganhos dos

trabalhadores, mas também induzia maus hábitos, minava o caráter e destruía a disposição para o trabalho.

O comprometimento dos progressivistas com um programa de reformas sociais e morais que davam um papel de destaque ao Estado ficou claro na obra, *The Promise Of American Life*, de Herbert Croly. Para Croly, o Estado progressivista deveria construir o bem comum através da correção das desigualdades criadas pela sociedade. Assim, o Estado deveria promover “discriminações construtivas”, ou seja, políticas que favorecessem determinados grupos sociais para o interesse do bem comum de todos. O Estado deveria discriminar a favor das grandes corporações deixando o processo industrial seguir seu curso, mas deveria também discriminar em favor dos sindicatos, dando reconhecimento legal aos que agissem de acordo com o interesse nacional e reprimindo aqueles que insistissem em reafirmar interesses classistas e egoístas¹⁶. Como aponta Flávio Limonicic, para Croly, ao lado de um grande capital deveria estar um grande Estado e um grande trabalho organizado, que constituíssem um novo equilíbrio de forças sociais. As reformas sociais deveriam ser acompanhadas por um “novo nacionalismo”. Este “novo nacionalismo” deveria ser alcançado através de uma reconstrução cultural da nação que unificaria o povo americano em torno de um sentido moral e um programa econômico¹⁷.

As primeiras décadas do século XX, portanto, representaram o primeiro grande avanço no campo dos direitos sociais. Programas, tradicionalmente associados à caridade e à filantropia transformaram-se em direitos que, como argumentavam seus proponentes, visavam reduzir a dependência e corrigir imperfeições no âmbito das relações econômicas que exacerbavam as desigualdades. Estas transformações, ainda que tímidas neste momento, acarretaram mudanças significativas no entendimento da nação e do nacionalismo estadunidense. A ampliação da igualdade de direitos políticos e dos direitos sociais impulsionou diversas formas de nacionalismo cívico que começaram a ganhar proeminência, mesmo que o entendimento hegemônico do que era a nação, de quem eram os verdadeiros cidadãos e do nacionalismo ainda estivesse fortemente pautada por contornos raciais e étnicos. As formas de nacionalismo cívico e étnico, mais do que nunca estavam em disputa, concomitância e contradição, bem como

¹⁶ LIMONCIC, Flávio. A promessa da vida Americana: Herbert Croly, as “discriminações construtivas” e a questão do Estado Norte-Americano. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. p.80

¹⁷ Ibid. p.80-81

o processo de redefinição do liberalismo e o processo de expansão dos direitos políticos e sociais que o influenciavam.

As formas de se imaginar a nação estadunidense a partir de pressupostos majoritariamente cívicos começaram a ganhar proeminência em decorrência dos movimentos sociais e reformadores que, de uma maneira ou de outra, promoveram a importância dos direitos sociais na política e na sociedade dos Estados Unidos. A crescente influência dos nacionalismos cívicos, que entendiam os indivíduos como cidadãos, ou seja, como portadores de direitos e coparticipantes nas decisões sobre os rumos da nação em detrimento das formas majoritariamente étnicas e excludentes de se imaginar e narrar a nação ficou evidente na trajetória e nas mudanças de pensamento de homens como Theodore Roosevelt.

Como aponta Gerstle, para Roosevelt, como para muitos homens do século XIX, a história era a história da luta racial, na qual cada grupo era possuidor de uma cultura distinta e inata. Nesta perspectiva, os estadunidenses foram formados através da mistura e da assimilação racial controlada pela raça superior, branca e oeste-européia, no processo de expansão da fronteira. Roosevelt imaginou a nação estadunidense fundada nos homens da fronteira que, como guerreiros, atravessaram os Apalaches, enfrentaram a selvageria indígena e souberam se apropriar da bravura, da esperteza e da ferocidade daquele povo. Este processo deu origem a um povo dotado de qualidades como hombridade, auto governo, auto controle, liberdade, democracia, bravura, rudeza, força e espírito guerreiro, comunitário e empreendedor.

Roosevelt achou um lugar para os índios, que já haviam sido praticamente exterminados, em sua concepção racial de nação. Eles haviam dado ao povo americano a bravura e o espírito guerreiro necessários aos homens. Entretanto, Roosevelt não achou lugar para os negros na formação do povo estadunidense. Para ele, os negros nunca poderiam ser assimilados, pois eram um povo sempre oprimido, conquistado e facilmente dominado. Os negros nunca seriam capazes de participar de um governo democrático uma vez que, não tinham o auto-controle característico dos brancos. Para Roosevelt, o homem da fronteira não tinha nenhuma responsabilidade sobre os negros que chegaram aos Estados Unidos. Esses teriam chegado à América através dos aristocratas, que, com isso, provocaram o maior desastre nacional, a guerra civil. Por um lado, os negros eram a antítese da nação, pois não tinham auto controle, auto governo e eram fracos. Por outro lado, os aristocratas do leste também representavam o oposto da nação. Roosevelt os considerava corruptos, antidemocráticos, imorais e afeminados.

Assim, a subordinação servia para afirmar os valores da nação estadunidense, forjada na raça e na experiência da fronteira¹⁸.

Contudo, a nação imaginada por Roosevelt, também tinha traços cívicos que se acentuavam ou se retraíam em função do contexto. Como aponta Gerstle, em teoria, a nação para Roosevelt celebrava o hibridismo e estava aberta a todos que residiam naquele território, independente da raça, religião ou etnia. Na prática, o hibridismo e a abertura eram seletivos e hierarquizados. Os Negros, segundo Roosevelt, teriam direitos políticos desde que tivessem os atributos intelectuais e morais necessários para exercerem tais direitos. Mas, entendia que a maioria dos não brancos não poderia adquirir tais faculdades com facilidade. O caráter cívico do nacionalismo de Roosevelt, que concedia direitos sociais e políticos a todos e aceitava a diversidade, desde que os indivíduos se submetessem ao crivo do patriotismo e ao estilo de vida estadunidense, era em certa medida, fruto de sua trajetória na cosmopolita Nova Iorque e no Partido Republicano. Este último, em 1866, se colocou contra a discriminação, levando ao Congresso a proposta da décima quarta emenda¹⁹.

Aos poucos, ao longo de sua trajetória política, Roosevelt transformou a forma como imaginava a nação. Como um político com ambições nacionais e um homem do seu tempo, Roosevelt tinha que dialogar com os movimentos políticos e sociais do início do século XX, dentre eles, negros, minorias étnicas e reformadores que combatiam a barreira racial. Como comissário de serviços civis, ele acabou com os testes que avaliavam raça, orientação política e religião para os que aspiravam utilizar os serviços governamentais. Como governador de Nova Iorque, Roosevelt aprovou medidas que proibiam a discriminação racial em escolas públicas e revogou a lei que permitia que as cidades pequenas alocassem as crianças negras e brancas em escolas separadas.

Nos anos em que esteve na presidência (1901-1909), diante dos movimentos populares e do socialismo, Roosevelt acolheu gradativamente as idéias do novo liberalismo e do progressivismo que estavam claramente embasadas na releitura da tradição hamiltoniana que apontava para construção de um estado forte, capaz de regular as instituições econômicas e melhorar as condições dos pobres. Em 1910,

¹⁸ GERSTLE, Gary. *American crucible: race and nation in the twentieth century*. New Jersey: Princeton University Press, 2001. p.23

¹⁹ A décima quarta emenda adotada após a Guerra Civil, em 1868, estabelece que todos os homens que nascem no território dos Estados Unidos devem ser considerados cidadãos estadunidenses, inclusive os negros.

Roosevelt anunciou seu “novo nacionalismo”, inspirado na expressão e na idéia de “New Nationalism” cunhada por Croly. Dois anos mais tarde a expressão seria utilizada na plataforma do Partido Progressivista em 1912. Gerstle lembra que Roosevelt apresentou seu “Novo nacionalismo” em um discurso em Osawatomie, no Kansas, aonde em 1856, John Brown decapitou cinco escravocratas. Sem ter a intenção de animar a questão racial, Roosevelt lembrou tal fato histórico ao afirmar que decapitaria os interesses das grandes corporações, bancos e ricos que usavam o dinheiro para controlar e corromper os homens e os governos. Naquela ocasião, Roosevelt sugeriu que o governo deveria interferir nas condições econômicas e sociais do país regulando as ferrovias, as fábricas de alimento, as refinarias de petróleo, as companhias de carvão e outras corporações; cobrando mais impostos das grandes empresas; garantindo que os recursos naturais da nação fossem utilizados em prol de todas as pessoas e não dos monopólios; encorajando os trabalhadores a associarem-se aos sindicatos para negociar seus contratos de forma que alcançassem melhores condições de trabalho; e assumindo maior responsabilidade sobre o bem estar geral através da regulação das horas de trabalho, promoção do seguro contra acidentes nas fábricas e melhoria das escolas públicas²⁰.

O projeto nacional de Roosevelt, aos poucos, se aproximou da nova concepção de liberalismo e se distanciou da idéia de que a emancipação dos homens seria fruto da redução das regulações políticas e cívicas, dentre elas o Estado. Além disso, a partir deste projeto político, Roosevelt foi levado a uma concepção de nacionalismo cívico pautado pela igualdade de direitos econômicos e melhoramentos sociais para aqueles que “trabalhassem duro”, diferente do nacionalismo étnico com leves traços cívicos que propôs no final do século XIX. Roosevelt reconheceu que reduzindo a pobreza e promovendo direitos sociais estaria promovendo a segurança econômica para os operários e conseqüentemente possibilitando que estes desenvolvessem suas virtudes cívicas. Todavia, o desenvolvimento das virtudes cívicas significava para Roosevelt e parte dos reformadores, entre outras coisas, o abandono do socialismo e da mobilização radical em prol do equilíbrio social do país. Assim, Roosevelt alertou não somente contra os interesses das grandes corporações, mas também do radicalismo, do anarquismo e do socialismo. Os sindicalistas deveriam obedecer às leis do país, respeitar o direito a propriedade e aceitar o capitalismo regulado como base da

²⁰ Ibid. p.68

economia. Aos poucos, Roosevelt passou a violar os princípios raciais do seu nacionalismo ao conceber que determinados homens não brancos podiam expressar valores compatíveis com a nação estadunidense. Logo que se tornou presidente, Roosevelt chocou muitos brancos, sobretudo no sul, quando convidou Booker Washington, ex-escravo, educador e líder negro conservador, para jantar na Casa Branca. A aceitação de Roosevelt de que alguns negros fossem tratados como cidadãos plenos, ou seja, com direitos iguais e respeito, desafiava a visão racializada da nação, embora o número de negros com plenos direitos de cidadania fosse pequeno.

Contudo, o movimento progressivista mostrou todas as suas fissuras diante da Grande Guerra e da Revolução Russa. A xenofobia resultante desses dois processos atraiu novamente a atenção dos estadunidenses para projetos políticos que enfatizavam uma nação pautada por definições étnicas. As políticas que limitaram a imigração foram a melhor expressão disto, confirmando a vivacidade do nacionalismo étnico nos Estados Unidos. A revolução russa em 1917 afetou o liberalismo progressivista das primeiras décadas do século XX. Os reformadores conservadores, mais à direita, junto à administração Wilson, impulsionaram novas tentativas de disciplinar coercitivamente, culturalmente e politicamente os movimentos sociais trabalhadores, sobretudo imigrantes como veremos adiante. Os reformadores mais inclinados para esquerda inicialmente olharam com simpatia para a nova forma de governo que surgia na Rússia, mas logo que consideraram o socialismo soviético excessivamente radical se voltaram novamente para o modelo das guildas socialistas e do partido trabalhista britânico. Além disso, a década foi marcada por bons resultados econômicos que refletiram no aumento de salários e em novas políticas sociais privadas.

A esquerda progressivista, diante de tais transformações, optou por abandonar as políticas culturais e étnicas a fim de enfatizar as questões puramente econômicas. Paradoxalmente, esta opção acabou afetando uma face do nacionalismo cívico, pois recusava a idéia de que o Estado deveria promover políticas e direitos que corrigissem as desigualdades étnicas e raciais. Contradizendo a crença dos reformadores, passaram a considerar que os programas econômicos sozinhos não dariam conta de resolver em curto prazo as desigualdades étnicas e raciais, e, portanto, deixaram de criticar a idéia de nação pautada por parâmetros de raça, religião e etnia. Mas, acima de tudo, o recuo do movimento progressivista como um todo pôs limite ao nacionalismo cívico na medida em que os projetos que enfatizavam a igualdade social, política e econômica da nação foram congelados. Diante deste quadro, a ousadia reformadora foi freada. O movimento

reformador perdeu a organicidade que vinha conquistando e as políticas reformadoras perderam espaço para o “Novo Individualismo” de Herbert Hoover. Notadamente, a lei de imigração de 1924 limitou de forma significativa a entrada de estrangeiros nos Estados Unidos, sobretudo asiáticos e europeus provenientes do Leste e do Sul daquele continente. A lei de imigração de 1924 estabeleceu cotas que restringiram em termos quantitativos, além de qualitativos, a entrada global de imigrantes.

No fim da Era Progressivista, o ímpeto por reformas sociais arrefeceu, mas o número de estudantes de medicina, enfermeiras, psiquiatras, professores, assistente sociais trabalhando em projetos sociais aumentou consideravelmente, embora fossem mal pagos e tivessem sua autonomia limitada por conselhos comunitários, empresas financiadoras e governos municipais. Os ecos deixados pelos reformadores continuaram surtindo um efeito limitado e algumas tímidas conquistas foram alcançadas.

1.2 – O New Deal e a nação cívica Rooseveltiana

A crise iniciada no final da década de 1920 transformou os Estados Unidos. O projeto de nação de Franklin Delano Roosevelt (FDR), primo de Theodore Roosevelt, representou uma esperança para todos os setores da sociedade. O projeto político de nação apresentado por FDR foi construído com vistas a reerguer o país e impedir a mobilização radical dos trabalhadores. A família Roosevelt, radicada em Nova Iorque, era ligada historicamente ao setor ferroviário e a importação e produção de chá e ópio na China. Os Roosevelt faziam parte de uma velha *gentry* que foi desbancada pelos Carnegie, Rockefeller e Vanderbilts. FDR frequentou colégios tradicionais como a escola episcopal Groton em Massachusetts. Nesta escola, FDR sofreu grande influência do diretor Endicott Peabody, amigo próximo de Theodore Roosevelt, que valorizava as guerras nobres, enfatizava a importância dos valores cristãos de ajuda ao próximo, impelia seus alunos a praticarem serviços comunitários com vistas a ajudar os necessitados. Enquanto Theodore Roosevelt se tornava presidente, FDR entrou em Harvard, foi membro da tradicional fraternidade Alpha Delta Phi e presidente do diário universitário, *The Harvard Crimson*.

Ao sair da universidade, FDR advogou para a Carter Ledyard & Milburn, importante firma de Wall Street. Em 1910, FDR foi eleito para o senado estadual de Nova Iorque pelo Partido Democrata e tornou-se líder de um grupo de reformadores que se opunham ao Tammany Hall, uma sociedade política formada por membros do Partido Democrata que dominou o município de Nova Iorque através de relações de

clientela entre chefes de bairros e eleitores. Em 1913 FDR foi escolhido por Wilson como assistente do secretário da marinha Josephus Daniels e no ano seguinte tentou, sem sucesso, a nomeação do Partido Democrata para concorrer ao senado federal. Em 1920, FDR foi escolhido como candidato a vice-presidente na chapa de James Cox, mas a dupla saiu derrotada pelo Republicano Warren Harding. Na década de 1920, FDR moderou o discurso contra a máquina do Tammany Hall e depois de dar apoio à candidatura de Alfred E. Smith ao governo de Nova Iorque em 1922, recebeu o apoio deste para o governo do estado em 1929²¹. Smith, da velha guarda Democrata, tornou-se presidente da Empire State Inc., empresa de construção civil que construiu o famoso edifício nova-iorquino de mesmo nome. Como governador, FDR contou com o apoio direto de Jesse Strauss, presidente da loja de departamento R. H Macy e foi assessorado por reformadores liberais renomados como Frances Perkins e Harry Hopkins.

Visando a presidência, FDR fez importantes aliados no Partido Democrata, como William Hearst, Joseph Kennedy, William McAdoo e John Garner. Hearst, além de político Democrata era um magnata do ramo das comunicações, dono do New York Morning Journal e inspirador do filme Cidadão Kane de Orson Welles. Joseph Kennedy passou a ser o mais novo banqueiro dos Estados Unidos depois que comprou o Columbia Trust Bank, antiga empresa de sua família, em 1913. Na Primeira Guerra Mundial, Joseph Kennedy, então gerente executivo assistente da siderúrgica Bethlehem Steel, conheceu FDR como assistente do secretário da marinha. Além disso, o patriarca da família Kennedy fez fortuna em Wall Street junto à companhia Hayden, Stone & Co, investiu na produção de filmes e salas de cinema, foi importador exclusivo da Gordon's Dry Gin e da Dewar's Scotch, tornou-se um dos maiores especuladores do mercado imobiliário de Nova Iorque e foi dono do Merchandise Mart, importante centro comercial de Chicago. McAdoo além de ser um renomado político do período, tendo ocupado cargos na administração federal e no Senado, era dono de uma empresa que negociava títulos de investimento e foi presidente da companhia ferroviária Hudson and Manhattan Railroad Company. Garner era um conhecido político texano, rancheiro e juiz que depois se tornou vice-presidente de FDR. Portanto, FDR estava cercado de empresários importantes, que manteriam grande influência na vida política nacional durante seu governo.

²¹ Al Smith foi o primeiro católico a concorrer à presidência dos Estados Unidos por um dos grandes partidos, no caso o Partido Democrata.

O projeto político de nação dirigido por FDR, embora tivesse profunda participação do empresariado capitalista, foi moldado em função da conturbada situação econômica e política do período e das correlações de força decorrentes. O novo projeto nacional teve que incluir as demandas dos trabalhadores desempregados, dos setores tradicionais da produção e de boa parte dos reformadores liberais capitalistas que ressurgiram diante da crise. Na presidência de FDR, progressistas liberais importantes como Frances Perkins, Harry Hopkins, Henry Wallace e Harold Ickes, que participaram do governo Theodore Roosevelt, voltaram a Washington. Junto com eles, FDR trouxe de volta a crença de que o capitalismo precisava ser regulado e controlado e a idéia de que as mazelas sociais deveriam ser resolvidas através de políticas que incentivassem a igualdade econômica, mas sem levar em consideração as especificidades étnicas e culturais.

Mais próximo do liberalismo do século XX do que seu primo, o projeto de nação representado por FDR não apontou nenhum inimigo da nação que merecesse exclusão. Como aponta Gerstle, FDR indicava que a depressão era o maior inimigo que a nação poderia enfrentar e não apontava os agentes humanos por traz dela, exceto no discurso de posse quando alfinetou os especuladores de Wall Street. Através do rádio, FDR enfatizou os valores de cooperação, sacrifício e comunidade mais do que desvalorizou qualquer inimigo. Para Gerstle, FDR buscou fortalecer os ideais de compaixão e compreensão para oferecer socorro para os precisavam, diferente de seu antecessor, Herbert Hoover que, diante da crise, foi associado à imagem do pai severo pronto a criticar os trabalhadores sem emprego e negar socorro²². De certa forma, o projeto político de FDR recuperou Novo Nacionalismo corporativista de Theodore Roosevelt, mas rejeitou o exclusivismo étnico que norteou parte da vida do seu primo. Se FDR rejeitava as diferenças étnicas em termos exclusivistas, também o fazia evitando discriminações positivas em termos de raça ou etnia. Como os reformadores liberais de seu tempo, FDR entendia que as respostas para as mazelas sociais não deveriam levar em conta as especificidades étnicas e raciais, mas precisariam ser tratadas exclusivamente através da economia.

Nos primeiros 100 dias de governo, a administração FDR teve que começar a transformar as estruturas do governo federal e elaborar soluções para socorrer banqueiros à beira da falência, governos estaduais, desempregados, fazendeiros

²² GERSTLE. Op. cit. p.137

endividados e uma temerosa elite que, diante da convulsão social, não sabia o que fazer. Para isso, a administração FDR desenvolveu estratégias como a ampliação dos postos de trabalho no setor público federal, regulações das condições de trabalho dos trabalhadores das empresas contratadas pelo governo federal, regulação ao comércio interestadual e outras iniciativas, nos limites da ação do executivo.

A estrutura do governo federal foi ampliada em função da crise. O governo federal desenvolveu programas sociais públicos a partir de incentivos indiretos, ou seja, através do condicionamento de verbas aos estados que estavam muito próximos do colapso para recusar qualquer oferta, mesmo temendo que a interferência federal pudesse forçar mudanças em práticas locais, arranjos políticos, arrecadação, distribuição de verbas públicas e relações raciais, sobretudo no sul. O primeiro programa da administração FDR para lidar com a crise foi o Federal Emergency Relief Administration (FERA – Gestão Federal de Socorro Emergencial), de maio 1933. O FERA distribuiu seus recursos através de compensações por trabalhos prestados e de socorro direto aos necessitados. Os trabalhos prestados normalmente eram pagos em dinheiro. Enquanto o socorro direto era pago em forma de alimentos ou vale alimentação. O FERA não obteve o sucesso esperado como solução para as mazelas da crise, mas ajustou as estruturas do governo e mudou o federalismo. As regulações federais do programa forçaram os estados e o próprio governo federal a expandir e melhorar as estruturas de auxílio aos necessitados.

Outros programas importantes foram desenvolvidos nos primeiros anos da administração FDR para lidar com a crise. O Civilian Conservation Corps (CCC - Corpos Cívicos de Conservação), estabelecido em março de 1933, tinha como objetivo colocar jovens sem experiência ou treinamento em postos de trabalho, majoritariamente nas áreas rurais. Três anos mais tarde, o governo lançou o National Youth Administration (NYA - Gestão Nacional de Jovens) para colocar jovens estudantes em trabalhos de meio período próximos às suas residências. Esses dois projetos, além de dar oportunidades de trabalho e treinamento aos jovens, tinham uma função educacional voltada para o mercado de trabalho. O Public Works Administration (PWA – Gestão de Trabalho Público) foi implantado em junho de 1933 para financiar projetos de trabalho público dos governos locais, estaduais e do setor privado, entretanto não estimulou o emprego de forma rápida. O Civil Works Administration (CWA – Gestão de Trabalhos Cívicos) foi lançado em novembro de 1933 para cobrir as ineficiências do FERA, com a intenção de criar postos de trabalho para os desempregados. O programa assumiu a

responsabilidade de elaborar os projetos, recrutar os trabalhadores e alocá-los de acordo com suas habilidades profissionais. Assim, criou empregos para operários, artistas, “colarinhos brancos”, em suma, todo tipo de trabalhador. O CWA foi o maior programa de trabalho público da história dos Estados Unidos.

No início de 1935, o congresso praticamente substituiu o FERA e o CWA pelo Emergency Relief Appropriations Act (ERAA - Ato de Financiamento Emergencial de Socorro). A nova legislação pretendia canalizar a ajuda aos desempregados através dos estados, incluindo programas de criação de emprego e renda. Para isto, o congresso aprovou o Works Progress Administration (Gestão de Progresso do Trabalho – WPA) com vistas de empregar mais de três milhões de pessoas em um ano. O programa empregava trabalhadores especializados e não especializados em todo o tipo de projeto desde reparos e construção de rodovias, que eram os mais comuns, à catalogação de arquivos. Embora fosse bastante semelhante ao CWA, o WPA tinha as operações descentralizadas, ou seja, os programas eram planejados e administrados pelos governos estaduais e, sobretudo locais, com algumas exceções. Além disso, diferente do CWA, o WPA voltou a investigar os pedidos de participação dos programas sociais; estabeleceu limites para o auxílio de acordo com o tamanho da família e da renda total familiar; e proibiu o emprego de mais de uma pessoa por família nos programas de trabalho. Assim, muitos trabalhadores que anteriormente foram ou poderiam ter sido, empregados nos programas do CWA, não teriam esta chance com o WPA. O programa estabeleceu ainda regras que favoreciam trabalhadores há mais tempo desempregados, portanto desfavoreciam aqueles desempregados há menos tempo; discriminava as mulheres, uma vez que apenas um integrante da família, em geral os homens, poderiam trabalhar nos projetos; e prejudicava as famílias grandes na medida em que os salários pagos ao único integrante da família era muito inferior ao auxílio recebido por programas como o FERA. Portanto, os programas de assistência viveram uma mudança no sentido de limitar o foco e reduzir seu raio de atuação.

No entanto, o New Deal, como ficou conhecida a faceta econômica do projeto de nação de FDR, acabou reforçando a retórica do nacionalismo cívico nos Estados Unidos ao associar a cidadania e o pertencimento da nação ao direito de participar dos programas sociais, exigindo em troca um esforço coletivo quase universal para superar a crise. A retórica nacionalista que ressurgia construiu-se sobre a reconfiguração dos mitos e das tradições estadunidenses e, muitas vezes, foi utilizada por aqueles que exigiam transformações sociais ainda mais profundas. Louis Budenz, líder trabalhista e

editor de jornais operários nas décadas de 1920 e 1930, apontava abertamente para a necessidade de utilizar a linguagem e o mito dos Pais Fundadores para falar com trabalhadores e agricultores. Budenz e A. J. Muste, ministro protestante ligado aos movimentos sociais, criaram em 1929 a Conference on Progressive Labor Action (Convenção da Ação Trabalhista para o Progresso), transformada em 1932 na National Unemployed League (Liga Nacional de Desempregados), que no ano seguinte tornou-se o American Workers Party (Partido dos Trabalhadores da América - AWP). A convenção de fundação da National Unemployed League foi no quatro de julho de 1932, justamente para marcar a filiação do movimento de desempregados aos revolucionários de 1776. O próprio documento de fundação da Liga, “The Declaration of The Rights of Workers and Farmers” (Declaração dos Direitos dos Trabalhadores e Agricultores) foi claramente inspirado pela Declaração de Independência. Até mesmo os comunistas, muito influentes nos anos 1930, utilizaram a linguagem cívica caçada na reinvenção de tradições estadunidenses. Os comunistas descartaram a linguagem marxista leninista e abraçaram uma linguagem patriótica que enfatizava a filiação ao americanismo e aos pais fundadores, entretanto considerando a nação como uma comunidade formada por homens com direitos sociais e políticos iguais, portanto, com um foco cívico²³.

Na Califórnia, o Partido Democrata de FDR voltou-se para esquerda e aprovou a candidatura do intelectual socialista Upton Sinclair para o governo do estado. Em âmbito nacional, o senador Democrata Huey Long ganhou notoriedade política com o “Share-the-Wealth Movement” (Movimento Divida a Riqueza). Long era um populista radical e seu projeto, entre outras coisas, prometia limitar a riqueza dos mais ricos através de impostos progressivos que taxariam o segundo milhão em 2%, o terceiro milhão em 4%, o quarto milhão em 8% e assim sucessivamente até o nono milhão que seria taxado em 100%. A arrecadação resultante desta taxação seria utilizada para garantir uma gratificação familiar anual mínima de cinco mil dólares e uma renda anual mínima de dois a três mil dólares. Além disso, Long propunha educação gratuita, pensão para idosos e veteranos, assistência federal para agricultores, limite da carga horária semanal em trinta horas e programas públicos de trabalho. Acusado de ter tido inspiração socialista para seu projeto, Long argumentou que este não tinha nada a ver com Karl Marx, mas sim com a bíblia e a declaração de independência. O padre Charles

²³ GERSTLE. Op. cit. p.145-147

Coughlin, que havia apoiado FDR até 1934, rompeu com o governo e liderou a National Union for Social Justice (União Nacional para Justiça Social – NUSJ). A organização buscava defender os direitos trabalhistas contra o que considerava ser uma política pró-capital do governo federal. Através do rádio, Coughlin atacou banqueiros e investidores de Wall Street, propôs uma reforma do sistema financeiro, distribuição de riqueza, taxaço progressiva, nacionalização de indústrias, defesa dos sindicatos, e redução do direito a propriedade em nome do bem comum. O Socialist Labor Party (Partido Socialista do Trabalho - SLP) e o Socialist Party (Partido Socialista - SP) também ganharam notoriedade. Nas eleições de 1932, o SP lançou a candidatura de Norman Thomas à presidência e conquistou 900.000 votos.

Nas eleições de 1936, FDR buscou de forma mais intensa o apoio do movimento trabalhista e dos reformadores. Diante da agitação social de 1934 e 1935, e do apoio dos movimentos sociais à sua candidatura, FDR precisou atender às demandas básicas da população, ampliar as políticas públicas, garantir melhor distribuição de renda e aumentar o poder da classe trabalhadora. A administração faria isso através de uma taxaço progressiva, aumento dos gastos com políticas sociais e investimentos em obras públicas. Tais empreendimentos só poderiam ser levados adiante com a ampliação e centralização do governo sobre as políticas fiscais, regulaçoes financeiras e do mercado de trabalho. Neste sentido, em 1935, foram aprovadas leis que visavam lidar com as demandas dos movimentos sociais, ainda que contrariando diversas forças capitalistas. Dentre as mais notórias medidas da segunda administração de FDR estão o Social Security Act (Lei de Seguridade Social - SSA) que estabeleceu a seguridade social. O plano de seguridade social foi criado com o objetivo de atender às necessidades econômicas em caso de desemprego, perda do cônjuge, acidentes de trabalho e incapacitaço para o trabalho por idade avançada (sessenta anos em diante). O trabalhador contribuiria para sua própria seguridade e os benefícios deveriam refletir os salários, sendo que os mais pobres receberiam benefícios em proporço maior. Os testes socioeconômicos que comprovavam, ou não, a necessidade de receber os benefícios deixaram de ser aplicado, uma vez que as circunstâncias definiam o direito a seguridade.

Outras políticas de grande importância também foram implementadas como o National Labor Relations Act (Lei Nacional de Relaçao Trabalhista - NLRA), também conhecida como Wagner Act (Lei Wagner em referênci ao Senador Democrata Robert Wagner, seu proponente) que protegeu os direitos de organizaço trabalhista e criou o

National Labor Relations Board (Comissão Nacional de Relações Trabalhistas - NLRB); o Wheeler-Rayburn Bill (Lei Wheeler Rayburn), que visou regular as holdings; o Banking Act (Lei Bancária), que centralizou o controle monetário sob os auspícios do Federal Reserve Board (Comissão da Reserva Monetária Federal); o Rural Electrification Administration (Gestão de Eletrificação Rural) que levou luz elétrica para as propriedades rurais que não gozavam deste serviço; e do Wealth Tax Act (Lei de Taxação da Riqueza) que tornou os impostos mais progressivos, ou seja, a taxaço se dava, mormente sobre aqueles que tinham mais renda.

O nacionalismo cívico se consolidou como fruto dos embates políticos e sociais que seguiram a crise de 1929 e a administração FDR. Os movimentos sociais radicais, sobretudo aqueles ligados ao trabalho, atrelaram suas lutas à reinvenço cívica de tradiçoões como igualdade e justiça, vistas como valores universais. De acordo com Gerstle, este nacionalismo cívico era progressista uma vez que, afirmava a importância dos direitos sociais, das oportunidades e da segurança econômica, além de incluir uma grande variedade de estadunidenses, inclusive aqueles que sofriam discriminaçoão religiosa e racial. A administração FDR, que precisava lidar com a força dos movimentos sociais e com a linguagem do nacionalismo cívico, encorajou os esforços que asseguravam e ampliavam os direitos sociais dos cidadãos, tanto em discurso quanto em ação.

O socorro dispensado pelo New Deal atendia todos os estadunidenses em situaçoão difícil, inclusive os negros no norte. O NYA, parte do WPA, contou com a direçoão e influência decisiva de Mary McLeod Bethune e Aubrey Williams²⁴. Bethune, educadora, filha de escravos e ativista pelo direito dos negros, trabalhou na campanha de FDR em 1932 e foi uma das responsáveis por levar o projeto político do então candidato Democrata aos afro-estadunidenses que naquele momento eram, mormente, correligionários Republicanos. Eleanor Roosevelt, por sua vez, comprometeu a administração de seu marido com a luta pelos direitos raciais, promoveu encontros com lideranças negras, prometeu acabar com a fome e ganhou o suporte da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor, a NAACP, (National Association for the Advancement of Colored People), uma das mais importantes organizaçoões de defesa dos direitos civis nos Estados Unidos. A popularidade de FDR entre os negros em grande medida foi reflexo da atuaçoão de sua mulher. Nas eleições de 1936 ficou claro que os

²⁴ GERSTLE. Op. cit. p. 153

afro-estadunidenses tinham abandonado o Partido Republicano. O Estado acabou funcionando como caixa de ressonância das disputas em torno das questões raciais e dos movimentos sociais que buscavam desafiar a segregação. Assim, os movimentos sociais e a administração FDR revigoraram o nacionalismo cívico na medida em que reconheceram a importância da igualdade de direitos e da inclusão das minorias raciais e étnicas. Muitos acreditavam que a derrocada da discriminação religiosa, étnica e racial seria uma questão de tempo.

Contudo, os limites do nacionalismo cívico se revelaram a partir de 1937. Conservadores sulistas e a elite do país acusaram os movimentos sociais e os New Dealers de esquerda de colocarem a nação sob risco. Os conservadores expunham indivíduos e grupos sociais classificando-os como comunistas, acusando-os de defenderem idéias anti-americanas e exigindo que se afastassem da administração pública. No congresso, o Comitê Especial da Câmara para Atividades Anti-Americanas (House Special Committee on Un-American Activities) fora criado inicialmente para combater a propaganda nazista em 1934, mas em 1938, presidido por Martin Dies Jr., ampliou suas atividades para investigar suspeitos de comunismo. Para Dies, o New Deal havia cultivado uma burocracia cara e anti-democrática, além de usurpar as funções do congresso e dos estados. Ele argumentava ainda que a obsessão do New Deal com a segurança econômica e com o fim do desemprego não levaria oportunidade e liberdade para as pessoas, mas ditadura e pobreza. De acordo com Gerstle, Dies utilizou a linguagem do nacionalismo cívico para afirmar um americanismo conservador que valorizava os direitos dos estados, a supremacia do congresso e as liberdades individuais em contraposição aos liberais do New Deal, construídos como anti-americanos²⁵.

O nacionalismo étnico continuou evidente no discurso de diversos grupos políticos de direita e, até mesmo, entre liberais progressistas. Dies e o comitê também corroboravam imensamente um tipo de nacionalismo étnico que legitimou a perseguição de negros e imigrantes acusados de defenderem causas anti-americanas. Apesar da política racialmente progressista de programas como o NYU, no sul a segregação racial e a idéia de que os Estados Unidos eram uma nação branca continuaram intocadas. O New Deal pouco fez para transformar este quadro. A administração FDR, respondendo aos interesses e ao apoio dos conservadores sulistas, foi conivente com a segregação no

²⁵Ibid. p. 159

sul. FDR recusou-se a dar apoio a projetos de lei que tornariam o linchamento crime federal. A política do New Deal para agricultura forçou a redução da produção e reduziu as oportunidades de trabalho para os negros. Enquanto os proprietários rurais receberam subsídios do governo federal, a pobreza dos negros sulistas se aprofundou e muitos migraram para as cidades do norte em busca de trabalho, frequentemente se desiludindo. Durante a crise, os mais afetados pelo desemprego, nas cidades ou no campo, foram os homens negros. As mulheres negras também sofreram imensamente com o desemprego, embora conseguissem algum trabalho no campo ou em casas de famílias brancas em troca de salários extremamente baixos. O programa de Seguridade Social não incluiu dois terços dos negros em idade de aposentadoria ou desempregados, pois o plano não contemplava trabalhadores rurais e domésticos. A Federal Housing Authority (Autoridade Federal Habitacional) foi criada para estabelecer as políticas habitacionais do New Deal, mas segregou bairros negros e recusou assegurar hipotecas para os moradores desses bairros²⁶. O CCC estabeleceu campos de trabalho para brancos e para negros em separado. O Tennessee Valley Authority recrutou pouquíssimos negros. Nem mesmo comunistas, socialistas e os movimentos operários escaparam da influência étnica da sociedade em que atuavam, embora como mostramos, mantivessem um ideal cívico de nação e buscassem se aproximar dos trabalhadores negros. Como bem observa Gerstle, a representação visual do trabalhador ideal que levaria o mundo ao socialismo era masculina e com fisionomia anglo-saxã ou nórdica²⁷.

Entretanto, é certo, que os anos de FDR na presidência mudaram profundamente os Estados Unidos. Jerome Himmelstein aponta que o New Deal transformou a sociedade dos Estados Unidos de duas maneiras²⁸. Primeiro aumentou profundamente a inserção do governo na vida dos estadunidenses. Os anos entre 1930 e 1940 assistiram uma profunda transformação e expansão da atividade governamental. Em 1913, o governo gastava em torno de 21 milhões de dólares em ajuda pública. Em 1932, os gastos com ajuda pública alcançaram um montante de 208 milhões de dólares. Em 1939, havia chegado a 4.9 bilhões de dólares. Por todo país ampliou-se o comprometimento com o bem estar e a seguridade social. Em 1932, o Wisconsin era o único estado com um sistema de seguro desemprego, mas em 1935 oito estados tinham

²⁶KATZ. Op. cit. p. 253

²⁷GERSTLE. Op. cit. p. 165

²⁸HIMMELSTEIN, Jerome L. To the right: the transformation of American conservatism. Berkeley: University of California Press, 1990. p. 16-17

programas de seguro desemprego²⁹. Segundo, provocou o maior realinhamento político na história recente dos Estados Unidos. O projeto hegemônico liberal Democrata conseguiu atrair a lealdade dos trabalhadores brancos fora do sul e as minorias étnicas nos centros urbanos. Assim, o partido Democrata deixou de contar com lealdades estritamente sulistas e passou a ter também com forte apoio no norte. A vertente nortista do partido, inclusive, passou a ser predominante em meados da década de 1930. Em termos eleitorais o Partido Democrata superou a dominação política dos Republicanos fortalecida desde a década de 1830. Acrescentamos uma terceira e importante transformação. As mobilizações sociais, sobretudo as dirigidas pelos trabalhadores, impulsionaram o nacionalismo cívico dos anos 1930. Os movimentos sociais insistiam na igualdade de direitos para todos os estadunidenses e alguns deles pediam o fim da discriminação contra minorias étnicas e raciais. O nacionalismo cívico tornava-se dominante na década de 1930, ainda que a oposição ao New Deal e a esta forma de se imaginar a nação estivesse cada vez mais pujante e o próprio governo FDR não promovesse abertamente a “discriminação positiva” para minorias étnicas e raciais, que estavam longe de gozar de igualdade econômica, política e legal.

Nos anos seguintes, durante a Segunda Guerra Mundial, homens negros e mulheres constituíam a maior parte da mão de obra que não estava servindo as forças armadas. Os homens negros logo passaram a perceber a vital importância do papel que exerciam para o esforço nacional de guerra e o quão importante era a oposição dos Estados Unidos a um tipo de regime abertamente racista, como o nazismo, para causa negra. Além disso, a experiência de Pearl Harbor demonstrou aos negros que os exércitos brancos poderiam ser derrotados pelos povos de cor, ainda que os negros estadunidenses não tenham apoiado e nem torcido pelo sucesso japonês. Dessa forma, os trabalhadores negros alimentaram as expectativas quanto à melhoria das condições de vida e a redução da discriminação racial. É significativo neste sentido que o número de membros da NAACP aumentou de 50 mil para 400 mil durante a guerra³⁰.

Contudo, as expectativas foram logo frustradas, sobretudo nos locais de trabalho. No chão de fábrica, as condições de trabalho não melhoraram imediatamente para os negros, ainda que tenham ocupado novos postos de trabalho e conquistado melhores salários. Os líderes da comunidade negra se movimentaram a fim de intensificar o combate à segregação. Em 1941, Philip Randolph, líder sindical negro, Bayard Rustin,

²⁹ KATZ. Op. cit. p. 254

³⁰ GERSTLE. Op. cit. p. 195

intelectual negro, e o socialista A. J. Muste ameaçaram promover uma marcha a Washington a fim de chamar atenção para a discriminação racial nas indústrias. A marcha foi cancelada depois que o governo aprovou o Fair Employment Practices Act (Lei de Práticas Trabalhistas Justas - FEPA), que, em tese, proibia discriminações raciais e religiosas nas empresas que mantinham contratos com o governo federal. O movimento, entretanto, ganhou fôlego e as expectativas não foram correspondidas pelas tímidas leis federais. O terror nazista e o movimento negro em suas diversas manifestações fizeram os liberais perceberem que o racismo não poderia mais ser considerado um problema secundário e deveria ser alvo das ações sociais e de programas políticos. Assim, os liberais reconsideraram a idéia de que as discriminações raciais e étnicas deveriam ser combatidas somente através de programas de reformas sociais, como haviam estabelecido desde a década de 1920.

A propaganda de guerra do governo, pautada pela cultura do nacionalismo cívico liberal, buscou alcançar também os trabalhadores negros e de minorias étnicas, a fim de apresentar os Estados Unidos como um país multirracial, multiétnico e multinacional. De acordo com Gerstle, os filmes produzidos pelos liberais de Hollywood, em consonância com os objetivos de esforço de guerra da administração Roosevelt, receberam apoio e censura do Office of War Information (Departamento de Informação de Guerra - OWI). Por um lado, o OWI incentivou a inclusão dos negros nos filmes como parte da celebração da igualdade e diversidade dos Estados Unidos, mas por outro lado desestimulou filmes que apresentavam criticamente a questão racial³¹. Contudo, de forma geral, as políticas sociais do projeto nacional cívico liberal estadunidense continuaram a deixar de lado a inclusão de grupos étnicos e raciais. Ao fim da Guerra, em 1943 e 1944, conflitos raciais explodiram em cidades como Detroit, um dos centros da indústria de massa estadunidense. Ex-combatentes negros, acreditando que seriam aceitos devido à participação na guerra e aos projetos habitacionais do governo para os veteranos, buscaram se estabelecer nos bairros destinados aos veteranos, mas enfrentaram oposição racial em todo país. No sul, veteranos liberais Democratas do Mississippi que venceram as eleições para o senado estadual, imbuídos pelo ideal nacional cívico, propuseram a extensão do New Deal e a melhoria das condições dos negros. Tais propostas não significavam o fim da segregação, mas a manutenção da discriminação sob condições econômicas mais

³¹ Ibid. p. 206

igualitárias. Diante de tudo isso, o Partido Democrata, liderado por sua ala mais liberal, pela primeira vez na história, se comprometeu com a questão dos direitos civis.

Durante a Guerra Fria, devido ao “medo vermelho”, indivíduos e grupos que poderiam desestabilizar, na visão dos conservadores, o arranjo político estadunidense foram acusados de nutrir simpatias pelos comunistas. Esses grupos foram identificados e estigmatizados como inimigos da nação. Líderes do Partido Comunista foram presos e simpatizantes do comunismo que trabalhavam nas organizações midiáticas, em instituições educacionais e em cargos públicos foram expostos e demitidos. A conjuntura da segunda metade da década de 1950 não era também favorável aos trabalhadores e os sindicatos. O exército industrial de reserva se dilatou com o fim das guerras e o retorno dos veteranos. Além disso, as novas técnicas industriais baseadas na automação reduziram a dependência de mão de obra humana e desqualificada. O desemprego aumentou novamente, mas não afetou igualmente todos os trabalhadores, visto que atingiu maciçamente jovens não brancos, pouco educados e menos especializados. Os sindicatos perderam força e o número de filiados foi reduzido.

A Guerra Fria e a desmobilização sindical transformaram diretamente o liberalismo. Os liberais passaram a duvidar dos projetos socioeconômicos como solução única para as mazelas sociais e raciais. Paradoxalmente, o projeto nacional cívico estadunidense permaneceu firme no início da década de 1950, ainda que os projetos de reforma social tenham sido limitados pela oposição conservadora. Este aparente paradoxo pode ser explicado se compreendermos que os trabalhadores, independente das estratégias sindicais e do significativo aumento da qualidade de vida, continuaram demandando, ao menos, a manutenção das conquistas mais significativas. Este paradoxo explica-se também se entendermos que os projetos liberais passaram a atacar diretamente a desigualdade racial, buscando ampliar os direitos políticos, econômicos e sociais para aqueles que sofriam com a segregação, mas sem deixar de enfatizar a ampliação dos direitos para todos que necessitassem, independente da raça ou da cor. A dinâmica da Guerra Fria, por sua vez, impediu os conservadores ortodoxos de atacarem com veemência os programas sociais e promoveu uma retórica nacionalista que valorizava aspectos cívicos mais do que étnicos, uma vez que a disputa entre as potências se estabeleceu no plano do desenvolvimento social, militar e tecnológico.

Dessa forma, nos anos 1950, o projeto nacional hegemônico estadunidense, embora conservador, não podia romper com a tradição liberal estabelecida após o New Deal, pois precisava mostrar que o projeto nacional era inclusivo, que todos eram iguais

perante a lei e detinham os mesmos direitos políticos e sociais. O nacionalismo cívico construído sobre as bases da Era Progressivista e do New Deal foi transformado pela Segunda Guerra Mundial e pela Guerra Fria e mesmo sendo, por vezes, conduzido por um caminho conservador, com Harry Truman e Dwight Eisenhower, deu margem para liberais e negros lutarem pela igualdade política, social e legal nos Estados Unidos.

1.3 – 1960: a Grande Sociedade e a consolidação do nacionalismo cívico

Ao final da primeira década de Guerra Fria, os estadunidenses estavam mais inclinados a abandonar os projetos nacionais étnicos e a abraçar a possibilidade de imaginar uma nação igualitária socialmente incluindo civicamente as minorias étnicas e raciais. O desfecho da Segunda Guerra Mundial devolveu aos estadunidenses a confiança na capacidade econômica do país em prover os cidadãos com oportunidades e recursos abundantes. A oposição a uma imagem da URSS construída a partir do caráter totalitário reafirmou e reconstruiu sob bases populares as tradições virtuosas que ligavam a nação a um ideal de democracia e liberdade. O impulso industrial provocado pela Segunda Guerra Mundial que colocou os negros no mercado de trabalho provocou, como efeito paralelo, a migração de milhões de negros sulistas para os centros industriais do norte e do oeste em busca de melhorar as condições econômicas e políticas.

No final da década de 1950 e durante a década de 1960 o movimento pelos direitos civis se organizou e conseguiu colocar a questão da igualdade racial no centro das discussões nos Estados Unidos. Em 1954, o incipiente movimento pelos direitos civis conseguiu pressionar a Suprema Corte para que a segregação racial nas escolas fosse considerada inconstitucional. Assim, em 1957, um grupo de pastores negros fundou, no sul, a Southern Christian Leadership Conference (Conferência das Lideranças Cristãs do Sul – SCLC) na expectativa de organizar milhões de negros cristãos sulistas e convencê-los a lutar contra a segregação racial promovendo marchas e boicotes. Em 1960, estudantes de universidades que abrigavam um grande número de negros fundaram o Student Nonviolent Coordinating Committee (Comitê de Coordenador Estudantil sem Violência – SNCC) para lutar contra a segregação por meio de estratégias combativas, mas não violentas como ocupações e incursões a prédios e transportes segregacionistas. O SNCC organizou voluntários para registrar os negros como votantes das eleições em cidades como Greenwood no Mississippi, aonde 80% da população era constituída de negros americanos, mas só aproximadamente 1%

conseguia votar. Em 1963, o Congress of Racial Equality (Congresso da Igualdade Racial - CORE), fundado por um pequeno grupo de ativistas na década de 1940, rapidamente conquistou aproximadamente um milhão de afiliados interessados em participar de protestos em prol dos direitos civis em várias cidades no sul e no norte dos Estados Unidos. Os ativistas negros organizaram uma marcha sobre Washington em 1963, “March for Jobs and Freedom” (marcha por trabalho e liberdade), com objetivo de convencer os estadunidenses que uma reforma econômica profunda era essencial para o progresso dos negros. O objetivo dos organizadores e daqueles que deram apoio à marcha era demonstrar e convencer os estadunidenses acerca da necessidade de novos programas de emprego e da regulação do trabalho e do mercado. Vale acrescentar que essa tônica original nas questões do trabalho foi de certo modo desviada ou superada pela questão da segregação e igualdade civil enfatizada no discurso de Martin Luther King Jr.

Um dos fundadores e líderes mais conhecidos da SCLC, Martin Luther King Jr. ganhou proeminência a partir de meados da década de 1950 quando liderou grupos que promoviam boicotes ao transporte urbano segregacionista. Como pastor batista negro, sulista e liberal, King acreditava em uma irmandade mundial a partir de uma ética religiosa baseada em uma determinada leitura do Novo Testamento que enfatizava a igualdade entre os homens e criticava a excessiva preocupação com o dinheiro. Portanto, imerso na tradição do nacionalismo cívico, King imaginava que a nação deveria ser constituída de homens com direitos políticos, econômicos, sociais, legais iguais. Assim, diante de alguns grupos negros que propunham o retorno à África, King alegava que esta era apenas uma forma de fugir do problema e os negros como cidadãos americanos mereciam os mesmos direitos que a nação oferecia. Segundo King, os militantes pelos direitos civis, ao enfatizarem a liberdade e a igualdade em todas as suas esferas, estavam reerguendo as bases democráticas da nação tal como os pais fundadores fizeram na formulação da constituição e na declaração de independência. Nos anos 1960, este clima catalisou o apoio de boa parte dos estadunidenses ao movimento pelos direitos civis e os esforços para dismantelar a segregação legal e política no país.

O governo federal nunca havia encarado a defesa da vida dos negros no sul como prioridade, mas, poucas semanas depois da Marcha Sobre Washington e dos confrontos entre brancos e negros em Birmingham no estado do Alabama, o presidente John Kennedy pediu ao congresso um projeto de lei de direitos civis. O projeto deveria

proibir a discriminação em locais públicos, garantir o direito de voto aos negros e permitir o governo federal utilizar seus poderes para garantir a igualdade racial. Grupos racistas logo começaram a declarar a inconstitucionalidade dos projetos de lei que começaram a ser elaborados e acusaram o governo federal de infringir ilegalmente o direito dos estados e romper com o federalismo. O quadro de tensões sociais se refletiu dentro do Partido Democrata, aonde uma ala conservadora e racista, liderada pelo governador do Alabama George Wallace, tentou impedir o avanço das questões raciais e sociais.

Kennedy foi assassinado três meses depois da Marcha Sobre Washington e Johnson assumiu a presidência em meio a tensões exacerbadas no país e no Partido Democrata. Em 1964, Johnson assinou o Civil Rights Act (Lei de Direitos Civis) que foi desenhado de acordo com o pedido de Kennedy. Mais do que isso, diante da mobilização de trabalhadores e negros organizados, Johnson elaborou um projeto político que refletia as demandas de negros e brancos pela igualdade racial e por melhores condições de vida, contudo sem ter a intenção de ultrapassar os limites estabelecidos pelas forças do capitalismo estadunidense. A Grande Sociedade, como foi chamado este projeto de nação da administração Johnson, buscou estabelecer os direitos civis dos negros e prometeu combater a pobreza através de um programa ousado, que foi intitulado “Guerra à Pobreza”. A quantidade e diversidade de programas aprovados sob a tutela da Grande Sociedade são impressionantes. A administração Johnson enviou 200 projetos ao congresso de 1964 até 1966 e 181 foram aprovados, desde direitos civis à assistência a saúde. A Guerra contra a pobreza declarada pela administração Johnson não eliminou as causas da pobreza ou exterminou o racismo. Contudo, os programas estabelecidos pelo governo ampliaram o acesso dos pobres e negros às oportunidades de emprego, à assistência à saúde, à moradia, à educação e à seguridade social.

A administração Johnson prometeu dar a todos a chance de competir em igualdade pelo sucesso. A educação e o emprego ocuparam o lugar de destaque na ofensiva contra a pobreza. A educação era vista como a chave para aliviar as imperfeições do capitalismo tornando os americanos mais iguais diante das oportunidades e da competição. Em 1964, o governo Johnson lançou o Economic Opportunity Act (Lei de Oportunidade Econômica) que deveria ser dirigido pelo Office of Economic Opportunity (Secretária de Oportunidade Econômica - OEO) a fim de ampliar as oportunidades econômicas para jovens negros e pobres. O OEO foi criado com apoio de Sargent Shriver, cunhado de Kennedy e idealizador do Corpos da Paz,

redução do idealismo liberal nos Estados Unidos. Shriver, influenciado pela doutrina social católica, buscou elaborar projetos educacionais voltados para integração racial enfatizando a criação de empregos e a ação de base nas comunidades pobres. A OEO entendia que políticos tradicionais, acostumados a gerir os recursos dos programas federais, eram parte do problema da pobreza, sobretudo dos negros, mais do que a solução. Os liberais do OEO acreditavam que as instituições existentes, tais como escola, polícia, serviços de assistência e organizações de caridade tinham uma tendência ao paternalismo e a manipulação dos desfavorecidos, portanto não tinham interesse em realizar mudanças que afetassem os poderes estabelecidos.

Assim, até 1965, o OEO, após identificar as comunidades com maiores níveis de pobreza, determinava que os moradores das comunidades pobres indicassem, através de voto direto, os representantes, que participariam das ações comunitárias e influenciariam a gestão dos programas sociais. Como aponta Cecília Azevedo, as ações comunitárias tinham três objetivos: coordenar os programas federais, estaduais e locais de assistência; elaborar projetos para os pobres; e promover mudanças institucionais em favor da comunidade carente. Manuais elaborados pelo OEO indicavam as formas de ativação e elaboração dos projetos sociais e do fortalecimento político dos pobres³². Os programas de ações comunitárias apresentaram uma nova perspectiva acerca dos programas sociais e das políticas urbanas estadunidenses e foram os principais responsáveis e pela mobilização política dos negros e pobres nos Estados Unidos.

Os programas impulsionados pela Lei de Oportunidades Econômicas foram elaborados pela OEO e administrados pelas ações comunitárias visando combater a delinquência juvenil, promover os direitos civis, prover treinamento para o mercado de trabalho e ampliar a educação. Os Corpos de Jovens dos Bairros (Neighborhood Youth Corps), os Corpos de Trabalho (Jobs Corps) e uma série de pequenos programas tinham o objetivo de incentivar o trabalho e treinamento para juventude. Esses programas tiveram resultados modestos, embora satisfatórios. Entretanto, os programas para área de educação obtiveram resultados melhores. A Lei de Oportunidade Econômica (Economic Opportunity Act) impulsionou a criação de programas como o Operation Headstart (Operação Avanço) destinado a melhorar a educação das crianças na pré-escola; o Operation Follow Through (Operação Siga Adiante) que visava manter o nível educacional dos alunos em idade escolar; o programa Upward Bound (Ascender

³² AZEVEDO, Cecília. Guerra à pobreza: EUA, 1964. In: *Revista brasileira de história*, São Paulo. V. 153, nº. 2/2005. p. 311, 2006.

ao Limite) que obteve bastante sucesso em preparar e financiar os estudos de alunos pobres que tinham interesse em entrar para as universidades; e a Lei de Educação Superior (Higher Education Act), de 1965, que facilitou a aquisição de bolsas de estudos, expandiu os programas de trabalho e os empréstimos com juros baixos para estudantes pobres que sonhavam com o ensino universitário.

As lideranças eleitas para participar dos programas de ações comunitárias frequentemente mobilizavam as comunidades a fim de elaborar ações públicas que resguardavam os direitos civis e sociais dos negros e dos pobres. Os centros de saúde comunitários, semelhantes aos da década de 1920, facilitaram o acesso à saúde e foram consideradas as ações estratégicas mais eficazes da Guerra Contra a Pobreza. No âmbito da saúde, e fora do programa da Guerra à Pobreza, os programas de saúde como o Medicare e o Medicaid promoveram uma revolução nos serviços de saúde dos Estados Unidos. O Medicare, administrado diretamente pelo governo federal, foi criado para cobrir as necessidades médicas de idosos e deficientes. O Medicaid, administrado de forma conjunta pelo governo federal e estadual, assegurou a assistência médica e hospitalar, além de cuidados médicos em domicílio, às famílias e indivíduos pobres com menos de 65 anos. Em 1970, portanto seis anos após a criação do Medicare e do Medicaid, apenas 8% dos estadunidenses pobres não freqüentavam os consultórios médicos na mesma proporção que a classe média, uma vez ao ano³³. Em junho de 1966, trabalhadores, intelectuais, advogados e religiosos brancos e negros se organizaram na National Welfare Rights Organization (Organização Nacional pelos Direitos do Bem Estar - NWRO). A organização, embora com uma quantidade modesta de participantes, teve um papel fundamental na reconfiguração de programas como Food Stamps, na expansão de outros programas de auxílio nutricional e de saúde para famílias pobres.

Entre 1965 e 1972, os gastos do governo federal com o programa de nutrição Food Stamps (Vale Alimentação) que garantia subsídios alimentares à população carente aumentou de 36 milhões de dólares para 1,9 bilhões. O Food Stamps foi elaborado ainda no New Deal, entretanto era apenas um pequeno programa alimentar pensado mais como forma de aumentar a renda de pequenos produtores agrícolas do que como meio de alimentar a população pobre. Nos anos Kennedy o programa foi revigorado e destinado a complementar a nutrição das famílias pobres. A população pobre poderia adquirir tíquetes alimentares a preços subsidiados pelo governo. Na

³³ Ibid. p. 272

administração Johnson, o número de famílias pobres habilitadas a participar do programa aumentou consideravelmente, bem como os subsídios do governo. Em 1968, um documentário sobre a má nutrição e a fome nos Estados Unidos comoveu a nação e impulsionou uma nova expansão do programa, concretizada dois anos depois quando os tíquetes passaram a ser disponibilizados sem custos para as famílias pobres e a um valor simbólico para famílias acima da linha da pobreza. No mesmo período, os gastos com programas nutricionais, excetuando-se o Food Stamps, como merenda escolar e assistência alimentar a gestantes e bebês aumentaram de 870 milhões de dólares para 1.8 bilhões³⁴.

Em 1965, a administração Johnson promoveu o maior programa de habitação desde o New Deal através das Leis de Habitação e Desenvolvimento Urbano (Housing and Urban Development Acts) que criou o Departamento de Habitação e Desenvolvimento Urbano (Department of Housing and Urban Development). A secretaria elaborou programas para subsidiar financiamentos de moradias para famílias de baixa renda como o Model Cities (Cidades Modelo). Este programa foi elaborado a fim de desenvolver as áreas urbanas pobres e combater a formação de guetos e favelas aonde supostamente proliferavam o crime e a delinquência juvenil.

Velhos programas como o Aid to Families with Dependent Children (Ajuda as Famílias com Crianças Dependentes – AFDC), programa que complementava a renda de famílias pobres com filhos, que teve origem no New Deal, e a seguridade social cresceram de modo significativo e se transformaram. Em 1961, a seguridade social e o AFDC assistiam a 7,1 milhões de estadunidense. Em 1974, os programas atendiam a 14, 4 milhões de pessoas. A ampliação do AFDC aconteceu devido ao número de mulheres, que passaram a poder requisitar o auxílio depois que o programa deixou de ser restrito a mães viúvas e foi estendido, em 1960, às mães solteiras e divorciadas; ao AFDC-UP, que garantia auxílio a famílias de crianças com pai desempregado no Norte; aos estados que aumentaram o valor dos benefícios e a gama de beneficiários; e principalmente ao aumento do número de famílias que requisitaram o benefício. Em 1960, apenas 33 por cento das famílias elegíveis se beneficiavam do programa, em 1971, 90% das famílias elegíveis recebiam o auxílio.

Entre 1963 e 1973, o sistema de seguridade social aumentou em 135% o valor do benefício mínimo e aumentou em 270% o benefício máximo, em contraste com um

³⁴ Ibid p.274

aumento de 45% no índice de inflação do mesmo período. Em 1972, o Congresso aumentou o piso dos benefícios, aumentou as pensões pagas às viúvas, estendeu o Medicare aos incapacitados de trabalhar por motivos de saúde, combinou os programas de assistência pública em um único programa federal e estabeleceu um valor mínimo nacional para o benefício. Como último suspiro, em 1975 o congresso ampliou o seguro desemprego para um período de 12 semanas³⁵. A seguridade social não tornou a sociedade mais eqüitativa, contudo passou a prover um suporte mínimo de subsistência para as pessoas que não podiam mais trabalhar.

Sobretudo, a partir da Grande Sociedade, a natureza dos programas de Bem Estar Social dos Estados Unidos mudou significativamente. A transformação do Welfare estadunidense começou com o Public Welfare Amendments de 1962 e culminou com o Social Security Amendments de 1974. Neste período, os gastos do governo federal com os programas de Bem Estar Social passaram de US\$ 194 milhões para US\$1.7 bilhões. A ampliação dos programas de Bem Estar foi acompanhada de um alargamento das condições de elegibilidade e acesso que transformaram significativamente as políticas públicas estadunidenses. Como aponta Katz, antes da década de 1960, indivíduos e famílias podiam requisitar o acesso aos programas públicos mediante a comprovação da elegibilidade estabelecida mediante algum infortúnio. Contudo, depois da expansão dos programas de bem estar, a maioria dos serviços tornaram-se disponíveis gratuitamente ou a um custo acessível para a maioria da população, sem levar em conta a renda³⁶.

Os programas governamentais, mais do que o crescimento econômico, reduziram a pobreza, a má-nutrição, a fome e as doenças nos Estados Unidos. A expansão dos programas de Bem Estar Social não retardou o crescimento econômico, exacerbou problemas sociais ou desestimulou o trabalho, ao contrário do que pregaram (e ainda pregam) os ideólogos conservadores. Entre 1960 e 1980, o número de estadunidenses que viviam abaixo da linha da pobreza foi reduzido em 60 por cento. A seguridade social reduziu significativamente a pobreza entre os idosos. Durante o período de expansão dos programas de Bem Estar Social, o número de estadunidenses empregados cresceu rápido. Para a maioria das famílias assistidas por programas sociais o auxílio era temporário e não permanente³⁷. A Guerra Contra a pobreza ampliou

³⁵ Ibid p.276

³⁶ KATZ. Op. cit. p.269-271

³⁷ Ibid p.279

significativamente as oportunidades para os negros estadunidenses, embora a administração Johnson não tenha executado rigidamente A Lei de Direitos Civis e o Congresso não tenha autorizado a criação da Comissão para Oportunidades Iguais de Emprego (Equal Employment Opportunity Commission), que moveria processos legais contra empregadores que utilizassem bases de seleção de empregados discriminatória. Entre 1960 e 1970, a proporção de homens negros em cargos administrativos no mercado de trabalho aumentou 17%, enquanto a proporção de homens não brancos no mesmo tipo de trabalho aumentou somente 6%. Em 1960, a renda média dos homens negros correspondia a apenas 59% da renda média dos homens brancos, mas em meados da década de 1970, a renda média dos homens negros passou a corresponder a 69 % da renda dos homens brancos. Entretanto, no mesmo período, a renda familiar dos negros mudou muito pouco devido ao aumento das famílias negras chefiadas por mulheres e a participação dos negros no mercado de trabalho caiu de 74% para 53%³⁸.

Como aponta Katz, a expansão dos programas sociais do governo teve um impressionante impacto em cinco áreas. Primeiro, aumentou a proporção de estadunidenses pobres assistidos pelo governo; garantiu uma dieta minimamente adequada, ampliou o acesso a serviços de saúde; e tirou uma considerável porção de idosos da pobreza. Segundo, ajudou a reduzir a discriminação, aumentou o acesso das minorias raciais e étnicas ao mercado de trabalho. Terceiro, redesenhou as políticas urbanas e impulsionou uma nova geração de líderes políticos no governo e nos serviços sociais através da ênfase nas ações comunitárias. Quarto, alterou as relações entre cidadãos e Estado aumentando a importância do governo federal, que se tornou uma importante fonte de auxílio à renda para boa parte da população; estendeu os canais de comunicação com grupos locais; e usou a autoridade pública para monitorar e cumprir as leis anti-discriminatórias em locais públicos, programas sociais e locais de trabalho. Quinto, e mais importante, provou que o governo federal tinha recursos e capacidade administrativa para estimular e sustentar mudanças sociais. Contudo, o próprio autor aponta que a expansão dos programas de Bem Estar Social apenas tirou indivíduos da absoluta pobreza e não tornou os cidadãos estadunidenses mais iguais, sobretudo por uma questão de falta de vontade e não de condições estruturais ou administrativas³⁹.

³⁸ Ibid p.267

³⁹ Ibid p.280

De fato, como já afirmamos, o objetivo central do projeto nacional proposto e executado pela administração Johnson não era diminuir a desigualdade social entre os estadunidenses. O projeto político nacional de Johnson se comprometeu a abarcar as demandas dos movimentos sociais insatisfeitos com a pobreza e a segregação através de projetos sociais que prometiam promover a liberdade, combater a discriminação racial e ampliar as oportunidades sem alterar as estruturas do capitalismo estadunidense. Mais do que isso, Johnson foi eleito, pois representava também os anseios de frações do capitalismo interessados em reequilibrar a sociedade diante do perigo vermelho e de revoltas urbanas trabalhistas e raciais. A administração Johnson, a fim de criar um projeto nacional amplo que atendesse aos anseios de equilíbrio social, teve que lidar com as demandas de trabalhadores pobres e negros. Como aponta Azevedo, Johnson, historicamente influenciado pelo New Deal, permaneceu fiel a uma visão do estado como ator providencial. O Estado atuou como fiador das oportunidades econômicas, como responsável por restringir os excessos das grandes corporações e para garantir as condições de sobrevivência dos trabalhadores através de instrumentos jurídicos, fiscais e tributários⁴⁰.

Se as políticas sociais do período Johnson não mudaram as estruturas da sociedade estadunidense, promoveram mudanças significativas na correlação de forças sociais, deram um novo significado à cidadania e consolidaram o nacionalismo cívico. Foram, portanto as conquistas dos trabalhadores e dos negros que reduziram a dependência e permitiram alterações nas correlações de forças entre as classes sociais. O Estado de Bem Estar Social promoveu amplos programas sociais que visavam reduzir a pobreza e o desemprego, e intencionalmente ou não, diminuíram a dependência salarial, ou seja, subordinação da subsistência ao trabalho. Conseqüentemente, tais programas ampliaram as capacidades políticas e diminuíram as barreiras sociais entre os trabalhadores. Em outras palavras, os programas sociais aumentaram a segurança dos trabalhadores, que poderiam se sustentar mesmo sem emprego, e, portanto deram mais liberdade política para promoção de novas reivindicações. Dessa forma, as políticas de Bem Estar Social permitiram uma maior integração política dos trabalhadores, uma vez que poderiam se engajar em novas lutas coletivamente.

⁴⁰ AZEVEDO. Op. cit. p. 310

Como nos lembra Matusow, Johnson não pressentiu que as ações comunitárias poderiam representar uma ameaça aos ideais de harmonia social que o projeto político nacional perseguia. Johnson não foi capaz de perceber que a influência dos líderes negros das comunidades pobres poderia direcionar os programas sociais dos quais participavam no sentido de uma mudança social mais profunda⁴¹. A Guerra à Pobreza e a luta pelos direitos civis estavam intimamente associados, uma vez que os programas de Bem Estar Social ampliaram as capacidades políticas dos trabalhadores negros e diminuíram as barreiras sociais entre estes e os seus companheiros brancos, especialmente no sul.

O Estado de Bem Estar Social estadunidense não chegou perto das realizações sociais dos países nórdicos no mesmo período, mas, sem dúvida, a expansão dos programas sociais na década de 1960 até meados da década de 1970 permitiu que os Estados Unidos dessem um salto significativo em direção ao modelo social Democrata de Estado de Bem Estar Social. A ampliação dos programas sociais do governo dos Estados Unidos na década de 1960 resignificou profundamente a noção de cidadania e de nação.

De acordo com T.H. Marshall, a cidadania social constitui a idéia central dos Estados de Bem Estar Social. Para Esping-Andersen, a construção da cidadania social pressupõe concessão de direitos sociais amplos que descomodificam o status dos indivíduos, ou seja, deslocam o reconhecimento da cidadania do mercado, como um produto do trabalho e de consumo, para o Estado, como uma questão de direito^{42,43}. A simples existência de programas sociais públicos e seguridade social não garantem a descomodificação da cidadania. Quando os benefícios de um programa de assistência são modestos e vinculados ao estigma social da pobreza empurram a busca da cidadania para o mercado. Este foi o caso das leis de pobreza do século XIX. A descomodificação torna-se difícil quando os trabalhadores são completamente dependentes do mercado, uma vez que esta condição dificulta a mobilização e a solidariedade entre aqueles gozam dos benefícios e temem perdê-los e aqueles que não gozam de nenhum benefício. Além disso, mesmo os que estão no mercado recebem benefícios de forma desigual. Por outro lado, o processo de descomodificação da cidadania se realiza quando o

⁴¹MATUSOW, Allen J. *The unravelling of America: A history of liberalism in the 1960's*. New York: Harper & Row, 1984. p. 438

⁴² *Ibid.* p. 20-22

⁴³ Utilizamos o neologismo descomodificação traduzindo diretamente do inglês de-commodification. Em português não existe termo similar, embora exista em outras línguas, como espanhol, de –commodification.

reconhecimento da cidadania nos indivíduos torna-se independente do mercado de trabalho e do consumo, garantindo a segurança necessária quando não estão empregados.

No modelo de Estado de Bem Estar Social Liberal, comum nos Estados Unidos da década de 1930 até a década de 1960, os benefícios estavam atrelados aos testes de qualificação e a descomodificação não estava completa. A expansão dos direitos sociais que se desenrolou desde a Grande Gociedade até meados da década de 1970 descomodificou a cidadania gradualmente e de forma sinuosa, embora não completamente. As ações comunitárias administraram e ampliaram os programas sociais permitindo uma maior solidariedade entre os trabalhadores, sobretudo negros. Os programas sociais, mesmo que não tenham alterado profundamente a estrutura social do país, promoveram um novo sentido de cidadania para grupos marginalizados do ponto de vista social, político e econômico, visto que atrelou a cidadania aos direitos sociais e desvinculou parcialmente a segurança social do mercado de trabalho. As transformações do Estado de Bem Estar Social estadunidense e a resignificação da noção de cidadania consolidaram o nacionalismo cívico, uma vez que a nação como grupo de cidadãos definidos pelos seus direitos sociais foi extremamente ampliada e alcançou grupos marginais excluídos da nação até aquele momento.

A recuperação de toda a gênese e desenvolvimento dos direitos sociais e do processo político que assegurou os direitos civis e a plena cidadania política aos afro-americanos teve um objetivo muito claro: delinear o edifício político e ideológico que seria eleito como alvo dos Republicanos que ascenderam ao poder com Ronald Reagan. Durante os oito anos de sua presidência, Reagan conseguiu reverter conquistas, destruir direitos que levaram décadas para se estabelecerem.

2- A crise do liberalismo e o neoconservadorismo

2.1 – A crise econômica de 1970 e o fim da Grande Sociedade

O auge do Estado de Bem Estar Social e da consolidação do nacionalismo cívico nos Estados Unidos foi também o início de um longo, tortuoso e gradual declínio econômico. Na segunda metade da década de 1960, a economia estadunidense começou a sentir os primeiros impactos de uma crise econômica que se exacerbou mais tarde. Naquela década, o Japão e a Europa Ocidental se recuperaram definitivamente da crise do pós-guerra, alcançaram novamente altos índices de produtividade e seus produtos tornaram-se competitivos em seus territórios, em outros países e até mesmo dentro dos Estados Unidos. O aumento da produção mundial causou um excedente no mercado e provocou o declínio da lucratividade de setores industriais tradicionais como aço, automóveis e eletrodomésticos. Conseqüentemente, as exportações dos produtos estadunidenses diminuíram e as importações de produtos europeus cresceram. As taxas de crescimento e de lucratividade começaram a diminuir, enquanto as taxas de inflação e desemprego aumentaram. Os anos entre 1967 e 1973 representaram o início de um período turbulento.

A escalada dos gastos com a Guerra do Vietnã provocou um processo inflacionário e aprofundou o déficit da balança de pagamentos estadunidense que estava crescendo desde a década de 1950, sobretudo, devido aos gastos com ajuda financeira e militar para outros países. Em 1965 a Guerra do Vietnã minou os planos econômicos de Johnson. O presidente tentou aumentar os impostos, mas teve que desistir da idéia devido à impopularidade da medida. Para Robert Collins, a Guerra do Vietnã foi uma dupla cilada para a economia dos Estados Unidos, uma vez que exacerbou o problema da balança de pagamentos e potencializou o risco de disparada da inflação, devido ao aumento de gastos que a guerra demandava⁴⁴. No final dos anos 1960, os Estados Unidos se depararam com uma crescente inflação, enquanto a produtividade e os lucros declinavam. O dólar se enfraqueceu. Em 1967 Johnson estava convencido de que era necessário apertar o cinto, adotar uma política econômica mais austera e encerrar programas sociais menos importantes.

Paralelamente ao aumento dos gastos militares no Vietnã, os gastos com os programas sociais cresceram visivelmente nos anos 1960. A culpa da crise recaiu sobre

⁴⁴ COLLINS, Robert. The Economic Crisis of 1968 and the waning of the “American Century. In: The American historical review. V. 101, N°2, abr 1996. p. 406

os programas da Grande Sociedade. Os ataques vieram de todos os lados. Em 1965, antes mesmo de a crise apresentar seus sinais, os prefeitos Republicanos e Democratas realizaram um Encontro Nacional de Prefeitos no intuito de exigir que a Casa Branca controlasse os programas sociais e as ações afirmativas, que estavam nas mãos dos agentes comunitários. Segundo Azevedo, muitos prefeitos estavam convencidos de que as ações afirmativas não focavam as oportunidades, mas os resultados, portanto eram uma faceta radical da Guerra à Pobreza. A partir de então, os prefeitos passaram a tentar restringir os programas federais e as ações comunitárias. Dentro do Partido Democrata e da Secretaria de Oportunidade Econômica (OEA) os conflitos de interesses provocaram o recuo de Shriver que atendeu as exigências dos prefeitos e afastou os defensores das ações comunitárias do programa⁴⁵. Em 1967, o Congresso aprovou uma emenda à Lei de Oportunidades Econômicas (EOA), que forçava a OEO a financiar somente os projetos de ação comunitária aprovados tacitamente pelos governadores dos estados. Tal medida culminava com a mudança de direção na política interna do governo Johnson.

Por um lado, os diferentes movimentos sociais de esquerda pretendiam cada qual à sua maneira ultrapassar os limites do projeto nacional liberal e pressionava Johnson. Como aponta Azevedo, a princípio, os grupos de esquerda, sobretudo intelectuais, negros, ativistas liberais e radicais procuraram se apropriar e participar da Guerra à Pobreza no intuito de dar ao projeto um conteúdo político menos limitado. Contudo, pretenderam se libertar não só da opressão econômica, mas também da violência psíquica que sofriam⁴⁶. Diversos movimentos sociais floresceram dentro dos círculos de estudantes, negros, trabalhadores, imigrantes e mulheres. A maioria desses movimentos, da chamada nova esquerda, defendia idéias antielitistas, democracia participativa, “ações diretas”, pacifismo, anti-imperialismo, liberdade individual e o aprofundamento dos programas sociais da Grande Sociedade. Esses movimentos sociais, de formas variáveis, declararam guerra ao racismo, ao moralismo conservador, ao “complexo industrial militar”, aos limites dos programas sociais, aos novos métodos de realização do capital sobre o trabalho e até as estruturas do capitalismo estadunidense. Por outro lado, entretanto, boa parte da classe média branca conservadora, absorta em habitus tradicionalmente racista, considerava a Grande Sociedade, um projeto nacional que beneficiava apenas a população negra e fomentava a violência urbana.

⁴⁵ AZEVEDO. Op. cit p.318-320

⁴⁶ Ibid. p. 308-309

A resposta dos movimentos negros às freqüentes investidas dos conservadores contra os direitos civis veio no ano de 1966. Este ano, de acordo com Gerstle, marcou o momento em que os militantes pelos direitos civis declaradamente abandonaram o nacionalismo cívico e a estratégia de não violência. Muitos militantes negros acreditavam que os Estados Unidos eram uma nação excessivamente apegada às tradições raciais para aceitar que negros fossem incluídos na nação em grau de igualdade aos brancos⁴⁷. Importantes movimentos pelos direitos civis passaram a acreditar que o progresso dos afro-estadunidenses só seria possível com a criação de uma nação independente, exclusivamente composta por cidadãos negros. A SNCC e o CORE expulsaram os membros brancos de seus quadros neste momento. Para alguns, a idéia de nação era uma metáfora para a construção de uma identidade cultural e étnica comum entre os negros estadunidenses. Outros, como os Panteras Negras, fundado por Jovens nacionalistas negros em Oakland, insistiam na necessidade de criar um uma nação exclusivamente composta por negros, com território, fronteiras, economia, governo e exército independentes. Os Panteras Negras adotavam um estilo militar e a utilização de armas a fim de defender os negros das ameaças dos brancos. Nenhum desses grupos era maioria no movimento negro, mas tais idéias influenciaram muitos negros estadunidenses.

Em 1966, o número de militantes filiados aos Panteras Negras, SNCC, CORE e outras organizações nacionalistas negras não ultrapassava os 50.000⁴⁸. Entretanto essas organizações mantinham links em todos os guetos pobres das cidades do norte e do oeste estadunidense; influenciavam milhões de pobres e negros e ganharam destaque em noticiários e documentários assistidos em todo o país. Em 1968, a National Advisory Commission on Civil Disorders (Comissão Nacional Sobre a Desordem Civil) comunicou o governo sobre o perigo e a escalada dos protestos urbanos. Otto Kerner, chefe da comissão e governador do estado de Illinois, pediu ao governo que expandisse os programas sociais para lidar com o ódio racial. Johnson atacou veementemente a comissão e o relatório recusando todas as recomendações⁴⁹. Ao final da década de 1960, as autoridades estadunidenses buscaram minar as organizações negras. O Governo Federal criou programas de inteligência para monitorar, interromper e neutralizar organizações negras como SNCC, CORE e Panteras Negras.

⁴⁷ GERSTLE. Op. cit. p.299

⁴⁸ Ibid. p.300

⁴⁹ COLLINS. Op. cit. p. 419

Diante da crise econômica, muitos políticos, inclusive integrantes do governo Johnson, propuseram cortar os investimentos nos programas sociais e nas ações afirmativas. Os embates se acirraram. Barefoot Sanders, conselheiro legislativo do governo e ex-secretário de Justiça, aconselhou o presidente a não promover cortes profundos nos gastos sociais sob pena de acabar com as esperanças dos pobres e aprofundar a crise social. Seguindo Sanders, o conselheiro de política interna, Joseph Califano, pediu a Johnson que enfrentasse o Congresso e o secretário do tesouro, Henry Fowler, e, que não cortasse mais que seis milhões de dólares dos programas sociais. Califano apontou ainda, que nenhum corte estava sendo feito em programas de baixa prioridade como o programa espacial Appolo e o programa de aviões supersônicos. O conselheiro sugeriu ao presidente que aumentasse os impostos e direcionasse mais verbas para determinados programas sociais que trouxessem resultados rápidos. Aqueles que insistiam na expansão da Grande Sociedade não conseguiram persuadir Johnson. O presidente reconhecia a necessidade de aumentar os impostos, mas não abriu mão dos gastos militares e não estava mais disposto a ampliar os programas sociais. Segundo o próprio presidente “qualquer medida para aumentar os gastos daria aos meus oponentes a desculpa que eles procuram para me chamar de gastador imprudente”⁵⁰.

Por seu turno, os trabalhadores especializados e não especializados, organizados, emergiram contra a deterioração das condições de trabalho e promoveram grandes greves, sobretudo no setor público. A AFL-CIO se colocou abertamente contra os cortes nos gastos sociais e lembrou que o governo tinha o dever de amparar os trabalhadores desempregados. A insatisfação contra os cortes nos programas sociais somou-se aos efeitos do aumento da industrialização, da poluição e da deteriorização qualidade dos produtos. Tais greves e protestos ameaçaram aumentar os custos da produção e a instabilidade do governo.

O Partido Democrata, identificado com o liberalismo desde o New Deal, fracionou-se em três facções nas eleições de 1968. George Wallace representava os conservadores sulistas; George McGovern representava alguns setores tradicionais do capital e a classe média alta liberal defensora da abordagem heterodoxa das questões sociais, das ações afirmativas e da legalização da maconha; e Hubert Humphrey representava os trabalhadores liberais organizados em sindicatos, favoráveis ao Estado

⁵⁰ COLLINS. Apud p. 421

de Bem Estar Social como solução para as mazelas sociais. Tanto a ala representada por McGovern quanto a ala representada por Humphrey ainda acreditava no papel do Estado diante dos principais problemas sociais, mas de formas diferentes. Para os primeiros o Estado ainda tinham o papel importante de garantir os direitos políticos e sociais dos cidadãos. Em relação à Guerra do Vietnã, o Partido Democrata também estava dividido. McGovern foi um dos primeiros a se posicionar abertamente contra o envolvimento militar estadunidense no Vietnã e criticar os crescentes gastos militares. Ao contrário, Humphrey apoiava a atuação militar dos Estados Unidos no sudeste asiático. Este último tornou-se o candidato Democrata nas eleições de 1968, enfrentando o Republicano Richard Nixon.

Diante da ebulição social e da eminente crise econômica, os discursos de Richard Nixon em 1968, enfatizaram a necessidade de se restabelecer a lei e a ordem contra os “baderneiros e radicais”. Este tipo de discurso seduziu os brancos conservadores no sul, parte dos trabalhadores sulistas e dos católicos. Nas eleições daquele ano, Nixon bateu Humphrey. O projeto nacional dos conservadores representado por Nixon visava impor mais limites e restringir as políticas sociais e raciais elaboradas no período da Grande Sociedade. Nixon se elegeu representando os anseios da reação conservadora à abordagem das questões sociais implementada pelos Democratas nos anos 1960. Em 1969, diante dos primeiros indícios que a crise econômica se aprofundaria mais tarde, o governo Nixon adotou uma política econômica monetarista sob a consultoria de Milton Friedman. Mas, paradoxalmente, frente às demandas dos movimentos sociais, o presidente Republicano teve que apoiar políticas de tratamento preferencial de empregabilidade para minorias e impedir o bloqueio das políticas de quotas raciais. Nixon também teve que lidar com as crescentes demandas da emergente e poderosa classe média que ainda acreditava no crescimento da economia e não tinha receio de exigir políticas de proteção ambiental e direitos do consumidor, além das demandas de trabalhadores por mais regulação e segurança do trabalho⁵¹. Nixon, inclusive, se associou ao movimento pelos direitos civis. Em 1971, a inflação continuou a subir, enquanto a produção e a lucratividade continuaram a declinar. Então, o governo Nixon resolveu abandonar a política econômica monetarista e lançou a Nova Política Econômica (New Economic Policy), que suspendeu a paridade dólar-ouro,

⁵¹ BERMAN, William C. **America's right turn: from Nixon to Bush**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994.p.11.

controlou preços e salários, aumentou a oferta de capital e reduziu os juros⁵². Nixon garantiu a sua reeleição em 1972, mas seu segundo governo se mostrou um desastre, principalmente depois do escândalo de Watergate e da exacerbação da crise econômica.

Em 1973, a crise piorou. O governo abandonou o controle de preços e salários, mas não reduziu a oferta de capital e o crédito às empresas e aos consumidores. Com isso, a inflação chegou a 9,5%⁵³. No mesmo ano, o que parecia ser uma cartada da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), contra o apoio dos Estados Unidos aos israelenses na Guerra do Yon Kipur, não teria acontecido sem a anterior depreciação do dólar. Os produtores de petróleo no mundo árabe, obviamente, não viam com bons olhos a desvalorização e a inconvertibilidade do dólar. Os países que mais produziam petróleo nacionalizaram os processos de exploração. Diante da crise, os governos dos países produtores de petróleo buscaram afirmar sua posição política e ampliar sua capacidade de barganha no cenário internacional através da OPEP. Mas, não sem contradições, as parcerias com o capital estadunidense e internacional continuaram. Como mostra Timothy Mitchell, as multinacionais americanas foram forçadas a abrir mão da produção de petróleo no Oriente Médio, mas não do refino, transporte e distribuição. Os produtores de petróleo e as petrolíferas estadunidenses, intencionalmente ou não, forçaram a alta de preços do produto. Ademais, como Mitchell argumenta, os lucros saídos nos preços do petróleo foram, em grande parte, aplicados em títulos do tesouro americano; investidos nos Estados Unidos; convertidos em eurodólares que os bancos americanos e europeus emprestaram para os países do Terceiro Mundo; e trocados por armamentos produzidos por empresas americanas e européias⁵⁴.

A indústria militar não lucrou apenas com a compra de armas pagas com os lucros advindos do petróleo. Como já mencionamos, os gastos do governo americano com armas se elevaram com a Guerra Fria, mais especificamente com as Guerras da Coreia e do Vietnã. Conseqüentemente, oficiais militares de alta patente ligados às indústrias de armas ganharam mais influência política. Além de impulsionar a indústria bélica, o aumento dos gastos militares dinamizou a economia do Sunbelt, região sul e sudoeste do país. O Sunbelt registrou um boom econômico e populacional em torno da indústria de armamentos graças às facilidades trabalhistas que os governos locais

⁵² Ibid, p.14

⁵³ Ibid, p.19

⁵⁴ MITCHELL, Timothy. MITCHELL, Timothy. *Mejihad: Islam in the U.S Global Order*. IN. *Social Text*. Vol. 73, Winter 2002, Duke University Press. p.9

ofereceram; ao grande número de bases militares na região; e a proximidade das indústrias de combustíveis historicamente instaladas na região. As indústrias de armamento e combustíveis e as facilidades econômicas atraíram o setor de serviços e as indústrias de telecomunicações, informação, computação, software, em suma, tecnologia em geral. Como lembra Susan Jeffords, um míssil produzido pela Raytheon é acionado de um container fabricado pela Martin Marietta, seu motor é produzido pela Thiokol, a fusão é feita pela Bendix Corporation, a carga explosiva é construída pela Chamberlain, o treinamento tático é feito pela Lockheed Sanders e as operações são feitas pelo exército dos Estados Unidos. A maioria dessas empresas estavam situadas na mesma região, o Sunbelt. Jeffords lembra ainda que, mísseis são teleguiados por satélites que, por sua vez, são colocados em órbita por foguetes e necessitam de computadores, microprocessadores e softwares para estabelecer conexões com a NASA e com bases militares. O complexo militar e industrial se estende ainda por programas de televisão que alcançam altos índices de audiência transmitindo explosões de mísseis em lugares remotos, revistas que fazem matérias detalhadas sobre armamentos e jogos de vídeo-game que simulam a atividade militar⁵⁵. O aumento dos gastos com o aparato militar reduziu a oferta de capital para investimento em fins civis, portanto aumentou os custos de produção, reduziu a renda para consumo e conseqüentemente causou mais queda na produtividade⁵⁶.

O capital financeiro logo buscou lucratividade nas indústrias do Sunbelt. Segundo Luc Mampaey e Claude Serfati, a rentabilidade média das empresas de armas ligadas ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos progrediu 17,46% ao ano, no período de 1970 a 1989, enquanto as empresas tradicionais do norte, que, em sua maioria, compõem o índice Standard & Poor's 500 (S&P 500) progrediram no mesmo período a 12,51% ao ano. A alta rentabilidade atraiu investidores interessados nas ações das indústrias do Sunbelt, que se valorizaram consideravelmente. Ainda de acordo com os autores, os acionistas institucionais e a comunidade financeira exerceram um papel importante na reestruturação das empresas de armamentos depois da segunda guerra mundial até exercerem o controle quase completo desses grupos nos anos 1990⁵⁷.

⁵⁵JEFFORDS, Susan. The patriot system, or managerial heroism. IN. *Cultures of American Imperialism*. Ed. Kaplan and Pease. Durham: Duke University Press, 2003.p.540.

⁵⁶FURTADO, Celso. Transformação e crise na economia mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.236.

⁵⁷MAMPAEY, Luc & SERFATI, Claude. Os grupos armamentistas e os mercados financeiros: rumo a um compromisso "guerra sem limites"? IN. CHESNAIS, François (org). *A finança mundializada*. São Paulo: Boitempo, 2005.p.224.

Os setores tradicionais também tentaram conter o declínio da lucratividade. As novas técnicas de informação e os avanços nas telecomunicações permitiram o deslocamento das plantas industriais, a implantação de filiais e a aquisição de empresas estrangeiras no sul e no Terceiro Mundo, áreas com salários mais baixos, com menor intensidade sindical e menos protestos sobre questões ambientais e de consumo. Furtado nos mostra que os lucros obtidos pelas empresas americanas no exterior tenderam a ser reinvestidos no exterior em razão de taxas de retorno mais altas. Por outro lado, buscaram recursos no mercado financeiro do país, onde as taxas de juros eram mais baixas. Assim, os Estados Unidos tornaram-se importadores e exportadores de capital ao mesmo tempo. Esta situação aparentemente paradoxal dinamizou a transferência de recursos financeiros das empresas e incitou a transnacionalização dos grandes bancos americanos. Este negócio foi altamente lucrativo para os bancos, empresas e para o capital financeiro que escaparam da regulação nacional⁵⁸.

No campo político, Gerald Ford assumiu a presidência após a renúncia de Nixon em agosto de 1974. Em consonância com o empresariado, Ford vetou a maioria das legislações sociais e econômicas dos Democratas. O novo presidente também lançou um programa de isenções fiscais para lidar com a estagnação e com inflação, cumprindo as recomendações do seu Secretário do Tesouro que defendia o estímulo aos investimentos privados para aquecer a economia através da redução de programas sociais e de impostos. Como se não bastasse, Ford pressionou, com êxito, o Congresso para reduzir as regulações da Agência de Segurança e Saúde no Trabalho (Occupational Safety and Health Agency - OSHA), que protegiam os trabalhadores, mas acarretavam custos ao capital.

Em suma, paradoxalmente a crise econômica potencializou politicamente determinados setores do capital e transformou a economia estadunidense. As indústrias sulistas de armas, semicondutores e microprocessadores do Sunbelt entraram em franco crescimento com a ampliação do complexo industrial militar. As petrolíferas cresceram junto com os preços do petróleo. O capital bancário soube aproveitar a ampliação da circulação mundial de capitais. O capital financeiro se fortaleceu graças à atração que o mercado financeiro representou diante da crise do setor produtivo e à valorização das ações das indústrias do Sunbelt que concentrou boa parte dos investimentos não invertidos no setor produtivo. Uma nova direita conservadora cresceu junto a esses

⁵⁸ FURTADO. Op. cit. p.251-252.

setores do capital, que se fortaleceram diante da crise. Esta nova direita estadunidense expôs novos projetos políticos, econômicos e culturais, baseados em novas formas de se imaginar a nação, que prometiam tirar o país da crise.

2.2 – A reconstrução do campo conservador e o neoconservadorismo

Mesmo enfraquecido, a partir do final dos anos 1950 a ideologia conservadora começou a ser reconstruída. Os colunistas da revista *National Review*, fundada por William Buckley Jr. em 1955, foram os principais artífices de uma determinada reinterpretação e reconstrução da ideologia conservadora que ficou conhecida como nova direita ou neoconservadorismo. Os intelectuais neoconservadores ressuscitaram idéias que não eram exatamente novas. A ideologia neoconservadora resgatou e reconstruiu pressupostos de correntes conservadoras que os antecederam, basicamente do velho conservadorismo e do libertarianismo. A novidade ficou por conta da fusão inusitada de dessas correntes tão distintas.

O que chamamos de velho conservadorismo tinha três raízes históricas: 1- a tradição anti-revolucionária, consagrada nas obras de Edmund Burke, que defendia a ordem tradicional contra o ímpeto revolucionário da Revolução Francesa. Este conservadorismo desconfiava da natureza humana e das ideologias seculares. Dessa forma, os conservadores apontavam para a capacidade do homem de fazer o mal e para a importância das instituições tradicionais, mais do que reformas ou revoluções, para conter tal ímpeto maléfico; 2- a reação conservadora à revolução industrial, sobretudo aquela que o historiador escocês Thomas Carlyle representava no final do século XIX. Esta linha conservadora valorizava o romantismo medieval, o capitalismo e as hierarquias da vida agrária contra a indústria e a mecanização da vida. 3- o tradicionalismo fundado na teologia cristã que ressurgiu no final da década de 1940. Para os tradicionalistas religiosos, o principal problema do mundo moderno era a decadência da moral, da comunidade e a perda dos valores espirituais. Sob este ponto de vista, a sociedade é mais do que a união dos indivíduos, pois a capacidade dos homens para o autocontrole e a liberdade requer uma sociedade articulada por laços morais e emocionais. Portanto, o Estado, a família, a comunidade e a igreja deveriam garantir a ordem social e moral da sociedade, a fim de preservar a liberdade.

No século XX nos Estados Unidos, os velhos conservadores foram, mormente, representados por figuras como Irving Babbitt, Russel Kirk e Richard Weaver. Babbitt, considerado fundador do neo-humanismo conservador, foi o principal defensor da moral

humanista, da ordem tradicional e do passado contra impulsos revolucionários. De forma semelhante, o historiador Russell Kirk, defendia uma ordem divina e a necessidade da divisão social em classes que marcassem as distinções naturais dos homens, a propriedade, a fé nos costumes tradicionais e o reconhecimento de que as inovações devem ser atreladas a tradições e aos valores políticos tradicionais. Richard Weaver, influenciado inclusive pelas idéias de Kirk, lançou o livro *Ideas have consequences*, em 1948. Neste livro, Weaver aponta que o enfraquecimento da família, da igreja, das comunidades e das associações torna os homens atomizados, sem raízes, e consequentemente leva a sociedade ao totalitarismo, ao socialismo e ao capitalismo reformista.

Os libertários foram os principais críticos do New Deal nas décadas de 1930 e 1940, quando Friedrich Von Hayek lançou o clássico *“The road to serfdom”* (1944). Para os libertários, o problema central do mundo moderno era a perda de liberdade entendida primeiramente no sentido negativo, ou seja, como ausência de coerção sobre a vida, o corpo e a propriedade. A liberdade fundamental, neste sentido, é aquela que não limita a venda da própria força de trabalho, o uso individual do dinheiro e o direito à propriedade privada. Na visão libertária, a sociedade nada mais é do que uma associação de indivíduos na qual somente os homens, individualmente, podem definir seus interesses e seus objetivos. A sociedade como entidade não existe e a ela não podem ser imputados objetivos, interesses ou direitos. Para os libertários, imputar objetivos à sociedade significa destruir a democracia e diminuir a individualidade, pois objetivos planejados de forma centralizada levam ao controle do governo sobre o consumo e a produção. Na visão libertária, qualquer esforço para definir interesses comuns da sociedade mina a liberdade individual e promove o coletivismo. Segundo a lógica libertária, não existem padrões morais gerais, pois os valores morais são próprios dos indivíduos; assim sendo, o discurso coletivista só pode conter uma falsa visão moral, posto que gerada a partir do Estado. O capitalismo puro, sob a ótica libertária, é uma forma de organização superior, capaz de promover avanços sociais, progresso material, produção de riquezas, realização pessoal e felicidade. Por isso, o capitalismo puro é o mecanismo ideal para conter o avanço do coletivismo estatal sobre as liberdades, uma vez que o mercado não dá espaço ao crescimento do Estado, a iniciativa individual não dá espaço ao corporativismo burocrático e a competição não deixa espaço para o monopólio.

As diferenças entre libertários e os velhos conservadores são profundas. Os Libertários entendem que o problema do mundo é a falta de liberdade individual, enquanto os velhos conservadores argumentam que o totalitarismo é fruto do excesso de individualismo. Para os libertários os indivíduos são os únicos que podem definir seus objetivos próprios, enquanto para os velhos conservadores a definição de qualquer objetivo requer a aceitação de crenças e laços sociais. As duas posições diferem também sobre a noção de sociedade. Para os libertários a sociedade é uma relação contratual entre os indivíduos que pode ser desfeita e não tem nada transcendente que a garanta, enquanto os velhos conservadores acreditam que a sociedade é uma comunidade que compartilha uma série de valores morais comuns e instituições que ligam os indivíduos uns aos outros. Acima de tudo, do ponto de vista da economia, os libertários defendiam as virtudes do capitalismo fundado em um livre mercado, mas para os velhos conservadores isto representava justamente a degeneração do capitalismo tradicional.

De acordo com Himmelstein, os intelectuais William Buckley Jr. e seus companheiros, Frank Meyer e M. Stanton Evans, todos ligados a *National Review*, foram os principais arquitetos da difícil tarefa de fundir a linguagem libertária e a linguagem conservadora tradicional. De acordo com esses três intelectuais, a liberdade, no sentido libertário, era impossível sem uma prerrogativa moral e um objetivo transcendental, bem como a virtude moral era impossível sem a liberdade, pois sem a possibilidade de escolha, o Estado imporá suas virtudes e seus objetivos⁵⁹. Evans e Meyer argumentavam inclusive que a liberdade é “divinamente ordenada” e que é impossível sem uma moral judaico-cristã. Neste sentido, Buckley Jr. e seus companheiros consideravam que o Estado de Bem Estar Social violava a liberdade econômica, a liberdade de escolha e por conseqüência destruía a moral, a dignidade e a autonomia dos homens. Em suma, os intelectuais que construíram as bases ideológicas do neoconservadorismo resgataram do tradicionalismo a ênfase moral que, a partir da década de 1960, serviu para atacar moralmente o Estado de Bem Estar Social e os movimentos sociais liberais. Do libertarianismo, os artífices do neoconservadorismo resgataram a idéia de que a sociedade era uma relação contratual entre indivíduos e não um organismo que guarda interesses e objetivos coletivos. Portanto, nada justificava projetos estatais que interferissem na vida das pessoas e limitassem as liberdades, sobretudo a econômica. Neste sentido, o Estado deveria se restringir a zelar pela

⁵⁹ HIMMELSTEIN. Op. cit. p.54-56

constituição e pelo sistema federal de divisão dos poderes. Do ponto de vista econômico, portanto, defendiam o livre comércio e a redução do Estado sob a justificativa de que a liberdade individual era um valor americano fundamental e moral, responsável pela produção e pela riqueza da nação. Para esses conservadores, o maior perigo do século XX era o crescente papel do Estado como organizador da vida social. Para eles, o comunismo, o fascismo, o nacionalismo no Terceiro Mundo, a social democracia, o liberalismo do New Deal e a Great Society eram todos estatistas ou coletivistas.

A relação entre os velhos conservadores e os neoconservadores nem sempre foi tranqüila. Para boa parte dos conservadores, os neoconservadores eram mal orientados, indiferentes a grandes idéias e despreocupados com princípios e tradições. Além disso, os velhos conservadores rejeitavam o estilo jornalístico dos neoconservadores e a imersão destes na sociologia. Por outro lado, os neoconservadores não estavam dispostos a aceitar a prevalência da tradição moral e à rejeição a modernidade que os conservadores defendiam⁶⁰. Contudo, velhos conservadores e novos conservadores nutriam um sentimento anti-revolucionário e se opunham aos movimentos de contracultura e aos programas sociais liberais da década de 1960.

Ao final da década de 1960, a crescente rejeição ao governo liberal, visto como corrupto, ineficiente, representante de negros, minorias e fraco diante do comunismo potencializou os neoconservadores. Muitos liberais que rejeitaram o liberalismo reformista dos anos 1960 abraçaram e atualizaram o neoconservadorismo, sobretudo Irving Kristol. Kristol e outros ex-liberais e ex-socialistas passaram a acreditar no capitalismo desregulado como único sistema capaz de promover a liberdade e o crescimento econômico. Para neoconservadores como Kristol, o capitalismo nos Estados Unidos padecia de uma excessiva regulação ética que o limitava, sobretudo devido à influencia liberal. Kristol estava convencido de que nem todas as pessoas eram inteligentes, mas em compensação deveriam ter “bom senso”. Isto era uma virtude, em contraste com a irresponsabilidade dos defensores do liberalismo. Para Kristol os liberais se afastaram do compromisso estabelecido no New Deal de criar oportunidades para os indivíduos e prover meios de proteção para todos os americanos. Segundo Kristol, os liberais passaram a perseguir um igualitarismo pervertido e abstrato promovido por intelectuais e burocratas. O capitalismo, sem rédeas morais artificiais,

⁶⁰ HOEVELER, David. Conservative intellectuals and the Reagan Ascendancy. In: *the history teacher*, Vol.23, nº3. mai, 1990, p307

promoveria a verdadeira moral e a virtude pública. Em conjunto, a religião, sobretudo a sua dimensão institucional, era considerada fundamental para disciplinar os indivíduos, preservar a estabilidade social, e transmitir os valores morais tradicionais⁶¹.

Entretanto, nos anos 1960 e 1970, o movimento neoconservador não era hegemônico no campo da direita estadunidense, mesmo com seu crescimento dentro de alguns círculos liberais. O neoconservadorismo ainda apresentava falta de organicidade e de quadros políticos capazes de representar o projeto político nacional em empreitadas políticas mais ambiciosas. George Wallace, governador do estado do Alabama e inimigo das políticas liberais anti-segregacionistas no sul, foi rejeitado. O pecado de Wallace, além do seu populismo vulgar, foi ter ampliado os programas de bem estar social para os brancos no Alabama e ter apoiado na sua campanha presidencial o aumento dos gastos em seguridade, assistência médica, programas para o trabalho e legislação trabalhista. Richard Nixon havia se mostrado pouco conservador, no que diz respeito à política econômica, para os neoconservadores. Gerald Ford não era confiável para boa parte dos neoconservadores, sobretudo depois de nomear o líder da ala liberal do partido Republicano, Nelson Rockefeller, como seu vice-presidente.

Mesmo sem uma figura política forte o suficiente para representar nacionalmente os neoconservadores, o neoconservadorismo ganhou popularidade nos anos 1970. De acordo com Himmelstein, isso estava intimamente ligado a três fenômenos: a mobilização conservadora dos grandes empresários, a ascensão da nova direita religiosa e a recuperação do Partido Republicano⁶². A crise da década de 1970 criou o ambiente ideal para o florescimento da mobilização neoconservadora e a construção intelectual de um novo projeto político nacional. Os empresários da nova direita organizaram fundações para reunir capital para apoiar e financiar universidades, pesquisas e centros de estudo (Think Thanks) a fim de elaborar projetos políticos nacionais. De acordo com Craig Jenkins e Craig Eckert, as elites empresariais que dominavam os conselhos desses centros definiam quais problemas deveriam ser abordados, quais especialistas deveriam ser recrutados e quais propostas deveriam ser promovidas, embora os intelectuais tivessem uma autonomia negociada. Eckert e Jenkins definem esses centros neoconservadores ligados às empresas como Organizações Políticas Empresariais (Business Policy Organizations - BPOs). A partir dos estudos de Jenkins e Eckert percebemos que as elites empresariais estavam

⁶¹ Ibid. p.313

⁶²HIMMELSTEIN. Op. cit. p.97.

fracionadas nos diversos BPOs. As elites corporativas tradicionais do norte estavam fortemente presentes nas organizações neoconservadoras mais moderadas, enquanto as elites do Sunbelt estavam presentes em maior número nos círculos ultraneconservadores. No norte, as elites empresariais estavam divididas entre os BPOs neoconservadores e BPOs liberais, como o Brookings Institute. Nos BPOs neoconservadores e ultraneconservadores havia uma preponderância das elites sulistas, sobretudo do Sunbelt. Entretanto, os BPOs incluíam representantes de todos os setores das indústrias e de diversas regiões dos Estados Unidos⁶³. Dentre as organizações neoconservadoras se destacam a Business Roundtable, o American Enterprise Institute, a Heritage Foundation e o Hoover Institution.

A Business Roundtable foi fundada em 1972 a partir de três organizações, a March Group, Construction Users Anti-Inflation Roundtable e Labor Law Study, preocupados com os custos do trabalho, com o poder dos sindicatos e com o declínio da competitividade internacional. O conselho da organização contou com a participação de executivos das principais empresas dos Estados Unidos, como Walter Wriston, presidente do Citigroup. A Business Roundtable teve importante papel nos anos 1970, pois organizou o lobby contra regulações, como as leis de proteção ao consumidor, leis trabalhistas e legislação antitrust. Também apoiou cortes de impostos para empresas e a desregulamentação dos preços do gás natural. A organização buscou influenciar a opinião pública, através de artigos acadêmicos e jornalísticos, exaltando a importância da iniciativa individual e do aumento da produtividade. Além disso, desenvolveu esforços junto a Joint Council on Economic Education para promover cursos de economia nas escolas secundárias. Um dos mais proeminentes intelectuais na organização foi George Shultz, economista conhecido nos meios acadêmicos por sua postura crítica em relação aos efeitos do Tennessee Valley Authority e reconhecido politicamente como Secretário de Estado, de Tesouro e de Trabalho no governo Nixon.

A American Enterprise Institute (AEI) foi fundada em 1947, mas alcançou sua era de ouro a partir da década de 1970. Naquele momento, a instituição tinha mais de 55 pesquisadores, contava com a parceria de muitos outros em várias universidades e seu orçamento aumentou 10 vezes. A instituição foi amplamente financiada por mais de 600 empresas. O conselho do instituto era encabeçado por Wriston e William Simon. Este último, entre outras atividades empresariais, foi diretor da Xerox, do Citigroup e da

⁶³JENKINS, Craig J. & ECKERT, Craig M. The right turn in economic policy: business elites and the new conservative economics. In: *Sociological Forum*, Vol. 15, nº2. jun, 2000, p.327-330

Halliburton e também foi secretário de Tesouro de Nixon. Além desses, ainda freqüentavam o conselho o vice-presidente da Mobil (empresa do ramo petrolífero) e presidentes do Chase Manhattan Bank, da General Electric e da General Motors. O quadro de especialistas incluía figuras importantes como, Milton Friedman e Jude Wannisky, editor do Wall Street Journal.

A Heritage Foundation surgiu em 1973, criada por Paul Weynrich e Edward Feulner com o incentivo financeiro de Joseph Coors, proprietário de uma das maiores empresas do ramo de bebidas, a Coors Brewing Company (da qual o produto mais conhecido talvez seja a cerveja Miller) e de inúmeras outras empresas do Sunbelt. No corpo de especialistas da Heritage Foundation estava Norman Ture, economista ligado ao Partido Republicano que elaborou o programa de corte de impostos de Kennedy e foi conselheiro do governo Nixon. A organização publicou diversos materiais de pesquisa, assessorou políticos conservadores no Congresso e foi uma das maiores responsáveis por promover a candidatura de Ronald Reagan.

O Hoover Institution, ligado à Universidade de Stanford, Califórnia, quase faliu na década de 1960, mas no final da década de 1970 chegou a ter um orçamento anual de 8,4 bilhões de dólares. Dentre os principais integrantes do conselho do instituto, a partir da década de 1970, estavam David Packard, proprietário da Hewlett-Packard, empresa do ramo da informática situada no Sunbelt, além de executivos da petrolífera Standard Oil, da Califórnia. Entre os intelectuais estavam Allan Greenspan, Irving Kristol e Milton Friedman.

Além da participação direta nos BPOs, o empresariado organizou fundações para financiar as atividades dos centros de pesquisa. A família Scaife, proprietária de diversos negócios no ramo do alumínio, do petróleo e do capital financeiro, organizou três grandes fundações, a Sarah Scaife Foundation, a Allegheny Foundation e a Carthage Foundation. A primeira dentre essas foi a principal. Fundada em 1973, chegou a gastar 12 milhões de dólares em financiamento para causa neoconservadora. A Olin Foundation foi fundada em 1977 pela Olin Corporation do ramo de armas do Missouri. Essa fundação gastou cerca de 5 milhões de dólares por ano em financiamentos. Por fim, a Smith Richardson Foundation, que foi criada em 1934 como uma fundação filantrópica, na década de 1970 voltou-se para causa neoconservadora. A fundação gastou mais de 3 milhões de dólares por ano em incentivo, divulgação e patrocínio de livros. Essas fundações financiaram os programas de TV *Free To Choose*, com o economista Milton Friedman e *In Search Of The Real America*, com Ben Wattenberg,

além de jornais como o *New Criterion*, o *The American Spectator* e o *The Public Interest*, de Irving Kristol. Com ajuda direta e indireta do empresariado, os BPOs criaram publicações e propagandas para divulgar e promover as idéias neoconservadores no governo, nos comitês do Congresso, nos círculos decisórios e entre o público.

Nesses círculos, moderados e radicais acusaram os intelectuais liberais e as políticas sociais de serem os pivôs da crise, uma vez que exigiam altos gastos do governo, altos impostos, aumento nos custos da produção e intervenção do governo federal. Nas organizações políticas empresariais, o Estado de Bem Estar Keynesiano era visto como principal causador do déficit e da estagflação, resultado da inflação somada à estagnação econômica. Os neoconservadores entendiam que a estagflação limitava a iniciativa privada, o emprego e o desenvolvimento da criatividade enquanto os programas sociais aumentavam a dependência das pessoas em relação aos programas sociais, sobretudo desempregados e negros. Como consequência última, a estagflação e os programas sociais, para os neoconservadores, diminuía a liberdade individual e reforçava o autoritarismo do governo federal.

As organizações políticas empresariais sinalizaram com propostas para solucionar a crise econômica, social, moral e política que, segundo eles, assolava o país. Os projetos neoconservadores de nação, entre outras coisas, visavam substituir o keynesianismo por políticas que: restringiriam a disponibilidade de capital, promovendo cortes nos gastos públicos; reduziriam impostos para parcela mais rica da população para incentivar o investimento, a poupança e o trabalho; e trocariam as regulamentações econômicas por soluções de mercado. Essas propostas seriam alcançadas através de políticas econômicas monetaristas e fiscalistas que ganharam vulto dentro das organizações políticas empresariais na segunda metade da década de 1970.

A política econômica monetarista proposta por Milton Friedman, associado da AEI e do Hoover Institution, supunha que os gastos do governo e a regulação da economia eram as principais causas da inflação e para superá-la era necessário aumentar a taxa de juros, reduzir os gastos governamentais e desregulamentar a economia para estimular o crescimento econômico livre. Desde 1973, a Smith Richardson Foundation financiou e apoiou o Shadow Open Market Committee (Comitê de Acompanhamento do Livre Mercado) para monitorar o Federal Reserve Board. Em 1978, o AEI lançou uma ampla campanha publicitária para promover o monetarismo e criou a Commission

on Inflation (Comissão para Inflação) composta por ex-diretores do Federal Reserve Board.

Os economistas neoconservadores também elaboraram dois tipos de políticas fiscais, por vezes complementares e por vezes distintas, o (neo)conservadorismo fiscal e o Supply Side Economics. O (neo)conservadorismo fiscal advogava a adoção de políticas fiscais e monetárias austeras. Isto quer dizer redução nos gastos governamentais, redução nas taxas de impostos e, para alguns, redução da taxa de juros. Essas medidas iriam balancear o orçamento, controlar a inflação e estabilizar a economia. Para os adeptos da teoria da Supply Side Economics, a chave para prosperidade seria a combinação de redução de impostos, ampliação da base de arrecadação e redução dos gastos do governo, sem necessariamente aumentar a taxa de juros. Essas medidas recuperariam o crescimento econômico e a lucratividade. Arthur Laffer, economista do Office of Management and Budget (Departamento de Administração e Orçamento - OMB) do governo Nixon, desenvolveu a teoria Supply-Side para conter a recessão de 1974 e substituir a política de controle de preços adotada por aquele governo. Em um primeiro momento, alguns economistas rejeitaram a Supply Side Economics. Contudo, logo a teoria ganhou a simpatia de homens importantes como Jack Kemp, deputado Republicano de Nova Iorque; Irving Kristol e Jude Wanniski, editor do Wall Street Journal, que prontamente propagou a solução econômica naquele jornal.

Todas essas teorias, de uma maneira ou de outra, estabeleciam que a redução dos gastos públicos, a diminuição dos impostos e a desregulamentação combateriam a inflação, a estagnação e resgatariam a lucratividade. Contudo, os defensores de cada uma dessas teorias econômicas divergiam quanto à preponderância das reformas fiscais ou dos cortes dos gastos do governo, ainda que concordassem com a importância de promover as duas políticas. Os monetaristas e os fiscalistas entendiam que os cortes nos gastos públicos e o equilíbrio orçamentário deveriam preceder qualquer redução de impostos. Por outro lado, os supply siders entendiam que uma reforma tributária que reduzisse a carga de impostos deveria ser priorizada, uma vez que estimularia o crescimento e equilibraria o orçamento, assim reduziria a necessidade de cortar alguns gastos, ainda que muitos cortes fossem necessários. O ponto de discordância central, entretanto era a política de juros. Os monetaristas e alguns fiscalistas acreditavam que as taxas de juros, ao menos naquele momento, deveriam permanecer altas para limitar a circulação de moeda e reduzir a inflação. Os supply siders defendiam a redução gradual

da taxa de juros para dinamizar o investimento na produção e recuperar o crescimento econômico. No entanto, os objetivos e a sinergia dos diferentes BPOs eram maiores do que as divergências.

Os BPOs também funcionavam como canais para levar as idéias neoconservadoras aos círculos decisórios e ao público em geral. As organizações políticas empresariais promoveram financiamento para jornais conservadores em campus universitários, lançaram jovens jornalistas, apoiaram publicações e produziram propagandas do projeto neoconservador na mídia a fim de convencer o público. A Union Carbide, fabricante de químicos e polímeros para indústrias do setor farmacêutico, agrícola e petrolífero entre outros, publicou em revistas e jornais, como na Commentary de junho de 1980, anúncios em caixa alta que diziam “*Americanos rejeitam futuro sem crescimento*”, seguido de letras menores por “*Veja tecnologia e empresas como uma força para o crescimento*”⁶⁴. Junto ao anúncio, foi apresentado o resultado de uma pesquisa apontando que a maioria dos entrevistados queria crescimento econômico nos próximos cinco anos e identificavam a tecnologia e as grandes empresas como motores do crescimento, enquanto viam os impostos, os gastos do governo e as regulações como barreiras ao crescimento⁶⁵. A Union Carbide tentou convencer o público, através de uma pesquisa supostamente científica, que seus apelos não eram de interesse de algum setor em particular, mas de interesse geral da nação.

2.3 – O neoconservadorismo moral e religioso

Na década de 1970, emergiram também organizações religiosas ligadas à nova direita neoconservadora. Na segunda metade dos anos 1970, o mundo religioso estava polarizado. As igrejas evangélicas conservadoras, cresceram devido à capacidade de arregimentar fiéis durante a crise, enquanto as igrejas moderadas e liberais estavam em declínio devido ao influxo de fiéis para igrejas conservadoras e ao aumento da não filiação religiosa que refletiu o individualismo religioso ou a secularização progressiva da sociedade. O instituto Gallup adotou três critérios para definir os evangélicos. Primeiro, reivindicar uma experiência de renascimento religioso, ou seja, considerar que, depois de encontrar-se com Cristo, o crente afirma que sua vida mudou. Segundo, encorajar outros homens a aceitar a crença em Cristo e na salvação. Terceiro, acreditar

⁶⁴ “*Americans Reject No-Growth Future (...) see technology and business as forces for growth*”.

BERMAN. Apud. P. 145

⁶⁵ BERMAN, op. cit. p.145

que a bíblia é a palavra de Cristo. Por estes critérios, apenas 19% dos americanos foram considerados evangélicos. Outras pesquisas apontaram ainda que os evangélicos, em geral, eram protestantes batistas, localizados, principalmente no sul, a maioria deles era constituída por mulheres, tendiam a ser mais velhos, com renda mais baixa, empregos mais modestos e menor grau de educação formal⁶⁶.

Contudo, a influência do imaginário religioso na sociedade estadunidense é significativa, mesmo entre aqueles que não são religiosos. A partir dos dois “grandes despertares”, o protestantismo na América aprofundou a idéia de livre arbítrio; aumentou otimismo sobre a natureza humana, imaginando a possibilidade da redenção do pecador; e passou a ligar o progresso material e cultural à perfeição espiritual. Curiosamente a conexão entre a herança religiosa puritana e o iluminismo foi estabelecida através de uma perversão da doutrina calvinista que rompeu com o fatalismo e incluiu a idéia do julgamento divino perante a conduta terrena⁶⁷. No final do século XIX, a visão otimista do mundo foi substituída por visões pós-milenaristas e pré-milenaristas. A primeira apontava que o progresso cultural e o progresso espiritual, obtidos através dos esforços humanos, trariam Cristo à terra. A última, ao contrário, via a vinda de Cristo para redimir o mundo cheio de pecado. O otimismo pós-milenarista encontrou campo fértil no modernismo secular e ampliou o discurso social, a reforma social, o ecumenismo e a reinterpretação da Bíblia à luz da ciência. O fervor evangélico pré-milenarista, por outro lado, foi expresso no fundamentalismo. A visão fundamentalista enfatizou a salvação individual e o puritanismo. Até o final da década de 1910, a disputa entre as duas correntes ficou restrita ao campo religioso; contudo depois da Primeira Guerra Mundial a disputa se tornou mais politizada. Os fundamentalistas se associaram ao superpatriotismo, anticomunismo e ao conservadorismo, enquanto os modernistas se associaram aos liberais. Após Segunda Guerra Mundial, muitas organizações evangélicas fundaram rádios, TVs, colégios, seminários, grupos jovens e jornais.

Os evangélicos cresceram significativamente a partir da utilização dos meios de comunicação e este crescimento se transformou em participação política efetiva nos anos 1970. Grupos religiosos conservadores voltaram mais ostensivamente à política para denunciar o comunismo e o que consideraram ser uma conspiração comunista nas

⁶⁶ HIMMELSTEIN. Op. cit. p. 109.

⁶⁷ AZEVEDO, Cecília. A santificação pelas obras: experiência do protestantismo nos EUA. IN. **Revista Tempo** vol 6. nº 11, Rio de Janeiro: 7 letras/Ed Uff, 2002. p. 120

escolas e nos programas do governo. Além disso, passaram a enfatizar a importância do livre mercado. Os religiosos retomaram a visão do século XIX de que deveriam instilar na política os valores cristãos frente à crise e as questões sociais. A trajetória do reverendo Jerry Falwell ilustra bem a mudança do fundamentalismo protestante e a re-inserção desse grupo religioso na política. Nos anos 1960, Falwell dizia que os pregadores não deveriam ser políticos, aproveitando-se assim para atacar os clérigos liberais como Martin Luther King e outros pastores que defenderam os direitos civis dos negros. Mas, quando questões como aborto, o homossexualismo, a pornografia e o ERA (Equal Rights Emendment – Emenda de Direitos Iguais) vieram à tona, Falwell passou a atuar ativamente na política contra elas. Por trás das questões políticas, morais e sociais que os religiosos, como Falwell, defendiam, estava em jogo a preservação da isenção de impostos para escolas religiosas que não atendiam os programas de cotas estabelecidos nas políticas afirmativas.

Muitos americanos viram a crise econômica dos anos 1970 como consequência da “degeneração social” resultante da corrupção de Watergate, do New Deal, da Grande Sociedade, dos movimentos sociais e das transformações dos anos 1960. Esta visão catalisou o pré-milenarismo fundamentalista. Muitos americanos responderam ao momento de crise afirmando a necessidade de restaurar a sociedade em busca de cumprir seu destino de redenção. Assim, valores como a liberdade, a autonomia, o progresso, a moral, o individualismo e as oportunidades ilimitadas foram tomados como características naturais, em contraposição, ao humanismo, ao multiculturalismo, ao coletivismo, ao ambientalismo, ao liberalismo, em suma, às transformações e às questões sociais da década de 1960. No imaginário de muitos estadunidenses, portanto era necessário superar a crise restaurando os “verdadeiros valores” dos Estados Unidos. O Estado de Bem Estar Social deveria ser combatido, pois substituíra os laços morais, comunitários e familiares pelo Estado e, por conta disso, promoviam o parasitismo e a preguiça. Os programas destinados às mães solteiras, teriam, supostamente, o efeito de incentivar a irresponsabilidade, uma vez que estimulavam a procriação independente do casamento. As mulheres, segundo a nova direita religiosa, deveriam ser donas de casa amáveis e obedientes; assim garantiriam a moral, a estabilidade da família, da sociedade e seriam recompensadas pela segurança e proteção dos seus maridos. Neste sentido, as feministas e os programas do governo voltados para as mulheres promoveriam o caos e a decadência. O aborto tornou-se uma questão central para a nova direita religiosa e foi o ponto de aliança entre protestantes e católicos da direita. A mobilização contra o

direito ao aborto contou com propaganda, ataques a clínicas, vandalismo, atentados, assassinatos etc. O homossexualismo era visto como um atentado à estrutura familiar e vetor de transmissão da AIDS, logo que a doença surgiu na década de 1980⁶⁸.

As bandeiras tradicionalistas dos neoconservadores, deliberadamente ou não, atraíram os conservadores religiosos. A relação entre os neoconservadores e a nova direita religiosa ficou mais estreita na medida em que ambas cresciam. Em 1979, Jerry Falwell se encontrou com líderes da nova direita, como Paul Viguier e Paul Weyrich, a fim de levantar a questão do aborto para atrair os Democratas conservadores no sul. Neste encontro surgiu a “Moral Majority”, fundada por Jerry Falwell, e enraizada nas igrejas batistas independentes. Da convergência entre a direita religiosa e os neoconservadores surgiram mais duas grandes organizações religiosas. A Christian Voice, fundada em 1979 na Califórnia, com apoio dos católicos, se apresentava como antigay, antipornografia, e pró família. A The Religious Roundtable, fundada por Ed McAteer, também em 1979, recrutou seus fiéis entre evangélicos conservadores, sendo seus diretores líderes seculares e religiosos conservadores. A Christian Voice, a Religious Roundtable e a Moral Majority através de seus lobistas no Congresso combateram o estabelecimento de impostos para as escolas religiosas acusadas de racismo. As estratégias dessas organizações incluíam campanhas pelos correios e lobby no Congresso. A cruzada política e moral dos religiosos conservadores ganhou o país, principalmente, através de programas religiosos de televisão e de emissoras como a Christian Broadcasting Network.

Sob influência da moral religiosa e das teorias econômicas neoconservadoras, intelectuais neoconservadores dos diversos campos acadêmicos apontaram as transformações sócio-culturais e os programas sociais estabelecidos durante o século XX, sobretudo nos anos 1960, como os principais causadores dos problemas morais e de uma, suposta, degeneração social que assolaram os Estados Unidos. Na lógica neoconservadora, as políticas sociais liberais atribuíam ao Estado papéis que deveriam ser assumidos pelos familiares, pela igreja e pela comunidade. O Estado destinava recursos para os programas sociais, ao invés de incentivar a livre iniciativa e o emprego; e eram condescendentes com a criminalidade, uma vez que abandonavam a sua verdadeira função, a manutenção da ordem pública, em nome de outras atividades utópicas. Como consequência, as famílias se desestruturavam, os jovens perdiam as

⁶⁸ BERLET, Chip & LYONS, Matthew N. Right wing populism in America: too close for comfort. Nova Iorque: The Guilford Press, 2000. p229-239.

esperanças e passavam a valorizar a leniência e o consumo de drogas e a sociedade se fragilizava diante da criminalidade. Os neoconservadores fizeram um trabalho velado de criminalização do Estado de Bem Estar Social e dos pobres que estavam inseridos nos programas sociais. As pessoas, principalmente mulheres e negros, que participavam dos programas sociais, inclusive daqueles abertos a todos os estadunidenses como a educação pública, foram classificados como desajustados socialmente, dependentes, vagabundos, drogados, criminosos e destruidores de lares. Em suma, a degeneração social e moral era, supostamente, decorrente das políticas de direitos civis, da seguridade, dos programas sociais e dos pobres que deles participavam.

Ainda no final dos anos 1970, o sociólogo Nathan Glazer, ex-liberal e co-editor do *The Public Interest*, criticava as políticas sociais dos anos 1960 e 1970. Para Glazer as políticas liberais não funcionaram, sobretudo porque o governo adotou uma abordagem equivocada com a ampliação do Estado de Bem Estar Social. O resultado desta abordagem, segundo o sociólogo neoconservador, ficou claro com o aumento da criminalidade, do aborto, do uso de drogas e da destruição do antigo sistema de bem estar social⁶⁹. Em 1981, George Gilder escreveu um dos ataques mais marcantes, em termos econômicos, sociológicos e morais, aos programas sociais e aos direitos civis estabelecidos no século XX, no livro *Wealth and Poverty*⁷⁰. Gilder era um autodidata em economia, entusiasta do futurismo tecnológico, tataraneto do fundador da Tiffany & Co, afilhado de David Rockefeller e um dos escritores dos discursos de Richard Nixon. Influenciado por “*Capitalism and Freedom*”, de Milton Friedman, Gilder, em *Wealth and Poverty*, atrelou temas sociológicos às prescrições da Supply Side Economics⁷¹. Para Gilder, o capitalismo pautado por esta teoria econômica era superior ao capitalismo reformista liberal e ao socialismo não só em termos práticos, mas, sobretudo em termos morais. Gilder enfatizou que o capitalismo acentuava a liberdade e tornava as pessoas ricas. Por outro lado, as formas do que chamava de coletivismo, ou seja, o capitalismo reformista liberal e o socialismo, tornavam as pessoas mais pobres.

Partindo de uma investigação, supostamente, antropológica, Gilder apontou que nas sociedades primitivas a acumulação individual livre não era uma atividade egoísta. Ao contrário, era baseada em uma “relação de dádiva” que a inspirava e impulsionava a divisão com os companheiros de tribo. A dádiva era estimulada não por uma relação

⁶⁹ BERMAN, op. cit. p. 95

⁷⁰ GILDER, George F. **Wealth and Poverty**. New York: ICS Press, 1993.

⁷¹ FRIEDMAN, Milton. **Capitalism and Freedom**. Chicago: University of Chicago Press, 1982.

contratual, mas pela esperança do retorno da própria dádiva. Dessa forma, Gilder ancorou o capitalismo a uma moral religiosa baseada na dádiva e na natureza livre dos homens. Neste sentido, o autor deu ao ato de fé uma importância crucial para o desenvolvimento do capitalismo. Segundo ele, a fé no homem, a fé no futuro, a fé na recompensa pela dádiva, a fé nos negócios e finalmente a fé nos desígnios de Deus eram essenciais para o funcionamento do capitalismo. Era esta fé que sustentava o espírito do trabalho e o empreendimento, inspirava a confiança e a cooperação, encorajava o caminho para o futuro e promovia o risco e a iniciativa individual que movimentam o mundo rumo ao progresso. Para Gilder, o perigo do socialismo e do capitalismo reformista era imenso, uma vez que impulsionavam a preguiça, a baixa performance e solapavam a fé no futuro. Consequentemente, o capitalismo reformista e o socialismo minavam a fé na recompensa, nos negócios, nos homens e em Deus. A falta de fé no futuro e nas recompensas reduzia a produtividade econômica e corroía a moral dos homens, que abdicavam da sua natureza.

Para o autodidata em economia, os programas sociais do capitalismo liberal reformista nos Estados Unidos representavam um perigo claro. Na visão do herdeiro do grupo Tiffany, os pobres não eram pobres porque os ricos eram ricos, mas porque a pobreza não poderia ser curada com a redistribuição que o governo promovia. Os programas sociais diminuía a propensão ao trabalho e cortavam o link entre o esforço e a recompensa. Os programas sociais desestimulavam a fé no trabalho duro, nos negócios, no futuro, nos homens, e em Deus. Segundo Gilder, o AFDC, o Medicaid, o Food Stamps, os programas de habitação, a defesa legal pública e outros serviços do Estado de Bem Estar Social eram maiores em termos de recursos recebidos do que os salários e desestimulavam o trabalho e aumentavam a pobreza. O resultado social disto para comunidade era o aumento do vício, da indolência, da degeneração e do crime.

Gilder aponta que os efeitos mais danosos dos programas sociais poderiam ser vistos sobre as famílias. Os programas sociais destruíam a importância do homem como provedor, portanto anulavam a importância do casal e da constituição familiar. Além disso, limitava a mobilidade social das famílias. Isto seria ainda mais real entre os negros, as minorias e as mulheres. Para o pensador formado em Harvard, as agências anti-discriminação, os programas voltados para inclusão dos negros e, talvez até mesmo, os direitos civis eram inimigos do progresso das minorias raciais. Na visão dele, as mulheres ganhavam menos do que os homens, pois estas tinham uma disposição a largar o trabalho nove vezes maior e trabalhavam proporcionalmente menos. De forma

similar, os negros recebiam menos do que os brancos devido à diferença de idade, local de trabalho e educação. Portanto, a discriminação social nos Estados Unidos em alguns sentidos seria um mito. As sociedades humanas, segundo o afilhado de David Rockefeller, só poderiam combater a pobreza com trabalho, ênfase nos laços familiares e fé.

Após os anos 1960, segundo os estudos de Gilder, a pobreza e a degeneração da sociedade estadunidense estavam piores do que durante o período escravocrata. Somente o capitalismo pautado por uma teoria econômica como a Supply Side poderia recuperar o verdadeiro capitalismo que marcou a sociedade estadunidense e combater a pobreza, uma vez que provia incentivos ao trabalho, ao desenvolvimento criativo, à livre iniciativa e restabelecia a fé no futuro, nos negócios, na família, no homem e em Deus. Neste ambiente, as pequenas empresas poderiam competir e crescer sem a interferência das regulações do governo, sobretudo no ramo de tecnologia. Essas novas empresas restaurariam o capitalismo nos Estados Unidos.

Em 1984, outro autor, Charles Murray, inspirado nos trabalhos de Gilder, lançou *Losing Ground: American Social Policy 1950-1980*⁷². Murray é um cientista político quaker que era ligado ao Manhattan Institute For Policy Research e depois se juntou ao American Enterprise Institute. Em “*Losing Ground*”, Murray argumenta que os programas sociais, sobretudo aqueles estabelecidos nos anos 1960, ampliaram a pobreza, especialmente entre os negros, ao invés de combatê-la. Além disso, segundo Murray, os programas sociais detonaram um processo de desestruturação da sociedade estadunidense. O cientista político tentou provar sua tese através de pesquisas que mostravam o aumento da pobreza no período entre 1950-1980 e o concomitante crescimento da criminalidade, do número de mães solteiras e da ineficiência na educação, entre outros fenômenos sociais e morais.

Para Murray, nos anos 1960, o governo teria mudado “as regras do jogo”, expandindo os programas sociais. Segundo Murray, a pobreza era recompensada na medida em que ser pobre era a qualificação necessária para receber benefícios do governo. Então, os programas sociais reduziam o incentivo ao trabalho entre os homens jovens, especialmente entre os jovens negros que poderiam gozar de uma infinidade de benefícios sem trabalhar. Nesta perspectiva, os jovens, sobretudo negros, passavam a depender mais dos programas sociais; saíam definitivamente do mercado de trabalho ou

⁷² MURRAY, Charles. **Losing Ground: American Social Policy 1950-1980**. New York: Basic Books, 1984.

pegavam qualquer emprego que possibilitasse o complemento da renda com os benefícios dos programas sociais; desvalorizavam a educação, o trabalho e a mobilidade social; partiam para criminalidade para conseguir consumir drogas que eram estimuladas pela indolência e pela falta de perspectiva futura; e destruíam a estrutura familiar, pois não se preocupavam com o futuro dos filhos, assegurado pelos programas sociais. Assim, as famílias pobres e negras, visando maior renda, teriam preferido receber os benefícios dos programas sociais do que trabalhar. Segundo o cientista social, ser pobre era, portanto, uma escolha racional e patológica que ia de acordo com as novas regras do jogo.

A solução para Murray era acabar com os programas sociais, como Medicaid, AFDC, Food Stamps, entre outros. A educação deveria funcionar como um sistema completamente livre da interferência do governo, que apenas proveria um sistema de vouchers para determinadas famílias. As leis que estabeleceram os direitos civis e as ações afirmativas deveriam ser revertidas, assim como qualquer decisão judicial que promovesse o “tratamento diferenciado de acordo com a raça”. As leis e decisões judiciais deveriam voltar ao caminho que deixaram em 1965. O governo deveria conceder ajuda apenas através da seguridade e promover incentivo aos programas privados de caridade, treinamento para o trabalho e filantropia. Esses seriam mais eficientes, mais generosos, mais humanos e distribuídos de forma mais inteligente, portanto teriam um resultado melhor do que os programas sociais federais. Dessa forma, os pobres e os negros passariam a procurar trabalho, encontrariam e assegurariam seus empregos. Consequentemente, esses pobres valorizariam o trabalho e a educação, sairiam da criminalidade e formariam e manteriam a estrutura familiar. Para o cientista político quaker, as oportunidades estavam abertas para os negros que teriam todas as condições para ascenderem socialmente, assim como aconteceu com os imigrantes no início do século.

Tanto Gilder quanto Murray colocam os programas sociais e o Estado de Bem Estar Social construído no século XX, mas, principalmente na segunda metade dos anos 1960, como responsável pela crise social, moral, política e econômica dos Estados Unidos. Gilder e Murray selecionaram pesquisas e dados duvidosos como base para suas teses, mas negligenciaram completamente outras fontes mais confiáveis que mostram uma outra realidade. A relação da Guerra do Vietnã com a crise econômica e social do país foi completamente relegada. Ambos atrelam diretamente os programas sociais e as leis de direitos civis à degeneração moral, à criminalidade e à

desestruturação das famílias estadunidenses. Nenhum dos dois levou em consideração o efeito positivo da ampliação do acesso de saúde e da educação, da melhora dos índices de mortalidade infantil e expectativa de vida, do aumento dos postos de trabalho ocupado por negros e mulheres, e das outras conquistas dos negros e trabalhadores nos anos 1960.

A criminalização do Estado de Bem Estar Social e dos homens e mulheres que participam dos programas sociais ficou ainda mais patente no trabalho de Ken Auletta, *“The Underclass”*, de 1982⁷³. Na mesma linha de Gilder, o jornalista Ken Auletta, outro entusiasta das indústrias tecnológicas, anunciou em *“The Underclass”* que os Estados Unidos tinham uma nova subclasse de pobres. Esta era fruto das políticas de bem estar social, sobretudo dos anos 1960. Auletta dividiu a “subclasse” de estadunidenses em: 1- Pobres passivos que ficavam durante muito tempo recebendo ajuda dos programas de bem estar social, pois preferiam isto a trabalhar; 2- Pobres hostis, jovens criminosos que desistiam da escola, consumiam drogas e traficavam; 3- Pobres desonestos, prostitutas e golpistas que ganhavam a vida no submundo da economia; 4- Pobres traumatizados, bêbados, preguiçosos, desabrigados, pedintes e deficientes mentais abandonados, que perambulavam e morriam nas ruas das cidades⁷⁴. Para Auletta toda essa “subclasse”, portanto não trabalhadores, oneravam a nação através dos programas de bem estar social e seguridade, que os verdadeiros trabalhadores pagavam. No trabalho de Auletta, o título de “subclasse” marcava a condição de inferioridade dos pobres e as subdivisões reforçavam os estereótipos sobre aqueles que precisavam dos programas sociais. Auletta ligou a pobreza à dependência, à indolência, à criminalidade, à desestruturação familiar e à destruição da sociedade. Contudo, Auletta acreditava que alguns programas sociais eram necessários para ajudar a subclasse a superar sua condição.

2.4 – A trajetória e a vitória política do projeto neoconservador Republicano

Promissores políticos neoconservadores foram financiados, treinados e ligados aos BPOs e à direita religiosa. O mais popular dentre esses líderes, Ronald Reagan, buscou a nomeação do partido Republicano em 1975. Reagan, entretanto, ainda atraía a desconfiança de parte dos líderes neoconservadores do partido Republicano como Jesse Helms, sobretudo porque como governador da Califórnia, embora tenha se

⁷³ AULETTA, Ken. *The underclass*. New York: Randon House, 1982.

⁷⁴ *Ibid.* p.68-69

comprometido com uma política claramente neoconservadora, aumentou os déficits estaduais. Alguns neoconservadores, entretanto, acreditaram na candidatura de Reagan e quando viram que o Partido Republicano dificilmente o nomearia em 1976, chegaram a cogitar o lançamento da sua candidatura por um terceiro partido, tendo George Wallace como candidato a vice-presidente. Reagan não conseguiu a candidatura.

Nas eleições daquele ano, o candidato Republicano foi mesmo Ford, que teve a companhia de Bob Dole como candidato a vice-presidência contra Jimmy Carter e Walter Mondale, do Partido Democrata. A dupla Republicana dialogava facilmente com as alas moderada, conservadora e neoconservadora do Partido Republicano. Contudo, não eram os candidatos preferenciais dos neoconservadores. O escândalo de Watergate, a crise econômica e a falta de um quadro político capaz de atrair votos e centralizar o partido enfraqueceram os Republicanos. O Partido Democrata também estava fragmentado. Os trabalhadores, fiéis ao partido Democrata desde 1930, ficaram polarizados com o aprofundamento da crise. De um lado trabalhadores pobres e brancos, sobretudo do setor de serviços, estavam mais preocupados com as questões econômicas e desconfiados dos negros. De outro lado, trabalhadores da classe média, que ocupavam os cargos de gerência ou eram profissionais liberais, estavam mais interessados em novas questões, como ambientalismo e direitos do consumidor.

Mesmo com tantas divergências, os Democratas conseguiram unificar provisoriamente o partido e venceram as eleições minoritárias de 1974 e as eleições presidenciais de 1976, em grande medida ajudados pelo desgaste Republicano depois de Watergate. Naquele ano, Carter disputou a nomeação do partido contra Wallace; Morris Udall, sucessor de McGovern; Henry Jackson, sucessor de Humphrey; e Jerry Brown, representante da crescente ala neoconservadora do partido. Carter trabalhou para conciliar o partido e conseguiu o apoio da maioria liberal. Suas origens sulistas cristãs e sua posição anti-aborto atraíram eleitores no sul e cristãos por todo o país. Ele só não conseguiu atrair a nascente ala neoconservadora liderada por Brown, mas esta ainda era muito fraca. O representante sulista dos Democratas venceu a eleição presidencial porque conciliou as demandas dos trabalhadores organizados, da classe média e dos setores tradicionais do capital, prometendo preservar o sistema de Bem Estar, atender os interesses dos consumidores e aumentar os lucros do capital.

A eleição de Carter, só reorganizou o Partido Democrata temporariamente. A intensificação da crise com constantes quedas na produtividade e aumento da inflação e do desemprego levou Carter para a direita. Medidas econômicas neoconservadoras,

como a redução dos gastos públicos e a desregulamentação da economia, foram intensamente debatidas no Congresso em 1978. Na ocasião, o governo Carter lançou um plano que misturava o Keynesianismo com as políticas fiscais e monetárias conservadoras. Tal plano visava impulsionar o aumento da lucratividade através da austeridade monetária e de um novo programa de taxaço, que dava incentivos fiscais para quem aumentasse a contratação de trabalhadores e a reduzisse preços. As organizações políticas do empresariado, entretanto, fizeram lobby no Congresso a fim de derrotar o plano da Casa Branca. No fim, o Congresso aprovou o Revenue Act of 1978 (Lei de Receitas de 1978) que reduziu os impostos sobre os lucros de indivíduos e empresas. No ano seguinte, a Business Roundtable e outros BPOs sediados em Washington fundaram o Carlton Group para coordenar o lobby empresarial no Congresso. De acordo com Hoeveler, depois de 1978, o próprio Jimmy Carter passou a pedir aos estadunidenses que diminuíssem suas expectativas e pensassem pequeno. Carter passou a utilizar a linguagem da autodisciplina e da moderação⁷⁵. Carter pareceu aceitar o argumento neoconservador de que os déficits e a inflação eram resultantes da interferência do governo na economia. Diante de uma inflação de dois dígitos e da pressão da Comissão de Inflação da AEI, Carter decidiu que o problema deveria se tornar prioridade. Homens como Walter Wriston e David Rockefeller, este último, presidente do Chase Manhattan Bank e diretor da Business Roundtable, tornaram-se conselheiros do presidente. Logo Carter anunciou que cortaria os gastos do governo e nomeou Paul Volcker, economista monetarista para presidência do Federal Reserve Board, a fim de promover a queda da inflação, trazer de volta as condições favoráveis ao investimento privado e consequentemente fortalecer o dólar. O novo presidente do Federal Reserve Board elevou a taxa de juros e reduziu a oferta de dinheiro. A estratégia do governo Carter promoveu mais estagnação.

Na segunda metade da década de 1970, o neoconservadorismo se firmava como a ortodoxia do campo conservador nos Estados Unidos. A crescente popularidade da ideologia neoconservadora diante dos problemas econômicos fortaleceu a direita do Partido Democrata. Nas eleições minoritárias de 1978 muitos Democratas liberais comprometidos com as políticas de Bem Estar Social foram derrotados por candidatos neoconservadores. Neste mesmo ano, segundo pesquisa Gallup, 81% da população era favorável à emenda que impunha ao governo o balanço do orçamento (Balance Budget

⁷⁵ HOEVELER. Op. cit. p. 309⁷⁶ BERMAN. Op. cit. p.47

Amendment)⁷⁶. Em 1979, Carter propôs ao Congresso aumentar os gastos militares e eliminar alguns benefícios da seguridade social. O apelo do presidente obteve o apoio de importantes congressistas do Partido Democrata, já não mais comprometidos com uma política social liberal. Uma parte dos Democratas tentou aplacar as demandas dos trabalhadores bem pagos e do mercado financeiro optando por conter a inflação mais do que o desemprego. Em contrapartida, comprometeram o tradicional apoio dos negros e dos trabalhadores pobres que ainda acreditavam no papel do Estado como vetor de criação de empregos e segurança social⁷⁷. O partido Democrata, antes visto como o partido da prosperidade, passou a ser visto como o partido da ineficiência. Por outro lado, o Partido Republicano foi se tornando gradativamente representante da suposta eficiência neoconservadora. Diante das condições econômicas, muitos eleitores, sobretudo da classe média, apostaram no projeto nacional neoconservador e optaram por candidatos Republicanos.

Os projetos de nação dos neoconservadores impactaram o público em geral em dois sentidos. Primeiro, tornaram a redução do governo e o corte dos gastos mais aceitável. Segundo, mostraram que a solução para a crise poderia ser feita com pouco dor. Em conjunto com o apelo econômico, uma leitura moral das questões sociais foi alavancada para legitimar o projeto nacional neoconservador perante o seu público alvo: trabalhadores pouco especializados, brancos sulistas, católicos e evangélicos. A redução dos programas sociais, além de ser apresentada como solução econômica contra o desemprego para os trabalhadores pouco especializados, foi legitimada a partir de valores morais enraizados nos habitus dos brancos sulistas e de parte dos evangélicos e católicos. Os intelectuais da nova direita acentuaram a importância das virtudes da família, da liberdade, da autonomia, da igualdade e do trabalho em contraposição aos programas do Estado de Bem Estar Social. O discurso neoconservador foi construído sobre os habitus enraizados em determinados setores da sociedade estadunidense. Por exemplo, os intelectuais neoconservadores, através de um racismo velado, apelaram para as virtudes da autonomia, da liberdade e da igualdade, alegando que os programas do governo para os negros feriam esses valores centrais da natureza americana. Os intelectuais neoconservadores apontavam ainda, que os trabalhadores brancos sofriam com a inflação e o desemprego, enquanto os negros nutriam o vício, o parasitismo e a

⁷⁶ BERMAN. Op. cit. p.47

⁷⁷ Ibid, p.56

preguiça nos programas sociais. Contudo, esqueciam que os programas sociais eram também direcionados às classes médias⁷⁸.

Nas eleições de 1980, a nova direita havia se tornado uma força política na sociedade americana e a ala neoconservadora do partido Republicano sua maior representante. Himmelstein argumenta que o aumento da preferência eleitoral pelo Partido Republicano foi resultado de um realinhamento seletivo no sul, do voto econômico e de um declínio das lealdades partidárias⁷⁹. O realinhamento partidário foi mais intenso no sul e no meio oeste. Nessas regiões, os neoconservadores Republicanos apelaram para um discurso que correspondeu aos anseios econômicos dos trabalhadores brancos das indústrias do Sunbelt e às disposições racistas, militaristas e federalistas historicamente adquiridas e reafirmadas no sul. A oposição aos direitos civis, a popularidade do neoconservadorismo e o crescimento das indústrias do Sunbelt reavivaram um antiestatismo e alimentaram o crescimento de políticos da nova direita Republicana. Os Republicanos neoconservadores se beneficiaram imensamente do ressentimento dos trabalhadores brancos racistas ante as elites do norte, os intelectuais e as minorias raciais, envolvidos com os direitos civis e os programas federais da Grande Sociedade.

O fundamentalismo religioso cumpriu um papel determinante no realinhamento sulista. As questões sociais e morais ampliaram os interesses políticos dos fundamentalistas, estimularam movimentos políticos conservadores e impulsionaram um realinhamento evangélico. Muitos batistas no sul votaram em Jimmy Carter, cristão renascido, que também se colocou contra o aborto nas eleições de 1976. Contudo, o governo Carter se recusou a proibir o aborto constitucionalmente, a instituir as orações nas escolas públicas e partilhou da perspectiva de que dar isenções fiscais aos pais dos alunos das escolas religiosas era inconstitucional. Assim, Carter desapontou os religiosos, sobretudo Falwell. A nova direita religiosa concentrou seus ataques sobre as políticas do governo federal e sobre a Suprema Corte. Por sua vez, nas eleições de 1978 e 1980, a nova direita religiosa usou as igrejas para registrar os votantes, ofereceu apoio aos candidatos neoconservadores e fez forte oposição aos liberais. O surgimento da nova direita religiosa e o impacto das questões sociais foram sem dúvida fundamentais para a consolidação da força política neoconservadora e do projeto nacional neoconservador na década de 1980.

⁷⁸ Ibid. p.22.

⁷⁹ HIMMELSTEIN, Op. cit. p.166

Contudo, esses fatores foram inicialmente limitados. De acordo com Himmelstein, a audiência dos programas religiosos na TV era bem menor do que as organizações religiosas reivindicavam. Os evangélicos não eram mais conservadores do que a maioria dos americanos de direita não evangélicos. Os evangélicos conservadores tendiam a ser a favor do corte nos impostos, do aumento dos gastos militares, da redução dos gastos dos programas de bem estar e eram contra o aborto e contra o ERA. Mas Himmelstein lembra ainda que, em 1980, Carter perdeu tanto os votos dos protestantes quanto dos não protestantes e Reagan ganhou igualmente os votos dos protestantes e dos não religiosos⁸⁰.

No final da década de 1970, o neoconservadorismo, que o Partido Republicano representava eleitoralmente, se beneficiou tanto do realinhamento limitado no sul quanto de um desalinhamento político profundo na sociedade americana. O número de americanos que se identificou com um ou outro partido declinou de 38% em 1964 para 23% em 1978 e o número dos que se diziam independentes aumentou de 20% para 38% na segunda metade da década de 1970. A identificação partidária se enfraqueceu e prevaleceram os votos divididos entre os partidos e as reeleições. Devido à tamanha volatibilidade eleitoral, nenhum dos dois partidos foi capaz de construir uma maioria consistente na década de 1980. Contudo, como analisa Himmelstein, de forma geral, o desalinhamento favoreceu os Republicanos por diversas razões. Primeiro, como partido que estava na oposição no final da década de 1970, os Republicanos tinham menos a perder e mais a ganhar com o enfraquecimento do governo; segundo, o Partido Republicano estava mais homogêneo e organizado ideologicamente, portanto mais aberto a concordar sobre candidaturas e a fazer apelo aos votantes independentes; terceiro, o Partido Republicano tinha mais organização e recursos financeiros para competir no mundo político⁸¹. O empresariado neoconservador, que esta altura dominava o GOP, organizou o Partido Republicano, racionalizando e centralizando o partido.

O Partido Republicano conseguiu recrutar e apoiar bons quadros e injetar financiamento em campanhas apertadas no momento certo. Nos anos 1970, o grande empresariado passou a financiar seus candidatos de modo diferente. As leis de financiamento de campanha nos Estados Unidos surgiram para limitar a contribuição individual e obrigar a publicização dos valores das contribuições. Entretanto, essa

⁸⁰Ibid, p.120-122

⁸¹Ibid, p. 172.

legislação acabou encorajando a racionalização e organização das campanhas através dos comitês de ação política (Political Action Committee – PACs). Os PACs dos empresários neoconservadores financiaram massivamente os Republicanos. Com recursos abundantes, os Republicanos conseguiram suprir cada vez melhor seus candidatos com financiamento, conselheiros, pesquisas e venceram as disputas mais acirradas. O Partido Republicano foi mais capaz de colocar à sua disposição novas tecnologias, incluindo o crescente número de computadores, utilizados para analisar as pesquisas; coletar e distribuir informações sobre oponentes; financiar e coordenar aspectos de campanha; e conquistar mais votos. Certamente, a centralização do partido é importante em qualquer circunstância, mas é ainda mais importante quando a lealdade partidária está enfraquecida, pois nessas condições a escolha do voto é feita com base nos valores individuais do candidato. A capacidade de recrutar candidatos capazes de vencer os embates eleitorais e financiá-los adequadamente, portanto, tornou-se crucial. Assim, o desalinhamento favoreceu os Republicanos neoconservadores.

O “voto econômico”, ou seja, aquele que é motivado pela percepção individual da economia foi resultado das distintas percepções da crise econômica. Michael Harrington, socialista e ativista político, observou que o desemprego e a pobreza sempre atingiu jovens, negros, hispânicos e minorias. Entretanto, Harrington observou também que depois da década de 1970, quando as indústrias do norte deixaram as cidades que ocuparam por um século e foram se instalar em outros países e no Sunbelt, a classe operária branca do norte se defrontou com o desemprego. Segundo Harrington “trabalhadores desempregados passaram a ser encontrados no setor de automóvel e siderurgia, que em tempos passados sofreram, na pior dos casos, apenas temporariamente com o desemprego, o que não os levou a pobreza”⁸². Em 1979, as indústrias automobilísticas anunciaram o fechamento de 20 fábricas que empregavam 50.000 trabalhadores. Como efeito colateral, quase uma centena de fábricas de suprimentos para indústria automobilística fecharam e 80.000 trabalhadores ficaram sem emprego⁸³. Algumas cidades que dependiam dessas indústrias aos poucos se tornaram “cidades fantasmas”. A economia estadunidense se voltou para as indústrias de alta-tecnologia e armamentos localizadas no Sunbelt e para o setor de serviços. Trabalhadores antes bem pagos se depararam com um futuro de incertezas. Muitos

⁸² “dislocated workers is to be found in industries such as auto and steel, which in past times suffered, at the worst, temporary layoffs that did not threaten the unemployed with poverty”. HARRINGTON, Michael. **The new poverty**. New York: Rinehart and Winston, 1984. p48-49.

⁸³ KATZ. Op. cit. p.285

trabalhadores permaneciam durante muito tempo desempregados e atrelados à seguridade e ao welfare. Os trabalhadores que conseguiam voltar a trabalhar prontamente aceitavam salários mais baixos no setor de serviços. Junto com o desemprego, a pobreza aumentava, sobretudo entre as mulheres. Os neoconservadores se mobilizaram para atender e elaborar as necessidades de uma população em tempos de crise. Através dos BPOs, os neoconservadores construíram um projeto político nacional que prometia de forma convincente - baseado no capital simbólico de intelectuais e em teoria ditas científicas, sobretudo o monetarismo e a supply-side - atender os anseios populares pelo retorno à prosperidade, ao pleno emprego e a melhores condições de vida. Quando a crise se aprofundou, boa parte dos trabalhadores e, sobretudo a classe média abandonou a agenda de interesses políticas públicas que antes apoiaram. Quando isto aconteceu, um segmento dos trabalhadores passou a aceitar a retórica empresarial neoconservadora e republicana de que a interferência do governo era nociva ao crescimento e ao emprego. Diante da crise, um segmento dos trabalhadores pobres passou a crer que a economia estava sofrendo com o excesso de intervenções do Estado e temiam perder seus empregos.

Essa visão tinha espaço garantido no Wall Streer Journal e no The Public Interest de Kristol, e em outros meios de comunicação. Perto das eleições presidenciais de 1980 a imprensa neoconservadora pedia o fim das políticas da Grande Sociedade e propunha, sobretudo, a redução da regulamentação estatal, os cortes nos gastos públicos e a diminuição de impostos, para encorajar o investimento, a produção, o consumo e o emprego. Empresas e BPOs intensificaram o lobby no Congresso. O senador Jack Kemp e os novos adeptos do neoconservadorismo acusaram publicamente os Democratas de promoverem a estagnação e a inflação que causavam tanto desemprego, pobreza e o declínio da nação. Os eleitores estavam convencidos de que a nação e suas vidas estavam em risco e pressionaram ainda mais seus representantes. O próprio Carter passou a buscar elementos da política econômica neoconservadora nas vésperas das eleições de 1980. Em suma, ao final da década de 1970, grande parte da população, sobretudo a classe média, passou a acreditar que o governo era o problema.

Nas eleições de 1980 o momento era de Reagan e dos neoconservadores. A direita neoconservadora tornou-se a força ideológica mais importante no Partido Republicano e o Sunbelt era sua principal base de apoio. A Convenção Republicana, que decidiu o representante do partido na disputa presidencial consagrou a candidatura de Reagan. Até os anos 1960, Reagan era ator, presidente do Sindicato dos Atores de

Cinema e Televisão (Screen Actors Guild), porta voz da General Eletrics e membro do Partido Democrata. Em 1962, Reagan deixou o Partido Democrata e se filiou ao Partido Republicano por não concordar com as políticas dos Democratas que, diante da crescente influência dos trabalhadores e dos negros dentro do partido, se viram constrangidos a ampliar os direitos sociais e estabelecer os direitos civis dos afro-americanos, sobretudo no sul do país. Em 1964, no discurso de apoio à candidatura presidencial do senador Republicano Barry Goldwater, Reagan explicou a sua mudança de partido parafraseando o Democrata Al Smith, que fez forte oposição ao New Deal. Segundo Reagan, a liderança do Partido Democrata “estava levando o partido de Jefferson, Jackson e Cleveland às ruas sob a bandeira de Marx, Lênin e Stalin”⁸⁴.

A partir do retumbante discurso de apoio a Goldwater, Reagan ganhou popularidade entre os Republicanos. Dois anos depois candidatou-se a governador do estado da Califórnia e foi eleito. Como governador da Califórnia, Reagan estreitou ainda mais sua relação com a nascente elite neoconservadora do Sunbelt e dos intelectuais que esta financiava. Reagan tentou ser o candidato à presidência dos Estados Unidos pelo Partido Republicano em 1968 e em 1976. Entretanto, Reagan conseguiu ser o representante Republicano no pleito presidencial em 1980, defendendo um projeto nacional enraizado nas teorias políticas, econômicas e morais gestadas nos BPOs neoconservadores.

O projeto Republicano contou com o apoio daqueles que se opunham ao aborto e ao ERA e queriam reinserir as orações nas escolas, mas era sustentado principalmente por grupos econômicos que, supostamente, desejavam reduzir a inflação, aumentar a produtividade e assegurar a segurança do país, recuperando sua a posição de liderança econômica e política no cenário internacional. Em suma, em 1980, o Partido Republicano transformou a agenda neoconservadora construída nas décadas anteriores em um projeto para a nação.

Nos anos em que ocupou o cargo de governador da Califórnia (1967-1975), Reagan já contava com o auxílio e patrocínio de políticos e intelectuais conservadores e neoconservadores, comprometidos com o estabelecimento de políticas voltadas para redução de impostos, desregulamentação econômica e cortes de gastos públicos. De forma contraditória, nos primeiros anos em Sacramento, Reagan buscou combater o crescente déficit orçamentário através do aumento de impostos, embora a economia

⁸⁴ Address on behalf of Senator Barry Goldwater, Rendezvous with Destiny, October 27, 1964

estadual ainda fosse superavitária. Entretanto, a revolta tributária que eclodiu no final dos anos 1970 teve particular impacto no estado da Califórnia e Reagan teve mais um motivo, além do ideal neoconservador, para promover uma inversão política fiscal, em direção à redução de impostos. Reagan apoiou a “Proposição 13”, que limitava a taxação sobre a propriedade no estado da Califórnia. A “proposição 13”, no entanto, só foi estabelecida através do voto popular em 1978.

No que se refere aos gastos estaduais, Reagan lembrava frequentemente da tradição de Thomas Jefferson e Calvin Coolidge para ressaltar que o governo não era a solução, mas um problema⁸⁵. Reagan sublinhava que a intervenção governamental destruía as oportunidades e a realização pessoal, na medida em que o estado regulava o mercado e competia em condições desiguais em alguns setores da economia. Assim sendo, a atuação e a intervenção do governo na economia destruíam a auto-suficiência, a independência e o “*self made*” característicos dos Estados Unidos, sobretudo do Sul. Entretanto, na Califórnia, Reagan teve que dialogar com a legislatura estadual, de maioria Democrata, que controlou os programas econômicos estaduais e obrigou o governador a aceitar diversos acordos, como a ampliação dos programas de Bem Estar Social. No fim, o déficit do estado cresceu significativamente. Mesmo assim, Reagan passou a enfatizar que, supostamente, havia reduzido a atuação econômica do governo estadual e os impostos estaduais sem causar danos à qualidade de vida da população. Medidas que, segundo ele, solucionaram parte das mazelas dos cidadãos.

Para boa parte dos eleitores de 1980, Reagan ofereceu um projeto convincente, que prometia combater a inflação, a baixa produtividade, balancear o orçamento e reduzir os déficits. Prometia também combater o desemprego, a pobreza, os pesados tributos, a decadência internacional da nação, as ameaças externas e os “vagabundos” que se apoiavam nos programas de seguridade e Bem Estar Social. Como aponta Berman, no decorrer da campanha, Reagan buscou deslocar o ressentimento popular das empresas para as políticas governamentais e para os programas de Bem Estar Social⁸⁶. Concomitantemente, Reagan associou as questões econômicas e sociais às questões morais, enfatizando valores, presumidamente tradicionais, como família, trabalho duro, mobilidade social, iniciativa individual, em oposição a uma imaginada interferência do governo federal nas relações familiares, nas liberdades individuais e criativas. Na perspectiva neoconservadora alavancada por Reagan, o governo federal minava os

⁸⁵ BERMAN. Op. cit. p.88

⁸⁶ BERMAN. Op. cit. p. 78

valores tradicionais, visto que desfazia os laços de família e solidariedade, enquanto reforçava o papel do Estado como fonte de ajuda aos necessitados. Através dos programas sociais e da seguridade, o governo federal também limitava as liberdades individuais e criativas uma vez que incentivava a dependência, a preguiça e o parasitismo.

Por seu turno, Carter, selecionado pelo Partido Democrata para enfrentar Reagan, também se dizia comprometido com uma política econômica que visava balancear o orçamento reduzindo os gastos governamentais e os impostos. De fato, Carter tentou tomar tais iniciativas no final do seu mandato. Contudo, Carter não conseguiu apresentar uma solução para lidar com a crescente pobreza e o desemprego e ao mesmo tempo se afastava da política Democrata tradicional, comprometida com o Bem Estar Social e com a seguridade. Portanto, fortalecia a visão neoconservadora, que seu opositor personificava, de que todos os problemas da nação estavam nos altos impostos, nos gastos governamentais e na regulação da economia.

Em 1980, Reagan assinalou a necessidade da criação de uma nova ordem política que, supostamente, reconstruiria a economia e a moral estadunidense, promovendo crescimento econômico, lucratividade, mais dinheiro no bolso dos trabalhadores, emprego para a massa de desempregados e a verdadeira moral estadunidense. O projeto neoconservador que Reagan representava estava firmemente calcado nas elites empresariais do Sunbelt e nos setores financeiros da nação, mas alcançou trabalhadores, religiosos protestantes tradicionalistas no sul, católicos, pobres, desempregados e a classe média. Depois de eleito, as tensões, o dissenso e os projetos contra hegemônicos tornaram ainda mais imperativo a continuação da construção da hegemonia neoconservadora e uma forma de imaginar a nação e um nacionalismo que a referendasse.

No fim do embate eleitoral, Reagan venceu Carter com 50,7% dos votos populares e uma vitória acachapante nos colégios eleitorais, conquistando 489 delegados em 44 estados. Os Republicanos também conquistaram a maioria no Senado e conseguiram eleger 34 novos representantes para Câmara. Esse reforço, não permitiu alcançar a maioria, mas significou uma conquista, pois facilitaria as proposições políticas dos neoconservadores. O governo Reagan funcionou como caixa de ressonância do projeto político nacional neoconservador. A concepção de mundo do presidente Reagan estava claramente apoiada nas teorias econômicas, políticas e culturais dos intelectuais neoconservadores dos BPOs, que inclusive, faziam parte do

governo. A eleição de Reagan e o aumento do número de representantes do Partido Republicano no Congresso dão indícios de que a difusão e a fertilidade discursiva do projeto político nacional neoconservador, perceptível através dos discursos da presidência, alteraram fundamentalmente a forma como um contingente significativo dos estadunidenses entendiam a nação e o nacionalismo.

Logo após a vitória nas primárias republicanas, Reagan reuniu um comitê de conselheiros com economistas que defendiam as políticas monetárias e fiscais de austeridade e a Supply Side Economics. Durante as eleições presidenciais, o conselho econômico de Reagan foi formado por 12 membros liderados por William Simon, entusiasta da Supply Side Economics, diretor da AEI e da Heritage Foundation, e George Schultz, defensor das políticas de austeridade e diretor da Business Roundtable. O comitê contou ainda com o monetarista Alan Greenspan e os supply siders Jack Kemp e Arthur Laffer.

Em seu primeiro mandato, Reagan também nomeou diversos supply siders e monetaristas para cargos importantes, sobretudo na área econômica. Para o Conselho de Consultores Econômicos (Council of Economic Advisors – CEA) Reagan nomeou Murray Weidenbaum, economista do AEI; Jerry Jordan, economista do Cato Institute e do Shadow Open Market Committee; William Niskanen economista do AEI, do Cato Institute e ex-diretor da Ford; Martin Feldstein, economista do Hoover Institution e consultor do JP Morgan Chase; Thomas Gale Moore, economista do Hoover Institution e da Heritage Foundation; e William Poole VII, economista do AEI e do Shadow Open Market Committee. Reagan nomeou ainda David Stockman, economista do AEI, como diretor do Office of Management and Budget (Gabinete de Administração e Orçamento - OMB). Escolheu Donald Regan, diretor executivo do banco Merrill Lynch, como Secretário do Tesouro e nomeou como seus assistentes Norman Ture; Paul Craig Roberts, economista do Hoover Institute e colunista do Wall Street Journal; e Beryl Sprinkel, economista da US Chamber of Commerce (Câmara de Comércio dos Estados Unidos). A Diretoria Consultiva de Política Econômica (Economic Policy Advisory Board) de Reagan contou com a ajuda de supply siders como Arthur Laffer; Charls Walker, presidente do Conselho Americano para Formação de Capital (American Council for Capital Formation); e William Simon, ex-secretário do tesouro (1974-77) e membro do Hoover Institution e da Heritage Foundation. A Diretoria Consultiva de Política Econômica contava também com intelectuais monetaristas e fiscalistas, como Milton Friedman, George Schultz; Arthur Burns, economista do AEI; Herbet Stein,

economista do AEI e colunista do Wall Street Journal; e Paul McCracken, economista associado à AEI. Na área econômica o quadro mais influente do governo Reagan era David Stockman, principalmente devido à importância estratégica do OMB no desenvolvimento das políticas econômicas neoconservadoras.

A influência dos intelectuais ligados aos BPOs era igualmente importante na esfera política do governo. James Baker III, o Chefe do Gabinete da Casa Branca, não participava diretamente de nenhum BPO, entretanto freqüentava os mesmos círculos sociais que empresários e influentes neoconservadores, como o Alfalfa Club, um clube de ricos do qual também faziam parte Ronald Reagan, Donald Regan, e George Bush. O Subchefe do Gabinete da Casa Branca, Michael Deaver, era filho de um distribuidor de petróleo da Shell e havia trabalhado na IBM. O conselheiro sênior de Reagan era Edwin Meese, membro do Hoover Institution e da Heritage Foundation, que mais tarde se tornaria Procurador Geral de Justiça dos Estados Unidos. Esses três homens eram conhecidos como “The Troika” (O Triunvirato), tamanha era a importância política deles. John H. Kessel aponta que esses três nomes estavam no topo da estrutura comunicativa de comando da Casa Branca que, diferente do governo Carter, era centralizada e hierárquica. Segundo Kessel, o triunvirato e William Clark, Subsecretário de Estado e Assistente do Presidente para Assuntos de Segurança Interna, eram os principais membros do governo. Esses quadros tinham influência, respeitabilidade, expertise, posição para sancionar e o direito de supervisionar o trabalho dos subordinados. Acima de tudo, Clark, Deaver, Meese e, principalmente, Baker eram sabidamente tão próximos do presidente que a oposição de um deles a qualquer projeto era o bastante para que este fosse derrotado⁸⁷. O triunvirato junto com Craig Fuller, importante lobista político ligado à grande empresa de tabaco Philip Morris e Assistente da Presidência para Assuntos Internos, e Ken Duberstein, Assistente do Presidente para Assuntos Legislativos, ambos membros do Hudson Institute, um BPO ligado ao AEI, se reuniam para decidir as estratégias e lobbies para influenciar o legislativo e outras instâncias de poder. Baker conhecia todo o funcionamento e a movimentação política dos membros do governo federal. Todos os problemas nesta esfera passavam por Baker que estava encarregado de resolvê-los rapidamente. Meese era encarregado de abastecer o presidente com todas as informações políticas relevantes e análises do jogo político. Deaver era o confidente pessoal e conhecedor das necessidades de Reagan. Durante o

⁸⁷ KESSEL, John H. The structures of the Reagan white house. In: American journal of political science. Vol. 28, nº.2. Mai, 1984, p 237-254

afastamento de Reagan da presidência, em virtude de uma tentativa de assassinato nos primeiros meses de governo, o triunvirato se reuniu ainda no hospital para decidir as responsabilidades e as medidas de emergência que cada um deles assumiria. No decorrer de todo o primeiro mandato, o triunvirato se encontrou com o presidente todos os dias às 9 horas da manhã para discutir os assuntos políticos, econômicos e sociais em pauta. Não raramente as posições no triunvirato eram distintas, sobretudo entre Baker, responsável pela coordenação política e Meese, responsável pelas informações políticas, contudo os dois dificilmente iam até Reagan em discordância.

3 - O projeto neoconservador de recuperação econômica e a nação

3.1 – Reaganomics: o projeto e as medidas de recuperação econômica da nação

Para superar a crise, o governo apresentou um programa econômico que estabeleceu cinco medidas estratégicas: cortes nos gastos governamentais; transferência de programas sociais para a iniciativa privada, governos estaduais e governos locais que ficou conhecida como Neofederalismo; redução drástica de impostos, sobretudo para as empresas, seguido da ampliação da base de arrecadação; fim das regulações federais sobre a atividade econômica; e estabilização monetária através dos juros. Essas medidas, resultantes das prescrições dos supply siders e dos monetaristas, visavam, sobretudo, diminuir o déficit orçamentário, reduzir a inflação e recuperar a produtividade das empresas do país, para voltar a alcançar novamente a lucratividade conquistada antes da metade final da década de 1960.

Para os empresários, a redução de impostos era o caminho para recuperar a lucratividade. A diminuição dos impostos reduziria os custos da produção industrial, incentivaria o investimento, a modernização, a competitividade no mercado globalizado e possivelmente, aumentaria o consumo, interno e externo, de bens duráveis e bens de consumo. A redução dos impostos sobre a renda dos empresários e das indústrias deveria ser acompanhada da ampliação da base de arrecadação, ou seja, da taxaço sobre trabalhadores isentos, aposentados e autônomos. Assim sendo, a ampliação da base de arrecadação desestimularia a aposentadoria e o trabalho autônomo, aumentando a oferta de mão de obra e reduzindo ainda mais os custos da produção. Além disso, incentivos fiscais para modernização dos bens de capital estavam inclusos na reforma fiscal.

Os cortes nos gastos governamentais eram metas tão importantes quanto a redução dos impostos. Os programas sociais e a seguridade social deveriam ser reduzidos, extintos ou transferidos para a iniciativa privada ou para os governos estaduais e locais. Essas medidas, segundo a concepção neoconservadora, equilibrariam o orçamento; reduziriam a inflação; incentivariam a entrada da iniciativa privada em setores da economia que o Estado, tido como burocrático e ineficiente, dominava ou era um grande competidor; e estimulariam o trabalho, na medida em que dificultaria o

“parasitismo” daqueles que viviam às custas dos programas sociais e da seguridade. Ademais a redução dos gastos públicos indicaria ao mercado financeiro que o dólar havia recuperado seu valor, assim aumentaria a segurança do investimento nos títulos do Tesouro e nas empresas, sobretudo as de tecnologia no Sunbelt.

Entre os intelectuais que construíram o projeto neoconservador de nação representado por Reagan, a redução e a eliminação de programas sociais era um consenso, mas a extinção do programa de seguridade social era um tema controverso. Diferente dos programas sociais, o fim ou a redução drástica do programa de seguridade social teria significativo impacto em diversos setores da classe média. Entretanto, segundo a lógica neoconservadora, uma reforma significativa na seguridade social era inevitável.

O neofederalismo estava intrinsecamente ligado à redução dos gastos públicos. A organização dos programas sociais em blocos e sua transferência para os governos estaduais e locais era uma das estratégias de contenção dos gastos sociais do governo. O neofederalismo foi pensado inicialmente por Peter Drucker, economista austríaco radicado nos Estados Unidos, para limitar os programas sociais do governo federal. Segundo Ruth Helena Dweck, no final dos anos 1960, Drucker considerou que as agências governamentais que dirigiam os programas sociais agiam de forma autônoma e não tinham compromisso com a política nacional. Na visão de Drucker, o governo federal tinha um poder aparente e não controlava de fato as atividades governamentais⁸⁸. Drucker propôs que o governo federal deveria se restringir a atividades regulatórias, estabilizadoras e de realocação de renda, enquanto os governos estaduais, locais e organizações privadas deveriam executar e administrar os programas sociais.

Em 1978, Martin Anderson, importante quadro do Hoover Institution, partindo das idéias de Drucker, elaborou o programa de reformas chamado de “New Federalism” (Novo Federalismo), adotado por Ronald Reagan. O programa de Anderson propunha redesenhar as responsabilidades sociais dos governos locais, dos estados e do governo federal que assumiriam a responsabilidade sobre os programas sociais, uma vez que tinham maior entendimento do mercado de trabalho e das necessidades locais. A estratégia do governo Reagan para estabelecer o Novo Federalismo estava baseada na substituição do sistema único e centralizado de subvenções aos programas sociais por

⁸⁸ DWECK, Ruth Helena. O federalismo norte-americano: questão fiscal – “Reaganomics”. In: *Transit Circle*, Revista Brasileira de Estudos Americanos, vol. 2 Nova Série, Rio de Janeiro, 2003. p.12-13

um sistema de subvenções destinadas especificamente a determinados blocos que agrupavam diferentes programas e seriam administrados pelas autoridades estaduais e locais. Em suma, o governo federal alegava que o projeto visava reduzir o desperdício de recursos ao eliminar programas pequenos, supostamente ineficientes, conflitantes e superpostos e supostas fraudes através de um processo de modernização da administração pública. Além da economia de recursos, o programa teria também o efeito de resgatar o caráter federalista da República.

Na visão neoconservadora empresarial, as regulações do governo eram custosas, superestimadas e excessivas. Antes mesmo da vitória de Reagan, o conselheiro econômico Murray Weidenbaum já havia elaborado um relatório para o American Enterprise Institution (AEI) sugerindo que as regulações governamentais custavam aproximadamente US\$100 bilhões às empresas do país. Além disso, Weidenbaum e os neoconservadores acreditavam que as regulações limitavam a liberdade necessária para promoção dos investimentos. A administração Reagan seguiu essa orientação de libertar o mercado das regulações, supostamente, desnecessárias. As regulações sobre o transporte terrestre e aéreo foram eliminadas e inúmeras outras agências, incluindo a Occupational Safety and Health Administration (Agência de Segurança e Saúde no Trabalho - OSHA) e a Environmental Protection Agency (Agência de Proteção Ambiental - EPA), foram enfraquecidas através da redução de verbas e pessoal. Mas para Reagan era pouco. As desregulamentações deveriam acompanhar a redução dos gastos públicos e a diminuição da carga tributária a fim de reduzir os custos das operações e tornar as empresas estadunidenses mais competitivas dentro e fora do país.

Em nome da recuperação dos lucros e da competitividade empresarial, a administração Reagan rompeu com as regulações que normatizavam as relações entre o governo, o trabalho organizado e as empresas, como o direito de greve. Isto só foi possível devido à crise do liberalismo e a crise econômica, ambas no final dos anos 1970, que afastaram boa parte dos trabalhadores das fileiras sindicais; enfraqueceram os sindicatos, mesmo os corruptos e pelegos; e atraíram muitos trabalhadores para o projeto nacional neoconservador, que prometia reduzir impostos e gerar empregos. Apesar disso, houve uma pequena resistência, que foi enfrentada com severidade. Nos primeiros meses de governo, Reagan acabou com a greve dos controladores de tráfego aéreo, tirando o certificado de atuação do sindicato. A ação contra os controladores de vôo deixou claro a disposição de Reagan de não conciliar ou admitir práticas sindicais anteriormente vistas como legítimas. Para a administração Reagan, o principal papel dos

sindicatos era auxiliar as empresas no esforço de recuperação econômica da nação, portanto deveriam aceitar as reduções nas regulações trabalhistas que encareciam os custos da produção e diminuía a competitividade da nação. No período de 1981-1982, a coerção de Reagan, a redução das regulações e a recessão econômica diminuía as greves e as manifestações dos trabalhadores a níveis tão baixos quanto os de 1945⁸⁹.

A administração Reagan não havia chegado a um consenso no que se refere à política de estabilização monetária através dos juros. Por um lado, os monetaristas do governo insistiam que os juros só poderiam ser reduzidos quando o processo inflacionário fosse controlado. Por outro lado, os supply siders próximos a Reagan insistiam que o governo deveria desenvolver uma política de redução fiscal acompanhada da diminuição dos juros para estimular o setor produtivo. Nos primeiros anos, Reagan optou pela saída monetarista, apoiando a estratégia de Paul Volcker de manter os juros altos e reduzir a disponibilidade de capital para diminuir inflação, contrariando alguns supply-siders ortodoxos. Depois que a inflação foi reduzida, no entanto, o governo começou a reduzir os juros.

Para por em prática o projeto de recuperação econômica da nação, o governo Reagan estabeleceu no orçamento do primeiro mandato a seguinte distribuição de recursos: 34% destinado aos gastos militares, em 1980 eram 25%; 41% dedicados aos programas para os “verdadeiramente necessitados”, 5% a mais do que o último orçamento; 9% para gastos com juros, a mesma porcentagem dos anos anteriores; e, apenas, 16% estariam comprometidos com os programas sociais federais, ao invés dos 30% que vinham sendo reservados até aquela data. O orçamento previa ainda mais cortes nos gastos através consolidação do Novo Federalismo. Neste primeiro momento a administração Reagan planejava unificar 40 programas em 2 blocos administrados pelos estados que receberiam as verbas federais. Os conselheiros de Reagan alegavam que esta estratégia poderia significar uma economia de milhões de dólares em custos administrativos e com pessoal. De acordo com o orçamento, o governo pretendia economizar 3.7 bilhões de dólares em gastos com funcionalismo público, revisando salários e promovendo demissões, sobretudo nas agências reguladoras.

Para promover o emprego, a administração Reagan prometia incentivar e subsidiar programas de treinamento da iniciativa privada. Em contrapartida, o orçamento previa a eliminação de 300.000 postos de trabalho dos programas públicos

⁸⁹ BERMAN. Op. cit. p. 98

de emprego, que eram ocupados por trabalhadores desempregados à espera de trabalho no setor privado. O presidente propunha ainda um corte de US\$1.15 bilhões no programa de auxílio aos trabalhadores que tinham perdido seus empregos em decorrência das importações, boa parte deles no setor automobilístico e metalúrgico. Outra medida prevista no orçamento era a eliminação do gatilho que garantia uma 13ª semana de auxílio aos trabalhadores desempregados quando o índice nacional de desemprego ultrapassasse certo nível. Além disso, Reagan propôs vincular o auxílio desemprego à procura e aceitação de trabalhos que pagassem menos do que a função que o trabalhador desempregado ocupava antes de perder o emprego. Até então o trabalhador poderia recusar os empregos que pagassem menos do que recebia antes. Em relação à seguridade dos aposentados, o orçamento previa um corte de US\$2.3 milhões para o ano seguinte. Através da eliminação dos benefícios mínimos concedidos sem contribuição e da correção inflacionária apenas uma vez ao ano, e não duas como anteriormente. Esse corte afetaria a vida de aproximadamente 3 milhões de trabalhadores aposentados que teriam seus pagamentos mensais reduzidos.

Na área da saúde, o governo federal pretendia limitar e impor padrões rígidos ao Medicaid. Nos anos seguintes, o programa receberia apenas mais 5% de recursos do governo federal; em média, as verbas aumentavam 15% de um ano para outro. Ainda estavam previstos, o fechamento de 8 hospitais e 25 clínicas federais que ofereciam cuidados médicos gratuitos aos marítimos. O orçamento previa, também para o ano de 1982, menos US\$500 milhões para o American For Dependent Children (AFDC). Além disso, visando reduzir os gastos e o número de beneficiários, o governo federal passaria a exigir que os estados levassem em conta a renda dos padrastos e madrastas para decidir sobre a elegibilidade e os benefícios que as crianças, filhas de mães solteiras, teriam direito.

Na área da educação, o orçamento de Reagan previa redução e fim dos subsídios dos juros concedidos nos empréstimos para o ensino superior. Os estudantes que quisessem requerer empréstimos para pagar a educação de nível superior teriam que demonstrar através de requisitos rígidos a impossibilidade de continuar estudando sem os subsídios do governo. Se essas medidas fossem adotadas, o governo esperava gastar apenas US\$800 milhões com subsídios para educação, quando antes o governo federal destinava, em média, US\$5.2 bilhões para este setor. Ainda no campo da educação, o governo federal projetava unificar no orçamento 45 programas de educação fundamental e secundária em apenas um bloco de subsídios estaduais, incluindo

serviços para deficientes, acompanhamento de delinquentes e verbas para as bibliotecas. O bloco receberia 20% de verbas a menos do que os programas em conjunto recebiam anteriormente.

Na área de habitação o governo federal pretendia economizar US\$232 milhões, somente no ano de 1982, aumentando os aluguéis de 3.3 milhões de pessoas que viviam em residências subsidiadas. O orçamento previa ainda a redução dos programas de subsídios de moradia em 13% e a eliminação dos programas de recuperação de residências e organização e planejamento de bairros. Na área de transporte, o plano de Reagan era reduzir drasticamente os gastos com metrô, aeroportos, ferrovias e rodovias. Nenhuma nova linha de metrô seria construída. O orçamento previa uma redução de 10% nos investimentos em projetos para o trânsito e uma redução de 33% nas verbas destinadas a operação e subsídios de passagens nas malhas ferroviárias da empresa semi-governamental Amtrak, que disponibilizava serviços ferroviários intermunicipais. Na concepção neoconservadora que norteou o orçamento, os programas de transporte eram desnecessários, caros e os usuários deveriam arcar com os custos, não o governo federal.

Na área tributária, o governo planejava reduzir os impostos de renda em aproximadamente 30%. Esta medida significava uma redução da carga tributária em torno de US\$6.4 bilhões para o ano de 1981 e US\$162.4 bilhões até 1986. Em relação às empresas, Reagan propôs reduzir a taxa sobre os ganhos do capital. Até então, 60% dos ganhos de capital eram dedutíveis do imposto de renda, os 40% restantes seriam taxados normalmente, em uma alíquota que chegaria a 70%. Na proposta orçamentária para os três anos seguintes, a administração Reagan almejava taxar os ganhos de capital não dedutíveis em no máximo 50%. Para aumentar os investimentos, o governo concederia ainda substantivos “Write-Offs” sobre propriedades adquiridas antes de 1980, em outras palavras, diminuiria do montante da renda taxada o valor da depreciação dos bens de produção. Concomitantemente o governo concederia deduções fiscais superiores a 10% dos valores investidos na modernização das indústrias. Por outro lado, a fim de aumentar a receita, o governo terminaria com a distinção entre rendas não salariais e rendas salariais; assim trabalhadores informais, autônomos e aposentados seriam taxados, aumentando a base de arrecadação. O governo planejava aumentar os impostos sobre a fabricação de aviões, combustíveis de aeronaves e embarcações e passagens aéreas. O orçamento de Reagan previa também a cobrança e o

aumento de alguns serviços federais, como licenças e inspeções da guarda costeira para o setor marítimo.

Esse programa econômico, apelidado de “Reaganomics” pelos críticos, era fruto do consenso, dos conflitos, das concepções teóricas e dos interesses financeiros dos BPOs que patrocinaram a candidatura de Reagan e ocuparam setores importantes no seu governo. A redução de impostos, o neofederalismo e a diminuição dos gastos governamentais eram as principais metas da agenda legislativa de Reagan. Essas medidas, sob a ótica neoconservadora, eram peças chave para o controle orçamentário que possibilitaria a contenção da inflação, a recuperação da produtividade, o crescimento do emprego e, sobretudo, trariam de volta a lucratividade. A execução dessas medidas era consenso entre empresários, monetaristas, fiscalistas e supply-siders, que desenharam o projeto nacional do governo Reagan. Os programas sociais e os impostos tinham um impacto direto sobre a vida das pessoas, portanto a diminuição destes provocava maior interesse público e mais resistência. Conseqüentemente, os neoconservadores precisaram fazer um esforço maior para construir consenso sobre essas propostas. É importante lembrar ainda que essas medidas precisavam da aprovação do Congresso, logo suscitaram mais debates políticos exigindo empenho do executivo para sua efetivação. Já a política monetária de juros era prerrogativa do Federal Reserve, que tinha uma autonomia relativa em relação ao governo federal, e ambos tinham que dialogar, mas não havia dificuldades já que as posições coincidiam no que diz respeito ao processo de construção da hegemonia neoconservadora. As regulações, por sua vez, estavam, em sua maioria, sob competência do governo federal, que poderia extingui-las a qualquer momento sem aprovação do legislativo.

3.2 – O estado econômico da nação nos discursos e na didática neoconservadora de Reagan

Uma das primeiras iniciativas de Reagan como presidente foi explicar à população a situação econômica do país. Em 5 de fevereiro de 1981, através da televisão e do rádio, o presidente anunciou que as políticas econômicas da década de 1960 deixaram o orçamento fora de controle, a inflação alta, a taxa de juros elevada, a carga tributária pesada e um grande número de desempregados⁹⁰. Segundo Reagan, antes dos anos 1960 os gastos do governo federal somavam menos de US\$13 bilhões e

⁹⁰ REAGAN, Ronald. Address to the nation on the economy. 5 fev. 1981. disponível em: <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/20581c.htm>

duas décadas depois já chegavam à US\$75 bilhões. Como consequência, o presidente apontou que o país estava passando por dois anos seguidos com uma inflação de dois dígitos. Para convencer os estadunidenses da gravidade da situação, Reagan lembrou que a última vez que a inflação chegara a dois dígitos havia sido durante a Primeira Guerra Mundial, ou seja, um tempo de guerra em que os Estados Unidos não eram a maior potência do mundo e que culminou com a maior crise econômica da história contemporânea.

Reagan explicou que “nós sabemos agora que a inflação resulta dos gastos públicos excessivos”, portanto a inflação era resultado do déficit causado pelo aumento dos gastos governamentais⁹¹. O presidente tentava convencer a população de que a relação entre a inflação e os gastos governamentais era uma verdade absoluta, incontestável e do conhecimento de todos. Segundo Reagan, o governo até então tinha adotado duas maneiras de superar a inflação, além do aumento de impostos. Primeiro, tomando dinheiro emprestado, competindo com os cidadãos e aumentando a taxa de juros. Segundo, imprimindo dinheiro. O governo liberal tinha sido irresponsável e tinha atuado contra a população, na medida em que competiu com as pessoas por dinheiro, provocando o aumento de juros, e imprimiu moeda indiscriminadamente, causando inflação.

Uma maneira de combater a inflação, segundo o presidente, seria aumentar os impostos. Entretanto, Reagan indicava que esse caminho era equivocado, pois os impostos já eram excessivamente altos e oneravam em demasia os estadunidenses. O presidente buscou novamente o exemplo de um período de guerra para tentar convencer a população de que os impostos eram pesados e qualquer aumento seria intolerável. Reagan lembrou que antes da Segunda Guerra Mundial, um período difícil de recuperação econômica, o aumento de impostos talvez fosse tolerado, pois “nós só tínhamos que trabalhar pouco mais de 1 mês a cada ano para pagar nossos impostos federais, estaduais e locais. Hoje nós temos que trabalhar quatro meses para pagar os mesmos impostos”⁹². Assim, Reagan procurava mostrar que os impostos estavam num patamar inaceitável.

O presidente avisou aos ouvintes e telespectadores que os Estados Unidos encontravam-se em um ponto decisivo e uma calamidade econômica tremenda

⁹¹ “We know now that inflation results from all deficit spending”. Ibid

⁹² “we only had to work just a little over 1 month each year to pay our total Federal, State, and local tax bill. Today we have to work 4 months to pay that bill”. Ibid.

ameaçava a nação. Juntos, eles precisavam superar a crise, ou seja, tomar o caminho certo naquele ponto decisivo para não permitir que a nação naufragasse. Reagan então, apontou o caminho. Os Estados Unidos precisavam aumentar a produtividade através da modernização e da tecnologia que inventaram. Isto, segundo o presidente, colocaria os trabalhadores estadunidenses de volta ao trabalho. Desta forma, aumentar a produtividade significava reduzir o desemprego e, conseqüentemente, melhorar a vida daqueles que estavam ouvindo e vendo seu discurso.

Traduzindo em linguagem popular as teorias neoconservadoras monetaristas e da Supply-Side Economics, o presidente esclareceu que para reconquistar a produtividade e a qualidade de vida das pessoas era necessário eliminar a inflação, diminuindo os gastos, reduzindo os impostos e promovendo a desregulamentação da economia. Então, anunciou à nação que o governo já havia tomado algumas medidas como congelar a contratação de funcionários para o governo federal, cortar gastos com viagens governamentais e equipamentos e nomear uma força tarefa para rever as regulamentações econômicas. Reagan anunciou que a força tarefa já havia promovido a desregulamentação da produção de petróleo, que aumentaria a produção interna e diminuiria a dependência do petróleo estrangeiro. Não custa lembrar que as petrolíferas apoiaram e financiaram extensamente a campanha de Reagan e estavam igualmente interessadas na desregulamentação da produção petrolífera.

Além das medidas que já tinham sido tomadas, o presidente preveniu a nação de que era necessário ir adiante, cortando impostos e diminuindo os gastos sociais do governo, sobretudo em áreas que considerava haver desperdício, extravagância e custos altos. Reagan não acreditava na eficácia dos programas sociais e das políticas afirmativas estabelecidos na década de 1960, aprofundando o modelo econômico heterodoxo que havia sido inaugurado nos anos 30 com o New Deal. Para o presidente, os “verdadeiramente necessitados” deveriam ser ajudados de outras maneiras, fundamentalmente pela filantropia. Esse apelo à tradição filantrópica se assemelhava ao de Hoover em 1929. Hoover insistia que os estadunidenses deveriam aliviar os efeitos da crise através da filantropia, ao invés de qualquer programa de assistência governamental. O então presidente, em 1929, também alegava que os programas sociais corromperiam a moral do povo. Por fim, Reagan apelou ao empresariado e aos trabalhadores para que se guiassem pelo interesse nacional, tal qual ele o definira com base nos paradigmas neoconservadores.

Em 18 de fevereiro de 1981, Reagan foi ao Congresso explicar seu projeto de recuperação econômica⁹³. O discurso do presidente diante dos congressistas também foi transmitido ao vivo pela televisão e pelo rádio. Sob os olhares da nação, Reagan lembrou do compromisso que assumiu no dia da sua posse, aproximadamente um mês antes, quando prometeu realizar o que era “certo para nação⁹⁴”. Assim, o presidente estava ali, diante do Congresso e de milhares de estadunidenses, como alguém preparado para realizar “o que era certo para nação”, ou seja, seu projeto econômico. Por conseguinte, seguindo a lógica simbólica subjacente ao discurso, os congressistas e telespectadores que não apoiassem o plano econômico não estariam ajudando a nação. Segundo Reagan, o programa econômico almejava “reduzir o crescimento dos gastos governamentais e da taxaço, reformar e eliminar as regulaçoões que são desnecessárias, improdutivas e contraprodutivas, e encorajar uma política monetária consistentes visando à manutenção do valor da moeda⁹⁵”. Essas medidas, se executadas por completo, controlariam a inflação, colocariam a economia em movimento novamente, aumentariam a produtividade, estimulariam o crescimento e criariam empregos. Ao fazer esta afirmação, Reagan vinculava a recuperação da nação à execução completa e irrestrita do programa econômico e, portanto, pressionava o Congresso a cooperar, diante dos milhares de espectadores estadunidenses.

Resumindo sua proposta, Reagan afirmava que se tratava de elaborar um “novo começo da América: um programa para recuperação econômica”⁹⁶. O presidente conclamou o Congresso, os ouvintes e telespectadores: “eu não quero que isso seja simplesmente um plano da minha administração. Eu estou aqui esta noite para pedir a vocês para se juntarem a mim para fazer disto o nosso plano. Juntos podemos embarcar nesta estrada”⁹⁷. Reagan alertava que as instituições políticas, sociais, culturais e econômicas da nação não poderiam ficar mais tempo mergulhadas nos repetidos choques das últimas décadas. Então marcou o ponto de mudança: “nós estamos no

⁹³ REAGAN, Ronald. Address before a joint session of the congress on the “program for economic recovery”. 18 Feb, 1981. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/21881a.htm>>

⁹⁴ “Right to the nation”. Ibid

⁹⁵ “aimed at reducing the growth in government spending and taxing, reforming and eliminating regulations which are unnecessary and unproductive or counterproductive, and encouraging a consistent monetary policy aimed at maintaining the value of the currency”. Ibid

⁹⁶ “This, then is our proposal -- America's new beginning: a program for economic recovery”. Ibid

⁹⁷ “I don't want it to be simply the plan of my administration. I'm here tonight to ask you to join me in making it our plan. Together we can embark on this road”. Ibid

controle aqui”⁹⁸. Com esta afirmação, o presidente, de modo subliminar, reforçava as acusações de que Carter tinha sido um presidente vacilante e seu governo, na verdade, um desgoverno.

Em 1981, o Comitê Orçamentário do Senado votou uma proposta orçamentária condizente com o programa econômico neoconservador defendido por Reagan. A proposta do Senado, contava com o apoio da maioria Republicana e parte dos Democratas, portanto foi aprovada facilmente na arena senatorial. Na Câmara, entretanto, duas propostas orçamentárias estavam em disputa: uma do Comitê Orçamentário da Câmara, de maioria Democrata; e outra, bipartidária, sob liderança dos representantes Del Latta, Republicano de Ohio, e Phil Gramm, diretor do Union Bank of Swiss e Democrata do Texas, que no ano seguinte trocava de partido.

A proposta orçamentária Gramm-Latta, que de certa forma codificava o programa econômico de Reagan e o projeto neoconservador de nação, foi aprovada no Congresso. A proposta de lei previa um corte de US\$ 695 bilhões nos gastos, somente para o ano de 1982, e visava mais cortes nos gastos para balancear o orçamento até 1984. Contudo, os Democratas contra-atacaram a proposta orçamentária com emendas que diminuíram sensivelmente os cortes nos gastos públicos. Em 23 de junho de 1981, Reagan se dirigiu aos membros Democratas que a apoiaram para agradecer a coragem e transmitir a gratidão dos concidadãos estadunidenses⁹⁹. Mas, o presidente alertou os congressistas Democratas que esses mesmos concidadãos estavam desapontados com o pacote de alterações orçamentárias que transformaram a Gramm-Latta em algo diferente da proposta original. No mesmo dia, Reagan também se dirigiu aos representantes Republicanos, dizendo que eles não agiram como um partido minoritário, mas como homens que dividiam e defendiam as idéias apoiadas pela maioria dos estadunidenses¹⁰⁰. Ou seja, Reagan reiterava a idéia de que seu programa econômico e seu projeto neoconservador eram verdadeiramente de toda nação.

Ainda em 1981, no front tributário, os neoconservadores apresentaram a proposta Conable-Hance que visava diminuir os impostos. A proposta Conable-Hance era de autoria de Barber Conable e Kent Hance. O primeiro era representante

⁹⁸ “We’re in control here”. Ibid

⁹⁹ REAGAN, Ronald. Remarks on the Program for Economic Recovery at a White House Breakfast for Democratic Members of the House of Representatives. 23 Jun, 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/62381a.htm>>

¹⁰⁰ REAGAN, Ronald. Remarks on the Program for Economic Recovery at a White House Reception for Republican Members of the House of Representatives. 23 Jun, 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/62381d.htm>>

Republicano de Nova Iorque, associado da AEI e, mais tarde, presidente do Banco Mundial. O segundo era representante Democrata do estado do Texas. A proposta era uma nova versão da proposta Kemp-Roth de 1978, que previa um corte de 30% nos impostos e havia sido elaborada pelos Republicanos Jack Kemp e William Roth. O primeiro era um Deputado de Nova Iorque adepto da Supply Side Economics e ligado ao Hoover Institution e o segundo um senador Republicano de Delaware. A proposta elaborada por Conable e Hance competia na Câmara com a proposta Democrata elaborada pelo Comitê de Receitas e Despesas da Câmara (House Ways and Means Committee). Em 27 de julho de 1981, na televisão e no rádio, Reagan informou que apoiava a proposta dos representantes Conable e Hance e reforçou a importância da aprovação desta proposta para a recuperação econômica da nação¹⁰¹. O presidente afirmou ainda que a proposta do comitê era parecida em muitos sentidos com a Conable-Hance, nomeada por ele, estrategicamente, de proposta bipartidária, mas diferente em partes fundamentais, portanto insuficiente para recuperar economicamente a nação. Como queria Reagan, a proposta Conable-Hance, também conhecida como Kemp-Roth, foi aprovada e tornou-se a Lei Tributária de Recuperação Econômica (Economic Recovery Tax Act) ou ERTA. Entre outras coisas, a lei reduziu os impostos individuais em 25%, acelerou o tempo de dedução fiscal devido à depreciação de maquinário empresarial e criou parâmetros de indexação de impostos sobre a renda que passariam a valer depois de 1985.

No início de 1982, Reagan tentou reduzir a força dos liberais nos embates orçamentários a fim de promover cortes mais significativos nos gastos do governo federal. No discurso inaugural daquele ano, o presidente anunciou que pediria ao Congresso para aprovar uma proposta de emenda constitucional que firmava a obrigatoriedade do equilíbrio do orçamento federal¹⁰². As propostas de emenda constitucional para balancear o orçamento não eram algo novo para os legisladores estadunidenses. Desde o final dos anos 1970, os Republicanos tentaram elaborar e aprovar uma emenda constitucional que obrigasse o governo federal a equilibrar o orçamento e reduzir o déficit. Depois de conquistar a maioria dos assentos no Senado em 1980, os Republicanos trouxeram novamente à tona mais uma proposta de emenda

¹⁰¹ REAGAN, Ronald. Address to the nation on federal tax reduction legislation. 27 jul, 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/72781d.htm>>

¹⁰² John T. Woolley and Gerhard Peters, *The American Presidency Project* [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=42687>>

constitucional para balancear o orçamento. A proposta que Reagan pediu para ser aprovada foi elaborada pelos senadores Phil Gramm e Warren Rudman, Senador Republicano de New Hampshire. Assim, a proposta foi chamada inicialmente de proposta Gramm-Rudman. Para entrar em vigor, a proposta de emenda constitucional precisava ser aprovada nas duas casas do Congresso e depois ser ratificada por, no mínimo, 34 estado da união. A emenda constitucional foi aprovada no Senado, mas não teve o mesmo destino na Câmara. Com o insucesso da aprovação da emenda constitucional para balancear o orçamento, Reagan respondeu aos Democratas vetando mais uma resolução que demandava US\$ 14.1 bilhões para os programas sociais.

Enquanto a proposta de emenda constitucional não era aprovada, a redução dos impostos estabelecidos na ERTA dividia os setores empresariais e afastava os neoconservadores monetaristas do governo Reagan, pois a inflação continuava subindo e o déficit aumentando. Diante disto, um grupo de congressistas Republicanos, na Câmara e no Senado, propôs um aumento nos tributos para os três anos seguintes, começando em 1983, com vistas a equilibrar o orçamento.

Alegando estar fazendo uma correção de rumo, ainda em 1982, Reagan aprovou a proposta de aumento tributário que se tornou a Lei de Equidade Tributária e Responsabilidade Fiscal (Tax Equity and Fiscal Responsibility) ou TEFRA. A nova lei reduzia o corte de impostos consagrados no ano anterior em aproximadamente 1/3. Em cifras, significava um aumento de US\$ 95 bilhões nos tributos para os três anos seguintes, começando com um aumento de US\$ 20 bilhões em 1983. A lei também ampliou a base de arrecadação e a taxa tributada do imposto pago pelos trabalhadores para cobrir o seguro desemprego e os benefícios dos desempregados. Além disso, a lei revogou a agenda de aceleração das deduções tributárias realizadas sobre a depreciação do maquinário. Assim a TEFRA equilibrou as posições neoconservadoras, monetaristas e supply siders, dentro do governo e da base que o apoiava, uma vez que, preservaram 2/3 dos cortes nos impostos e reafirmaram o comprometimento do governo em reduzir os déficits.

Mesmo assim, alguns supply siders dogmáticos, como Jack Kemp, criticaram Reagan. Kemp ganhou espaço no editorial do New York Times para alertar os leitores que o aumento de impostos proposto por seus colegas do Senado não iria ajudar a economia nacional em depressão¹⁰³. Segundo Kemp, a idéia por trás da proposta de

¹⁰³ KEMP, Jack. Backing off economic recovery. *The New York Times*, New York, 05 nov. 1982. Editorial, p. 27.

aumentar os impostos era a de que o governo conseguiria reduzir o déficit mais rapidamente e poderia reduzir os juros. Isso, no entendimento do Congresso, estimularia os empresários e os chefes de família a pegarem empréstimos para financiar seus negócios e hipotecas. Mas, Kemp lembrou aos leitores que com a economia estagnada devido aos altos impostos, os empresários estavam quebrando e os chefes de família perdendo seus empregos, portanto parando de demandar crédito. O senador concluiu sua tese no *New York Times* argumentando que a economia não iria se recuperar e que o aumento dos impostos iria anular três terços da redução prevista em 1981. Por fim, Kemp alertou que “a menos que nós coloquemos a América de volta ao trabalho, nós não vamos encontrar nenhuma receita ou economia com gastos sociais necessárias para equilibrar permanentemente o orçamento”¹⁰⁴.

Herbert Stein, professor de economia da University of Virginia, ex-conselheiro de economia de Nixon, conselheiro de Reagan e associado sênior da AEI, saiu em defesa do presidente no *Wall Street Journal*¹⁰⁵. Stein acusou as “donzelas virgens da direita radical” de sentirem que “seu herói tem abandonado seus queridos princípios apoiando o aumento de impostos”¹⁰⁶. O economista da AEI lembrou que Reagan se elegeu comprometido com uma grande redução de impostos, com o aumento dos gastos militares e com redução dos gastos com programas sociais para balancear o orçamento, reduzir a inflação, não aumentar o desemprego e promover o crescimento da produtividade. Contudo, Stein ressaltou que o presidente precisava definir quais desses compromissos iria honrar primeiro e tomou uma difícil decisão, mas certa. Para o economista da AEI, Reagan poderia ter reafirmado que não foi eleito para aumentar imposto ou poderia ter entrado em um embate mais acirrado com os Democratas e, assim, teria ganhado a devoção dos seus “amigos taxofóbicos”. Contudo, Stein advertiu os leitores que este seria o caminho mais fácil, mas errado para nação e inconsistente com as propostas do presidente. O associado da AEI recordou aos leitores que a razão principal para os cortes nos impostos era aumentar a receita nacional e o objetivo subjacente era acelerar o crescimento econômico. Para Stein, a redução dos impostos pensada em 1980, na campanha de Reagan, seria acompanhada da redução do déficit. Contudo, o economista alertou que quando a redução de impostos aumentava o déficit,

¹⁰⁴ “Unless we put America back to work, we won't find either the revenue or the savings in social spending necessary to balance the budget permanently”. Ibid

¹⁰⁵ STEIN, Herbert. Mr. Reagan is a tax hike hero. *The Wall Street Journal*, New York, 27 ago. 1982. Editorial, p. 16.

¹⁰⁶ “The vestal virgins of the radical right are tearing their hair and rending their garments. Their hero has abandoned their dearest principles by supporting a tax increase”. Ibid

como era o caso naquele ano, era improvável que o crescimento fosse estimulado, portanto era necessário corrigir o rumo e diminuir a redução de impostos. Segundo Stein, a verdadeira política econômica supply-side tinha que visar à redução de déficit, como foi prometido na campanha de 1980. O economista explicou aos leitores que o presidente sacrificou suas preferências pessoais para viabilizar uma política econômica bipartidária com o apoio Democrata que promoveria a reforma da seguridade social e uma política monetária deflacionária.

Na televisão e no rádio, em 16 de agosto de 1982, o próprio Reagan pediu para os estadunidenses não acreditarem que o governo estava propondo o maior aumento de impostos da história, nem que o programa de recuperação do governo havia falhado¹⁰⁷. O presidente explicou que apoiou o aumento dos impostos, pois somado aos cortes nos gastos públicos e a redução na taxa de juros, iria “colocar mais americanos de volta ao trabalho”¹⁰⁸. O presidente esclareceu que a revisão orçamentária previa um aumento de impostos, mas em contrapartida, os cortes nos programas sociais aumentariam. Contudo, no ano seguinte, mais uma vez, os representantes Democratas da Câmara elaboraram uma proposta de revisão do orçamento para o ano de 1984 que contradizia em muitos aspectos as expectativas do presidente e o programa de recuperação econômica da nação que ele planejava. Os Democratas propunham aumentar os impostos, reduzir os gastos com a defesa e ampliar os investimentos em programas sociais e gastos internos.

Mesmo dentro do campo neoconservador, alguns monetaristas recomendaram aumentar as contribuições para seguridade social, enfurecendo os supply siders. A comissão bipartidária liderada pelo economista Alan Greenspan aconselhou o governo a estabelecer a obrigatoriedade da contribuição de trabalhadores públicos federais, estaduais e locais; aumentar a taxa sobre os trabalhadores autônomos; aumentar a taxa de metade dos benefícios dos pensionistas que ganham mais de US\$ 20 mil por ano; adiar por 6 meses os bônus que ajustavam os vencimentos ao custo de vida; e reduzir os benefícios em US\$ 40 bilhões de dólares. Reagan aceitou as recomendações da comissão, mas a medida desagradou neoconservadores supply siders, e também monetaristas em menor medida, devido ao aumento da contribuição e a manutenção da

¹⁰⁷ REAGAN, Ronald. Address to the nation on federal on tax and budget reconciliation legislation. 16 ago, 1982. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/81682a.htm>>

¹⁰⁸ “put more Americans back to work” Ibid

estrutura de seguridade, embora a ampliação da base de arrecadação fosse feita sobre trabalhadores isentos, como mandava a Supply Side Economics.

Diante da recomendação, o Wall Street Journal simulou em seu editorial uma troca de correspondências entre a Seguridade Social e o ex-presidente Abraham Lincoln¹⁰⁹. No editorial, a Seguridade Social, caracterizada como uma aposentada de Washington, reclamava ao ex-presidente que teria um prejuízo de US\$ 20 bilhões; que os remédios anunciados pela comissão são decepcionantes; que desencorajam o investimento e a poupança; e que os aposentados que recebessem mais de US\$ 20 mil por ano teriam que contribuir, castigando também os que buscavam a seguridade social privada. O suposto Lincoln respondia dizendo-se igualmente desapontado e explicava que Reagan aceitou um acordo que “recompensa seus inimigos e pune seus amigos”¹¹⁰.

No discurso de assinatura da emenda à seguridade social, Reagan afirmou que a lei demonstrava o comprometimento da nação com a seguridade social e que os líderes dos dois partidos tinham posto de lado suas paixões para contribuir com a comissão. O presidente assumiu que a lei não era perfeita, mas era a única maneira de preservar a seguridade social. Esta, claramente, não era ideal para Reagan. O ideal era o fim da seguridade social. Segundo ele, a seguridade social, embora preservada, não poderia fazer o esperado pela nação, uma vez que os benefícios aumentariam mais do que os impostos e os salários. Contudo, Reagan concluiu afirmando que a emenda fez o melhor possível para balancear os benefícios de acordo com as contribuições e que qualquer outro aumento de impostos seria injusto e enfraqueceria a economia da nação.

3.3 – A recuperação econômica e política do projeto nacional neoconservador

Na segunda metade de 1982 e no início de 1983 o país estava imerso em uma recessão ainda maior do que a que assolou o país em 1980-1981. Tendo promovido os cortes nos gastos sociais e a diminuição de impostos, Reagan mudou sutilmente sua retórica, acusando a alta taxa de juros de ser a principal causa da queda de produtividade. Mas, na ótica do presidente, a manutenção da taxa de juros alta era um mal necessário, pois o mercado ainda sofria de um pessimismo em relação ao comprometimento com o balanço orçamentário. O presidente confiava que a política monetarista impulsionaria a redução da inflação com estabilidade e crescimento

¹⁰⁹ DISAPPOINTED in Washington. *The Wall Street Journal*, New York, 18 jan. 1983. Editorial, p. 30.

¹¹⁰ “The way a president gets an accord is to reward his enemies and punish his friends”. Ibid.

econômico. Reagan apostou em Paul Volcker, presidente do Federal Reserve, que recomendou a manutenção dos juros flutuantes, ao sabor do mercado, acreditando que os déficits seriam reduzidos com a entrada de capital externo e a inflação diminuiria com a restrição monetária. Sob a batuta monetarista de Volcker, o Federal Reserve só diminuiria os juros como consequência da redução da inflação e da recuperação econômica da nação.

A inflação, que em 1981 chegou a 10.4%, caiu para 6.1% em 1982. Contudo, para Volcker ainda não era suficiente para reduzir drasticamente os juros, embora o Federal Reserve já houvesse se comprometido a reduzi-los. Assim, a política monetarista restritiva aprofundou a recessão em meados de 1982. O produto interno bruto caiu 2.1%, o número de falências aumentou, a lucratividade e os salários diminuíram novamente. Os trabalhadores pagaram o preço. O desemprego chegou a 9.5%, deixando 10 milhões de estadunidenses sem emprego, e o poder de compra diminuiu significativamente devido ao alto custo do dólar¹¹¹.

Em 5 de abril de 1982, Reagan consolou os trabalhadores da construção filiados a AFL-CIO, dizendo que “existiam muitas bênçãos neste bom mundo, mas com certeza a maior delas é aquela que nós todos compartilhamos: nós somos americanos”¹¹². O presidente assegurou aos trabalhadores que se a nação permanecesse unida e terminasse o trabalho iniciado no ano anterior, rapidamente a vitória seria alcançada. Reagan garantiu aos trabalhadores que dessa maneira as famílias estariam novamente aptas a pagar suas contas, economizar para o futuro e dar início a recuperação econômica. O presidente lembrou que no ano anterior a nação “começou a fazer o que era necessário ser feito: atacar os problemas monumentais que bloqueiam o progresso que construímos por anos”¹¹³. Reagan disse aos trabalhadores que a nação estava lutando contra uma inflação de dois dígitos, juros de 21,5%, um débito de um trilhão de dólares, impostos altos, um maquinário militar ultrapassado e uma política externa incapaz de responder aos ataques terroristas que podem atingir o povo estadunidense.

Durante o ano de 1983, depois que a redução da inflação tranquilizou Volcker, os juros diminuíram lentamente. Junto a isto, os gastos militares aumentaram e os

¹¹¹ BERMAN. Op. cit. p. 101

¹¹² “There are many blessings in this good world, but surely the greatest is the one that we all share: We're Americans.” REAGAN, Ronald. Remarks at the national legislative conference of the building and construction trades department, AFL-CIO. 05 abr, 1982. Disponível em: <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/40582d.htm>

¹¹³ “we began to do what must be done: attack the monumental problems blocking our progress that had built up for years”. Ibid.

preços internacionais do petróleo estavam caindo. Em outras palavras, o capital disponível se valorizou e aumentou. Conseqüentemente a economia voltou crescer naquele ano. No último dia do ano, em seu programa de rádio, Reagan elogiou os “americanos que atuaram com coragem, autoconfiança e vigor” e anunciou que a “América estava funcionando novamente”¹¹⁴. O presidente explicou que os juros estavam em 11%; a inflação era de 3,2%; e as indústrias e a agricultura tinham ganhado força, sobretudo as empresas de tecnologia que venderam 50 milhões de computadores a mais do que ano anterior. Tudo isso, segundo Reagan, significava que havia ficado mais fácil pagar as contas, colocar as crianças no colégio, comprar novas casas ou pegar dinheiro emprestado para começar um novo negócio.

O Wall Street Journal, que por um momento havia se tornado menos condescendente com a administração Reagan, lançou em editorial uma louvação a política econômica do governo e a recuperação da nação. Com o título “Um ano para ser lembrado” o jornal afirmou que o governo fez as coisas certas e estava sendo recompensado com a melhora da confiança pública¹¹⁵. O editorial lembrava que a administração Reagan promoveu a substituição das premissas econômicas, sociais e geopolíticas dos anos 1960 e 1970 por uma estratégia que começava a dar frutos na forma de restauração do crescimento econômico, redução das tensões sociais e aumento da influência política dos Estados Unidos no mundo. O editorial esclareceu os leitores que, em 1983, a economia crescera 6,5%, a produção industrial aumentara 14,8%, o emprego havia sido ampliado em 2,6% e os preços subiram apenas 1%.

Segundo o jornal, o ano de 1983, economicamente, era o melhor ano desde 1958 e a combinação entre crescimento rápido e inflação baixa promovera uma das mais promissoras recuperações registradas. O Wall Street Journal lembrou que algumas das políticas que contribuíram para recuperação da nação foram preparadas no governo Carter, sobretudo a convocação de Paul Volcker, descrito como “o homem que restaurou a saúde do dólar”¹¹⁶. Contudo, o editorial ressaltou que não era possível diminuir o papel de Reagan, pois ele se preparara para carreira, analisando a economia e as questões sociais, examinando o que funcionava e o que não funcionava. O jornal lembrou que durante a campanha, Reagan prometera adotar a supply side economics e

¹¹⁴ “we Americans acted with courage, self-confidence, and vigor” (...) “America was on the mend”. John T. Woolley and Gerhard Peters, *The American Presidency Project* [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=40909>>

¹¹⁵ A YEAR to remember. *The Wall Street Journal*, New York, 30 Dez. 1983. Editorial, p. 08.

¹¹⁶ “Paul Volcker, the man who restored soundness to the dollar”. Ibid.

quando chegou à presidência, com seus conselheiros, definiu acertadamente a política econômica para recuperar o valor do dólar; reduziu os impostos altos, sobretudo dos que pagavam maiores taxas; limitou os gastos do governo federal; e diminuiu as regulações.

O editorial lembrou ainda aos leitores que Reagan não conseguiu tudo que queria devido aos enfrentamentos com os liberais na Câmara e com os Republicanos acostumados a política usual no Senado, mas fez o suficiente para mudar a política econômica da nação. Por fim, o jornal nova iorquino afirmou que a nação entrava em 1984 com a confiança e os objetivos renovados, além de provar que a despeito de “todas as tensões e confusões, o sistema que deu aos americanos suas políticas governamentais ainda funciona”¹¹⁷. No tradicional discurso do Estado da União (State of Union) de 1984, Reagan já considerava a crise como algo do passado¹¹⁸.

O crescimento econômico observado a partir da segunda metade de 1983, de forma geral, no entanto, gerou riqueza para os setores mais aquinhoados da sociedade estadunidense. A diminuição de impostos atingiu os contribuintes mais ricos. Os juros altos favoreceram bancos e apostadores que detinham títulos do governo e de empresas lucrativas. Em especial, a compra de títulos do governo se tornou um grande negócio, uma vez que o governo os vendia em grande quantidade para cobrir o déficit, portanto com valor reduzido, garantindo aos apostadores uma taxa maior de retorno no futuro. Posteriormente, como previram os monetaristas e supply siders, a redução dos juros e a diminuição dos impostos possibilitaram maiores linhas de crédito concedidas pelos bancos para investimento e consumo. Isso reaqueceu a economia, impulsionou o aumento da produtividade, sobretudo nas indústrias de armas, tecnologia e biotecnologia que ganharam mais incentivos do governo. Essas indústrias, mormente estabelecidas no Sunbelt, aumentaram a lucratividade, cresceram diante da concorrência internacional e estimularam o setor de serviços, através da terceirização. A queda da inflação e o aumento dos lucros das empresas asseguraram a lucratividade dos títulos dos empréstimos dos banqueiros e dos apostadores, mesmo depois da redução dos juros.

A recuperação parecia mesmo excepcional. Entre 1983 e 1984, 5 milhões de estadunidenses encontraram emprego. Contudo, era só aparência. Uma economia dual emergiu no período Reagan. Por um lado, uma elite bem educada, com conhecimento técnico avançado e ultra especializada conquistou salários altíssimos em postos de

¹¹⁷ “The system that gives Americans their government policies still works”. Ibid.

¹¹⁸ John T. Woolley and Gerhard Peters, *The American Presidency Project* [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=40205>>.

trabalho nas indústrias de tecnologia. Por outro lado, milhões de estadunidenses só conseguiram emprego no setor de serviços, recebendo um salário ínfimo sem sindicalização e, muitas vezes, em condições precárias. Boa parte desses trabalhadores, semi-especializados ou não especializados, havia trabalhado no setor industrial, era sindicalizada e recebia um salário melhor, mas foram substituídos por máquinas ou por outros trabalhadores ultra-explorados fora dos Estados Unidos. Além disso, o déficit continuou aumentando, sobretudo devido aos cortes nos impostos e ao aumento dos gastos militares, mas os programas sociais recebiam cada vez menos investimentos.

A suposta recuperação da nação, e os discursos sobre ela, aconteceram no momento certo, as eleições de 1984. Para enfrentar Reagan, os principais candidatos Democratas que disputaram as prévias eleitorais do partido eram Jesse Jackson, Gary Hart e Walter Mondale. Jackson, um reverendo negro ligado às lutas pelos direitos civis, defendeu um programa de reforma social para lidar com os problemas dos negros e brancos pobres que não viram os benefícios do programa de recuperação econômica de Reagan. Conclamando uma “coalizão multicolorida” (Rainbow Coalition) entre negros e brancos pobres, Jackson prometeu restaurar os programas sociais e incentivar um amplo programa de trabalho para reconstruir as cidades dos Estados Unidos. O problema de Jackson era sua relação com figuras como Fidel Castro e Louis Farrakhan, líder da “Nação do Islã” (Nation of Islam), que defendia um discurso anti-semita que afrontava influentes Democratas judeus ou os políticos do partido que eram associados às comunidades judaicas.

Gary Hart, senador do Colorado, pertencia a uma ala do Partido Democrata que dividia as mesmas crenças de Reagan sobre a eficácia do mercado, as virtudes do setor privado e a necessidade de reduzir os gastos sociais. Hart se comprometeu com uma política social libertária, supostamente pautada pela ampliação das oportunidades, mobilidade social e apoiava também um programa voltado para o crescimento das indústrias de alta tecnologia do Sunbelt, que seriam o motor da nação. Mas, diferente do presidente Republicano, defendia uma política externa não intervencionista.

Por fim, Walter Mondale, ex-vice-presidente na administração Carter e ex-senador por Minnessota, era o candidato da ortodoxia do Partido Democrata. Mondale representava a tradicional coalizão entre os políticos liberais e os trabalhadores organizados e se comprometeu com uma política industrial para reconstruir o setor manufatureiro que estava em crise desde a década de 1970. O ex-vice-presidente propôs alguns cortes nos gastos sociais e uma política externa para assegurar os interesses e a

segurança dos Estados Unidos no cenário internacional. Mondale, apoiado por diversos grupos organizados dentro do partido como trabalhadores, negros e mulheres, ganhou a oportunidade de concorrer à presidência contra Reagan e escolheu Geraldine Ferraro, representante de Nova Iorque na Câmara, como candidata à vice-presidência. Segundo Berman, os Democratas, mais uma vez, não tinha um programa político consistente e coeso para lidar com a economia dos Estados Unidos.. O partido Democrata que um dia representou o Estado de Bem Estar Social liberal, estava imerso em uma confusão ideológica.

No lado Republicano, Reagan venceu as prévias com facilidade, mantendo e ampliando sua base de apoio. Com base na luta contra o monstro inflacionário e em prol do crescimento econômico, Reagan logo começou a persuadir o país de que precisava continuar seu trabalho, tendo em vista que seu projeto econômico de recuperação da nação estava surtindo o efeito esperado. No início do ano eleitoral, em 29 de janeiro de 1984, Reagan anunciou no rádio e na televisão a sua candidatura à reeleição, tendo George Bush novamente como candidato a vice-presidente¹¹⁹. No anúncio nacional de sua candidatura à reeleição, o presidente lembrou que quando falou pela primeira vez do salão oval da Casa Branca, a nação estava perigosamente fraca, em relação às ameaças externas, e à deriva, pelos acirrados conflitos internos e pelo baixo nível de governabilidade. Reagan recordou que antes de chegar à presidência, o episódio da invasão da embaixada no Irã representara uma humilhação do país; a inflação chegara a 19% em março de 1980; os juros alcançaram 21%, a maior taxa em 120 anos; a produtividade vinha declinando por dois anos consecutivos; os salários e o emprego vinham caindo; e os preços aumentando. Mas, o presidente-candidato explicou que as coisas haviam mudado durante o seu primeiro mandato, as defesas foram reconstruídas; a inflação diminuiu; os juros foram reduzidos pela metade; as casas estavam sendo vendidas e compradas; e mais empregos estavam surgindo.

Enquanto Reagan pedia o apoio dos estadunidenses, um grupo de aproximadamente 10 deputados Republicanos elaborou uma proposta de revisão orçamentária para o ano de 1985 que incluía maiores cortes nos programas sociais; em programas de seguridade, como o Medicare; e nos gastos militares. Segundo Newt Gingrich, representante do estado da Geórgia e associado da AEI, a administração

¹¹⁹ REAGAN, Ronald. Address to the nation announcing the Reagan-Bush candidacies for reelection. 29 jan, 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/13084b.htm>>.

Reagan estava “alimentando o Welfare State liberal ao invés de mudá-lo”¹²⁰. De outro lado, alguns Democratas, como Mondale, atacavam a administração Reagan por não conseguir reduzir o déficit. Mondale, parecendo o próprio Reagan de quatro anos antes, culpou o déficit orçamentário pelo aumento dos juros, pela diminuição dos investimentos, por arruinar a competição internacional e sangrar a economia nacional. Contudo, diferente dos neoconservadores, Mondale e a ala liberal do partido Democrata responsabilizaram a administração Reagan pelo crescimento do déficit orçamentário, devido à manutenção da política econômica de redução de impostos e do aumento dos gastos no setor militar. Além disso, Mondale acusou a administração Reagan de promover o grande déficit comercial que arruinou a nação diante das facilidades das importações.

Reagan por sua vez, na véspera da eleição presidencial, em 5 de novembro de 1984, foi à televisão e ao rádio para anunciar que “ainda havia muita coisa a fazer” para recuperar definitivamente a nação e trazer de volta os anos dourados¹²¹. A lista do que ainda deveria ser feito continha a aprovação da emenda constitucional para balancear o orçamento; a aprovação do direito de veto do presidente a itens individuais de projetos que facilitavam o oportunismo político; a simplificação do sistema tributário, que permitiria novas reduções de impostos; o desenvolvimento da política espacial e tecnológica; a restauração da educação; o combate ao crime; e a negociação da redução de armas com a URSS. O presidente resumiu suas propostas para o futuro e apontou que os Estados Unidos deveriam voltar a ser para o mundo “a cidade brilhante sobre a montanha aonde todas as coisas são possíveis”, pois esta era “a tarefa histórica e sempre foi sua”¹²². E concluindo, afirmou que a “América novamente viaja pela estrada da ampliação do auto-governo e da liberdade pessoal”, diferente dos “poucos anos anteriores quando o patriotismo parecia fora de moda”¹²³.

Reagan saiu vitorioso do embate eleitoral com 59% dos votos, vencendo o pleito em 49 estados e perdendo apenas no Distrito de Columbia e no estado de Minnessota. A

¹²⁰ “feeding the liberal welfare state instead of changing it”. GINGRICH, Newt. Apud. BIRNBAUM, Jeffrey. GOP conservatives join to assail Reagan on budget strategy, prepare alternative. *The Wall Street Journal*, New York, 24 jan. 1984. p. 05.

¹²¹ “We still have much to do”. REAGAN, Ronald. Address to the nation on the eve of presidential election. 05 nov, 1984. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/110584e.htm>>.

¹²² “we’ve always been a New World and, yes, a shining city on a hill where all things are possible” (...) “This, then, is our historic task -- it always has been”. Ibid.

¹²³ “America travels again the road of increased self-government and personal freedom” (...) “those few years ago when patriotism seemed out of style”

recuperação econômica e os discursos do presidente-candidato convenceram a maior parte do eleitorado de que os Estados Unidos ficariam melhor com o programa nacional neoconservador representado por ele. Os trabalhadores se dividiram devido ao declínio das organizações trabalhistas que perderam força e foram consideradas por muitos estadunidenses como corruptas e representantes de interesses específicos. Muitos trabalhadores que votaram continuaram fieis ao Partido Democrata, entretanto um número surpreendente deles, sobretudo no Sul e no setor de serviços, votou nos Republicanos e respaldou a candidatura de Reagan. Eleitores negros e judeus, de forma geral, continuaram fieis ao Partido Democrata. Os eleitores mais ricos e mais jovens votaram pela reeleição. No Senado o Partido Republicano se manteve majoritário, mas perdeu duas cadeiras. O Partido Democrata continuou dominando a Câmara, mas perdeu 14 assentos para os Republicanos. No fim das eleições a visão de mundo neoconservadora parecia estar ainda mais difundida. Mesmo no partido Democrata a ala liderada por Hart, financiada pelo novo empresariado e afinada com os ideais neoconservadores, estava crescendo. Consequentemente, o lobby empresarial neoconservador sobre os representantes e senadores Democratas aumentou enquanto a influência dos trabalhadores e minorias organizadas perdeu força.

Além disso, a cruzada moral empregada por Reagan, sobretudo para impedir as práticas de aborto, permitir as orações nas escolas públicas e incentivar as famílias a colocarem seus filhos em escolas privadas, estreitou ainda mais os laços entre a nova direita neoconservadora e a nova direita religiosa. O apoio evangélico aos candidatos Republicanos cresceu significativamente de 1982-1986. Em 1980 os Republicanos receberam 63% dos votos dos cristãos brancos protestantes, ou seja, nada além dos padrões anteriores. Mas o papel da nova direita religiosa foi fundamental nas eleições de 1984. A nova direita financiou a nova direita religiosa e assim proporcionou sua expansão e a ampliação do seu poder político. Nas eleições de 1984, Jerry Falwell cumpriu um papel importante quando apelou para audiência evangélica, apontando os Democratas como homossexuais, feministas, socialistas e contrários aos princípios estadunidenses. O líder religioso insinuou ainda que Walter Mondale era gay e Geraldine Ferraro lésbica, não sendo dignos, portanto, dos Estados Unidos. Depois que Reagan se voltou contundentemente para os temas morais, os Republicanos ganharam 80% dos votos dos estadunidenses brancos e cristãos¹²⁴.

¹²⁴ HIMMELSTEIN, Jerome. Op. cit. p.120-122

Poucos dias após a vitória, o Wall Street Journal dizia ter feito uma pesquisa na qual a maioria dos grandes líderes empresariais da nação apontaram o déficit e os gastos como os maiores problemas domésticos a serem enfrentados no segundo mandato¹²⁵. Representantes do empresariado neoconservador, que elaborou e apoiou o projeto de nação encarnado em Reagan, mandaram recados ao presidente e aos políticos pelas páginas do jornal. William B. Johnson, presidente da IC Industries de Chicago, que entre outras coisas vendia produtos alimentares, aeroespaciais e engarrafava Pepsi-Cola, disse ao jornal que Reagan deveria “promover o mesmo programa” que o levou a presidência quatro anos antes¹²⁶. John P. LaWare, executivo do Boston Bank, disse esperar que o “forte apoio do presidente, ainda que não fosse suficiente para ganhar o controle das duas casas do Congresso, mande uma mensagem de que alguma coisa deveria ser feito a respeito dos gastos”¹²⁷. Edward L. Addison, executivo da Southern Co, empresa de energia da região do Sunbelt, manifestou seu desejo de que o presidente achasse o caminho para “terminar completamente com a seguridade social ou torná-la voluntária”¹²⁸.

Entretanto, havia menos entendimento em relação aos gastos militares. Charles Harper, executivo chefe da ConAgra, empresa produtora de alimentos prontos, que ganharia mercado abastecendo a expansão militar e as famílias que sofriam com a redução dos gastos com alimentação escolar, acreditava que “a defesa deveria continuar a ser administrada com vigor” até que os soviéticos começassem a negociar o controle de armas¹²⁹. Por outro lado, Peter Storer, presidente da Storer Communications, sem desfazer da importância dos investimentos militares, advertiu que não era possível “construir todos os sistemas de armamentos que os generais gostariam de ter”¹³⁰.

A maioria dos empresários entrevistados, segundo o Wall Street Journal, aconselhou Reagan a manter os impostos baixos e promover mais reduções tributárias. Donald Rumsfeld, membro do Alfabeta club, do Hoover institution e, então, executivo da G.D Searle & Co, empresa do ramo farmacêutico que depois foi adquirida pela

¹²⁵ REDUCED spending sought. *The Wall Street Journal*, New York, 08 nov. 1984. Editorial, p. 07.

¹²⁶ JOHNSON, William B. “He ought to go right back to where he was four years ago and push the same damned program”. Apud. Ibid.

¹²⁷ LAWARE, John. “What I’m hoping is that the strength of the support for the president – even though it was not sufficient gain him control of both houses of Congress – will send a message that something has to be done about spending”. Apud. Ibid.

¹²⁸ ADDISON, Edward. “We should find a way down the road to phase out social security completely or make it voluntary”. Apud. Ibid.

¹²⁹ HARPER, Charles. “defense should be pursued with vigor”. Apud. Ibid.

¹³⁰ STORER, Peter. “We can’t build every weapon system that the generals would like to have. Apud. Ibid.

Monsanto, advertiu que “a última coisa que nós precisamos fazer é aumentar os impostos e o papel do governo federal”¹³¹. A utilização do pronome “nós” na fala de Rumsfeld o colocava claramente ao lado do governo, como depois viria a ser de fato. Forrest Shumway, integrante de uma tradicional família republicana da califórnia e chefe executivo da Signal Cos, empresa de alta-tecnologia e engenharia, assegurou que “não era necessário aumentar impostos para reduzir o déficit”, mas “cortar gastos”¹³². Para Shumway, se os impostos fossem aumentados, os congressistas gastariam ainda mais e depois pediriam por mais impostos. Boa parte dos empresários entrevistados gostaria que Reagan acabasse com o imposto sobre o lucro das empresas, mas sabiam que isso era politicamente impossível.

Em suma, os empresários representados por Reagan exigiam a continuidade do programa econômico neoconservador de cortes dos gastos governamentais, reduções de impostos e aumento da base de arrecadação. Como Newt Gingrich, queriam ver em prática as determinações da Comissão Grace (Grace Commission) que foi designada por Reagan para investigar os desperdícios e a ineficiência nos programas sociais do governo federal. A comissão reportou ao presidente que US\$ 424 bilhões de dólares poderiam ser economizados nos três anos seguintes e que dois terços das rendas federais vinham sendo desperdiçadas ou não coletadas.

3.4 – Sucesso econômico e a revitalização da nação

O projeto nacional neoconservador que Reagan representava não mudou muito depois da reeleição, sobretudo no que se refere à política econômica interna, ainda que a política externa e as questões morais tenham ganhado uma dimensão maior no segundo mandato. Sob a justificativa de que precisava proporcionar mais liberdade para os estadunidenses, Reagan, no discurso em que inaugurou seu segundo mandato, pediu apoio para viabilizar uma reforma tributária que, supostamente, impulsionaria ainda mais o crescimento econômico¹³³. O presidente, rapidamente, explicou que esta proposta estabelecia o máximo de 35% de contribuição sobre os ganhos individuais e reduziria os impostos para as empresas, a fim de estimular a produção. Além da reforma

¹³¹ RUMSFELD, Donald. “The last thing that we need to do is increase the tax take and the role of federal government”. Apud. Ibid.

¹³² SHUMWAY, Forrest. “You don’t need to raise tax to reduce deficits. You need to reduce spending”. Apud. Ibid.

¹³³ John T. Woolley and Gerhard Peters, *The American Presidency Project* [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=38069>>

tributária, na lógica neoconservadora de Reagan, era necessário reduzir os déficits e três iniciativas seriam imprescindíveis. Primeiro, manteria a rede de segurança que ajuda aos necessitados, idosos, deficientes e desempregados intactas, mas programas como Medicare e Medicaid seriam reduzidos. Assim sendo, o presidente informou que continuaria assumindo a responsabilidade em “socorrer aqueles em necessidade”¹³⁴. Mas, não incentivaria “as políticas que aumentam a dependência, dividem as famílias e destroem o respeito próprio”, pois não eram “progressistas”¹³⁵. Segundo, manteria os esforços em reconstruir a defesa nacional, uma vez que “a segurança nacional é a primeira responsabilidade do governo”, um investimento em “paz e liberdade”¹³⁶. Terceiro, era necessário reduzir ou eliminar subsídios como os programas de transporte público e as práticas e programas indicados pela Grace Commission. Além disso, diante das câmeras, Reagan pediu aos congressistas para aprovar a proposta de emenda constitucional Gramm-Rudman para balancear o orçamento e a dar poderes ao presidente para vetar em separado itens indesejáveis nos projetos e nas propostas orçamentárias. O presidente prometeu ainda que, com ajuda do povo, iria desenvolver estações espaciais, que dentro de uma década gerariam mais oportunidades de trabalho e empreendimentos para os estadunidenses.

Diante de representantes do empresariado, em 4 de fevereiro de 1985, Reagan mostrou ter entendido o recado dado através dos jornais e agradeceu o apoio recebido nos quatro anos anteriores¹³⁷. O presidente, no entanto, pediu ajuda para continuar construindo as realizações do primeiro mandato e assegurar a prosperidade econômica. Para isso, Reagan solicitou apoio para reduzir as ineficiências do governo e levar adiante a reforma tributária. O presidente informou aos empresários que já havia pedido mais cortes nos gastos do governo federal e o cancelamento de programas, como o Amtrak, que seriam mais eficientes nas mãos da iniciativa privada, ou seja, com o próprio empresariado. Contudo, Reagan ressaltou que os gastos militares do orçamento não poderiam ser reduzidos, pois era preciso fazer frente ao aumento de armas produzidas pelos soviéticos, o maior da história. O presidente explicou aos empresários que promoveria a reforma orçamentária e a reforma fiscal em separado, mas que elas

¹³⁴ “to help those in needy”. Ibid.

¹³⁵ “policies that increase dependency, break up families, and destroy self-respect are not progressive”. Ibid.

¹³⁶ “National security is government's first responsibility (...) Spending for defense is investing in things that are priceless—peace and freedom”. Ibid.

¹³⁷ REAGAN, Ronald. Remarks to Business and Trade Representatives During a White House Briefing on the Fiscal Year 1986 Budget. 4 fev, 1985. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1985/20485c.htm>>

eram complementares e vitais para manter o crescimento econômico, a criação de trabalho e a expansão das oportunidades. Por fim, Reagan lembrou que “juntos nós podemos abrir o caminho para um futuro brilhante de contínua prosperidade”¹³⁸.

Em discurso televisionado em abril de 1985, o presidente retomou o tema dos gastos governamentais afirmando que cada dólar que o governo gastava ou dava para alguém saía do bolso dos contribuintes estadunidenses. Por isso era necessário gastar com calma, cuidado e justiça¹³⁹. Reagan, então pediu aos ouvintes e telespectadores, independente da filiação política, para que ajudassem a colocar os impostos, os gastos e a política monetária em ordem a fim de encorajar o crescimento, manter a inflação baixa, os juros em queda e o déficit sob controle. Por sua vez, o presidente prometeu vetar qualquer possível aumento de impostos. Apresentando um gráfico para os telespectadores, Reagan informou que nos 20 anos anteriores, a arrecadação com impostos aumentara US\$ 620 bilhões, enquanto os gastos aumentaram US\$ 840 bilhões no mesmo período. Vale lembrar que, obviamente, Reagan não considerou que uma grande parte desses gastos foi destinada ao setor militar, sobretudo durante a Guerra do Vietnã e no seu primeiro mandato.

Para lidar com esta situação, o presidente anunciou que estava elaborando um plano para proteger os contribuintes. O plano dependia da aprovação da emenda constitucional para balancear o orçamento e da proposta de reforma tributária. O objetivo do plano, segundo Reagan, era reduzir o déficit em US\$ 300 bilhões em três anos e ter o orçamento balanceado em 1990, mas sem aumentar os impostos. O presidente avisou que cortaria os gastos que precisassem ser cortados, mas a prioridade seria a manutenção dos investimentos que garantiam a segurança nacional. Reagan informou ainda, que não reduziria a ajuda aos necessitados, pois significava apenas 8% dos gastos.

Por fim, o presidente alertou os telespectadores e ouvintes dizendo que se quisessem “continuar tentando fazer desses anos os melhores das nossas vidas”, seria necessário, todos juntos, apoiar o plano do governo¹⁴⁰. Por outro lado, se os estadunidenses se recusassem a apoiar a sua estratégia, correriam o risco de estabelecer

¹³⁸ “Together, we can open the way to a bright future of continuing prosperity”. Ibid.

¹³⁹ REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Federal Budget and Deficit Reduction. 24 abr, 1985. Disponível em <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1985/42485b.htm>>

¹⁴⁰ “If we want to continue trying to make these the best years of our lives, if we want to protect our retired and disabled, boost small business, create jobs, strengthen our farm economy, our exports, improve our cities, and help your families send your children to college, there is one sure-fire way to do it”. Ibid.

políticas usuais e destruir a prosperidade e a benção que havia sido dada à nação. Curiosamente, Reagan relembrou a famosa frase Kennedy “não pergunte o que sua nação pode fazer por você, mas o que você pode fazer por sua nação” e afirmou que essa questão era mais relevante do que nunca¹⁴¹. Nesse sentido, o presidente pediu que os ouvintes e telespectadores entrassem em contato, por carta ou telefone, com seus senadores e representantes na câmara a fim de pedir que aprovassem a reforma tributária e a emenda constitucional para balancear o orçamento. Em seguida o presidente explicou que a proposta previa somente três alíquotas de taxaço 15%, 25% e 35% e que os impostos corporativos seriam reduzidos de 46% para 33%.

A reforma tributária foi aprovada em outubro de 1986 e, diferente do que era previsto inicialmente, adotou somente duas alíquotas de taxaço - 15% e 28%. Os impostos corporativos, como na proposta original, caíram de 46% para 33%. A reforma tributária, mesmo depois de alterada, alcançou os objetivos dos supply siders e monetaristas que aconselhavam Reagan. A base de arrecadação foi alargada. A alíquota mínima aumentou de 11% para 15% e alcançou os rendimentos de todos os indivíduos que ganhavam aproximadamente mais de US\$ 5.000 ao ano; a alíquota máxima caiu de 50% para 28%, reduzindo drasticamente os impostos para os setores mais ricos da sociedade. Contudo, a proposta de Reagan ganhou a simpatia de parte dos Democratas, pois deixava aproximadamente 8% da população, os “verdadeiramente necessitados” isentos de tributação.

A emenda constitucional para balancear o orçamento era discutida desde o primeiro ano de mandato de Reagan, porém o projeto de lei só foi aprovado em 1985 quando conseguiu um firme suporte bipartidário. Na ocasião em que foi agradecer o apoio dos dois partidos diante da votação da proposta dessa emenda constitucional, Reagan agradeceu a presença e a iniciativa de homens como Phill Gramm; Warren Rudman; Del Latta; Fritz Hollings, senador Democrata pelo estado da Carolina do Sul, entusiasta das empresas de tecnologia e ex-presidente do Alfalfa Club; Connie Mack, então deputado Republicano representante do estado da Flórida; Bob Dole, senador Republicano pelo Kansas; Bob Michel, deputado Republicano representante de Illinois; Trent Lott, então deputado representante do estado do Mississippi; Pete Domeneci, senador pelo estado do Novo México, membro da Heritage Foundation e, naquele momento, presidente do Alfalfa Club; e Dick Cheney, deputado Republicano

¹⁴¹ “Ask not what your country can do for you -- ask what you can do for your country”. Ibid.

representante do estado do Wyoming, promotor das indústrias de petróleo e carvão, e mais tarde, CEO da Halliburton, vice-presidente dos Estados Unidos e fundador do Project for New American Century, um BPO neoconservador, que também contava com a participação de Donald Rumsfeld, William Kristol¹⁴². Cheney e Rumsfeld continuaram por muito tempo ao lado dos neoconservadores Republicanos, participando dos governos de George Bush e George Walker Bush.

Diante desses homens, Reagan explicou que a emenda constitucional para balancear o orçamento iria impor a disciplina necessária para reduzir os gastos não militares do governo federal, limitando gradativamente o déficit permitido até chegar a zero em 1990. Segundo Reagan, a emenda constitucional permitiria reduzir o déficit orçamentário sem aumentar os impostos e caso fosse aprovada na Câmara, no Senado e nos estados, “não existirá limites para o sonho americano”¹⁴³.

Martin Anderson, membro do conselho de política econômica da presidência e associado do Hoover Institution, utilizou o espaço aberto no New York Times, para convencer os leitores de que a emenda constitucional para balancear o orçamento era o único modo de conter o crescimento do déficit¹⁴⁴. Anderson explicou que eliminar o déficit de US\$ 175 bilhões em um único ano era impossível, pois iria enfraquecer a defesa da nação, obrigar o Congresso a aumentar os impostos e destruir os programas sociais. Para o economista, esses problemas poderiam ser evitados com a aprovação da emenda constitucional que obrigaria o governo e o Congresso a balancear o orçamento. Segundo ele, seria uma tarefa difícil, mas não impossível, e o Congresso teria que respeitar a emenda constitucional para balancear o orçamento, como também fazia com o direito de liberdade de imprensa e o direito a liberdade de culto religioso.

A Lei de Controle Emergencial do Orçamento e do Déficit (Budget and Emergency Deficit Control Act of 1985), que incluiu na constituição um dispositivo de balanço orçamentário, foi rapidamente aprovada em dezembro de 1985. A aprovação da lei contou com o apoio da maioria Republicana no Senado, de Democratas na Câmara e de um número suficiente de governadores. A lei Gramm-Rudman-Hollings, assim nomeada em homenagem aos deputados que a elaboraram, previa déficits anuais cada

¹⁴² REAGAN, Ronald. Remarks Announcing Bipartisan Support for Balanced Budget and Emergency Deficit Control Legislation. 4 out, 1985. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1985/100485a.htm>>

¹⁴³ “If we move with bipartisan unity to pass this dramatic but responsible plan to bring Federal spending securely under control and, just as important, unite to bring personal and business tax rates further down, there will be no barriers to America's progress. There'll be no limits to the American dream”. Ibid.

¹⁴⁴ ANDERSON, Martin. The budget amendment not so crazy after all. *The New York Times*, New York 30 ago, 1985. Editorial, p. 25.

vez menores até que o déficit federal fosse extinto em 1990. Contudo, se as revisões orçamentárias anuais ultrapassassem o déficit permitido, seria necessário promover novos cortes no orçamento para ajustá-lo a lei. Nesse caso, os diretores do OMB (Office of Management and Budget) e do CBO (Congressional Budget Office) deveriam enviar ao Controlador Geral da União um relatório com recomendações sobre quais itens do orçamento deveriam ser cortados ou ter os investimentos reduzidos. O Controlador Geral da União deveria avaliar o relatório e enviar suas conclusões ao presidente, que sancionaria os cortes, sem passar pelo Congresso. Na ocasião, o diretor do OMB, também indicado por Reagan, era James C. Miller III, economista neoconservador ligado ao Hoover Institution, ao America Enterprise Institute e depois ao banco de investimento JP Morgan e à companhia de crédito imobiliário Freddie Mac. O diretor do CBO era Rudolph G. Penner, economista ligado ao Urban Institute, BPO neoconservador que ganhou notabilidade por analisar os problemas urbanos, supostamente causados pela Grande Sociedade. O controlador Geral da União era Charles Arthur Bowsher, indicado por Reagan a partir de uma lista de três nomes elaborada pelo Senado e pela Câmara. O controlador Geral só poderia ser destituído do cargo por impeachment ou resolução conjunta da Câmara e do Senado, sujeita a veto presidencial, que comprovasse irregularidades como negligência, maleficência ou ineficiência. Portanto, em última instância, Reagan poderia controlar os cortes orçamentários sem a intromissão do legislativo, sobretudo dos liberais na Câmara, mas não poderia demitir o Controlador Geral da União, que só poderia ser retirado do cargo pelo legislativo.

A aprovação da lei foi rápida, mas seu estabelecimento não foi fácil. No início de 1986, Mike Synar, advogado e deputado representante do estado de Oklahoma na Câmara, entrou com uma ação de inconstitucionalidade. O argumento de Synar era o de que, ao aprovar a lei, o legislativo havia dado prerrogativas do executivo ao Controlador Geral da União, que deveria estar subordinado ao legislativo, ferindo a doutrina básica de separação de poderes. A Suprema Corte considerou que o Controlador Geral da União deveria legalmente ficar na órbita do legislativo, pois afinal apenas este poderia destituí-lo do cargo. Dessa forma, a Suprema Corte entendeu que Bowsher não poderia cumprir funções executivas e acatou a petição de Synar, declarando a lei Gramm-Rudman-Hollings inconstitucional.

No ano seguinte, nas vésperas da comemoração da independência, Reagan pediu para o Congresso aprovar novamente uma emenda constitucional para obrigar o

governo federal a balancear o orçamento¹⁴⁵. O discurso do presidente teve como pano de fundo a liberdade e, frequentemente, John Adams e Thomas Jefferson foram lembrados. Reagan começou afirmando que “o amor pela liberdade, no coração da nossa identidade nacional, celebra a distinção da nossa independência da maioria das outras nações”¹⁴⁶. Resgatando os mitos da independência dos Estados Unidos, Reagan disse que os estadunidenses teriam “convicção e um senso incomum comprometido com a verdade e a justiça”. A sociedade estadunidense, para Reagan, refletia “os valores humanos e decentes que foram passados para nós pelos desbravadores de uma terra nova” e ainda que “os Estados Unidos da América continua a maior força pela liberdade humana neste planeta, e nós somos extremamente orgulhosos disso”¹⁴⁷. O presidente lembrou que a liberdade não foi dada por nenhum governo, pois “Deus foi quem nos deu a vida e a liberdade”¹⁴⁸. Reagan assegurou que Jefferson acreditava que o governo limitado era vital para preservação da liberdade dada por Deus. Assim, de acordo com Reagan, Jefferson elaborou a Declaração de Direitos (Bill of Rights), que correspondem às 10 primeiras emendas da constituição federal, para assegurar limites ao governo e a liberdade à nação.

No final do ano de 1987, a lei foi reformada, dando ao OMB, que era uma agência do executivo, o poder de elaborar o relatório que definia os cortes, e dando ao presidente Reagan, o poder de sancionar tais cortes. Além disso, a nova versão da lei Gramm-Rudman-Hollings revisou e estendeu a meta de balaço orçamentário para 1993, diminuindo o déficit permitido a cada ano. A revisão da lei não retirou das mãos da administração federal o poder de cortar os gastos que ultrapassassem a meta deficitária permitida em lei. Entretanto, deixou a Reagan o embaraço de diminuir o déficit permitido a cada ano até que o equilíbrio fosse alcançado em 1993.

A reforma dos programas de Bem Estar Eocial era a principal estratégia da administração Reagan para alcançar as metas de redução do déficit estabelecidas na lei Gramm-Rudman Hollings sem ter que aumentar os impostos ou diminuir os gastos militares. No início de 1987, a reforma do sistema de Bem Estar Social entrou

¹⁴⁵ REAGAN, Ronald. Remarks Announcing America's Economic Bill of Rights. 03 jul, 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/070387a.htm>>.

¹⁴⁶ “It is this love of liberty, at the heart of our national identity, that celebrates our separation [separates our celebration] of independence from those of most other nations”. Ibid.

¹⁴⁷ “Our society reflects decent and humane values that were passed to us by the settlers of a new land; Americans can be counted on to be generous -- it's our way. We know these things, and we also know the United States of America remains the greatest force for human freedom on this planet, and we're darn proud of it”. Ibid.

¹⁴⁸ “God who gave us life also gave us liberty”. Ibid.

definitivamente na pauta da administração Reagan. Em 9 de fevereiro daquele ano, Reagan falaria diretamente para aqueles que apoiavam a reforma e afirmando que “a volta a conceitos como governo limitado e mercado livre, bem como o respeito pelo empreendimento, criou uma das revoluções econômicas e sociais mais importantes da nossa história”¹⁴⁹. De acordo com o presidente, esta revolução “não somente fez nós crescermos e prosperarmos economicamente, mas renovou a nossa vida política e social”¹⁵⁰.

O Estado de Bem Estar Social, segundo Reagan, sempre havia sido uma preocupação para a nação, pelas fraudes, abusos e desperdícios. Entretanto, o presidente indicaria que sua maior preocupação era com o dinheiro dos contribuintes, que deveria ir para programas que ajudassem aqueles que realmente precisavam e não pessoas que já viviam confortavelmente. Para transformar essa realidade, Reagan lembraria que, desde o primeiro dia do seu mandato, sua administração vinha lutando contra o desperdício e a fraude no sistema. Esta guerra, de acordo com o presidente, estava sendo importantíssima para reduzir os gastos e melhorar as condições de vida dos pobres.

Ao final a reforma do welfare não alterou significativamente a estrutura do sistema de bem estar social e seguridade dos Estados Unidos, mas reduziu significativamente os programas sociais e atrelou os estadunidenses a programas de trabalho em troca dos direitos, como veremos mais adiante. Além disso, foi o marco inicial para a grande reforma da estrutura do welfare desenvolvida no governo Democrata de Bill Clinton, alguns anos depois.

No final do seu segundo mandato, Reagan acreditou que havia promovido uma revolução, e tentou convencer os estadunidenses que o projeto nacional neoconservador precisava continuar guiando a nação. O presidente saiu em campanha para eleger seu vice-presidente, George Bush, como presidente dos Estados Unidos. No reduto eleitoral texano, Reagan diria que nos últimos anos, “em um grau nunca visto antes na história da humanidade, uma nação, os Estados Unidos, tem se tornado um modelo a ser seguido e

¹⁴⁹ “that moving back to concepts like limited government and the free market, as well as respect for the entrepreneur, created one of the most important social and economic revolutions in our history”. REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Briefing for Supporters of Welfare Reform. 09 fev, 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/020987b.htm>>

¹⁵⁰ “Not only did we grow and prosper economically but we renewed our political and social life as well”. Ibid.

imitado pelo resto do mundo”¹⁵¹. O presidente revelaria aos eleitores que, os líderes do mundo inteiro o procuravam para saber mais sobre redução de impostos e todas as coisas que havia feito. Repetindo a mesma estratégia maniqueísta das eleições anteriores, Reagan avisaria os texanos que os estadunidenses, em 1988, tinham que fazer a mesma escolha que fizeram em 1980 e 1984. Segundo ele, preterir “políticas liberais de impostos e gastos; controle de armas; estagnação econômica; fraqueza internacional; e sempre, sempre ‘culpe a nação primeiro’; e escolher “políticas de um governo limitado, crescimento econômico, oportunidade individual, defesa forte, firmeza com os soviéticos, e sempre ‘eu juro lealdade à bandeira dos estados Unidos da América’”¹⁵². Reagan alertaria que era mais uma “chance de votar por valores que fazem a América grande e por políticas que recuperaram o país”¹⁵³. O presidente insistiria dizendo que o que os eleitores não escolheriam um candidato, mas “uma visão da América, um sonho que dividimos (...) a visão que está criando uma nova nação de pessoas livres, um país que será a luz para nação e uma brilhante cidade sobre a colina”¹⁵⁴.

¹⁵¹ “The truth is that to a degree never before seen in human history, one nation, the United States, has become the model to be followed and imitated by the rest of the world”. REAGAN, Ronald. Remarks at a republican campaign in Mesquite, Texas. 05 nov, 1988. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/110588c.htm>>

¹⁵² “a choice between, on the one hand, liberal policies of tax and spend; gun control; economic stagnation; international weakness; and always, always ‘blame America first’; and on the other hand, what we believe -- the policies of limited government, economic growth, individual opportunity, a strong defense, firmness with the Soviets, and always, always ‘I pledge allegiance to the flag of the United States of America’”. Ibid.

¹⁵³ “This is a chance to vote for the values that make America great and for the policies that turned this country around”. Ibid.

¹⁵⁴ “on election day what you're really choosing is more than a slate of candidates -- it's a vision of America, a dream we share (...)We're keeping a promise that is as old as this land we love and as big as the sky. It's the vision of creating a new nation of free people, a country that would be a light unto the Nation and a shining city on a hill”. Ibid.

4 - Reaganation

4.1 – A essência do povo escolhido: discurso bíblico e identidade nacional

Nas entrelinhas do discurso de Reagan se escondia uma forma de imaginar a nação pautada por um ideal mais étnico do que cívico, no qual a América e os estadunidenses eram definidos por características essencializadas e naturais, dadas por Deus, e não por direitos políticos e sociais associados à cidadania. Para Reagan, sob a visão de mundo neoconservadora, o verdadeiro estadunidense, nacionalista, era o oposto dos homens que apoiavam os programas de bem estar social, os direitos civis e as regulamentações, bem como dos homens que participavam de tais programas ou defendiam tais causas. O verdadeiro estadunidense, que refletia o ideal de nação “verdadeiro”, era aquele que, com a liberdade individual e a independência dada por Deus, era, essencialmente ou naturalmente, empreendedor, produtivo, competitivo e valorizava as tradições sociais e morais, como a família e a comunidade. Acima de tudo o estadunidense, nesta visão de mundo, confiava em um futuro divinamente ordenado para ele e para a nação, desde que trabalhasse duro e realizasse as obras de Deus na terra: era “o sonho americano”, o resgate do passado mítico e a liderança mundial. Para o verdadeiro estadunidense, da perspectiva neoconservadora propagada por Reagan, produzir, competir, trabalhar duro, ter iniciativa e espírito empreendedor era uma tendência natural e patriótica. Os programas sociais, os direitos civis e as regulações implantadas nos anos liberais eram entraves à produção, ao trabalho duro e ao empreendedorismo. Além disso, revelavam uma confiança excessiva no governo e uma desconfiança nos desígnios de Deus, no “sonho americano” e no papel destinado aos estadunidenses na terra. Portanto, o verdadeiro estadunidense apoiava o projeto de nação neoconservador. Caso não o fizesse, o futuro da nação e o resgate dos tempos gloriosos, que estavam designados por Deus, estariam em risco e a nação seria consumida pelo atraso.

Na ótica neoconservadora defendida por Reagan, os programas sociais desenvolvidos pelos governos liberais e os problemas, supostamente, provocados por eles, como a inflação e a estagnação, destruíam a nação. A visão de mundo neoconservadora que o presidente propagava entendia os programas sociais liberais como intervenções do governo federal na vida dos estadunidenses e, como conseqüência, limitavam a liberdade individual, a independência e a produtividade que Deus dera aos estadunidenses, o povo escolhido. Os programas sociais, na lógica neoconservadora, roubava dos estadunidenses os princípios básicos da nação, mormente

a capacidade de se auto-governarem. Nesta lógica, sem o auto governo e com a excessiva intervenção do estado, os indivíduos ficavam impedidos de dispor seus recursos como bem quisessem, desestimulados a produzir, sem iniciativa individual e sem os laços de organização comunitária. Assim, os programas sociais desenvolvidos pelos liberais desde a década de 1930 eram vistos como malignos por corroerem a auto-estima e a disposição individual e nacional.

Reagan, em 31 de março de 1981, discursando para os trabalhadores da construção civil associados da AFL-CIO, no Hotel Hilton em Washington, procurou explicar a presumida importância do programa econômico, sobretudo do balanço orçamentário¹⁵⁵. Para Reagan, o programa econômico resgataria a suposta independência e a produtividade natural dos estadunidenses. Com o objetivo de se aproximar dos trabalhadores dos sindicatos da construção, Reagan começou falando de baseball, lembrou que era o primeiro presidente dos Estados Unidos que um dia foi ligado à organização e que, por duas décadas ou mais, participou ativamente das negociações contratuais do seu sindicato. Para lembrar aos trabalhadores o perigo de deixar o governo cobrar impostos excessivamente altos e gastar com programas sociais, o presidente citou Samuel Gompers, fundador da AFL: “fazer pelas pessoas o que eles podem e devem fazer por eles mesmos é uma experiência perigosa”¹⁵⁶. Através dessas palavras, Reagan enfatizou que “em última análise o bem estar dos trabalhadores depende da iniciativa deles mesmos”¹⁵⁷. O presidente fez questão de lembrar que, para Gompers, não importava se os programas sociais eram “feitos sob pretexto da filantropia ou da moralidade social”, pois “de qualquer maneira é o maior crime que pode ser cometido contra os trabalhadores”¹⁵⁸.

O presidente lembrou aos trabalhadores que o país “está hoje em uma complicada situação econômica precisamente porque nossos líderes tem esquecido que construímos essa grande nação recompensando a ética no trabalho e não punindo-a”¹⁵⁹. Segundo Reagan, as políticas sociais estavam afastando os trabalhadores estadunidenses “dos primeiros princípios” e a nação estava perdendo “de vista a liberdade individual e a

¹⁵⁵ REAGAN, Ronald. Remarks at National Conference of the Building and Construction Trades Department, AFL-CIO. 30 Mar. 1981. Disponível em:
<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/33081b.htm>>

¹⁵⁶ “Doing for people what they can and ought to do for themselves is a dangerous experiment”. Ibid.

¹⁵⁷ “In the last analysis the welfare of the workers depends upon their own initiative”. Ibid

¹⁵⁸ “Whatever is done under the guise of philanthropy or social morality which in any way lessens initiative is the greatest crime that can be committed against the toilers”. Ibid

¹⁵⁹ “We are in today's economic mess precisely because our leaders have forgotten that we built this great Nation on rewarding the work ethic instead of punishing it”. Ibid

ingenuidade que estão no centro de tudo que nós temos realizado”¹⁶⁰. Reagan, retoricamente, perguntou aos trabalhadores quais eram os resultados do distanciamento dos princípios básicos da nação e respondeu apontando para o crescimento da violência e aumento do número de "pessoas fora do trabalho”¹⁶¹. Curiosamente, Reagan não utilizou a palavra desempregados, possivelmente, para dar a idéia de que não ter um emprego é resultado das escolhas dos trabalhadores, que participam dos programas sociais. Em seguida, Reagan utilizou a palavra desemprego para reafirmar esta posição, mas apontando que a escolha era induzida por alguém, provavelmente os Democratas liberais. Assim o presidente alertou aos trabalhadores que, com os programas sociais, eles “têm sido roubados de uma dignidade humana básica e forçados à humilhação do desemprego”¹⁶².

Em mais um discurso sobre a recuperação econômica da nação, em 24 de setembro de 1981, televisionado para todo o país, Reagan acusou “aqueles”, que se opunham ao plano de cortes do governo, de participarem da “extravagância” dos programas sociais¹⁶³. Os programas sociais, nas palavras do presidente, “trouxeram inflação, desemprego, juros altos e débitos para a nação”, “não eliminaram a pobreza” e não “transformaram a dependência em auto-suficiência, independência ou dignidade”¹⁶⁴. Segundo o presidente, “há alguns anos atrás, quando nós éramos uma nação jovem e nosso povo visitava a terra dos nossos antepassados, os turistas americanos eram considerados incautos e não sofisticados pelos padrões europeus, mas abençoados com o espírito da independência e do orgulho”¹⁶⁵. De acordo com Reagan, naquele tempo os bombeiros eram voluntários, os vizinhos ajudavam a reconstruir os celeiros quando incendiados e “o oeste foi construído sem um plano de desenvolvimento e as cidades em todo o país sem um plano federal”¹⁶⁶. Para o

¹⁶⁰ “from first principles (...) sight of the rule that individual freedom and ingenuity are at the very core of everything that we've accomplished”. Ibid

¹⁶¹ “We've been left with a legacy of almost 8 million people out of work”. Ibid

¹⁶² “all of these people have been robbed of a basic human dignity and forced into the humiliation of unemployment”. Ibid

¹⁶³ REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Program for Economic Recovery. 24 Set. 1981. Disponível em: <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/92481d.htm>

¹⁶⁴ “Some of those who oppose this plan have participated over the years in the extravagance that has brought us inflation, unemployment, high interest rates, and an intolerable debt. Now, I grant they were well-intentioned, but their costly reforms didn't eliminate poverty or raise welfare recipients from dependence to self-sufficiency, independence, and dignity”. Ibid

¹⁶⁵ “Some years ago, when we were a young nation and our people began visiting the lands of their forefathers, these American tourists then were rather brash, unsophisticated by European standards, but blessed with a spirit of independence and pride”. Ibid.

¹⁶⁶ “They built the West without an area redevelopment plan, and cities across the land without Federal planning”. Ibid.

presidente “este espírito ainda vive na América”, mas nos últimos anos os estadunidenses “tem deixado o governo levar embora muitas coisas que consideramos serem nossas para fazer, voluntariamente, a bondade dos nossos corações e o senso de orgulho comunitário e vizinhança”¹⁶⁷. Por fim, Reagan lembrou Tom Paine afirmando que “nós temos o poder para começar o mundo novamente” e perguntou retoricamente aos ouvintes e telespectadores: “o que nós estamos esperando?”¹⁶⁸. A apropriação de Paine é bastante curiosa, já que essa visão da América como experiência aberta para o futuro era antagônica à da América como destino inscrito por Deus.

Durante os primeiros embates acerca da emenda constitucional que tornaria o equilíbrio orçamentário obrigatório, em 19 de julho de 1982, Reagan foi ao Congresso e disse aos políticos do país que o povo estava dizendo ““nós queremos uma emenda à Constituição dos Estados Unidos, transformando em lei o equilíbrio orçamentário, e nós queremos isso agora””¹⁶⁹. Contudo, Reagan advertiu que esse equilíbrio não poderia ser estabelecido por impostos e nem por cortes nos investimentos militares, o que colocaria a segurança da nação em cheque. Conclamando a mobilização dos telespectadores, Reagan alertou que “esta é uma cruzada do povo” e a nação desejava que o Congresso respeitasse a liberdade e a independência e deixasse “esse desejo ser realizado”¹⁷⁰. Por fim, o presidente disse aos telespectadores que “a constituição dos Estados Unidos não foi escrita para proteger o governo do povo. Ela foi escrita para proteger o povo do seu governo” e “a liberdade não havia sido dada a nós pelo governo; ela é nosso direito divino”¹⁷¹.

Reagan, no seu programa de Rádio, em 9 de abril de 1984, surpreendentemente afirmou que a nação “tem rastejado perto do socialismo”¹⁷². Reagan alertou os ouvintes que os liberais Democratas da câmara queriam estabelecer aumentos tributários para os

¹⁶⁷ “I believe the spirit of voluntarism still lives in America (...)The truth is we've let government take away many things we once considered were really ours to do voluntarily, out of the goodness of our hearts and a sense of community pride and neighborliness”. Ibid.

¹⁶⁸ “As Tom Paine said 200 years ago, ‘We have it within our power to begin the world over again’. What are we waiting for?”. Ibid.

¹⁶⁹ “It seems to me that Americans are saying, ‘No more ifs, ands, buts or maybes -- we want an amendment to the United States Constitution making balanced budgets the law of this land, and we want it now’”. REAGAN, Ronald. Remarks at a Rally Supporting the Proposed Constitutional Amendment for a Balanced Federal Budget. 19 Jul. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/71982d.htm>>

¹⁷⁰ “It is the people's crusade, and today we urge the Congress: Let their will be carried out”. Ibid.

¹⁷¹ “our Constitution was not written to protect the government from its people. It was written to protect the people from their government (...)Freedom is not granted to us by government; it is ours by divine right”. Ibid.

¹⁷² “We've been creeping closer to socialism”. REAGAN, Ronald. Apud. WOOLEY, John T. & PETERS, Gerhard. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=41164>>

cinco anos seguintes e se comprometeu em vetar qualquer tentativa de aumentar os impostos, pois “nada poderia ser mais injusto”¹⁷³. Segundo Reagan, a política tributária dos liberais Democratas significava que “os americanos fazem, o governo paga”¹⁷⁴. O presidente então lembrou aos ouvintes que “todos sabem que o segredo do sucesso da América” tem sido o “ímpeto para superar” advindo de “um espírito nascido e alimentado” pelas famílias com fé em Deus, iniciativa, independência, “sonhos e trabalho duro” que “construíram a nação, fizeram-na grande e a mantiveram boa”¹⁷⁵. Reagan recordou aos ouvintes que tudo que a nação realizou teve início nos valores fundamentais transmitidos na história como “fé em deus, honestidade, cuidado com o próximo, responsabilidade pessoal, prosperidade e iniciativa”¹⁷⁶. Contudo, o presidente advertiu os ouvintes que as famílias não poderiam “prosperar e fazer a América forte se o governo se tornar um Golias que saqueia as suas riquezas, usurpa seus direitos e esmaga seu espírito”¹⁷⁷. Segundo Reagan, durante anos o governo ficara no caminho das famílias, apropriando-se do que ganhavam, mas desde que seu mandato começou, buscou reverter os danos causados por este tipo de política. O presidente esclareceu aos ouvintes que a nação conseguiu isto reduzindo a inflação, os juros e os impostos e aumentando a produtividade e devolvendo aos estadunidenses as verdadeiras características da nação, isto é, independência, liberdade, produtividade, iniciativa, trabalho duro e fé em Deus.

No final do seu mandato, nas comemorações da independência em 1987, Reagan explicou que a liberdade econômica e a liberdade política consagradas pelos pais fundadores estavam inextricavelmente ligadas¹⁷⁸. Segundo o presidente, entretanto, era necessário resgatar novamente as liberdades econômicas e políticas, que os pais fundadores declararam. Reagan, então anunciou quatro liberdades econômicas, que possibilitariam aos “indivíduos controlarem o próprio destino” e dariam “capacidade de

¹⁷³ “Nothing could be more unfair”. Ibid.

¹⁷⁴ “America makes, Government takes”. Ibid.

¹⁷⁵ “We know that the secret of America's success has been our drive to excel, a spirit born and nurtured by our families. With their dreams and hard work, they've built our nation, made her great, and kept her good”. Ibid.

¹⁷⁶ “Everything we've accomplished began in those bedrock values parents have sought to impart throughout our history-values of faith in God, honesty, caring for others, personal responsibility, thrift, and initiative”. Ibid.

¹⁷⁷ “But families cannot prosper and keep America strong if government becomes a Goliath that preys upon their wealth, usurps their rights, and crushes their spirit”. Ibid.

¹⁷⁸ REAGAN, Ronald. Remarks Announcing America's Economic Bill of Rights. 03 Jul. 1987.

Disponível em: < <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/070387a.htm> >

auto governo e a independência pessoal que fazem parte da experiência americana”¹⁷⁹. “Primeiro, a liberdade para trabalhar”; segundo “a liberdade para aproveitar os frutos do trabalho”; terceiro “a liberdade de ter e controlar uma propriedade”; e quarto “a liberdade de participar de um mercado livre para contratar bens e serviços e alcançar o potencial completo sem limites do governo sobre as oportunidades, com independência econômica e crescimento”¹⁸⁰.

O Wall Street Journal, porta voz da ortodoxia econômica repetiu frequentemente opiniões, casos e parábolas que ilustravam como os programas sociais equivocados e a “subclasse” eram nocivos à nação, pois destruíam suas características fundamentais. Numa matéria de Stanford Jacobs, a imagem de sua própria filha foi usada para mostrar como os programas sociais ameaçavam as famílias e a sociedade estadunidense¹⁸¹. A reportagem foi publicada em 13 de janeiro de 1981, portanto antes de Reagan assumir a presidência. No entanto, logo no primeiro parágrafo, o jornalista observou que se o futuro presidente pudesse ir à casa dele veria como o sistema de compensação ao trabalho nos Estados Unidos poderia arruinar a vida de uma garota de 19 anos e de toda a nação. O jornalista exaltou a disposição para o trabalho de sua filha, uma boa estadunidense, e enumerou uma série de empregos que a jovem ocupou como ajudante de cozinha até ser promovida a chefe e depois pedir demissão para ir em busca de uma remuneração melhor. Contudo, segundo o jornalista, o sistema de bem estar social passou a influenciar sua filha depois que uma amiga lhe disse que ela tinha direito ao seguro desemprego. Jacobs dizia não entender porque sua filha tinha o direito de receber US\$ 84 por semana durante 52 semanas sem fazer nada, uma vez que a família supria as necessidades dela. O jornalista explicou aos leitores que era mais do que esperado que sua filha não tivesse incentivo para trabalhar, pois a família cuidava das suas necessidades básicas e ela ainda tinha ajuda do governo para se divertir com cerveja e patinação. Assim deixara de ser uma boa estadunidense e estava leniente e dependente. Jacobs concluiu sua narrativa familiar afirmando que o governo enviava um sinal errado

¹⁷⁹ “There are four essential economic freedoms. They are what links life inseparably to liberty, what enables an individual to control his own destiny, what makes self-government and personal independence part of the American experience”. Ibid

¹⁸⁰ “First is the freedom to work (...) second of those freedoms is the freedom to enjoy the fruits of one's labor (...) Third is the freedom to own and control one's property (...) Fourth is the freedom to participate in a free market -- to contract freely for goods and services and to achieve one's full potential without government limits on opportunity, economic independence, and growth”. Ibid.

¹⁸¹ JACOBS, Stanford L. Sitting Pretty: a daughter discovers the dole. *The Wall Street Journal*, New York 13 Jan, 1981. p. 32

para os jovens. Eles estavam aprendendo que “podiam ter almoço grátis” e que o governo não era inteligente o bastante para negar dinheiro àqueles que não precisavam.

4.2 – Religião, família e segurança: a cruzada política de Reagan e a pauta moral conservadora

Os trabalhos de neoconservadores como George Gilder e Charles Murray influenciaram diretamente a administração Reagan, como mostramos anteriormente. Na lógica neoconservadora desses autores, da qual o presidente era o principal porta-voz, os programas de bem estar social, os direitos civis e as regulamentações que aumentavam a dependência e diminuía a liberdade individual, a produtividade, a iniciativa e o “trabalho duro”. Consequentemente, destruíam a fé em Deus, aprofundavam a pobreza, glorificavam a mediocridade intelectual, incentivavam o uso de drogas, alimentavam a criminalidade e promoviam o aborto. Para Reagan, a superação da pobreza deveria ser estimulada através do mercado, do fim dos programas sociais e da flexibilização dos direitos civis. Os outros problemas sociais e morais, como a mediocridade intelectual, a criminalidade, o uso de drogas e o aborto, dependiam da atuação coercitiva do Estado e do estímulo ao trabalho.

Reagan acreditava que os indivíduos precisavam voltar a ter fé em Deus para reconquistarem suas virtudes na vida privada e na vida pública. A partir dos primeiros anos na Casa Branca, mas, sobretudo no segundo mandato, Reagan se aproximou definitivamente da nova direita religiosa, neoconservadora, e passou a enfatizar ainda mais os valores e as virtudes que estariam ancoradas na aceitação de Deus e da religião. Para Reagan, os indivíduos deveriam resgatar a fé em Deus e em seus desígnios e impedir que o Estado se intrometesse em suas vidas, roubasse a liberdade individual e os tornassem dependentes. Assim, reconquistariam os valores e as virtudes morais que caracterizaram os estadunidenses e reconstruiriam a vida familiar, a comunidade, a coesão e a grandeza da nação. Em 1984, diante dos magistrados do estado do Texas, naquele estado, o presidente acusou os Democratas de fortalecer o governo em lugar da família¹⁸². Citando Michael Novak, filósofo católico associado do American Enterprise Institute, Reagan acusou a atitude dos Democratas de representar o enfraquecimento dos valores morais da família. Parafraseando Novak, o presidente argumentou que “a família provê as crenças básicas e destas florescem a criatividade, a energia psíquica e o

¹⁸² REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the Texas State Bar Association in San Antonio. 6 Jul. 1984. Disponível em <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/70684a.htm>

dinamismo social (...) se a qualidade da vida familiar se deteriorar não existe qualidade de vida”¹⁸³. Por isso, afirmou Reagan, “é importante fazer nossos líderes responderem as demandas do povo, fazê-los reduzir o papel do governo e restaurar as legítimas funções do Estado”¹⁸⁴.

Na comemoração do centenário dos Knights of Columbus, a maior fraternidade católica do mundo, em 3 de agosto de 1982, Reagan afirmou que a fé no indivíduo sob os designios de Deus deveria ser o fundamento de toda experiência política nos Estados Unidos e não os programas sociais do governo¹⁸⁵. Segundo o presidente, os pais fundadores e pensadores como Edmund Burke só se tornaram grandes homens e fizeram grandes coisas, pois estavam imersos na fé da tradição judaico-cristã. As idéias ocidentais de democracia e liberdade, para Reagan, emergiram diretamente da tradição religiosa judaico-cristã. Essa tradição, na visão do presidente, continuava fundamentando o conceito de justiça social, o sistema político e o modo de viver nos Estados Unidos. Reagan lembrou que os valores da tradição judaico-cristã enobreciam os homens e conferiam a eles o direito à dignidade, à liberdade individual e ao governo representativo. Contudo, ressaltou o presidente, “há alguns anos atrás esses valores foram esquecidos pelo alto escalão do governo”¹⁸⁶. Para Reagan a máquina do governo, construída nos anos 1960, interferia na vida das famílias e das comunidades, impondo regras e regulamentos. De acordo com o presidente, isto estava patente nos programas de bem estar social; no financiamento para as clínicas de aborto; e no sistema público de educação liberal que proibiu a oração nas escolas, impôs a todos os cidadãos o pagamento de impostos para educação e estabeleceu a inter-racialidade em todas as escolas e transportes públicos. Enquanto isso, assinalou o presidente, “as compensações para o trabalho honesto e a iniciativa extra evaporaram”¹⁸⁷.

Na convenção anual da Associação Nacional de Evangélicos em março de 1984, Reagan disse que nas décadas de 1960 e 1970, os estadunidenses haviam perdido a orientação religiosa e moral e esquecido que a fé e os valores morais tornaram a nação

¹⁸³ “The family nourishes ‘basic trust.’ And from this springs creativity, psychic energy, social dynamism. . . . Familial arts that took generations to acquire can be lost in a single generation, can disappear for centuries. If the quality of family life deteriorates,” and then he said, “there is no ‘quality of life’”. Ibid.

¹⁸⁴ “that’s why it’s so important to make our government leaders respond to the demands of the people, to make them reduce the role of government and restore government’s legitimate functions”. Ibid.

¹⁸⁵ REAGAN, Ronald. Remarks at the Centennial Meeting of the Supreme Council of the Knights of Columbus in Hartford, Connecticut. 03 Ago. 1982. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/80382a.htm>>

¹⁸⁶ “a few years ago these basic values were being forgotten in the highest levels of our government”.

Ibid.

¹⁸⁷ “rewards for honest work and extra initiative were evaporating”. Ibid.

boa e grande¹⁸⁸. Na análise neoconservadora do presidente, “ao mesmo tempo que os padrões sociais pareciam estar se dissolvendo, nossa economia e as instituições governamentais estavam em desordem (...) parecia que nossa nação estava em permanente declínio, sem nenhum senso de justiça, auto disciplina, e responsabilidade na vida pública”¹⁸⁹. Para o presidente, os exemplos estavam por todos os lados: a pornografia, que nos anos 1950 era vendida “por baixo dos panos”, estava disponível em qualquer banca de revistas ou em lojas e em farmácia; o consumo de drogas, antes limitado a um número de adultos, se espalhou pela nação e novos entorpecentes, como o LSD, chegaram aos jovens e as crianças; e a família, que era a pedra fundamental da sociedade, foi penalizada pelos altos impostos, por políticas de bem estar social fora de controle e pela destruição dos costumes sociais da nação. Além disso, segundo Reagan, os liberais viam a promiscuidade como um comportamento aceitável. Tudo isso, de acordo com o presidente, impulsionou o crescente número de famílias formadas por mães solteiras, muitas vezes jovens grávidas, enquanto o número de famílias formadas por casais diminuía.

Para acabar definitivamente com o suposto declínio da fé e dos valores morais da nação, Reagan sugeriu que três planos deveriam ser executados. Primeiro, os estadunidenses deveriam cumprir suas responsabilidades com os que não nasceram ainda. Não poderiam virar as costas para os 4000 abortos diários. Segundo, deveriam restaurar os valores básicos da educação nas escolas. Reagan anunciou que queria reformar a educação, não só para melhorar o ensino da matemática ou da ciência, mas restaurar o senso de justiça, disciplina e liberdade. Para isso, sua administração tentaria aprovar leis para dar vouchers e restituição de imposto para os pais poderem colocar seus filhos em escolas privadas. Na lógica neoconservadora de Reagan, os pais poderiam escolher qual educação era melhor para seus filhos. Terceiro, resgatar a prática voluntária de orar nas escolas. O presidente anunciou que o senado iria votar uma emenda constitucional que permitiria orar voluntariamente nas escolas públicas estadunidenses¹⁹⁰. Vale ressaltar que a presença de Reagan em vários eventos

¹⁸⁸ REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Columbus, Ohio. 06 Mar. 1984. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/30684c.htm>>

¹⁸⁹ “At the same time that social standards seemed to be dissolving, our economic and governmental institutions were in disarray.(...) It seemed for a season as though our nation was in permanent decline and that any sense of justice, self-discipline, and duty was ebbing out of our public life”. Ibid.

¹⁹⁰ Ibid.

organizados por instituições religiosas era constante e a repercussão na mídia era grande.

Na Convenção da Associação Nacional de Evangélicos em março de 1983, Reagan afirmou que o aborto era um retrato claro de como a intromissão do governo secular na vida familiar poderia, do seu ponto de vista, gerar um ciclo nada virtuoso¹⁹¹. O que levava as mulheres a abortar, segundo Reagan, eram as políticas sociais e a liberalização negativa dos anos 1960, que substituíam as famílias pelo governo e asseguravam facilidades para mães solteiras e pais desempregados. O governo, de acordo com Reagan, equivocadamente interferiu ainda mais na vida familiar, subsidiando as clínicas de aborto. O presidente então anunciou que acabaria com esses subsídios, pois “gostaria de saber o que os pais pensavam sobre esta intromissão em suas famílias” e lembrou que o aborto tirava, a cada ano, a vida de milhões de “crianças não nascidas”, que teriam o direito à vida, à liberdade e a busca pela felicidade¹⁹². Assim, Reagan anunciou apoio ao congressista Henry Hyde, Republicano de Illinois, ligado formalmente aos Knights of Columbus e informalmente à American Enterprise Institute e à Heritage Foundation, que introduziu um projeto de lei para proibir os subsídios às clínicas de aborto e tratar a questão como crime de infanticídio. Isso, segundo o presidente, era uma prova do renascimento espiritual da nação e dos valores tradicionais que a fizeram boa e grande, em detrimento das políticas seculares liberais dos anos 1960. Depois de 1983, Reagan participou por telefone de todas as marchas pela vida, promovidas anualmente por ativistas em repúdio ao aborto.

Em 1982, diante da Catholic Education Association, Reagan anunciou um novo projeto para educação¹⁹³. Este projeto de lei previa a restituição de parte dos impostos para as famílias que tivessem seus filhos estudando em escolas privadas, como tinha prometido. Segundo a administração Reagan, o projeto de lei visava desfazer a injustiça com as famílias que pagavam impostos para educação pública, mas não a utilizavam. Além disso, com este projeto de lei, a administração republicana prometia devolver às famílias o direito de escolha e a excelência da educação estadunidense. Tal e qual neoconservadores como Murray pregavam. Segundo Reagan, a excelência era resultado

¹⁹¹ REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Orlando, Florida. 08 Mar. 1983. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/30883b.htm>>

¹⁹² “Many of us in government would like to know what parents think about this intrusion in their family by government. (...) Abortion on demand now takes the lives of up to 1\1/2\ million unborn children a year.”. Ibid.

¹⁹³ REAGAN, Ronald. Remarks to the National Catholic Education Association in Chicago, Illinois. 15 Abr. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/41582a.htm>>

da competição entre estudantes e entre escolas, possível somente com a ampliação do setor privado na educação. O presidente assegurou que o governo continuaria disponibilizando educação para “aqueles que seriam deixados para trás se não houvesse a assistência”, mas “sem competição não podem existir campeões, recordes não podem ser quebrados, e não há excelência”¹⁹⁴. Reagan afirmou ainda na ocasião que os estadunidenses deveriam promover a liberdade na educação para ter certeza de que o “governo nunca ficasse novamente entre as famílias e a prosperidade”¹⁹⁵.

Na Conferência de Ação Política Conservadora em 1983, Reagan lembrou aos seus colegas a importância de reverter o que via como declínio da educação estadunidense¹⁹⁶. Além de apontar a necessidade de restituição de impostos para os pais de quem estudasse em escolas privadas, Reagan ressaltou que era necessário lembrar que os pais fundadores proibiram o governo federal de estabelecer uma religião oficial, mas não disseram que deveria existir uma barreira entre o estado e as crenças religiosas. Assim, para Reagan era legítimo e necessário restabelecer as práticas de oração nas escolas públicas. Para isso, anunciou que pediria ao Congresso para estabelecer uma emenda constitucional permitindo, claramente, tal prática. Por trás do discurso de Reagan estavam os interesses das escolas privadas, das elites dos subúrbios, que achavam a educação pública deficiente, e de conservadores racistas, que não queriam que seus filhos continuassem estudando nas mesmas escolas das minorias raciais e étnicas.

Na mesma conferência, Reagan atacou a filosofia política liberal, acusando-a de ver a “prosperidade e virtude como fruto do desenvolvimento dos homens através dos custosos programas federais” e de considerar “os criminosos como produto infeliz das condições socioeconômicas ou da educação de crianças desprivilegiadas”¹⁹⁷. Assim, para Reagan os liberais culpavam a sociedade estadunidense e não os indivíduos por seus crimes. O presidente assegurou, entretanto, que tudo iria mudar, pois o “novo consenso político absolutamente rejeitava este ponto de vista” e o “povo americano

¹⁹⁴ “We must always meet our obligation to those who would fall behind without our assistance. But let's remember, without a race there can be no champion, no records broken, no excellence -- in education or any other walk of life”. Ibid.

¹⁹⁵ “We must be sure that our government never again stands in between our families and prosperity”. Ibid.

¹⁹⁶ REAGAN, Ronald. Remarks at the Conservative Political Action Conference Dinner. 18 Feb. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/21883e.htm>>

¹⁹⁷ “The same liberal philosophy that saw an era of prosperity and virtue ushered in by changing man's environment through massive Federal spending programs also viewed criminals as the unfortunate products of poor socioeconomic conditions or an underprivileged upbringing”. Ibid.

demanda que o governo exercite sua legitimidade e compromisso constitucional de punir os criminosos”¹⁹⁸. Reagan lembrou que os conservadores estavam alertando sobre a filosofia social permissiva e sobre o sistema legal “especializado em deixar criminosos perigosos em liberdade” há muitos anos¹⁹⁹. Para Reagan, traficantes e gangsters escapavam da justiça tirando vantagem do sistema de fianças, de liberdade condicional e da regra de exclusão, que impedia a utilização de provas conseguidas por métodos inconstitucionais.

Em discurso para a Associação Nacional do Rifle, uma organização notoriamente conservadora, em maio de 1983, Reagan assegurou que aqueles que querem causar o mal não eram importunados pelas leis de controle de armas²⁰⁰. Contra tais leis, que para Reagan significavam mais uma invasão do governo federal sobre a vida das pessoas, ele afirmou que a constituição assegurava que o direito de ter e usar armas não poderia ser infringido. Os crimes mais violentos, de acordo com o presidente, não eram cometidos pelos cidadãos decentes, nem pelas armas, mas por criminosos. Para Reagan era necessário combater a violência e anunciou que em 1982 o crime já havia caído 4% em relação ao ano anterior, 21% em desde 1977 e 254% desde 1966, reforçando a diferença do seu governo para os dos liberais dos anos 1960 e 1970 que colocaram a nação em risco moral e social. Isto estava acontecendo, na análise do presidente, porque o governo não estava mais interferindo na vida das pessoas. Por isso, as pessoas estariam organizando as patrulhas de bairro, dando apoio às polícias locais, insistindo para que se fizesse justiça e fortalecesse o espírito democrático da nação. Por fim, demonstrando claramente seus laços com a indústria de armas, Reagan anunciou que assinara uma emenda legal eliminando a necessidade de requerimentos para compra de munição calibre 22 e outra com objetivo de ajudar os fabricantes de armas a sair da ruína financeira. Além disso, o presidente dizia estar feliz com o aumento de venda dos rifles M-1 para programas de treinamento de tiro esportivo e prometeu corrigir a arbitrariedade do governo liberal que proibiu a caça esportiva em 10 milhões de acres no Alaska²⁰¹.

¹⁹⁸ “Well, today, a new political consensus utterly rejects this point of view. The American people demand that government exercise its legitimate and constitutional duty to punish career criminals”. Ibid.

¹⁹⁹ “Now, we conservatives have been warning about the crime problem for many years, about that permissive social philosophy that did so much to foster it, about a legal system that seemed to specialize in letting hardened criminals go free”. Ibid.

²⁰⁰ REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Members Banquet of the National Rifle Association in Phoenix, Arizona. 06 Mar. 1983. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/50683c.htm>>

²⁰¹ Ibid

Na Associação dos Magistrados do Texas, em julho de 1984, Reagan informou que os estadunidenses estavam fartos da indulgência com os criminosos e não suportavam mais o sistema legal²⁰². Este, segundo o presidente, facilitava o abandono da acusação, o adiamento das causas, a barganha, ou se perdia em uma confusão de técnicas legais que ridicularizava as liberdades civis. Reagan afirmava ter notado que o povo estadunidense tinha perdido a paciência com a “leniência liberal e a apologia pseudo-intelectual com o crime” e estava demandando o resgate do sistema criminal que afirmasse os valores da nação, ensinasse o que era certo ou errado e responsabilizasse os indivíduos por seus atos²⁰³. Mais uma vez, o presidente falou da queda da criminalidade no seu governo em relação aos anos 1960 e 1970 e creditou tal fato ao crescimento das organizações de vigilância dos bairros, à revisão das leis penais nos estados e às medidas tomadas por sua administração. Tudo isso, para ele, era reflexo do retorno aos valores tradicionais e a da insistência para prender os criminosos que zombavam dos valores estadunidenses. Reagan explicou ainda, que sua administração estava apoiando um pacote de leis criminais com o objetivo de reformar o sistema de fianças, a assistência jurídica, a regra de exclusão de provas e a defesa por insanidade. O Senado já tinha aprovado o pacote, mas este ainda estava emperrado na Câmara.

Discursando na Associação Nacional dos Xerifes, em 20 de junho de 1984, Reagan disse saber que muitos Xerifes tinham vivido “os terríveis anos sessenta e setenta, quando o crime tornou-se uma epidemia nos Estados Unidos”²⁰⁴. Mais uma vez, o presidente acusou a filosofia e a leniência liberal pelo aumento da criminalidade. Tal como havia feito anteriormente, Reagan explicou para os xerifes que a filosofia liberal via os homens como produto do seu desenvolvimento material e acreditava que através de “programas sociais caros” poderiam alcançar “uma grande nova utopia igualitária”²⁰⁵. Para o presidente, enquanto os liberais estavam perdidos na utopia, “não

²⁰² REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the Texas State Bar Association in San Antonio. 06 Jul. 1984. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/70684a.htm>>

²⁰³ “I also noted the American people have lost patience with liberal leniency and pseudointellectual apologies for crime”. Ibid.

²⁰⁴ “I know that many of you at this conference have served the public interest for lengthy periods of time, and that you lived through the grim years of the sixties and the seventies, when crime became an epidemic in America. REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Conference of the National Sheriff's Association in Hartford, Connecticut. 20 Jun. 1984. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/62084c.htm>>

²⁰⁵ “Because this misguided social philosophy saw man as primarily the creature of his material environment, it thought that through expensive government social programs it could change that environment and usher in a great new egalitarian utopia”. Ibid.

lidaram com problemas sociais elementares como o aumento da criminalidade”²⁰⁶. Tudo isso, segundo Reagan, fez emergir nos Estados Unidos “uma nova classe privilegiada, uma classe de transgressores e criminosos”²⁰⁷. Todavia, Reagan também anunciou para os xerifes a existência de um novo consenso nacional que não entendia o crime como resultado da pobreza, mas como “resultado consciente, deliberado, egoísta fabricado por alguns que, se consideram acima da lei, que se aproveitam do trabalho duro e da vida dos cidadãos”²⁰⁸. Neste ponto, a linguagem de Reagan para caracterizar os criminosos era muito semelhante à caracterização dos homens que participavam e apoiavam os programas sociais. Portanto, Reagan aproximava os criminosos daqueles que participavam dos programas sociais, associando indiretamente uns aos outros. Por fim, Reagan voltou a criticar os deputados Democratas que dificultavam a aprovação do pacote de leis criminais. Para o presidente eles estavam “fora de contato com o povo americano” e estavam os forçando “a sofrer os efeitos nefastos do crime”, pois “estavam presos à velha e desacreditada ilusão liberal sobre o crime”²⁰⁹.

Em 1986, diante do National Fraternal Congress of America, Reagan tratou das vítimas do consumo de drogas, um “terrível crime”, que gerava incontáveis vítimas²¹⁰. Segundo o presidente, elas eram as pessoas espancadas e roubadas pelos drogados; eram as pessoas que pagavam seguros caros por causa dos roubos; eram as pessoas que pagavam caro pelos produtos de todos os tipos porque o consumo de drogas reduziria a produtividade do trabalhador. As vítimas, resumiu Reagan “são vocês e eu, nossos amigos, nossos familiares, todos os Americanos”²¹¹. O presidente assegurou que o consumo de drogas era um ato de desesperança e que deveria ser resolvido com esperança. Mas, Reagan explicou aos seus ouvintes que nos anos 1960 e 1970 foram criadas poucas oportunidades para os jovens.

²⁰⁶ “even while government was launching a rash of social engineering schemes in a vain attempt to remake man and society, it wasn't dealing with the most elementary social problems like rising crime”. Ibid.

²⁰⁷ “a new privileged class emerged in America, a class of repeat offenders and career criminals”. Ibid.

²⁰⁸ “it's the result of a conscious, willful, selfish choice made by some who consider themselves above the law, who seek to exploit the hard work and, sometimes, the very lives of their fellow citizens”. Ibid.

²⁰⁹ “House are out of touch with reality, and they're out of touch with the American people. This is a perfect example of how Americans are forced to suffer ill effects of crime because too many of our political leaders stick to old, discredited, liberal illusions about crime”. Ibid.

²¹⁰ REAGAN, Ronald. Remarks to Members of the National Fraternal Congress of America. 25 Set. 1986. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1986/092586h.htm>>

²¹¹ “The victims, in short, are you and me, our friends, our families -- all Americans”. Ibid.

Na Conferência para uma América Livre das Drogas, em 1988, Reagan assegurou que estava travando uma cruzada contra as drogas em diversos frentes²¹². O presidente anunciou que internamente vinha desenvolvendo com os poderes estaduais e locais uma campanha conjunta e coordenada contra traficantes de drogas que incluía acionar a marinha e o exército; utilizar forças de federais e locais para investigar e desarticular a cadeia do tráfico; aumentar o número de agentes federais e promotores públicos; e fortalecer a lei. Com isso, Reagan se vangloriou dizendo ter aumentado o número de prisões em 66%. Para ele, entretanto, os problemas com os drogados continuavam não porque mais pessoas estavam usando drogas, mas porque muitos continuavam viciados. No front externo, Reagan afirmava estar travando uma batalha dura. Depois de acusar algumas vezes os cubanos de enviar drogas para os Estados Unidos, o presidente culpou os Colombianos e os Mexicanos, especialmente, de envenenarem a nação. Contudo, era também culpa dos imigrantes que traziam as drogas para dentro da nação.

Nos jornais, os supostos valores morais da nação estavam reaparecendo. No *Wall Street Journal* de 2 de abril de 1982, por exemplo, a empresária e economista Mary Sherry expressou sua indignação com o fato da sua sogra aposentada receber da seguridade social US\$ 506 por mês, mais de US\$ 15.000 por ano em benefícios médicos, e outras rendas complementares proporcionados pelo governo²¹³. A economista, que dizia não ser rica devido aos altos impostos, achava que ela e seu marido deveriam e poderiam pagar as contas daquela senhora. Entretanto, a sogra não aceitava ajuda da família, pois acreditava ter ganhado o dinheiro que recebia do governo dos Estados Unidos, do estado de Illinois e de qualquer agência que lhe ajudasse, exceto da sua família. Sherry contou que a família só conseguia ajudar a mãe do seu marido dando a ela coisas que ela teria que comprar. Diferente da sogra, Sherry dizia que ensinava a seus filhos que quando ela ficasse mais velha gostaria que eles lhe proporcionassem segurança e coisas como um cruzeiro pela costa oeste. Se fosse para depender de alguém, que fosse dos seus filhos e não da seguridade ou dos programas do governo. Para a economista, a idéia de família significava aceitar a continua responsabilidade pelo outro e os programas sociais e a seguridade destruíam esse ideal. Segundo ela, a seguridade social e os programas do governo acostumaram as pessoas,

²¹² REAGAN, Ronald. Remarks at a Meeting of The White House Conference for a Drug Free America. 29 Feb. 1988. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/022988a.htm>>

²¹³ SHERRY, Mary. Families: paying the price of Social Security. *Wall Street Journal*. New York, Abr, 02. 1982, p22.

como sua sogra, a aceitar mais facilmente dinheiro do governo do que de outras pessoas da comunidade, que a amavam. Os discursos de Reagan iam de encontro com as expectativas de um eleitorado imerso em um habitus conservador que lia e escrevia no Wall Street Journal e em outros meios de comunicação que faziam eco em setores mais amplos da sociedade.

4.3 – “A Segunda Revolução Americana”: o resgate das glórias do passado e o destino da nação

Ao assumir a presidência, Reagan prometeu que recuperaria a nação, trazendo de volta suas características essenciais. Em outras palavras, Reagan queria recuperar um suposto passado dourado da nação, que garantiria um futuro glorioso, designado por Deus, se os estadunidenses aceitassem seu destino. Respondendo a “alguns” que insistiam em dizer para transferir a carga tributária para os negócios e para a indústria, Reagan explicou que as empresas eram excessivamente taxadas e não tinham alternativa senão repassar os custos das suas operações, incluindo os impostos, aos consumidores²¹⁴. Mas mesmo assim, de acordo com o presidente, elas sofriam com a concorrência no mercado internacional, uma vez que as empresas de outros países, supostamente, não tinham que repassar aos consumidores os custos de tantos impostos. Reagan assegurou para nação que a carga tributária e as regulações do governo eram as principais causas para “nossas gigantes indústrias terem os ganhos de produtividade mais baixos do que virtualmente todas as nações industriais com as quais nós devemos competir no mercado mundial²¹⁵”. Em seguida, o presidente mostrou como as indústrias, que supostamente pertenciam a todos os ouvintes e telespectadores, estavam menos produtivas, menos lucrativas e ficando prejudicadas na competição com as outras nações. Ainda mais aterrador, Reagan avisou aos estadunidenses que não poderia assegurar o próprio mercado contra a concorrência das indústrias estrangeiras, assim, atrelando a falta de competitividade industrial à incapacidade de defender a nação.

Para o presidente, a culpa da queda de competitividade e produtividade das indústrias estadunidenses não era dos trabalhadores. Esses eram os melhores do mundo e poderiam competir “contra” qualquer trabalhador de qualquer nação. Para competir e defender a nação, os trabalhadores precisavam das ferramentas e os equipamentos que

²¹⁴ REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Economy. 05 Fev. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/20581c.htm>>

²¹⁵ “great industrial giant of ours has the lowest rate of gain in productivity of virtually all the industrial nations with whom we must compete in the world market”

os trabalhadores das outras nações tinham. Reagan lembrou que os Estados Unidos já haviam inventado as linhas de montagem e a produção em massa, contudo as “punitivas políticas de impostos e as regulações excessivas e desnecessárias mais os empréstimos governamentais” esmagaram a habilidade para atualizar as plantas industriais e os equipamentos²¹⁶. Portanto, atualizar as plantas industriais e os equipamentos significava dar as ferramentas necessárias aos trabalhadores para defender o mercado nacional das investidas estrangeiras e tornar a nação novamente grande perante as outras nações no mundo.

No fim do discurso Reagan aponta os dois supostos caminhos possíveis para a nação: “Nós podemos deixar nossas crianças com um débito massivo e impagável e uma economia destruída”, isto é, deixar as crianças, o futuro da nação, na ruína²¹⁷. Ou então, “nós podemos deixar a eles liberdade em uma terra aonde todo individuo tem a oportunidade para ser tudo o que Deus planejou para nós sermos²¹⁸”. Quer dizer, resgatar para as crianças e para futuro os fundamentos da liberdade e da oportunidade, supostamente vivos em uma “era dourada” da nação, anterior aos anos 1960, a fim de cumprir a profecia divina escrita no destino do “povo escolhido”.

Alguns dias mais tarde, em 18 de fevereiro de 1981, quando explicou ao Congresso e a toda nação, através do rádio e da televisão, seu programa econômico, Reagan utilizou a expressão militar “Marching in Lockstep”, um tipo de marcha em que os soldados ficam extremamente próximos e sincronizados, para enfatizar a importância e a relação simbiótica entre a redução dos gastos e a diminuição dos impostos²¹⁹. Segundo o presidente “ambos são essenciais se nós quisermos ter uma recuperação da economia”²²⁰. Em outras palavras, se a população e o Congresso desejassem recuperar a economia teriam que promover as duas medidas. Para Reagan, era tempo de criar novos empregos e reconstruir a indústria. Isso poderia ser feito somente com o desenvolvimento de um programa tributário que incentivasse o aumento da produtividade dos trabalhadores e da indústria. Era hora de “dar ao povo americano a chance de fazer o que fazem melhor”, ou seja, produzir²²¹. O presidente assinalou que

²¹⁶ “punitive tax policies and excessive and unnecessary regulations plus government borrowing”. Ibid.

²¹⁷ “We can leave our children with an unrepayable massive debt and a shattered economy”. Ibid

²¹⁸ “we can leave them liberty in a land where every individual has the opportunity to be whatever God intended us to be”. Ibid

²¹⁹ REAGAN, Ronald. Address Before a Joint Session of the Congress on the Program for Economic Recovery. 18 Fev. 1981. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/21881a.htm>>

²²⁰ “Both are essential if we’re to have economic recovery”. Ibid

²²¹ “give the American people room to do what they do best”. Ibid

uma redução de 30% nos impostos deixaria um total de \$500 bilhões de dólares a mais nos bolsos da população, expandiria a prosperidade nacional e aumentaria as oportunidades para todos os americanos. A mensagem dava a entender que todos poderiam ter aquela quantia ou que ela seria suficiente para encher os bolsos de todo americano e incentivaria a produtividade. Isto, na perspectiva do presidente, tornaria a nação mais competitiva no mercado mundial e impulsionaria o surgimento de postos de trabalho produtivo, trabalhos com futuro e não “trabalhos fabricados” (make-work jobs). Para o Congresso a mensagem era a de que a população queria aquele dinheiro em seus bolsos e não em Washington.

Para falar sobre a proposta Conable-Hance de reforma tributária que resultou na ERTA em 1981, Reagan foi televisão e agradeceu aos telespectadores e ouvintes pelos telegramas, cartas e telefonemas enviados aos representantes para lembrá-los do compromisso com a redução tributária²²². O presidente lembrou que o objetivo do plano econômico, sobretudo do corte nos impostos, era promover incentivo para os indivíduos e para os empresários a fim de encorajar a produção, o emprego e o investimento. Reagan lembrou que o plano econômico disponibilizaria mais crédito para pesquisas e desenvolvimento das indústrias de alta tecnologia, que eram importantes para os Estados Unidos recuperarem a liderança econômica mundial. O presidente anunciou ainda que a redução dos impostos para o setor petrolífero beneficiaria produtores novos e independentes, deixando a nação próxima da auto-suficiência energética. Diante da nação, o presidente apresentou à população os gráficos representando a proposta Conable-Hance e a proposta do comitê Democrata. Estrategicamente, a linha pontilhada representava a proposta do comitê e a linha contínua representava a proposta bipartidária, apoiada pelo governo. Com o gráfico, Reagan explicou que a proposta da comissão promoveria maiores cortes nos impostos nos dois primeiros anos, mas depois voltaria a aumentá-los. Por outro lado, a proposta bipartidária promoveria impostos cada vez mais baixos e se fosse aprovada manteria o dinheiro nos bolsos dos estadunidenses. Para o presidente, os detratores da proposta bipartidária, os mesmos que defendiam a proposta do comitê, eram aqueles que haviam promovido o aumento dos impostos nos 10 anos anteriores. Reagan voltou-se novamente para o quadro e apontou que as linhas diziam “muito sobre quem está realmente lutando por quem” e mostravam de um lado “um genuíno e duradouro comprometimento com o futuro dos trabalhadores

²²² REAGAN, Ronald. Address to the Nation on Federal Tax Reduction Legislation. 27 Jul. 1981. Disponível em; <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/72781d.htm>>

americanos” e de outro lado “apenas promessas vazias”²²³. Por fim, o presidente alertou que só existem dois caminhos: aumentar impostos e levar a nação de volta a um ciclo de problemas econômicos, no qual “o governo decide que sabe melhor do que vocês o que deve ser feito com seus rendimentos e como vocês devem conduzir suas vidas” ou renovar o “espírito americano” baseado na esperança e na oportunidade, para devolver “suas vidas à suas mãos”²²⁴.

Em 15 de setembro de 1981, depois de vencer as batalhas orçamentárias e tributárias daquele ano, Reagan recebeu uma comissão de empresário na Casa Branca para agradecer o apoio e a atuação dos empresários²²⁵. O presidente elogiou todos que “trabalharam duro para fazer os objetivos virarem uma realidade” e agradeceu as cartas, os telefonemas e as visitas que os empresários fizeram aos congressistas²²⁶. Reagan disse aos empresários que eles sabiam melhor do que ninguém a “necessidade de restaurar a livre iniciativa para a vida americana” e entendiam que “o povo, os empresários e o governo deveriam viver com seus próprios meios”²²⁷. Os empresários, segundo o presidente, representavam todos os aspectos da vida americana e sabiam que as oportunidades seriam abundantes se a nação “reascender seu espírito empreendedor”²²⁸.

Por muito tempo, na perspectiva de Reagan, o governo foi um adversário dos empresários, pois os impediu de assumir “a liberdade de arriscar, de colher suas recompensas, de trabalhar duro para ganhar melhor, de subir tão alto quanto suas ambições e esforços”²²⁹. Para o presidente, “este tipo de liberdade é básica para o sonho que é a América e essencial para o resgate da saúde econômica” do país²³⁰. Dito isto aos

²²³ “The lines on these charts say a lot about who's really fighting for whom. On the one hand, you see a genuine and lasting commitment to the future of working Americans; on the other, just another empty promise”. Ibid.

²²⁴ “It merely brings us full circle back to the source of our economic problems, where the government decides that it knows better than you what should be done with your earnings and, in fact, how you should conduct your life. The other road promises to renew the American spirit. It's a road of hope and opportunity. It places the direction of your life back in your hands where it belongs”. Ibid

²²⁵ REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Reception for Representatives of the Business Community. 15 Set. 1981. Disponível em:

<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/91581d.htm>

²²⁶ “But I know that all of you here worked very hard to make those goals a reality”. Ibid.

²²⁷ “as you better than most see the necessity of restoring free enterprise to American life (...) and you know that people, businesses, and governments must live within their means”. Ibid.

²²⁸ “Representing all aspects of American life, you know the opportunity in store for all of us if we reawaken our entrepreneurial spirit”. Ibid.

²²⁹ “The freedom to take a risk, to reap its rewards, to work harder for a better wage, to climb as high as your own ambition”. Ibid.

²³⁰ “that kind of freedom is basic to the dream that is America and essential for the return of economic health in this country”. Ibid.

empresários, Reagan informou que a legislação que reduzia os impostos e os gastos sociais era apenas o começo e lembrou que estava comprometido com o programa econômico, “libertando as pessoas dos impostos punitivos e fazendo a América novamente forte o suficiente para salvaguardar a nossa liberdade”²³¹.

Em 13 de outubro de 1982, Reagan foi mais uma vez apresentar aos estadunidenses o estado da economia do país²³². O presidente assegurou que o programa de recuperação econômica estava em andamento, mas não era uma tarefa fácil. Reagan confessou que ainda não havia conseguido cortar todos os gastos que queria e teve que aceitar medidas tributárias que não queria. Contudo, afirmou que seu governo estava desenvolvendo uma mudança completa na política econômica da nação e que estava cumprindo a maior parte do seu projeto. Reagan alertou os ouvintes e telespectadores dizendo que “não é um trabalho fácil este desafio de reconstruir a América e renovar o sonho americano”²³³. Mas, lembrou que durante a história da nação, “os americanos tem provado várias vezes que nenhum desafio é tão grande para um povo livre e unido” e juntos poderiam encontrar um caminho “de volta a prosperidade” que “alimenta o sonho americano”²³⁴.

Durante os embates orçamentários de 1983, depois de se reunir com os líderes Republicanos, o presidente fez um pronunciamento a imprensa e acusou a proposta da “ala liberal do partido Democrata” que controlava o Comitê Orçamentário da Câmara de ser “um verdadeiro perigo”²³⁵. Reagan assegurou os jornalistas que para reduzir o déficit, impostos altos não eram necessários, mas sim crescimento econômico. O presidente esclareceu que pediu aos membros do partido Republicano, Democratas responsáveis e todos os americanos comprometidos com o governo para se opor ao orçamento liberal dos Democratas. Por fim, Reagan afirmou que ao contrário dos Democratas, seu projeto “visava permitir que, os cidadãos fiquem com o dinheiro que ganham e encorajá-los a economizar, investir e ajudar a aumentar a produtividade dos

²³¹ “I’m as committed today as on the first day I took office to balancing the budget, freeing the people from punitive taxation, and making America once again strong enough to safeguard our freedom”. Ibid

²³² REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Economy. 13 Out. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/101382d.htm>>

²³³ “But it’s not an easy job, this challenge to rebuild America and renew the American dream”. Ibid.

²³⁴ “Throughout our history, we Americans have proven again and again that no challenge is too big for a free, united people. Together, we can do it again. We can do it by slowly but surely working our way back to prosperity that will mean jobs for all who are willing to work, and fulfillment for all who still cherish the American dream”. Ibid.

²³⁵ “because the Budget Committee in the House, controlled by the liberal wing of the Democratic Party, has just come up with a truly dangerous budget proposal”. REAGAN, Ronald. Remarks to Reporters on a House Budget Proposal. 18 Mar. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/31883a.htm>>

trabalhadores”²³⁶. Segundo o presidente, “tudo isto estava acontecendo” e a nação estava “testemunhando um renascimento nos valores de prosperidade e empreendedorismo”.

No discurso inaugural de 1984, o presidente lembrou que a nação se deparou com a maior crise econômica da história pós-guerra e que “o governo havia crescido para além do consentimento dos governados”²³⁷. O presidente recuperou a história recente dos Estados Unidos a seu modo e contou que “as famílias sentiam-se desamparadas em face da crescente inflação e dos impostos indignos que reduziam a recompensa pelo trabalho duro, pela economia e pelo risco que assumiam ao investir”²³⁸. Contudo, segundo Reagan existia na América “fome por um renascimento espiritual”, os americanos estavam confiantes no futuro e “prontos para um novo começo”²³⁹. O presidente informou aos estadunidenses que “o espírito empreendedor”, responsável por este novo começo, estava “semeado pelas nascentes indústrias de alta tecnologia e pelos pequenos empresários com grandes idéias”²⁴⁰. Na narrativa histórica de Reagan, “pessoas como essas eram os heróis para os anos 1980”²⁴¹.

Durante a campanha presidencial, Reagan e Bush fizeram um discurso na Geórgia²⁴². Reagan começou seu discurso afirmando que são “as tradições, daquele lugar especial [o Sul], que moldam nosso país, e sua sustentação”²⁴³. O presidente-candidato reafirmou a condição especial do sul, repetindo uma frase popular “o Sul é onde este país será salvo” e demonstrou todo seu entusiasmo dizendo que “o Sul era o melhor da América”²⁴⁴. Depois, Reagan lembrou que quatro anos antes a economia estava em ruína e que a inflação era uma doença.. No final do discurso, Reagan pediu o apoio de todos para “construir uma nova América, uma nação livre” e explicou que a

²³⁶ “We wanted to permit citizens to keep more of the money they earn and to encourage them to save, invest, and help us increase worker productivity. All that's now happening. We're witnessing a renaissance in the values of thrift and enterprise”. Ibid.

²³⁷ “There was a feeling government had grown beyond the consent of the governed”. REAGAN, Ronald. Apud. WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=40205>>

²³⁸ “Families felt helpless in the face of mounting inflation and the indignity of taxes that reduced reward for hard work, thrift, and risktaking”. Ibid.

²³⁹ “There was a hunger in the land for a spiritual revival; if you will, a crusade for renewal (...)The American people said: Let us look to the future with confidence, both at home and abroad (...)Americans were ready to make a new beginning”. Ibid.

²⁴⁰ “The spirit of enterprise is sparked by the sunrise industries of high-tech and by small business people with big ideas”. Ibid.

²⁴¹ “People like these are heroes for the eighties”. Ibid.

²⁴² REAGAN, Ronald. Remarks at the Reagan-Bush Rally in Atlanta, Georgia. 26 Jul. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/72684a.htm>>

²⁴³ “Here are the traditions, in this special place, that shaped our country, and they endure”. Ibid.

²⁴⁴ “the South is where this country will be saved (...)The South is America at its best”. Ibid.

eleição se tratava do que os estadunidenses queriam para seus filhos²⁴⁵. Reagan perguntou se eles queriam “uma nação livre, ou mais escravidão do tipo taxar-e-taxar e gastar-e-gastar, uma nação forte que é profundamente orgulhosa das idéias que apresenta ao mundo, ou uma nação que implora de joelhos pela bondade dos tiranos?”²⁴⁶.

No discurso inaugural de 1985, primeiro ano do seu segundo mandato, Reagan lembrou aos telespectadores, ouvintes e congressistas que “a nação é envenenada pela grandeza”, portanto deveria continuar a promover “a segunda revolução americana”²⁴⁷. Segundo ele, uma revolução de esperança e oportunidade que levaria a nação a um novo patamar de progresso, atravessando a fronteira do conhecimento e do espaço. Nas palavras do presidente: “uma revolução que leva além da promessa dourada de liberdade humana e paz mundial”²⁴⁸. Reagan avisou aos seus interlocutores que a economia nacional “não estava ficando mais velha e fraca; mas mais jovem e forte”, portanto precisando de mais liberdade²⁴⁹. Nas palavras de Reagan era: “tempo de liberar o espírito do empreendedorismo para as áreas mais afligidas da nação”²⁵⁰.

Apelando para os mitos da história estadunidense, Reagan disse aos ouvintes e telespectadores que “a primeira revolução americana” foi impulsionada pela convicção de que taxaço sem representação era tirania. Então, explicou que dois séculos depois, a “segunda revolução americana” em prol da oportunidade e da esperança estava lutando pacificamente contra a taxaço equivocada, indesejada e injusta. O presidente garantiu aos ouvintes e telespectadores que os estadunidenses, “filhos e filhas das bravas almas que vieram para esta pátria para dar vida a uma nova liberdade”, podem “mudar a América”²⁵¹. Para isso precisavam apoiar a proposta de reforma tributária, que segundo Reagan, “iria libertar a nação dos interesses específicos e criar um comprometimento obrigatório com o único interesse específico que conta (...) o do povo que paga as contas

²⁴⁵ “We're going to ask you to help us build a new America (...) This election is about leadership. It's about what we want for our children”. Ibid

²⁴⁶ “a free nation, or more bondage of the tax-and-tax and spend-and-spend variety, a strong nation that is deeply proud of the ideals that it presents to the world, or a nation that begs on its knees for kindness from tyrants?”. Ibid

²⁴⁷ “My fellow citizens, this nation is poised for greatness. The time has come to proceed toward a great new challenge—a second American Revolution”. REAGAN, Ronald. Apud. WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=38069>>

²⁴⁸ “a revolution that carries beyond our shores the golden promise of human freedom in a world of peace”. Ibid.

²⁴⁹ “Our economy is not getting older and weaker; it's getting younger and stronger”. Ibid.

²⁵⁰ “It is time to liberate the spirit of enterprise in the most distressed areas of our country”. Ibid.

²⁵¹ “we -- the sons and daughters of those first brave souls who came to this land to give birth to a new life in liberty -- we can change America”. Ibid.

da América”²⁵². Como consequência, o presidente prometeu que a proposta, se aprovada, criaria emprego e substituiria a inveja política pelo espírito de participação. Em síntese, Reagan anunciou, numa alusão à saga do oeste, que seria a “oportunidade para todos atarem seus vagões em uma estrela e iniciar uma viagem para alcançar o sonho americano”²⁵³.

Sob a ótica neoconservadora, Reagan tentou passar para os telespectadores e ouvintes que essas medidas estimulariam os pequenos empresários a investirem e descobrirem inovações tecnológicas que contribuiriam para o fortalecimento da economia. Para o presidente, os pequenos empresários empreendedores eram heróis que tinham fé, capacidade intelectual e assumiam o risco de investir e inventar o futuro. Dito isto, Reagan aconselhou os jovens que não sabiam o que fazer do futuro a começarem um novo empreendimento e sugeriu que fizessem o mesmo que os dois rapazes que fundaram uma das maiores empresas de informática da América na garagem de casa.

A proposta de Reagan ganhou mais um aspecto no discurso proferido em 23 de setembro de 1986, diante dos membros da coalizão de apoio à reforma tributária²⁵⁴. Segundo o presidente, os parceiros dos Estados Unidos também iriam reduzir os impostos para se manterem competitivos com o “dínamo americano”²⁵⁵. Reagan explicou que “a reforma tributária é uma das melhores chances de convencer as outras nações industrializadas a se juntarem a nós no caminho do crescimento, para levar essa revolução de esperança e oportunidade ao mundo”²⁵⁶. Dito isto, o presidente avisou que se o Congresso votasse contra a reforma tributária, estaria indo contra as famílias americanas, contra os trabalhadores americanos e contra todo o mundo, pois esses estavam contando com os Estados Unidos para um futuro melhor.

Na ocasião da assinatura da lei de reforma tributaria, em 22 de outubro de 1986, Reagan disse que aquele momento ficaria na história como “um retorno aos primeiros princípios”, pois aquele país “foi fundado na fé no individuo e não em classes ou

²⁵² “The proposal I'm putting forth tonight for America's future will free us from the grip of special interests and create a binding commitment to the only special interest that counts -- you, the people who pay America's bills”. Ibid.

²⁵³ “the opportunity for everyone to hitch their wagon to a star and set out to reach the American dream”. Ibid.

²⁵⁴ REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Briefing for Members of the Tax Reform Coalition. 23 Set. 1986. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1986/092386e.htm>>

²⁵⁵ “our industrialized partners cut tax rates in their own countries in order to remain competitive with the American dynamo”. Ibid.

²⁵⁶ “Tax reform is one of our best chances to convince the other industrialized nations to join us on the growth path, to carry this revolution of hope and opportunity around the world”. Ibid.

grupos”²⁵⁷. A história dos Estados Unidos, segundo o presidente, estava pautada pelas realizações individuais e a reforma tributária colocaria novamente o sistema de arrecadação de acordo com a trajetória e as tradições da nação. Novamente fazendo menção à fundação mítica da nação, Reagan explicou que “os pais fundadores planejaram o governo - do, pelo e para o povo - sem nunca imaginar os impostos progressivos, como nós conhecemos”²⁵⁸. Para o presidente, a natureza progressiva dos impostos, isto é quando a alíquota aumenta na mesma proporção que os rendimentos, “ataca o coração da vida econômica do indivíduo, punindo os esforços e o trabalho duro que tem sempre sido a força propulsora da nossa economia”²⁵⁹. Mais uma vez, Reagan pediu aos congressistas, aos jornalistas e aos estadunidenses para não se esquecerem que “a nação havia sido fundada em uma revolta contra a taxaço” e os “pais fundadores lutaram não somente pelos nossos direitos políticos, mas também para assegurar a liberdade econômica, sem a qual a liberdade política seria apenas uma sombra”²⁶⁰. Na ótica neoconservadora do presidente, a reforma tributária continuaria assegurando o sonho americano que seria o coração e a alma da nação e a manteria sempre “boa e generosa”, um “modelo e esperança para o mundo”²⁶¹. Por tudo isso, Reagan anunciou que aquela lei não era simplesmente uma reforma, mas fazem parte de “uma revolução”, como a que os pais fundadores realizaram.

4.4 – Depois da “Revolução”: do discurso a realidade

Em alguns discursos de Reagan, sobretudo no fim do primeiro mandato e a partir do segundo mandato, os Estados Unidos pareciam estar recuperados definitivamente da crise econômica. Os estadunidenses apareciam como o povo escolhido, que havia reconquistado a ordem da sua sociedade, como no passado dourado, quando podiam gozar da liberdade individual e da independência para se auto-governarem. Além disso, o povo escolhido, tendo reconquistado suas virtudes e seu lugar no mundo, aparece com

²⁵⁷ “tax reform's economic benefits, I believe that history will record this moment as something more: as the return to the first principles. This country was founded on faith in the individual, not groups or classes”. Ibid.

²⁵⁸ “when our Founding Fathers designed this government -- of, by, and for the people -- they never imagined what we've come to know as the progressive income tax”. Ibid.

²⁵⁹ “struck at the heart of the economic life of the individual, punishing that special effort and extra hard work that has always been the driving force of our economy”. Ibid.

²⁶⁰ “We should not forget that this nation of ours began in a revolt against oppressive taxation. Our Founding Fathers fought not only for our political rights but also to secure the economic freedoms without which these political freedoms are no more than a shadow”. Ibid.

²⁶¹ “That dream is the heart and soul of America; it's the promise that keeps our nation forever good and generous, a model and hope to the world”. Ibid.

uma missão redentora, para nação e para o universo. Na mensagem inaugural de 1984, Reagan, orgulhosamente, disse aos congressistas, telespectadores e ouvintes que a nação “estava vendo a dedicação renovada aos valores fundamentais de fé, família, trabalho, comunidade, paz e liberdade”, que ajudaram a mantê-la “unida como um povo”²⁶². O presidente assinalou ainda que a dedicação renovada aos valores fundamentais dos Estados Unidos estimulou a recuperação em todo o mundo. Segundo Reagan “as forças, crenças e objetivos da América estão carregando oportunidade e esperança” para todos²⁶³. Para o presidente a economia mundial estava se recuperando e isso havia começado nos Estados Unidos. No decorrer do pronunciamento, Reagan continuou enfatizando a importância de seguir o plano econômico, mantendo a redução dos gastos públicos, o financiamento militar e as reduções de impostos para manter a inflação baixa, estimular mais as nascentes indústrias de tecnologia e defender a nação. Em março daquele mesmo ano, o presidente confidenciou aos senadores Republicanos que economistas notáveis estavam dizendo a ele para “parar de falar em recuperação econômica”, pois a nação passara do estágio de recuperação e “está agora em expansão econômica”²⁶⁴. Vislumbrando o futuro, depois da crise, o presidente anunciou que o próximo passo seria o espaço.

Na fábrica da Ford em Kansas City, no estado do Missouri, Reagan, como de costume, começou seu discurso apelando para um tema popular entre os operários, neste caso o futebol americano²⁶⁵. Depois, o presidente lembrou aos trabalhadores que “poucos anos antes esta indústria e toda América estavam em uma das piores complicações econômicas em décadas”, devido à regulação excessiva, à interferência do governo e aos muitos interesseiros de Washington²⁶⁶. Então, segundo Reagan, a nação “traçou um novo caminho para reconstruir a América”, sabendo que o governo não poderia mais ficar no caminho do povo e estimulando o “espírito empreendedor” que

²⁶² “We’re seeing rededication to bedrock values of faith, family, work, neighborhood, peace, and freedom—values that help bring us together as one people”. REAGAN, Ronald. Apud. WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=40205>>

²⁶³ “America’s new strength, confidence, and purpose are carrying hope and opportunity far from our shores”. Ibid.

²⁶⁴ “very noted economists who have contacted me on their own to tell me I should stop calling it an economic recovery”. REAGAN, Ronald. Remarks to the Senate Republican Caucus on the Budget Deficit. 21 Mar. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/32184a.htm>>

²⁶⁵ REAGAN, Ronald. Remarks at the Ford Claycomo Assembly Plant in Kansas City, Missouri. 11 Abr. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/41184a.htm>>

²⁶⁶ “Only a few years ago this industry and all America were in the worst economic mess in decades”. Ibid.

recompensa o risco e as inovações²⁶⁷. O presidente informou que este novo caminho possibilitara a redução da inflação, o fortalecimento da economia, a recuperação das indústrias automobilísticas, o crescimento da produção e mais emprego. Reagan anunciou que no ano de 1983, a indústria automobilística vendeu tantos carros quanto em 1979 e que essa história de recuperação refletia a determinação dos trabalhadores, inspirando o mundo inteiro.

O presidente assumiu que o governo teve um papel fundamental na recuperação, eliminando certas regulações. Contudo, ressaltou o papel dos trabalhadores que voluntariamente se recusaram a comprar carros importados, melhoraram a qualidade do trabalho, aumentaram a produtividade e participaram ativamente do programa de recuperação. Se opondo às teorias protecionistas, Reagan alertou os trabalhadores que eles poderiam competir em alta performance, se continuassem apoiando as melhorias na produção, as reduções de custos e os investimentos em tecnologia. Para manter o sonho americano vivo, advertiu Reagan, era preciso manter a “genialidade, a força de um só corpo e o espírito de uma só alma” e “não descansar até que todos os americanos possam alcançar tão alto quanto imaginaram e a dádiva de Deus os deu este talento”²⁶⁸.

Reagan também comemorou a recuperação da economia, prestando contas a seus parceiros da Heritage Foundation e do American Enterprise Institute (AEI). No décimo aniversário da Heritage Foundation, em outubro de 1983, o presidente lembrou que os Estados Unidos estavam vivendo uma era na qual a ideologia de culto ao governo era reinante e dominava o pensamento intelectual²⁶⁹. Contudo, Reagan assegurou que tudo isto estava mudando e a evidência maior era o espantoso crescimento da Heritage Foundation. Reagan destacou o papel da Heritage Foundation no processo de reconstrução do conservadorismo estadunidense que, para ele, se confundia com a recuperação da nação. Segundo o presidente, o crescimento da Heritage Foundation impulsionou a candidatura de Goldwater em 1964, o crescimento da nova direita nos anos 1970, a vitória conservadora em 1980, e o corte de impostos em 1981. Reagan explicou para os associados da Heritage Foundation que essas vitórias foram

²⁶⁷ “So, we charted a new course to rebuild America from the bottom up. And we knew that to do that, government had to get its own house in order. And at the same time we knew that government needed to get out of the way of the people and the spirit of enterprise that encourages risk taking and rewards innovation”. Ibid.

²⁶⁸ “You know, if the dream of America is to be preserved, we mustn't waste the genius of one mind, the strength of one body, or the spirit of one soul (...) And we won't rest until all Americans can reach as high as their vision and God-given talents take them”. Ibid.

²⁶⁹ REAGAN, Ronald. Remarks at a dinner marking the 10th of the Heritage Foundation. 03 Out. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/100383h.htm>>

conquistadas porque as pessoas quando vão às urnas não votam pensando no que seria melhor para elas, mas na “ética do que é bom para o país, o que servirá e protegerá a liberdade”²⁷⁰. O sucesso na política, o presidente continuou, se faz “sobre as questões, as idéias e as visões que temos para o nosso país e para todo o mundo, de fato, o resumo e substancia do trabalho da Heritage Foundation”²⁷¹.

Reagan recordou para os associados da Heritage Foundation que juntos eles tinham uma política e que ela havia sido colocada em funcionamento com a redução dos gastos sociais, com o corte nos impostos e com a redução das regulações. Segundo o presidente, como consequência, a inflação diminuiu e a economia estava em movimento novamente. Reagan afirmou a seus companheiros da Heritage Foundation que em poucos dias tudo que esteve errado durante décadas fora mudado e que “nosso programa econômico está funcionando, e nossa recuperação serve de exemplo para o resto mundo. Nós fortalecemos outras democracias”²⁷². Por fim, o presidente disse ter certeza que depois da recuperação “todos os jovens vão sempre poder ver as luzes do Potomac, que eles vão sempre encontrar nesta cidade [Washington] uma cidade de esperança em um país que é livre” e lembrarão que “nós [conservadores] asseguramos o sonho de Joseph Winthrop e Joseph Warren, que nós mantivemos a fé em nosso Deus”, e que “nós protegemos e passamos com amor nesta brilhante cidade sobre a colina”²⁷³.

Diante dos associados do American Enterprise Institute, em dezembro do mesmo ano, Reagan elogiou o comprometimento histórico do BPO com um governo limitado, uma defesa militar forte e a iniciativa privada²⁷⁴. O presidente também parabenizou a organização por “ter feito todo possível para ajudar as famílias americanas ganhar suas vidas e aumentar a prosperidade de seus filhos e a paz”²⁷⁵. Reagan agradeceu os esforços da AEI em prol da redução dos gastos sociais, da eliminação das regulações desnecessárias, da diminuição dos impostos e da reconstrução da defesa da nação. No

²⁷⁰ “ethic of what's good for the country, what will serve and protect freedom”. Ibid.

²⁷¹ “about issues, ideas, and the vision we have for our country and the world -- in fact, the very sum and substance of the work of the Heritage Foundation”. Ibid.

²⁷² “our economic program is working, and our recovery sets the pace for the rest of the world. We strengthen the hand of other democracies. Ibid.

²⁷³ “We're resolved tonight that young Americans will always see those Potomac lights, that they will always find here a city of hope in a country that's free so that when other generations look back at this conservative era in American politics and our time in power, they'll say of us that we did hold true to that dream of Joseph Winthrop and Joseph Warren, that we did keep faith with our God, that we did act worthy of ourselves, that we did protect and pass on lovingly that shining city on a hill”. Ibid.

²⁷⁴ REAGAN, Ronald. Remarks to Members of the American Enterprise Institute for Public Policy Research. 08 Dez. 1983. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/120883d.htm>>

²⁷⁵ “And you've done everything that you could to help American families earn their livings and raise their children in prosperity and peace”. Ibid.

fim do discurso, Reagan pediu à AEI para manter as pesquisas sobre as políticas públicas e enalteceu os membros da organização considerando-os “verdadeiros intelectuais” e “verdadeiros compatriotas completamente dedicados à vida e a este país”²⁷⁶.

Na Conferência da Ação Política Conservadora, em fevereiro de 1987, Reagan afirmou que “o conservadorismo moderno é uma filosofia ativa, não reativa. Não está somente em oposição aos vícios que degradam o caráter e a comunidade, mas afirma valores que estão no coração da civilização. Nós somos a favor da proteção e do fortalecimento das famílias, uma instituição que não teve atenção durante as décadas de dominação liberal do governo Americano”²⁷⁷. Como em outros discursos, o vício ao qual o presidente se referia não era o consumo de drogas, mas o sistema de bem estar social, para ele a causa de todos os males da sociedade estadunidense.

Diante dos conservadores evangélicos em 1984, Reagan ressaltou que o povo estadunidense decidiu dar um basta no declínio que assolava a nação²⁷⁸. Segundo o presidente, o país começava a viver o renascimento da liberdade e da fé, “uma grande renovação nacional” que trouxe a “América de volta”²⁷⁹. Dividindo o suposto sucesso de sua política com toda a nação, Reagan lembrou que naquele momento a recuperação econômica estava ganhando força, mas a renovação era mais do que material. A nação teria começado um renascimento espiritual no qual a fé e a esperança estavam sendo restauradas. Os Estados Unidos estariam “voltando para Deus”²⁸⁰. Reagan revelou que o número de fiéis nas igrejas estava aumentando, assim como o consumo de livros espirituais e a mídia religiosa. Mesmo nas universidades, os jovens estariam deixando de evitar Deus. Reconhecendo a nação nas histórias bíblicas, Reagan revelou sua passagem favorita do livro sagrado: “se meu povo que é chamado por meu nome se submeter, rezar, procurar por mim e mudar suas maneiras ruins, então eu escutarei dos

²⁷⁶ “You, the members of the AEI family, are true intellectuals, men and women thoroughly dedicated to the life of the mind. And you're also true patriots, completely dedicated to the life of this country”. Ibid.

²⁷⁷ “Modern conservatism is an active, not a reactive philosophy. It's not just in opposition to those vices that debase character and community, but affirms values that are at the heart of civilization. We favor protecting and strengthening the family, an institution that was taken for granted during the decades of liberal domination of American government”. REAGAN, Ronald. Remarks at the Conservative Political Action Conference Luncheon. 20 Feb. 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/022087b.htm>>

²⁷⁸ REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Columbus, Ohio. 06 Mar. 1984. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/30684c.htm>>

²⁷⁹ “The American people decided to put a stop to that long decline, and today our country is seeing a rebirth of freedom and faith, a great national renewal. As I said in my State of the Union address, America is back”. Ibid.

²⁸⁰ “Americans are turning back to God”. Ibid

céus, perdoarei seus pecados e livrarei sua terra do mal”²⁸¹. Para o presidente, “os americanos do Maine à Califórnia estão procurando por Deus e Ele começou a livrar nossa terra abençoada do mal”²⁸².

Do outro lado do país, e alguns meses depois, em Nova Iorque, Reagan citou Lincoln para lembrar que os estadunidenses “precisam se reconciliar com o passado, para então salvar o nosso país” e afirmou que quatro anos depois de se eleger foi exatamente isso que fez²⁸³. O presidente lembrou aos Nova Iorquinos de Rochester que quatro anos depois de chegar à Casa Branca, a nação “começou a navegar por alguns princípios fixos”, tendo como estrela do norte a liberdade e o bom senso como constelação²⁸⁴. Reagan afirmou que os estadunidenses sabiam que a liberdade econômica significava pagar menos imposto ao governo; sabiam que a inflação e os juros estavam roubando o futuro; sabiam que a defesa militar estava enfraquecida, então, durante os últimos quatro anos, decidiram se reconstruir. Segundo o presidente-candidato a “América estava de volta” com o “espírito renovado, poder no crescimento econômico e poder na habilidade de defender a si mesma e assegurar a paz”²⁸⁵.

Durante a campanha presidencial de 1984, o *Wall Street Journal* fez propaganda do suposto sucesso do projeto nacional neoconservador de Reagan²⁸⁶. Com a pergunta retórica “Nós estamos melhor?”, o jornal lembrou que, em 1980, Reagan chegou à Casa Branca após convencer os eleitores de que a resposta a essa pergunta era “não”. Entretanto, o *Wall Street Journal* explicou que para muitos economistas as coisas estavam diferentes em 1984. Segundo o jornal, a resposta a pergunta do título era “sim”, pois, desde 1981, a renda per capita havia aumentado e a qualidade de vida havia melhorado. O *Wall Street Journal* trouxe junto ao texto um gráfico mostrando que a qualidade de vida estava muito melhor do que quatro anos antes. Dando um pequeno crédito às políticas neoconservadoras dos últimos anos do governo Carter, o jornal reconheceu que a qualidade de vida estava aumentando desde o final da administração Democrata. Contudo, apontou que o crescimento da qualidade de vida passou a ser mais

²⁸¹ “if My people who are called by My name humble themselves and pray and seek My face, and turn from their wicked ways, then will I hear from heaven, and forgive their sin and heal their land”. Ibid.

²⁸² “Today Americans from Maine to California are seeking His face. And I do believe that He has begun to heal our blessed land”. Ibid.

²⁸³ “we must disentrall ourselves with the past -- and then we will save our country”. Ibid.

²⁸⁴ “And 4 years ago, we began to navigate by some fixed principles. Our North Star was freedom; common sense our constellation”. Ibid.

²⁸⁵ “America is back, a giant on the scene, powerful in its renewed spirit, powerful in its growing economy, and powerful in its ability to defend itself and secure the peace”. Ibid.

²⁸⁶ ASHOK, Chandrasekhar. Are we better off? *The Wall Street Journal*, New York, 24 Jul. 1984. p. 62.

significativo nos dois primeiros anos da administração Reagan, até que veio a recessão em 1982. Depois disso, o jornal mostrou que o nível de vida começou a subir novamente e o nível de miséria, que estava extremamente alto no final da administração Carter, declinou. Para o Wall Street Journal, tudo isto era reflexo da diminuição da inflação e do aumento do emprego, conquistados com a recuperação econômica promovida pela administração Reagan. A melhora na qualidade de vida e o declínio da miséria teriam impactado, até mesmo, o número de suicídios, crimes e doenças mentais, que também diminuíram. Por fim, o jornal ressaltou que este era um dos muitos fatores que iriam influenciar os eleitores, mas assegurou que economistas de diferentes espectros políticos concordavam que de forma geral a nação estava melhor. Entretanto, o jornal só lembrou rapidamente que os índices de qualidade de vida e de miséria escondiam a má distribuição de renda.

Reagan saiu vitorioso nas eleições de 1984. O discurso de comemoração foi na Califórnia. Reagan dedicou a vitória ao povo americano e aos “princípios defendidos pelo brilho e bravura dos patriotas mais de 200 anos atrás” que estabeleceram “o curso da liberdade e da esperança que fazem o nosso país especial no mundo”²⁸⁷. A vitória eleitoral, na ótica do presidente “reafirma esses princípios” e seus eleitores eram o fogo “que define a América, o fogo de esperança que manterá viva a promessa de oportunidade”²⁸⁸. Em 1985, no primeiro discurso inaugural depois da sua reeleição, Reagan disse estar feliz, pois depois de 4 anos “o povo americano levou adiante a renovação da nação, mais forte, mais segura e mais livre do que antes”²⁸⁹. Segundo o presidente, quatro anos antes o papel do governo começou a mudar na vida das pessoas e isso promoveu um grande e robusto crescimento da economia e do papel da nação no mundo. Reagan afirmou que, como havia prometido no seu primeiro mandato, revigorou a economia da nação, dando as pessoas a liberdade e os incentivos para

²⁸⁷ “This electoral victory belongs to you and the principles that you cling to -- principles struck by the brilliance and bravery of patriots more than 200 years ago. They set forth the course of liberty and hope that makes our country special in the world”. REAGAN, Ronald. Remarks at an Reelection Celebration in Los Angeles, California. 06 Nov. 1984. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/110684b.htm>>

²⁸⁸ “we are part of that prairie fire that we still think defines America -- a fire of hope that will keep alive the promise of opportunity as we head into the next century”. Ibid.

²⁸⁹ “the American people have brought forth a nation renewed, stronger, freer, and more secure than before”. REAGAN, Ronald. Apud. WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=38069>>

arriscar. Contudo, o presidente alertou a seus compatriotas que isto era “somente o começo”²⁹⁰.

No final do seu mandato em 1988, no discurso na Convenção Nacional de Emissoras religiosas, Reagan disse que acreditava que seu governo tinha recolocado os Estados Unidos de volta ao caminho da renovação espiritual²⁹¹. O presidente elogiou os estudantes universitários comprometidos com o ativismo religioso que estavam substituindo os ativistas políticos dos anos 1960. Isso era possível, segundo Reagan, porque as emissoras evangélicas de rádio e televisão passavam aos estadunidenses à mesma mensagem “que guiou os pais fundadores e todas as gerações de americanos bem como nós mesmos, a infalível fonte da nossa bondade nacional: a bíblia, inspirada na palavra de Deus”²⁹². Contudo, segundo Reagan era preciso ainda devolver o “direito de reviver aos valores fundamentais da nossa nação, nossos costumes nacionais e nossas leis nacionais”²⁹³. O presidente anunciou que sua administração ainda estava tentando impedir a utilização de recursos públicos para financiar conselheiros, promotores e serviços de aborto, mas havia conseguido alcançar algumas conquistas. Reagan noticiou que durante seu mandato conseguiu a anuência da Suprema Corte para incluir grupos religiosos nos programas de aconselhamento de jovens, com o objetivo de impedir a gravidez precoce; submeteu ao congresso uma legislação de anti-pornografia, a Lei de Proteção a Criança e Coerção à Obscenidade; e decretou a Lei de Acesso Igualitário, que garantiu o direito de formação voluntária de grupos religiosos nas escolas, fora do horário letivo. Contudo, o presidente assumiu que ainda restava muito a fazer: permitir as orações nas escolas públicas; dificultar os procedimentos de aborto; continuar a batalha contra as drogas; estabelecer o pacote com a reforma das leis criminais; e restaurar a família americana. No final dos 8 anos em que esteve a frente do governo em Washington, Reagan imaginava e narrava uma nação na qual os homens estavam cada vez mais prósperos, seguros e felizes, reconquistando o futuro desenhado por Deus, que fora perdido em algum lugar da história nos anos 1960.

No discurso de despedida em 1989, Reagan orgulhosamente disse aos telespectadores e ouvintes que “nós fizemos a diferença”, recuperando a economia e a

²⁹⁰ “But it's only a beginning”. Ibid.

²⁹¹ REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the National Religious Broadcasters Association. 1 Fev. 1988. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/020188c.htm>>

²⁹² “your message is rooted in one sure guide for life, the guide for our Founding Fathers and every generation of Americans as much as for ourselves, the infallible wellspring of our national goodness: the Bible, the inspired word of God. Ibid.

²⁹³ “the right to life to the core of our national values, our national customs, and our national laws”. Ibid.

moral da nação²⁹⁴. E como consequência, a “América é respeitada novamente no mundo”²⁹⁵. Reagan lembrou que os estadunidenses, apoiando o governo, inflamaram a recuperação econômica da nação, cortando gastos, regulações e impostos. Segundo o presidente, quando a recuperação começou, todos os líderes mundiais pediram para ele contar sobre o milagre americano. Reagan disse que muitos chamavam a recuperação econômica de “Revolução Reagan”, mas confidenciou que, para ele, “sempre pareceu uma grande redescoberta, uma redescoberta dos nossos valores e do nosso bom senso”²⁹⁶. Altivo, o presidente anunciou que “nosso espírito esta de volta (...) América é liberdade, liberdade de expressão, liberdade religiosa, liberdade de empreendimento. E a liberdade é especial e rara” e “precisa de produção”²⁹⁷. Depois de 8 anos, de acordo com Reagan, a “cidade sobre a colina” estava mais segura, mais próspera e mais feliz e ele mais orgulhoso, pois ajudou a promover “a ressurgência do orgulho nacional que eu chamo de novo patriotismo”²⁹⁸.

Diferente da imaginação e da narrativa nacional que Reagan propagava no final do seu mandato, durante os 8 primeiros anos dos neoconservadores a frente do governo estadunidense, a insegurança, a desigualdade social e a pobreza nos Estados Unidos aumentaram significativamente. Isto ocorreu, sobretudo, devido às políticas de redução dos programas sociais e da substituição dos impostos regressivos por impostos progressivos. Embora os conservadores representados por Reagan não tenham eliminado definitivamente os programas sociais e a seguridade social, estes sofreram um processo de degradação, principalmente nos primeiros anos do governo neoconservador. A insegurança era crescente. Em 1983, 408.000 pessoas já haviam perdido o direito ao AFDC. Durante os anos seguintes, muitas outras pessoas perderam o direito ao programa Food Stamps, que passou a receber US\$ 2 bilhões a menos do que recebia antes da Era Reagan. Os recursos para a alimentação nas escolas também foi reduzido em US\$ 1 bilhão se comparado ao final da década de 1970. Os investimentos em saúde também sofreram reduções significativas em comparação aos governos anteriores. Em 1982, os investimentos na área da saúde caíram 3%; em 1983, caíram

²⁹⁴“ we've made a difference”. REAGAN, Ronald. Farewell Address to the Nation. 11 Jan. 1989.

Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1989/011189i.htm>>

²⁹⁵ “America is respected again in the world”. Ibid.

²⁹⁶ “They called it the Reagan revolution. Well, I'll accept that, but for me it always seemed more like the great rediscovery, a rediscovery of our values and our common sense”. Ibid.

²⁹⁷ “Our spirit is back, but we haven't reinstitutionalized it. We've got to do a better job of getting across that America is freedom -- freedom of speech, freedom of religion, freedom of enterprise. And freedom is special and rare. It's fragile; it needs production”. Ibid.

²⁹⁸ “the resurgence of national pride that I called the new patriotism”. Ibid.

mais 4%; em 1984, caíram mais 4.5%. Em 1975, 78% dos desempregados estadunidenses recebiam os benefícios do seguro desemprego; em 1983, eram apenas 39%. Em resumo, entre 1982 e 1985, quando os programas sofreram os cortes mais profundos, os recursos para o seguro desemprego foram reduzidos em 6.9%, para o AFDC foram reduzidos em 12.7%, para o Food Stamps foram reduzidos em 12.6% e para os programas de nutrição infantil foram reduzidos em 27.7%²⁹⁹.

A suposta redução de impostos de 1981 e 1982 recompensou os ricos e puniu os pobres. A redução se deu sobre os impostos de renda, enquanto os impostos sobre a seguridade social aumentaram. As famílias que recebiam menos de US\$ 10.000 por ano perderam aproximadamente US\$ 95. Por outro lado, as famílias que recebiam entre US\$ 75.000 e US\$ 100.000 por ano ganharam mais US\$ 403; as famílias que recebiam entre US\$ 100.000 e US\$ 200.000 por ano ganharam mais US\$2.269; e as famílias que recebiam acima de US\$ 200.000 por ano ganharam mais US\$ 17.403. Ao mesmo tempo, as famílias mais pobres perderam mais benefícios do que as famílias mais ricas, ou passaram a gastar mais com serviços do que antes, quando o governo desenvolveu programas sociais, como os de saúde e alimentação. As famílias que recebiam menos de US\$ 10.000 por ano perderam aproximadamente US\$ 1.340 em benefícios, enquanto as famílias que recebiam entre US\$ 40.000 e US\$ 80.000 por ano perderam apenas US\$ 390³⁰⁰. Com tudo isso, na década de 1980, aproximadamente US\$ 160 bilhões foram transferidos por ano para os 5% mais ricos do país. No mesmo período, apenas 1% das famílias estadunidenses controlavam 37% da riqueza dos Estados Unidos³⁰¹.

Em média, a renda da família americana caiu entre 4% e 6.5% no período entre 1979 e 1987³⁰². O número de crianças pobres aumentou de 3.7 milhões para 13.8 milhões, apenas entre 1979 e 1983. No mesmo período, o número de desabrigados e famintos aumentou dramaticamente. Em 1967, uma força tarefa de médicos e senadores começou a investigar a fome nos Estados Unidos. Naquele ano, a força tarefa relatou que a fome e a má nutrição ainda cresciam no país. Dez anos depois, em 1977, a mesma força tarefa concluiu que os programas de alimentação e nutrição, como o Food Stamps e a alimentação escolar, haviam reduzido significativamente a fome e a má nutrição entre os pobres do país. Em 1985, a força tarefa concluiu que a fome e a má nutrição

²⁹⁹ KATZ. Op. Cit, p. 297

³⁰⁰ KATZ. Op. Cit, p. 298

³⁰¹ BERMAN. Op. Cit, 106

³⁰² BERMAN. Op. Cit, 107

estavam, novamente, se tornando um sério problema para os Estados Unidos³⁰³. O aumento da pobreza, a redução dos investimentos em saúde e a redução de recursos financeiros disponíveis para financiar os programas de assistência alimentar e nutricional trouxeram não só a fome, mas doenças e crescimento da mortalidade.

³⁰³ KATZ. Op. Cit, p. 298,299

5 – Os negros estadunidenses e o nacionalismo étnico neoconservador

5.1 – A dependência antipatriótica e os negros

Reagan, frequentemente, opôs os verdadeiro estadunidense, que refletia os valores “naturais” da nação como liberdade individual, independência, senso comunitário, força, produtividade, iniciativa, empreendedorismo, trabalho duro e fé em Deus, aos indivíduos que necessitavam da ajuda do Estado para subsistirem. Dessa forma, Reagan estabeleceu uma separação entre os verdadeiros estadunidenses, superiores e consagrados no “nós”, e “aqueles”, ou seja, “os outros”, inferiores. Os “aqueles”, “verdadeiramente necessitados”, como Reagan frequentemente se referia em seus discursos, não tinham os valores estadunidenses, sobretudo a liberdade individual e a independência, pois participavam dos programas sociais. Portanto, os verdadeiros estadunidenses, precisavam ajudar e ensinar “aqueles”, “verdadeiramente necessitados”, para impedir que a nação perecesse e para resgatar o passado dourado e o futuro da nação.

No discurso sobre o estado da economia em 5 de fevereiro de 1981, Reagan assegurou que os cortes não seriam às custas dos “verdadeiramente necessitados” e atingiriam somente aqueles que “realmente” não eram qualificados e não tinham necessidade de participar dos programas sociais³⁰⁴. Em seguida, Reagan explicou que “nós podemos, com compaixão, continuar a cumprir nossas responsabilidades para com aqueles, que sem culpa própria, precisam da nossa ajuda”³⁰⁵. Reagan então acrescentou que, durante os últimos anos, forças econômicas negativas tinham tomado o controle da nação. Era necessário, portanto, que os cidadãos da nação trabalhassem juntos e agissem com responsabilidade a fim de reconstruir os fundamentos da sociedade dos Estados Unidos. Isto seria feito com respeito, compreensão e compaixão com “aqueles” que precisavam ser protegidos.

No discurso de 18 de fevereiro do mesmo ano, Reagan começou desacreditando as histórias “exageradas” e “inexatas” sobre a redução dos investimentos governamentais nos programas sociais, que perturbavam “particularmente aqueles

³⁰⁴ REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Economy. 05 Fev. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/20581c.htm>>

³⁰⁵ “we can, with compassion, continue to meet our responsibility to those who, through no fault of their own, need our help”. Ibid

dependentes dos programas de auxílio e benefícios para suas necessidades básicas”³⁰⁶. Para tranquilizar os “dependentes” ou os “verdadeiramente necessitados”, Reagan prometeu que continuaria “a cumprir as obrigações que brotam da nossa consciência nacional”³⁰⁷. O presidente explicou em seguida que programas como o Food Stamps seriam restaurados às condições originárias para assistir “aqueles” que não tinham recursos para adquirir alimentos.

Reagan informou os telespectadores e o Congresso que, além de reduzir os gastos sociais, iria deixar de subvencionar cada programa diretamente e passaria a subvencioná-los em blocos administrados pelos governos estaduais e locais. O presidente nomeou os blocos nos quais agruparia os programas sociais de “Block Grants” que podem ser entendidos como “blocos de subvenção”, mas também “blocos de doação”. Como já visto, o presidente alegou que a formatação dos programas em bloco sob a gerência dos governos estaduais e locais evitaria custos excessivos, fraudes, desperdícios e regulações, além de permitir maior flexibilidade, controle e qualidade. Dessa forma, o presidente, seguindo estritamente sua cartilha neoconservadora, desacreditou os programas sociais gerenciados pelo governo federal e reforçou a idéia de que a ajuda “aos verdadeiramente necessitados” deveria ser uma dádiva e não um direito.

No discurso destinado aos trabalhadores da construção civil, em 30 de março de 1981, Reagan leu a carta de um suposto operário da construção civil da cidade de Peoria, situada no estado de Illinois³⁰⁸. Segundo o presidente este trabalhador estava desempregado, “mas ele trabalhou na construção por dez anos antes disso”³⁰⁹. O presidente utilizou a conjunção *mas*, que denota oposição ou restrição, para esclarecer que este desempregado era exceção, pois ele tinha trabalhado por 10 anos antes de ficar desempregado, ou seja, não era daqueles que viviam a vida apegados, dependentes dos programas sociais. Segundo, Reagan tornou público que a renda daquele trabalhador “neste momento é totalmente dependente do desemprego e dos benefícios

³⁰⁶ “Now, I know that exaggerated and inaccurate stories about these cuts have disturbed many people, particularly those dependent on grant and benefit programs for their basic needs”. REAGAN, Ronald. Address Before a Joint Session of the Congress on the Program for Economic Recovery. 18 Feb. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/21881a.htm>>

³⁰⁷ “We will continue to fulfill the obligations that spring from our national conscience”. Ibid

³⁰⁸ REAGAN, Ronald. Remarks at the National Conference of the Building and Construction Trades Department, AFL-CIO. 30 Mar. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/33081b.htm>>

³⁰⁹ “unemployed factory worker from Illinois, the Peoria area, but he worked in construction for 10 years before that”. Ibid

suplementares da companhia para qual trabalhou”³¹⁰. Utilizando o advérbio “neste momento”, Reagan reafirmou que a condição de dependência daquele desempregado era apenas temporária. Mais do que isso, o presidente confidenciou que o trabalhador havia se casado há apenas três meses e sua mulher também havia perdido o emprego. Depois de comprovar a idoneidade e o drama pessoal do trabalhador, Reagan revelou que seu correspondente escreveu para dizer que se os cortes nos gastos governamentais afetassem seus benefícios, seria difícil para sua família, mas ele aceitaria pelo futuro da nação. Segundo Reagan, como a maioria dos americanos, aquele homem queria uma mudança e estava disposto a “colocar a engrenagem para funcionar novamente”³¹¹. Mas, o presidente lembrou que para colocar a “engrenagem funcionando novamente”, os estadunidenses deveriam “ter controle das próprias vidas e do próprio destino”³¹².

Em 1982, durante as primeiras tentativas de aprovar a emenda constitucional para balancear o orçamento, Reagan lembrou a tradição e a importância da independência através de Calvin Coolidge³¹³. Segundo Reagan, Coolidge havia dito que “não existe dignidade tão impressionante e independência tão importante quanto viver com os próprios meios”³¹⁴. Para o presidente, “esses não são princípios Republicanos ou Democratas. Esses são princípios americanos tão importantes hoje quanto eles eram 200 ano atrás, quando os ancestrais lutaram uma revolução que então nós pudemos ficar livres para desenvolver a felicidade para nós mesmos”³¹⁵.

Os negros estadunidenses, devido à pobreza e a discriminação racial resultantes de processos históricos conhecidos, se beneficiavam, em grande número, dos programas sociais, das ações afirmativas e das leis de igualdade civil. Por isso, foram facilmente associados “aqueles” que eram o oposto da nação, caracterizados como dependentes, acomodados, fracos, irresponsáveis, improdutivos, desprovidos de capacidade intelectual e sem fé em Deus. Conseqüentemente, os negros personificavam os problemas sociais e morais que ameaçavam a nação como a fraqueza, a criminalidade, o

³¹⁰ “His income right now is totally dependent on unemployment and supplemental benefits from the company he worked for”. Ibid.

³¹¹ “ready for an overhaul to make the engine work again”. Ibid.

³¹² “we must get control of the budget monster, get control of our economy, and I assure you, get control of our own lives and our own destinies” Ibid

³¹³ REAGAN, Ronald. Remarks at a Rally Supporting the Proposed Constitutional Amendment for a Balanced Federal Budget. 19 Jul. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/71982d.htm>>

³¹⁴ “President Coolidge said, ‘There is no dignity quite so impressive and no independence so important as living within your means’”. Ibid.

³¹⁵ “Now, these are not Republican or Democratic principles. They're American principles, as important today as they were 200 years ago, when our ancestors were fighting a revolution so that we could be free to work out happiness for ourselves”. Ibid.

uso de drogas, o aborto e a desestruturação das famílias e da comunidade. Esses problemas sociais, que de fato alcançavam mais negros do que qualquer outro grupo étnico racial ou social, passaram a ser vistos como resultado de um vício provocado pelos programas sociais destinados aos negros e à própria raça, mas não como resultado das próprias condições econômicas e sociais.

Nesse sentido, Reagan reabilitou a potência do nacionalismo étnico nos Estados Unidos. A nação de Reagan era imaginada como uma comunidade formada naturalmente, pelos desígnios divinos, por homens que valorizavam a liberdade individual, independentes, produtivos, fortes e crentes em Deus, e não mais por uma comunidade na qual o pertencimento era definido por direitos sociais. Portanto, a maioria dos negros não fazia parte da nação assim definida e a maior prova disto era a relação deles com os programas sociais e as ações afirmativas. Contudo, o desconforto do presidente, e de boa parte dos neoconservadores, em aceitar os negros na nação não poderia ser exposto de forma explícita depois da revolução dos direitos civis, somente nas entrelinhas.

Na campanha presidencial de 1980 a questão racial raramente foi levantada, diferente da eleição governamental de 1966, quando Reagan tornou-se governador da Califórnia. Nas primárias daquele pleito, na convenção de Republicanos negros, Reagan foi acusado de racismo e reagiu com fúria, abandonando o evento. Durante sua carreira política, Reagan foi muitas vezes acusado de racismo e sempre reagiu visceralmente. No governo da Califórnia, Reagan indicou negros e hispânicos para diversos cargos, contudo se opôs às leis federais de habitação que facilitavam a moradia para os negros e impediam práticas segregacionistas. Reagan atacou agressivamente os programas estaduais de bem estar social durante a campanha para se reeleger governador do estado em 1970, sobretudo as supostas práticas fraudulentas, com um discurso racista implícito. Nas primárias presidenciais do Partido Republicano em 1968, Reagan viajou por todo o sul e atacou a Lei de Direito ao Voto de 1965 (Voting Rights Act), que garantia a participação eleitoral dos negros em todo país, inclusive no sul. Em 1976, mais uma vez nas primárias do Partido Republicano, Reagan frequentemente lembrou a figura da “Rainha do Welfare” (Welfare Queen), caracterização das mulheres que, supostamente, viviam dos benefícios dos programas sociais do governo federal e das fraudes que cometia contra ele. Reagan nunca associou a “Rainha do Welfare” às mulheres negras. Entretanto o caso que deu origem à construção desta figura simbólica envolvia uma mulher negra, como a platéia do candidato Republicano sabia, e ele,

várias vezes, narrou uma versão errônea e exagerada do caso para provar o quanto os programas de bem estar social eram nocivos. Ainda na campanha das primárias republicanas em 1976, Reagan atacou abertamente as ações afirmativas, considerando-as prejudiciais para os brancos. A intenção de Reagan, além de representar os interesses e a visão de mundo dos neoconservadores, corrente ainda não hegemônica no partido Republicano, era se distinguir de Gerald Ford, candidato da ortodoxia republicana naquele momento³¹⁶.

Na campanha para presidência, em 1980, a questão racial desapareceu dos discursos de Reagan. Os neoconservadores estavam tornando-se a ortodoxia do Partido Republicano, precisavam construir um projeto nacional que, ao menos, ganhasse a simpatia dos negros conservadores do partido. Além disso, depois da conquista dos direitos civis, nenhum projeto político de nação poderia abertamente excluir os negros e outras minorias étnicas se quisesse ser vitorioso. Em 1980, Reagan assumiu uma imagem mais moderada em relação à questão racial, mas isso não significou uma mudança de posição em relação aos programas sociais e aos direitos civis.

Para manter o tom moderado acerca dos direitos civis, Reagan discursou para National Urban League, uma das mais antigas e mais atuantes organizações pelos direitos civis dos negros, e afirmou que a recessão provocada pelos programas sociais era a maior ameaça aos afro-estadunidenses. Na mesma ocasião, o então candidato prometeu que reforçaria os direitos civis e a rede de segurança para os “verdadeiramente necessitados”. Mesmo assim, era pouco provável que os negros apoiassem ou votassem maciçamente em Reagan. Os Republicanos sabiam disso e durante a campanha Reagan evitou mencionar as questões raciais, mesmo quando discursou sobre temas sociais intrinsecamente ligados às ações afirmativas e aos direitos civis³¹⁷.

A estratégia de campanha republicana visava, entretanto, destruir a coalizão entre negros e trabalhadores brancos que sustentava os Democratas, apelando, sobretudo, para os brancos sulistas e para os brancos ricos. Depois das campanhas para o governo da Califórnia e para tornar-se candidato Republicano à presidência, a imagem de Reagan estava profundamente associada ao racismo. Para os estadunidenses brancos e racistas não era sequer necessário reafirmar esta posição. Mesmo assim, Reagan fez um grande gesto simbólico de comprometimento com os conservadores racistas. O seu

³¹⁶ MAYER, Jeremy. *Running on race: racial politics in presidential campaigns 1960-2000*. New York. Random House, 2002. p. 151-155

³¹⁷ *Ibid.* p. 166

primeiro discurso na campanha presidencial foi no condado de Nashoba, no estado do Mississippi, aonde três ativistas pelos direitos civis foram brutalmente assassinados em 1964³¹⁸.

5.2 – A cruzada contra as ações afirmativas e as políticas de integração racial

Em 1983, com pouca boa vontade e depois de debates acirrados, Reagan declarou feriado nacional o dia 15 de janeiro, em homenagem ao nascimento de Martin Luther King Jr³¹⁹. Ao assinar a lei que decretou o novo feriado, o presidente lembrou que nos anos 1950 e 1960 a discriminação racial foi uma das crises mais importantes que a nação teve que enfrentar³²⁰. O presidente lembrou que os direitos civis estabelecidos em 1964 e a lei de direito ao voto de 1965 garantiram a todos os estadunidenses o uso as acomodações públicas, o acesso a programas financiados pelo governo federal, o direito de votar, e a disputa por emprego através do mérito e não da cor da pele. Entretanto, para Reagan, “o mais importante não foram as mudanças da lei; foi a mudança do coração”³²¹. Dessa maneira, moderadamente, Reagan colocou o racismo no país como uma questão das décadas de 1950 e 1960; a luta pelos direitos civis como a expressão da crise racial que surgira apenas naqueles anos; e diminuiu a importância das leis de 1964 e 1965, uma vez que ocorreu uma mudança nos corações dos estadunidenses.

No início de seu mandato, em junho de 1981, na presidência, Reagan discursou na convenção anual da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (National Association for the Advancement of Colored People – NAACP)³²². Fundada em 1909, esta organização era a mais importante defensora dos direitos civis dos negros. Reagan começou o discurso dizendo que naquele dia falaria sobre as

³¹⁸ Ibid. p. 169

³¹⁹ REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the Bill Making the Birthday of Martin Luther King, Jr., a National Holiday. 02 Nov. 1983. Disponível em: <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/110283a.htm>

³²⁰ “In America, in the fifties and sixties, one of the important crises we faced was racial discrimination”. Ibid.

³²¹ “The Civil Rights Act of 1964 had guaranteed all Americans equal use of public accommodations, equal access to programs financed by Federal funds, and the right to compete for employment on the sole basis of individual merit. The Voting Rights Act of 1965 had made certain that from then on black Americans would get to vote. But most important, there was not just a change of law; there was a change of heart. Ibid.

³²² REAGAN, Ronald. Remarks in Denver, Colorado, at the Annual Convention of the National Association for the Advancement of Colored People. 29 Jun. 1981. Disponível: <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/62981a.htm>

necessidades do futuro, sobre novas idéias e sobre a necessidade de começar um diálogo contínuo com a organização e não sobre os desentendimentos do passado e idéias velhas. Para Reagan, não era mesmo necessário voltar a debater “idéias velhas”, pois dizia ele, “poucos grupos isolados” ainda incentivavam o racismo e o preconceito religioso³²³. Para Reagan, e para a maioria dos neoconservadores como Murray, o racismo era uma questão pequena e superada, portanto os direitos civis para negros, as ações afirmativas e os programas sociais eram idéias velhas, ineficazes e sem sentido. Mantendo uma imagem moderada, mas sem deixar de considerar o racismo uma questão pequena, Reagan prometeu que falaria aos grupos racistas que eles eram “os únicos que estavam fora do ritmo da nossa sociedade”; eram “os únicos que deliberadamente violavam o sentido do sonho que é a América”; e que o país não aceitaria tal conduta³²⁴. O presidente se comprometeu a eliminar qualquer caso de discriminação contra minorias e sustentar as leis que as protegiam. Reagan disse ainda que “não iria recuar a nação do seu compromisso de tratar todos os cidadãos igualmente”, pois esta era “a responsabilidade primária do governo nacional”³²⁵. Em outros discursos, proferidos para outros públicos, como já vimos, a responsabilidade primária do governo nacional era a defesa da nação.

O presidente avisou aos membros da organização que nos meses seguintes gostaria de desenvolver um diálogo sobre o papel do governo federal nas comunidades negras, com questões mais “rígidas e realistas”³²⁶. Isto quer dizer, questões mais “rígidas e realistas” do que as questões que vinham sendo debatidas até aquele momento, os direitos civis, as ações afirmativas e os programas sociais. Reagan afirmou que as políticas dos governos anteriores eram particularmente difíceis para as minorias pobres, pois destruíram a esperança. O presidente fez então uma série de perguntas retóricas para comprovar sua tese de que os programas sociais e as ações afirmativas faziam mal para os negros. Perguntou se os índices de desemprego entre os jovens negros representavam o sucesso das políticas sociais anteriores; se os negros se sentiam

³²³ “Let us talk today about the needs of the future, not the misunderstandings of the past; about new ideas, not old ones (...)A few isolated groups in the backwater of American life still hold perverted notions of what America is all about”. Ibid.

³²⁴ “If I were speaking to them instead of to you, I would say to them, ‘You are the ones who are out of step with our society. You are the ones who willfully violate the meaning of the dream that is America. And this country, because of what it stands for, will not stand for your conduct’”. Ibid.

³²⁵ “I emphasize that we will not retreat on the nation's commitment to equal treatment of all citizens. Now, that, in my view, is the primary responsibility of National Government”. Ibid.

³²⁶ “In the months ahead, our dialog also will include tough and realistic questions about the role of the Federal Government in the black community”. Ibid.

satisfeitos com o encolhimento de seus salários devido aos impostos do governo; se os pais negros, mesmo com todo investimento do governo federal, poderiam dizer que a educação havia melhorado; e se “pode a mulher que eu vi na televisão recentemente, cuja família estava no sistema assistencial por três gerações e que temia que seu filho fosse o próximo, acreditar que as políticas dos governos anteriores irá salvar seu filho de tal sorte?”³²⁷. A última pergunta retórica do presidente revelou sutilmente o estereótipo neoconservador que estabelecia uma ligação tênue entre os negros e os programas sociais que produziam dependência, vício e preguiça, destruindo a independência, a liberdade, a tradição do trabalho duro, a iniciativa, a produtividade, a moral e a sociedade estadunidense. Alguns meses depois, no Texas, Reagan contaria a correligionários que recebera uma carta, de uma suposta mulher negra, que agradeceu por “nos deixar tentar mais uma vez por nossos próprios músculos e não nos tornar dependentes sem ajuda”³²⁸.

Segundo Reagan, ele havia feito estas perguntas, porque, tal como a NAACP, se preocupava com o futuro da comunidade negra e porque “os negros da América não devem ser manipulados como mais um bloco de eleitores para serem cobiçados e conquistados”³²⁹. Assim, sutilmente, Reagan acusou os negros de serem um bloco de eleitores a serviço dos Democratas. Para o presidente, os negros eram “indivíduos como todos nós”, mas “alguns tinham necessidades especiais” e o governo federal não estava, até então, as atendendo devidamente.³³⁰ Nas entrelinhas, o moderado Reagan via alguns negros como sujeitos inferiores, que não tinham liberdade individual, independência, autonomia e raciocínio próprio, por se deixarem manipular.. Eram “aqueles realmente necessitados”, que precisavam da ajuda dos verdadeiros estadunidenses.

Reagan disse que a condição dos negros precisava mudar, o governo precisava atender “as necessidades especiais” deles, mas não através da dos direitos civis, das ações afirmativas e dos programas de bem estar social. Para ele, a nação não poderia

³²⁷ “Can the women I saw on television recently -- whose family had been on welfare for three generations and who feared that her children might be the fourth -- can she believe that current government policies will save her children from such a fate?”. Ibid.

³²⁸ “She was black, but she said, ‘Thank you for doing away with the war on poverty.’ She said, ‘Thank you for letting us once again try our own muscle and not become helpless dependents.’”. REAGAN, Ronald. Remarks at a ‘Salute to a Stronger America’ Republican Fundraising Dinner in Houston, Texas. 13 Nov. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/111381e.htm>>

³²⁹ “We ask these questions, because the blacks of America should not be patronized as just one more voting bloc to be wooed and won”. REAGAN, Ronald. Remarks in Denver, Colorado, at the Annual Convention of the National Association for the Advancement of Colored People. 29 Jun. 1981. Disponível: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/62981a.htm>>

³³⁰ “You are individuals as we all are. Some have special needs. I don't think the Federal Government has met those needs”. Ibid.

ficar presa “às velhas maneiras” de resolver os problemas raciais e econômicos e, somente, o estímulo à livre iniciativa, desenvolvida através do seu programa de recuperação econômica, resolveria o problema dos negros nos Estados Unidos³³¹. Sem abandonar o tom moderado, o presidente revelou que os negros da NAACP estavam “recebendo a informação de que as propostas para recuperação econômica estavam projetadas para discriminar todos os que se encontravam economicamente desprovidos”³³². O presidente então disse aos negros da NAACP que eles estavam sendo enganados por quem era ignorante ou demagogo³³³. Mais uma vez, portanto, Reagan, tentando ser moderado, marcou a ingenuidade dos negros que, para ele, seguiam sem pensar a ignorância e a demagogia dos Democratas, que representavam apenas interesses especiais. Reagan continuou tentando convencer os membros da NAACP de que o programa neoconservador seria melhor para os negros. O presidente associou seu projeto de nação à Harriette Tubman, ex-escrava, abolicionista e precursora da luta pelos direitos civis dos negros após a Guerra Civil, insinuando que, como tal figura histórica, seu programa de recuperação econômica universalizaria a liberdade para os afro-estadunidenses. Para Reagan, os negros pobres deveriam poder experimentar a liberdade individual, a independência, a produtividade e um emprego real. Como se os negros não trabalhassem, Reagan disse que eles deveriam ter um bom dia de trabalho, poder reclamar do patrão, voltar para casa confiantes e com respeito próprio, e não ter que depender dos governos de Washington. Mas, o presidente explicou que os políticos liberais estavam mais dedicados em transformar as pessoas necessitadas em dependentes do governo do que em independentes, pois as tornariam clientes. Para Reagan, era necessário declarar a emancipação econômica dos negros, exatamente como a libertação dos escravos, 118 anos antes. Portanto, para Reagan, os negros não eram livres, não tinham ainda experimentado a liberdade individual, não tinham trabalho real, eram acomodados e dependentes dos programas sociais e das ações afirmativas.

Em 16 de março de 1982, em um discurso para os clérigos negros na Casa Branca, o presidente confessou que a acusação de que não se importava com os negros

³³¹ “We cannot be tied to the old ways of solving our economic and racial problems. But it is time we looked to new answers and new ways of thinking (...) Free enterprise is a powerful workhorse that can solve many problems of the black community that government alone can no longer solve.”. Ibid.

³³² “Now, I know you've been told that my proposal for economic recovery is designed to discriminate against all who are economically deprived”. Ibid.

³³³ “who say that could be confused by the misstatements that have been made by some who are either ignorant of the facts or those who are practicing, for political reasons, pure demagoguery”. Ibid.

pobres e em dificuldade era a que mais o aborrecia³³⁴. Para Reagan, alguns homens acreditavam que sua administração atacava os pobres para alcançar seus objetivos. Entretanto, o presidente explicou aos clérigos que era necessário controlar os gastos com os programas sociais, pois estes roubavam os negros pobres de sua dignidade, os jogava na dependência, diminuía o respeito próprio e reduzia a fé em um futuro melhor. Assim, mais uma vez, como nos outros discursos, os homens que participavam dos programas sociais, em sua maioria negros, não tinham dignidade, respeito próprio, independência e fé no futuro, diferente dos estadunidenses idealizados. Para não transparecer que era uma questão racial, portanto indicando sua existência, o presidente reafirmou que não era uma questão de raça, mas humana. Tratava-se, segundo ele, de como o governo deveria tratar todos os cidadãos. Reagan então pediu aos clérigos que liderassem seus rebanhos no sentido da aceitação do programa de recuperação econômica, pois, seria melhor para o espírito humano e para a alma da nação “encorajar o povo a aceitar mais responsabilidade de cuidar um do outro” do que deixar esta tarefa a cargo dos burocratas³³⁵.

Diante do Conselho Nacional de Mulheres Negras da América, em 28 de julho de 1983, Reagan disse que nada o frustrava mais do que a falsa imagem que criaram para ele. Lembrou que 50 anos antes defendera o direito dos negros jogarem na principal liga de Baseball dos Estados Unidos e contou que seu melhor amigo na escola era um negro que jogava futebol americano ao seu lado³³⁶. O presidente alertou que o país e o povo estavam enfrentando um sério desafio que ameaçava os valores e a famílias: as drogas, o aborto, os problemas do sistema escolar e a criminalidade. O presidente assegurou às mães negras, como se este fosse um problema específico dos negros, que estava, com sua mulher Nancy, combatendo as drogas. Além disso, Reagan afirmou que estava combatendo a discriminação racial nas escolas, mas sorrateiramente lembrou da importância dos estabelecimentos de ensino voltados para os negros. O presidente informou que havia autorizado investimentos de US\$ 30 milhões no Meharry Medical College, uma universidade para negros situada na cidade de Nashville, no estado do Tennessee. Reagan tentou atrelar suas propostas ao ideal de Mary McLeod

³³⁴ “the accusation, seriously, that bothers me the most is the charge that we don't care about the poor and the disadvantaged”. REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Luncheon for Black Clergymen. 26 Mar. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/32682a.htm>>

³³⁵ “But wouldn't it be better for the human spirit and for the soul of this nation to encourage people to accept more responsibility to care for one another, rather than leaving those tasks to paid bureaucrats? Ibid.

³³⁶ REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Reception for the National Council of Negro Women. 28 Jul. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/72883h.htm>>

Bethune, reformadora negra dos anos 1920 e fundadora da Meharry Medical College, que teria dito que o povo negro nos Estados Unidos só queria tornar real, como era para os outros estadunidenses, a declaração de independência, a constituição e a declaração dos direitos dos cidadãos. Segundo a narrativa de Reagan, assim como ele, “Bethune só queria que os negros tivessem chances iguais”³³⁷. Contudo, na lógica neoconservadora de Reagan isso significava acabar com as ações afirmativas e promover o seu programa de recuperação econômica, certamente muito distantes do que Bethune queria para os negros estadunidenses. Por fim, o presidente revelou, mais uma vez, a tensão entre ele e os movimentos negros organizados lembrando que “talvez nós não concordemos em todos os detalhes, mas juntos nós podemos fazer desta terra, que todos nós amamos, um lugar livre para nossos filhos e para os filhos dos nossos filhos”³³⁸.

Pouco antes das eleições presidenciais de 1984, em 25 de junho, na Casa Branca, Reagan tornou pública a nomeação de alguns negros para cargos administrativos do governo³³⁹. No discurso de nomeação desses quadros, Reagan afirmou que o problema da educação, que atingia os negros nos Estados Unidos era resultado da crise no sistema público de educação. Este problema, supostamente, havia atingido os negros no país nos anos anteriores à sua presidência e só a partir do seu mandato as crianças negras começaram a “conseguir a educação que precisavam para participar completamente da vida americana”³⁴⁰. Em 11 de outubro de 1984, na comemoração dos quarenta anos de criação do fundo privado para a União das Universidades Negras, Reagan reafirmou a fraqueza que via nos negros de forma menos implícita: “A auto-confiança e a oportunidade que nós queremos para os colégios e universidades negras americanas, é exatamente o que nós queremos para todos os cidadãos negros”³⁴¹. Reparando em seu ato falho, o presidente completou “na verdade, para todos os Americanos”³⁴².

No discurso proferido para os membros da NAACP, o mesmo que vimos anteriormente, Reagan anunciara que a reforma no sistema educacional era fundamental

³³⁷ “She said black people only want an equal chance to realize those ideals”. Ibid.

³³⁸ “We may not always agree on every detail, but together we can make this land we all love a better, freer place for our children and our children's children”. Ibid.

³³⁹ REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Briefing for Black Administration Appointees. 23 Jun. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/62584a.htm>>

³⁴⁰ “In large part, because of our efforts, black children are beginning to get the educations they need to participate fully in American life”. Ibid.

³⁴¹ “The self-reliance and opportunity that we want for America's black colleges and universities are just what we want for all our black citizens”. REAGAN, Ronald. Remarks at the 40th Anniversary Dinner of the United Negro College Fund. 11 Out. 1984. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/101184g.htm>>

³⁴² “indeed, for all Americans”. Ibid.

para solucionar os problemas dos negros nos Estados Unidos. Dizendo-se inspirado em Marva Collins, educadora negra que havia fundado uma escola privada para alunos negros com problemas de aprendizado em Chicago, e em Wilson Riles, superintendente de educação da Califórnia condecorado pela NAACP, Reagan afirmou que a noção de que os negros não poderiam aprender, se não estivessem entre brancos, era sem sentido. O presidente anunciou que tinha um plano para melhorar as escolas e universidades destinadas exclusivamente ou majoritariamente à comunidade negra. Tal plano, segundo Reagan, visava valorizar a determinação dos negros que ergueram tais escolas³⁴³. As observações do presidente acerca da capacidade intelectual e da necessidade de preservar e investir nas escolas construídas pela comunidade afro-descendentes eram, no mínimo, ambíguas. Reagan desconsiderou, ou fingiu desconsiderar, que toda luta pela integração racial nas escolas não era fundada na idéia de que os negros aprenderiam melhor se sentassem juntos com os brancos, mas na idéia de que os afro-americanos tinham o direito de estudar em qualquer escola pública ou privada que desejassem. Isto estava claro inclusive na decisão da Suprema Corte de 1954, no caso *Brown X Junta de Educação de Topeka*, que gerou a proibição de segregação nos espaços escolares. A alegação do autor da ação, que defendia a integração, era justamente a de que a segregação prejudicava a auto-estima das crianças negras e conseqüentemente seu aprendizado, além de ferir a 14 Emenda. Reagan preferiu elidir também que as escolas negras surgiram como resposta à segregação racial. A valorização, inclusive financeira, das escolas privadas destinadas ao ensino dos negros era uma forma de incentivar a iniciativa privada, para diminuir os investimentos federais diretos na educação, e um subterfúgio para revitalizar a segregação racial nas escolas estadunidenses.

Reagan se reuniu, em 15 de setembro de 1981, com funcionários das escolas e universidades destinadas aos negros sob a justificativa de que tinha a intenção de preservar tais instituições, que tradicionalmente “havam servido tão bem à nação”³⁴⁴.

³⁴³ “Certainly, we're all inspired by the wonderful example of Marva Collins (...) She just proves to me what a friend of mine, Wilson Riles, California's superintendent of education, used to say: ‘The concept that black children can't learn unless they're sitting among white children is utter and complete nonsense’. We plan to take a look, a comprehensive look, at the education of blacks from primary school upward and strengthen the base of black colleges, which are a sound educational investment. They are more than that. They're a proud tradition, a symbol of black determination and accomplishment, and I feel deeply they must be preserved. REAGAN, Ronald. Remarks in Denver, Colorado, at the Annual Convention of the National Association for the Advancement of Colored People. 29 Jun. 1981. Disponível: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/62981a.htm>>

³⁴⁴ “we're gathered today because all of us want to nourish and protect an American institution that has served this Nation well”. REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Luncheon for Officials of Black

Segundo o presidente, a educação ofertada por estas instituições fazia com “que os indivíduos se tornassem o tipo de pessoa que escolheram ser e não o tipo de pessoa que um planejador central dizia que deveria ser”³⁴⁵. Por isso, Reagan anunciou que, contrariando a necessidade de promover cortes no orçamento, as escolas e as universidades negras receberiam US\$ 9.6 milhões de dólares a mais do governo federal. Contudo o presidente não deixou de lembrar que o governo federal poderia promover a igualdade de oportunidades, mas que o setor privado poderia suprir melhor a responsabilidade de prover assistência direta a estas instituições.

Em 24 de setembro de 1984, na semana de homenagens às históricas universidades voltadas para os negros, Reagan afirmou, em uma recepção na Casa Branca para comemorar a ocasião, que “nossas escolas tem elevado nossas crianças, preenchido seus corações com esperança, e dado a elas as habilidades necessárias para fazerem seu caminho no mundo com orgulho e auto-confiança”³⁴⁶. Por esta razão, segundo o presidente, sua administração “tem se movimentado para fortalecer as universidades historicamente negras por toda América”³⁴⁷. Nas entrelinhas do discurso de Reagan podemos inferir que as crianças negras, portanto, diferente das “nossas crianças” do presidente, não tinham orgulho e auto-confiança para fazerem seu caminho no mundo. Para dar a elas a possibilidade de se tornarem independentes, Reagan anunciou que sua administração fortaleceria os estabelecimentos de ensino voltados majoritariamente para os negros. Isso seria feito, segundo anúncio do presidente, através do investimento do governo federal e, principalmente, com a ajuda da iniciativa privada, pois “por muito tempo, muitos tem olhado apenas para o governo”³⁴⁸. Para mostrar sua boa vontade, Reagan citou a ajuda que deu à Meharry Medical College e a Fisk University. Enquanto isso o ensino público regular continuaria sofrendo com a diminuição dos gastos federais e os pais das crianças das classes médias brancas dos

Colleges and Universities. 15 Set. 1981. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/91581b.htm>>

³⁴⁵ “the education they offer, that individuals can make themselves into the type of people they choose to be and not what some central planner says they should be”. Ibid.

³⁴⁶ “Our schools have uplifted our children, filled their hearts with hope, and given them the skills they need to make their way in the world with pride and self-reliance”. REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Reception Marking the Beginning of National Historically Black Colleges Week. 24 Set. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/92484c.htm>>

³⁴⁷ “For this reason, our administration has moved to strengthen historically black colleges across America”. Ibid.

³⁴⁸ “This, once again, embodied our belief that there are vast, untapped sources throughout America, because for too long, too many have looked only to government”. Ibid.

subúrbios receberiam incentivos para colocarem seus filhos em escolas particulares, muitas delas segregacionistas, que ganhariam isenções fiscais.

Antes da campanha eleitoral de 1984, temas como ações afirmativas, transporte escolar inter-racial e leis de direitos civis ganharam pouca atenção de Reagan. Essas questões ficaram inalteradas graças à defesa das ações afirmativas no Congresso, nas cortes federais e nas ruas, através dos ativistas. O próprio Reagan, até aquele momento, não conseguiu, ou não quis, introduzir diretamente as questões relativas às políticas raciais em sua agenda. O presidente respondeu negativamente aos anseios da comunidade negra, mas também não satisfez completamente os conservadores racistas. Entretanto, a impressão de que Reagan se opunha às ações afirmativas e a integração racial estava evidente nas declarações nas quais ele próprio revelava as críticas que recebia do movimento negro. Além disso, a posição de Reagan contra as ações afirmativas e a integração racial estava evidente também nas políticas que tangenciavam a questão racial, mas não tratavam dela diretamente. A política educacional, por exemplo, sutilmente visava separar os negros e os brancos através de facilidades fiscais para escolas que aceitavam apenas brancos; de estímulos para classe média branca tirar seus filhos das escolas públicas; e dos estímulos às escolas voltadas exclusivamente para os negros. Por outro lado, a insatisfação dos negros com tais propostas, até mesmo com os Democratas que as apoiavam, ficou ainda mais evidente na pré-candidatura do reverendo Jesse Jackson e nas pesquisas que apontavam que 90% dos afro-estadunidenses votariam contra a reeleição do presidente³⁴⁹.

No jantar com o Conselho Nacional de Republicanos Negros, em 15 de setembro de 1982, Reagan, parecendo mais uma vez incomodado com as críticas de racismo, foi obrigado a afirmar que seu governo não estava tentando anular os eleitores negros³⁵⁰. “Nós não estamos anulando ninguém”, disse Reagan, sem descartar que, para ele, os negros estavam sendo anulados pelos Democratas³⁵¹. Reagan anunciou aos negros do Partido Republicano que colocar a economia no caminho certo estava sendo a prioridade de seu governo, mas sem abandonar o comprometimento do governo federal com os direitos civis.

Narrando sua própria versão da história dos direitos civis nos Estados Unidos, o presidente afirmou que o Partido Republicano sempre protegeu as “liberdades civis” e

³⁴⁹ MAYER. Op. cit. p.193

³⁵⁰ REAGAN, Ronald. Remarks at a National Black Republican Council Dinner. 15 Set. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/91582e.htm>>

³⁵¹ “we're not writing off anyone”. Ibid.

lembrou de Frederick Douglas, um dos primeiros negros a ingressar no partido em 1888, que se tornou conselheiro de Lincoln. Reagan então lembrou seus companheiros de partido que poucos meses antes, em 29 de junho de 1982, assinaram a prorrogação da Lei de Direito de Voto. Segundo o presidente, tal como a prorrogação desta lei, seu programa de recuperação econômica representava o comprometimento do Partido Republicano com os direitos civis e a melhoria econômica dos negros, uma vez que “aqueles presos na dependência do Welfare não gostariam de nada melhor do que a chance de recuperar a dignidade e a independência”³⁵². Reagan conclamou os negros do Partido Republicanos a “quebrar este degradante ciclo”³⁵³. Por fim, o presidente garantiu que sua administração e o partido estavam em “busca do dia no qual o trágico lado do legado dos negros na América poderia ser enterrado de uma vez por todas, e a longa, arriscada viagem para liberdade, dignidade e oportunidade possa ser completada; um dia no qual cada criança nascida na América viverá livre não somente da injustiça política, mas do medo, ignorância, prejuízo e dependência”³⁵⁴. Assim, Reagan caracterizou os programas sociais, as ações afirmativas e as políticas de integração racial como “o trágico lado do legado dos negros na América”.

Nas eleições de 1984, os Republicanos neoconservadores decidiram tentar aumentar os votos entre os brancos, ao invés de tentar mudar a imagem de Reagan para conquistar ao menos parte do eleitorado negro. Os ideólogos e propagandistas da campanha de Reagan não fizeram grandes esforços para ganhar o voto dos negros e mudar a imagem do presidente, como haviam feito, sem sucesso, em 1980. Na campanha de 1984, o presidente que buscava a reeleição não se dirigiu a nenhuma organização negra, embora tenha feito discursos para os negros da NAACP na campanha eleitoral de 1980 e durante seu primeiro mandato. Nenhum líder negro proeminente ligado a grupos de defesa dos direitos civis apresentou apoio a Reagan durante o pleito de 1984. A estratégia dos neoconservadores Republicanos incluía uma maior mobilização dos brancos, sobretudo no sul dos Estados Unidos. Em todo Sul, os Republicanos não mediram esforços para estimular os brancos a se registrarem para poder votar. O número de novos eleitores brancos no sul chegou a 3.078.000 contra

³⁵² “those trapped in welfare dependency would like nothing better than a chance for dignity and independence”. Ibid.

³⁵³ “together, we can break this degrading cycle and we can do it with fairness, compassion, and love in our hearts”. Ibid.

³⁵⁴ “What our administration and our party seek is the day when the tragic side of the black legacy in America can be laid to rest once and for all, and the long, perilous voyage toward freedom, dignity, and opportunity can be completed -- a day when every child born in America will live free not only of political injustice but of fear, ignorance, prejudice, and dependency”. Ibid.

1.342.000 novos eleitores negros na mesma região³⁵⁵. Além disso, os neoconservadores Republicanos enviaram o vice-presidente, George Bush, para encontrar com grupos judeus e se aproveitar do imbróglio provocado por Louis Farrakhan. Este líder muçulmano negro da Nação do Islã, ligado ao Partido Democrata, ameaçou os judeus e elogiou publicamente Hitler, nas primárias daquele partido, quando apoiou Jesse Jackson.

Para muitos negros, Jesse Jackson, mesmo perdendo as primárias do partido Democrata, tornou-se um herói. Por outro lado, para muitos brancos ele era uma ameaça e um alerta. Em muitos estados do sul, Walter Mondale, adversário Democrata de Reagan no pleito, ganhou menos de 20% dos votos dos brancos no sul. Da mesma forma, Reagan ganhou menos de 20% dos votos dos negros na maioria dos estados da mesma região. O presidente se reelegeu sem ter, de fato, levantado a questão racial em nenhum momento da campanha. Contudo sua imagem ficou ainda mais marcada como um neoconservador racista. A rejeição dos brancos conservadores racistas a Jackson, e depois a Mondale, teve um papel significativo na vitória eleitoral de Reagan. Com isso, o compromisso entre os neoconservadores com os conservadores racistas no sul ficou mais fortalecido, dando segurança a Reagan para levar adiante o ataque aos direitos civis e aos programas sociais vitais para muitas famílias pobres, sobretudo de negros. Por outro lado, Reagan tinha que dar poucas respostas à maioria dos grupos negros organizados, que tentavam assegurar os direitos civis e sociais.

Depois da baixa votação de Reagan entre os negros nos estados sulistas, os Republicanos lançaram, em 1985, o “programa de integridade eleitoral”, que visava fiscalizar as zonas eleitorais nos estados no qual o presidente teve votação baixa. Coincidência ou não, no mesmo ano a Divisão Criminal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos resolveu investigar suspeitas de fraudes eleitorais, supostamente, cometidas por líderes e ativistas dos direitos civis, que tinham lutado pelo direito de votar dos negros na década de 1960. Dois dos investigados foram Albert Turner e Spiver Gordon. O primeiro fora companheiro de Martin Luther King Jr nos anos 1960 e era líder da Liga Civil do Condado de Perry no estado do Alabama e o segundo era líder da Liga Civil do Condado de Greene, no mesmo estado³⁵⁶.

No chamado Cinturão Negro do Alabama, no sudoeste do estado, a maioria da população negra pobre fora dominada durante anos por famílias brancas ricas e

³⁵⁵ MAYER. Op. cit. p. 194

³⁵⁶ DONOGHUE, D. et Al. A América em Teoria. Rio de Janeiro. Forense Universitaria, 1993.

conservadoras. Depois dos anos 1960, as organizações que lutaram por direitos civis registraram os eleitores negros e, aos poucos, mudaram o quadro político dos condados. Quando começaram perder o controle político da região, os conservadores brancos utilizaram largamente de métodos fraudulentos, utilizando os votos dos mortos e dos abstencionistas. As ligas civis dos condados denunciaram as fraudes para o Departamento de Justiça, que sempre julgavam tais denúncias inconsistentes. As ligas civis então passaram a controlar mais de perto os votos que poderiam ser fraudados, particularmente os votos dos analfabetos, idosos e trabalhadores, que frequentemente se abstinham por não poder abandonar o trabalho para ir às urnas. Em 1982, o cinturão negro contava com mais de 70.000 negros registrados como eleitores, enquanto o número de brancos registrados para votar não passava de 63.000³⁵⁷.

Nas eleições de 1984, no condado de Perry e Greene, representantes das elites brancas organizaram um grupo chamado de “coalizão” para tentar limitar o poder político e as ações das ligas cívicas. Em ambos os condados, os candidatos das ligas cívicas defenderam políticas que visavam assegurar a manutenção dos direitos civis e dos programas sociais. Além disso, os candidatos apoiados pelas ligas cívicas propuseram aumentar alguns impostos. No condado de Greene, o candidato apoiado pela liga cívica propôs o aumento dos impostos sobre as apostas em corridas de cães e os impostos territoriais para beneficiar as escolas públicas. Dessa maneira, o projeto de nação das ligas cívicas representava tudo o que os neoconservadores combatiam. Por outro lado, a coalizão apoiou candidatos neoconservadores que prometeram se opor aos programas sociais e se comprometeram com a redução de impostos, visando equilibrar as contas dos condados e atrair as indústrias de tecnologia. Os candidatos da coalizão enfatizavam a necessidade de realizar um programa econômico que facilitasse os negócios, em consonância com o governo federal, para, supostamente, desenvolver economicamente a região³⁵⁸.

Nas primárias eleitorais daquele ano, 1984, funcionários públicos e agentes do FBI marcaram as cédulas dos eleitores negros e depois das eleições verificaram todos os votos marcados. A partir disso, no ano seguinte, após uma série de denúncias, o Departamento de Justiça resolveu investigar os votos nos condados do Cinturão Negro e disse ter encontrado fraude em algumas cédulas. Cada condado teve, supostamente, entre 15 e 24 cédulas fraudadas. Então, agentes do FBI e do Departamento de Justiça

³⁵⁷ Ibid.

³⁵⁸ Ibid.

interrogaram centenas de eleitores negros, sobretudo analfabetos e idosos, para saber sobre seus votos, interferindo no direito de manter em sigilo a escolha dos candidatos. Spiver Gordon foi acusado e condenado por fraudar as eleições em favor do candidato da Liga Cívica do Condado de Greene, em um julgamento com um júri composto exclusivamente de brancos. Nas eleições minoritárias de 1986, 15% dos votantes, a maioria deles negros, deixaram de votar, certamente assustados e confusos com os procedimentos realizados após as eleições anteriores³⁵⁹.

Não por acaso, por diversas vezes Reagan foi acusado de ter a intenção de não renovar a Lei de Direitos Eleitorais de 1965, que garantia o direito de votar aos negros, sobretudo no sul dos Estados Unidos. Essa talvez fosse mesmo a intenção do presidente e dos neoconservadores que ele representava. Contudo, Reagan não tinham a força política necessária para tal empreitada, não só porque receberia duras críticas internamente, mas também atrapalharia os Estados Unidos no cenário internacional, sobretudo na conjuntura da Guerra Fria. Reagan continuava tentando se eximir das acusações de que queria anular os direitos civis dos negros. Em 25 de junho de 1984, no discurso no qual nomeou uma série de funcionários negros para cargos administrativos no governo, Reagan disse que ao contrário do que diziam, a sua administração estava comprometida em assegurar os direitos civis aos negros³⁶⁰. O presidente assegurou que estava aplicando a lei para punir os casos de discriminação racial, sobretudo nos casos concernentes à habitação e as oportunidades de emprego. Contudo, Reagan, falando “do fundo do coração”, disse continuar acreditando no simples princípio que aprendeu com seus pais: “negros e brancos, jovens e velhos, todo ser humano é uma criança sagrada para Deus, uma pessoa de infinita dignidade e riqueza”³⁶¹. No discurso inaugural do seu segundo mandato em 1985, Reagan afirmou que seu governo estava comprometido com “aqueles em necessidade”³⁶². Mas o presidente lembrou que as “políticas que aumentam a dependência, dividem as famílias e destroem o respeito-próprio não são progressistas; são reacionárias” e a despeito das políticas de integração e das ações afirmativas “negros, hispânicos e todas as minorias não conseguirão um poder completo e igual até

³⁵⁹ Ibid.

³⁶⁰ REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Briefing for Black Administration Appointees. 25 Jun. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/62584a.htm>>

³⁶¹ “But let me go beyond statistics to speak from my heart. I still believe in a simple principle I learned from my mother and father: Black or white, young or old, every human being is a sacred child of God, a person of infinite dignity and worth”. Ibid.

³⁶² “This government will meet its responsibility to help those in need.” REAGAN, Ronald. Apud. WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=38069>>

que eles tenham um completo poder econômico”³⁶³. Isto só poderia ser alcançado através do programa econômico neoconservador do seu projeto de nação, a despeito dos programas sociais e das ações afirmativas.

No início de 1985, Reagan concedeu uma grande entrevista exclusiva para o jornal USA Today, de circulação nacional³⁶⁴. As jornalistas Johanna Neuman e Ann Devroy conduziram a entrevista e a questão racial teve grande espaço. Neuman perguntou a Reagan, se ele tinha alguma estratégia para conquistar o apoio da maioria dos negros, que acusava o programa de recuperação econômica de beneficiar apenas os brancos e dizia que os discursos presidenciais deveriam começar com a frase “nós o povo branco”³⁶⁵. O presidente acusou os líderes negros de construir uma idéia de que sua administração relegou a comunidade negra ao status de “cidadãos de segunda classe” e reafirmou que esta não era sua intenção e nem a prática do seu governo. Reagan afirmou que no seu primeiro mandato, mais de um milhão de negros deixaram a condição de desempregados³⁶⁶. O presidente afirmou ter feito muito mais pelos negros como as zonas de desenvolvimento, a redução da inflação e a ampliação do acesso aos colégios e às universidades que, segundo ele, beneficiaram desproporcionalmente mais os negros do que os outros. Além disso, Reagan afirmou ter feito muitas coisas específicas, que nunca haviam sido feitas, como o estímulo aos pequenos negócios da comunidade negra.

Devroy perguntou a Reagan se ele se sentia desapontado com o fato dos negros não terem apoiado sua candidatura e nem votado nele, mesmo com todos os benefícios que ele dizia ter proporcionado. O presidente respondeu que talvez os negros não tenham ouvido dos seus líderes sobre tais feitos. Reagan disse que, por isso, achava que a maioria dos negros não sabia sobre os benefícios que concedeu aos pequenos negociantes negros e nem sobre as propostas enviadas ao congresso, como a zona de

³⁶³ “policies that increase dependency, break up families, and destroy self-respect are not progressive; they're reactionary. Despite our strides in civil rights, blacks, Hispanics, and all minorities will not have full and equal power until they have full economic power”. Ibid.

³⁶⁴ REAGAN, Ronald. Interview With Ann Devroy and Johanna Neuman of USA Today. 17 Jan. 1985. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1985/11785d.htm>>

³⁶⁵ “Mr. President, some people say that recovery has benefited primarily white people, that the ‘‘We the People Inaugural’’ we are about to witness is a ‘We the White People Inaugural’”. Ibid.

³⁶⁶ “Well, I know that there are a number of leaders of various organizations that are coming forth all the time with reports that build this idea, that somehow we've relegated the black community to a second-class status. Well, that's not our intent, and that's not our practice”. Ibid.

desenvolvimento, que não foi aprovada³⁶⁷. Devroy então lembrou ao presidente que, durante o primeiro mandato, ele havia, por inúmeras vezes, se reunido com os líderes negros. Reagan disse ter tentado estabelecer contatos com os líderes negros no começo do seu mandato, até perceber que tais líderes estavam comprometidos com o Partido Democrata e não queriam ouvir suas propostas. O presidente afirmou ainda que os líderes negros, que eram seguidos por outros negros, estavam mais interessados em defender “as boas posições” que tinham do que o projeto de nação que ele apresentava³⁶⁸. Portanto, mais uma vez, Reagan via os negros como dependentes e manipulados por líderes, nada democráticos, e interesses específicos.

No final do seu segundo mandato, Reagan dizia e acreditava ter promovido também uma revolução na vida dos negros nos Estados Unidos. Em setembro de 1987, discursando na ocasião da proclamação de mais uma semana em homenagem às escolas negras, o presidente anunciou que durante o seu mandato o número de negros que estavam desempregados e conseguiram trabalho foi maior do que o de brancos; e a renda das famílias negras teria aumentado 40% mais rápido do que a renda das famílias brancas³⁶⁹. Para mostrar como seu programa econômico foi o melhor caminho para resolver os problemas dos negros nos Estados Unidos, Reagan parafraseou George Gilder dizendo “oportunidades econômicas impulsionam iniciativas” e “iniciativas desenvolvem caráter e senso de responsabilidade, um sentimento de otimismo”³⁷⁰. Continuando com suas próprias palavras, o presidente afirmou que seu período na presidência foi marcado por dias excitantes e “para os negros americanos existia um excitamento adicional: o excitamento que vai quebrar as amarras do preconceito, que vai derrotar a discriminação”³⁷¹.

³⁶⁷ “Well, maybe because they weren't told very much by some of those leaders we're talking about of what we've accomplished and what we have done. I don't think that the rank-and-file know about minority-owned businesses and how far we've gone with that. I don't think they know about legislation that we have sent up to the Hill -- like the enterprise zones -- that has not been passed. Legislation that -- in other areas that has to do with improving their status. I don't think they know about the fair-housing proposals that we have sent up there and that, again, a Democratic majority has not dealt with”. Ibid.

³⁶⁸ “I have to come to the conclusion that maybe some of those leaders are protecting some rather good positions that they have, and they can protect them better if they can keep their constituency aggrieved and believing that they have a legitimate complaint. If they ever become aware of the opportunities that are improving, they might wonder whether they need some of those organizations”. Ibid.

³⁶⁹ REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the National Historically Black Colleges Week Proclamation. 24 Set. 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/092487b.htm>>

³⁷⁰ “In the words of author George Gilder: ‘Economic opportunities summon initiatives. Initiatives develop character and a sense of responsibility, a feeling of optimism. The future looks more open and promising to students than it did before for the simple reason that it is more open and promising’”. Ibid.

³⁷¹ “For black Americans, there is additional excitement: the excitement that goes with breaking the bonds of prejudice, that goes with the defeat of discrimination”. Ibid.

5.3 – Ecos do reaganismo: o nacionalismo étnico neoconservador nas entrelinhas dos jornais

Alguns dias depois da visita de Reagan a NAACP, o editorial do Wall Street Journal comentou o discurso presidencial³⁷². Em tom vitorioso, o editorial comentou que depois de 20 anos, um presidente discursou para os negros sem prometer ajuda do governo federal, inaugurando “uma nova linguagem sobre a questão racial”³⁷³. Para o Wall Street Journal a postura correta do presidente ia de acordo com a Comissão sobre os Direitos Civis dos Estados Unidos. Esta, na semana anterior, segundo o jornal, havia anunciado que a nação cumpria seu dever constitucional através da aplicação dos direitos civis para negros, das ações afirmativas e dos programas sociais. O editorial alertou ainda que a mesma comissão havia anunciado que os esforços para balancear o orçamento, cortar impostos e expandir a defesa da nação poderiam impedir o governo federal de proteger tais direitos. Fazendo uma relação arbitrária de duas assertivas da Comissão, o editorial insinuou que os direitos dos negros, principais beneficiados das leis de direitos civis, das ações afirmativas e dos programas sociais, obrigavam o estado a balancear um orçamento deficitário e dificultavam a redução de impostos e a defesa da nação. O editorial concluiu que o discurso de Reagan representou o início de uma mudança ao informar aos negros que o progresso das minorias não dependeria mais de programas federais, mas do progresso da economia como um todo. Por fim, o jornal assegurou que Reagan daria uma bela contribuição à nação, se esta percepção se espalhasse pelo país, tirando a nação de um “debate estéril acerca do bem estar das minorias” que enfatizava a necessidade da intervenção federal³⁷⁴.

O editorial do New York Times de julho de 1983 constatou que a fragmentação das famílias negras era um fato infeliz que causava aflição na sociedade estadunidense, especialmente porque a gravidez entre as adolescentes negras estava crescendo de forma alarmante³⁷⁵. Segundo o editorial, por muito tempo, os líderes negros resistiram às iniciativas que visavam lidar com este problema, pois acreditavam que a questão real era o racismo. Contudo, segundo o jornal a situação estava mudando. Um grupo de líderes e intelectuais negros estava exigindo uma reforma nos programas sociais para levar as famílias pobres até a independência econômica. De acordo com o editorial, projetos de educação sexual e aperfeiçoamento profissional, desenvolvidos juntos com

³⁷² RACIAL Overtones. *The Wall Street Journal*, New York, 01 Jul. 1981. Editorial, p. 24.

³⁷³ “a new language on the issue of race”. Ibid.

³⁷⁴ “lifting us out of a decade of sterility in our discussion on minorities welfare”. Ibid.

³⁷⁵ TURN welfare in a new direction. *The New York Times*, New York, 01 Jul. 1981. Editorial.

os programas de bem estar social do Estado de Nova York estavam conseguindo tirar as jovens negras da dependência. Para o New York Times, o governo federal deveria tentar uma estratégia semelhante que começasse nos escritórios dos programas de bem estar social “aonde as jovens mães frequentemente dão os primeiros passos para uma vida de dependência”³⁷⁶. O editorial afirmou que uma política como esta reduziria a dependência e conseqüentemente diminuiria os gastos públicos, fortaleceria as famílias pobres negras e os valores familiares.

Nas vésperas das eleições de 1984, o editorial do Wall Street Journal, intitulado “Black Vs Reagan”, alertou que o Partido Republicano deveria recapturar o voto dos negros se o presidente quisesse um segundo mandato para governar para todo o povo³⁷⁷. Colocando a culpa do imbróglio nos negros, o jornal lembrou que a opinião popular era a de que eles eram hostis ao presidente, pois as políticas desenvolvidas na sua administração os prejudicavam. Os negros, segundo o editorial, estavam furiosos, porque Reagan havia cortado programas vitais para subsistência deles; havia sido indiferente em relação às legislações com importante valor simbólico para a comunidade negra, como o feriado em homenagem a Martin Luther King Jr; e seu programa econômico os teria prejudicado. Para o editorial, poderia até existir alguma verdade nesses argumentos, mas “também uma distorção grosseira”³⁷⁸. O editorial garantiu que “os negros pobres certamente necessitavam de uma rede de segurança social”, mas duvidou que “a maioria verdadeiramente aspirava permanecer na dependência”³⁷⁹. A maioria das pesquisas, de acordo com o Wall Street Journal, mostrava que os negros apoiavam a maioria das políticas da Casa Branca, como as orações nas escolas, as posições anti-aborto, a integração racial, os subsídios para os pais colocarem seus filhos nas escolas privadas e outras questões.

O editorial afirmou que os negros não gostavam de Reagan, não pelas políticas do presidente, mas porque acreditavam que ele não ligava para seus sentimentos. Esta “alienação”, para o jornal, era reflexo das posições dos líderes negros, que apostaram nos programas anti-pobreza e nos programas urbanos da administração Carter³⁸⁰. O Wall Street Journal assegurou que a maioria dos líderes negros teriam dito aos negros que se quisessem poder de verdade deveriam votar nos Democratas. Os negros não

³⁷⁶ “where young mothers often take their earliest formal steps toward a life of dependency”. Ibid.

³⁷⁷ BLACKS Vs Reagan. *The Wall Street Journal*, New York, 12 Nov. 1984. Editorial, p. 24

³⁷⁸ “There is as element of truth here, but also some gross distortion”. Ibid

³⁷⁹ “We doubt that many truly aspire to welfare state dependency” Ibid.

³⁸⁰ “some of the nation’s most vocal black leaders developed a strong economic and politic stake in the carter administration’s anti-poverty and inner-city programs”. Ibid.

queriam ser dependentes, mas segundo o editorial, os liberais os ensinaram que eles viviam em uma sociedade de soma zero na qual só poderiam progredir se a “torta americana” fosse redividida³⁸¹. Para conquistar o apoio dos negros, o editorial aconselhou o presidente a se preocupar com tal alienação. O presidente deveria perder menos tempo do seu segundo mandato tentando desfazer as acusações de que suas políticas eram injustas para os negros e mais tempo mostrando que iria satisfazer as necessidades deles. Reagan deveria mostrar que a recuperação da economia explodiu a noção de soma zero e que a “torta poderia ser maior”. Em suma, o editorial seguiu a mesma lógica de Reagan, apontando que os programas sociais liberais causavam dependência; que esses mesmos programas só existiam por causa dos negros, que consequentemente se tornaram dependentes; e que tal dependência impedia que os negros fossem livres e autônomos, pois ficavam submissos aos liberais e a interesses específicos. Dessa forma, os programas sociais e os negros representavam um perigo iminente à nação.

Uma série de matérias jornalísticas tentou mostrar como os “negros inteligentes”, que não tinham nenhum interesse específico além da nação, apoiavam as políticas de redução nos investimentos em programas sociais e em ações afirmativas. No início do segundo mandato de Reagan, em janeiro de 1985, o *Wall Street Journal* apresentou aos leitores comentários distorcidos de um comunicado da Urban League, uma histórica e proeminente organização de defesa dos direitos civis³⁸². O jornal afirmou que a organização, que sempre havia defendido os programas sociais, as ações afirmativas e os direitos civis, estava pedindo aos negros que assumissem o papel principal na busca por melhores condições sociais. De fato, a organização pediu mais empenho e mobilização dos negros, mas para defender seus direitos antes que os programas sociais fossem desmantelados e os aparatos legais que garantiam a eles os direitos civis fossem cancelados. O *Wall Street Journal*, por sua vez, assegurou que a Urban League havia pedido que os negros assumissem o papel principal na luta por melhores condições sociais, pois havia entendido que o governo deveria assumir um papel menos preponderante “como remédio para o desemprego negro, gravidez de

³⁸¹ “liberals have managed to convince blacks that they live in what amounts to a zero-sum society where they can hope to prosper only if the American Pie is redivided” Ibid.

³⁸² LUBLIN, Joan. Blacks Urged by Urban League to Take A Bigger Role in Seeking Social Gains. *The Wall Street Journal*, New York, 17 Jan. 1985. p. 15

adolescentes, crimes e educação inadequada”³⁸³. Segundo o jornal, vários grupos de defesa dos direitos civis estavam promovendo mais ajuda à comunidade negra porque passaram a entender que esta tarefa não deveria ser executada pelo governo, mas por eles próprios.

No decorrer da matéria jornalística, até de forma contraditória, o Wall Street Journal apresentou o descontentamento da Urban League, que acusava a administração Reagan de gerar um retrocesso na igualdade racial. O jornal, para mostrar como a organização justificava seu ponto de vista, selecionou e apresentou alguns pontos levantados pela organização, nesta ordem: o desemprego entre os negros permaneceu duas vezes maior do que entre os brancos; a porcentagem de famílias negras chefiadas por mulheres solteiras cresceu 22% de 1960 para 43% em 1983; e o rendimento médio anual das famílias negras era de US\$ 14.506, enquanto nas famílias brancas era de US\$ 25.757. A seleção e apresentação desses dados na verdade confirmavam o ponto de vista do jornal, e não da organização, na medida em que mostravam, erroneamente, que o desemprego permaneceu o mesmo, portanto não era culpa das políticas da administração Reagan; o número de famílias negras chefiadas por mulheres solteiras cresceu a partir dos anos 1960, indicando que seria resultado dos programas sociais, das ações afirmativas e das políticas de integração racial, que promoviam a irresponsabilidade e acomodação; e a diferença entre a renda média das famílias negras e brancas era uma consequência destes fatos. O próprio jornal deixou claro que a administração Reagan não havia comentado o comunicado, obviamente crítico às políticas da Casa Branca, mas fez questão de falar pelo governo Republicano. O Wall Street Journal lembrou que o governo Reagan rejeitava as acusações de que o programa econômico era racista e afirmou que este ajudava igualmente os ricos e os pobres.

Em fevereiro de 1986, o editorial do Wall Street Journal mostrou como os próprios negros deveriam promover programas de ajuda e não o governo federal³⁸⁴. O editorial daquele dia começou elogiando duas citações: “A parte mais difícil do oficial da auto-ajuda que se apresenta aos negros não é a retificação de mazelas específicas como emprego ou problemas educacionais. O trabalho mais difícil é cultural: interromper a deterioração moral que está ocorrendo nos segmentos mais pobres da cultura negra e revertê-lo” e “instituições brancas... não podem fazer as mudanças

³⁸³ “it played down the federal government’s importance as remedy for black unemployment, teen-age pregnancy, crime and inadequate education”. Ibid.

³⁸⁴ NEW HELP for self-help. *The Wall Street Journal*, New York, 18 Fev. 1985. p. 32

culturais que poderiam manter os jovens negros longe das prisões ou evitar que tivessem bebês ou qualquer forma destruam seus futuros”³⁸⁵. Segundo o editorial tais citações haviam sido retiradas do Voice of Village, um jornal liberal nova-iorquino de pequena circulação. O jornal era editado por Roger Wilkins, um ativista dos direitos civis que por muito tempo defendeu a intervenção do governo e não a auto-ajuda como chave para o progresso. Para o editorial, o artigo do Voice of Village era mais um sinal da concessão que os liberais estavam fazendo aos argumentos conservadores. Os liberais, de acordo com o Wall Street Journal, assim como os conservadores, estavam concluindo que os negros deveriam tomar responsabilidade sobre a melhoria de suas condições de vida. Grupos tradicionais como a NAACP e a Urban League, para o editorial, “poderiam estar fazendo muito mais do que estão fazendo”³⁸⁶. Contudo, o editorial lembrou que, dificilmente, os negros liberais concordariam com os conservadores que apontavam os programas sociais como causadores dos problemas dos negros e não o remédio para eles. O editorial do Wall Street Journal lembrou ainda que 30 anos antes, três quartos das famílias negras estavam inteiras, mas em 1985 apenas metade delas eram chefiadas por pais e mães. No mesmo período, apenas 20% dos negros nasciam fora do casamento; em 1985 eram metade. Para o Wall Street Journal, “a crise nas famílias negras cresceu em tal proporção que os liberais não poderão ignorá-la por muito tempo”³⁸⁷.

No mesmo ano, o mesmo jornal cobriu novamente a convenção anual da Urban League e lançou o editorial intitulado: “Urban League enfatiza auto-ajuda”³⁸⁸. Segundo um dos editores do jornal, Joseph Perkins, que assinou a matéria, na convenção da Urban League de 1986 havia ficado nítido que a organização estava se aproximando da maioria dos negros, mais moderados e independentes, mas com medo de perder o apoio dos negros liberais. O autor constatou que na convenção, realizada na cidade de São Francisco, no estado da Califórnia, os líderes da organização apresentaram posições muito distintas. Isto, para Perkins, mostrou que os líderes estavam confusos acerca dos

³⁸⁵ “The hardest part of the self-help task facing blacks is not the rectification of specific ills such as employment or educational problems. The hardest job is cultural: to arrest the moral deterioration occurring in the poorest segments of black culture and to reverse it’ (...) ‘White institutions... cannot make the cultural changes which can keep black youths from going to prison or having babies or otherwise destroying their futures’”. Ibid

³⁸⁶ “Such traditional groups as the National Association for the Advancement of Colored People and the Urban League could be doing a lot more than they are doing”. Ibid

³⁸⁷ “the black families crisis has grown to such proportions that traditional liberals can no longer ignore it”. Ibid

³⁸⁸ PERKINS, Joseph. Urban League emphasizes an agenda of self-help. *The Wall Street Journal*, New York, 06 Ago. 1986. p. 16

problemas dos negros nos Estados Unidos. Contudo, o jornal assegurou que havia uma mudança de direção na estratégia da organização. Antes os líderes acreditavam que os programas sociais incluiriam os negros na nação, mas “agora, em face das evidências de que estes fizeram pouco para eliminar a pobreza e talvez tenham encorajado um comportamento auto-destrutivo entre os pobres, a Liga mudou sua ênfase para confiança nos esforços de auto ajuda”³⁸⁹. O editor negou que a Urban League tivesse aderido à agenda da administração Reagan, mas afirmou que ela “está de acordo com os conservadores que os próprios negros devem tomar a responsabilidade para resolver seus problemas”³⁹⁰. Perkins afirmou ainda que a Liga fora convencida pelos argumentos de que o estado de bem estar tinha criado dependência entre os negros pobres, e que a partir daquele momento advogavam a auto-ajuda.

A matéria relatou que, nesta linha da auto-ajuda, a organização anunciou que promoveria programas para combater a gravidez na adolescência, o crime nas cidades e a degradação da educação entre os negros. Perkins relatou também que o Republicano Thomas Kean, eleito governador de Nova Jersey com 60% dos votos dos negros, fora muito aplaudido depois de falar frases como: “o mesmo governo que deu os direitos civis para os negros americanos também frequentemente e de forma inadvertida pediu em troca a dependência”; “nosso sistema de bem estar encoraja as pessoas a parar de trabalhar e não promove recompensas àqueles que arrumam emprego”; “cria incentivos para nossas crianças terem crianças”; “nosso sistema penal diz aos traficantes de drogas e aos líderes de gangues que, sim, os riscos valem a pena”; e “lembram da Guerra a Pobreza? Bem, a pobreza venceu”³⁹¹. Depois disso, na atmosfera da matéria jornalística, Perkins apresentou frases pronunciadas por Clifton Wharton, um liberal, chanceler da Universidade Estadual de Nova York e presidente da Fundação Rockefeller, dizendo que ele estava próximo dos conservadores: “os problemas dos negros [na educação] não podem ser resolvidos apenas pela tradicional e institucional, abordagem dos direitos civis”; “a crítica importância dos valores expressos nas famílias fortes - disciplina,

³⁸⁹ “now, faced with evidence that these have done little to eliminate poverty and may even have encourage self-destructive behavior among the poor, the league has shifted its emphasis from reliance on the state to self-help efforts”. Ibid.

³⁹⁰ “it is in agreement with conservatives that blacks themselves must take greater responsibility for resolving their problems”. Ibid.

³⁹¹ “The same government that gave the civil rights to black Americans too often inadvertently asked for dependence in return (...) our welfare system encourages people to stop working and provides no rewards to those who get a job (...) it creates financial incentives for our children to have children (...) our criminal justice system tells the drug pusher and gang leader that, yes, the risks are worth (...) remember the War on Poverty? Well, poverty won”. Ibid

trabalho duro, ambição, auto-sacrifício, paciência e amor (...) mostram-se as fundações espirituais para o progresso – a infra-estrutura psicológica, se vocês desejam, para o crescimento pessoal e completa participação no mundo ao nosso redor”³⁹². Por fim, para Perkins, a Urban League estava mostrando disposição em aceitar as idéias conservadoras para o progresso dos negros.

Em 1987, a mesma Urban League publicou um relatório, intitulado “O estado dos negros na América”, distante do tom moderado que deu margem para o Wall Street Journal, através de Perkins, subverter seu discurso e aproximá-lo dos neoconservadores. Após a convenção, o jornal lançou um editorial mostrando todo seu desapontamento com a organização. O editorial se dizia desapontado, pois esperava que a convenção resultasse em um “documento visionário”, expressando a importância dos valores familiares e da auto-ajuda³⁹³. Ao invés disso, segundo o jornal, o que se viu na convenção da organização foi “uma frustração acerca do desemprego entre alguns negros, da igualmente intratável pobreza entre os negros e outros e dos relatos de incidentes raciais”³⁹⁴. Para o jornal, uma realidade que não emergiu na administração Reagan e atingia os negros há duas décadas. Mais do que isso, o Wall Street Journal chegou a afirmar que os negros enfrentavam “uma maior ameaça de violência nas mãos dos negros do que nas mãos dos brancos racistas”³⁹⁵. Fazendo a defesa da administração Reagan, o jornal considerou que em 1985 a renda per capita dos negros chegou ao maior nível da história; que os impostos para os negros diminuíram; e que a reforma do welfare, caso aprovada, quebraria o ciclo de pobreza e dependência. O editorial lembrou que na convenção do ano anterior, a Urban League estava no caminho certo e recuperou algumas frases do governador Kean e de Wharton publicadas no ano anterior. Por fim, o jornal recomendou à organização “imprimir nos negros a importância dos valores básicos e da auto-ajuda para melhorarem suas chances de vida”³⁹⁶. O editorial lembrou do sucesso da Urban League na promoção de programas para prevenir a gravidez de

³⁹² “Black problems have evolved into issues that cannot be resolved solely by traditional, institutional, civil rights approaches (...) the critical importance of the values embodied in strong families – discipline, hard work, ambition, self-sacrifice, patience and love (...) they appear to constitute the spiritual foundation for achievement – the psychological infrastructure, if you will, for both personal growth and full participation in the world around us”. Ibid

³⁹³ “We were expecting a visionary document”. STATE of Blacks. *The Wall Street Journal*, New York, 19 Jan. 1987. Editorial, p. 18

³⁹⁴ “We can certainly understand the league’s frustration over the pervasive unemployment among some blacks, the seemingly intractable poverty among these blacks and others reports of racial incidents”. Ibid

³⁹⁵ “What’s more, blacks today face a greater threat of violence at the hands of other blacks than they do at the hands of white racists”. Ibid

³⁹⁶ “To impress upon poor blacks the importance of basic values and self-help in improving their life chances”. Ibid

juvencs negras e o crime e ressaltou que muitos desses programas para os negros eram necessários.

No seu último ano de mandato, Reagan desferiu um golpe mais nítido nos direitos civis, vetando a Lei Groover City, que pedia a fiscalização federal contra a discriminação racial em estabelecimentos que mantivessem qualquer relação com o governo, inclusive em mercados que aceitassem os cupons de complementação alimentar, mesmo sem acusações formais. No Wall Street Journal, o colunista Paul Gigot reconheceu o mérito do veto presidencial e acusou a lei de ser liberalismo travestido de legalismo³⁹⁷. Gigot buscou desqualificar as leis que garantiam os direitos civis para os negros a partir dos argumentos de Robert Woodson, ex-ativista negro, que passou a acreditar que “a grande questão sobre os direitos civis agora era sobre a pobreza e não sobre a raça”³⁹⁸. Segundo Gigot, para os liberais qualquer problema acerca dos direitos civis poderia ser resolvido com mais intervenção do governo, enquanto os negros pobres queriam menos intervenção. Voltando a apelar para os argumentos de Woodson, o colunista apontou que o ex-ativista, assim como ele, acreditava que a agenda dos direitos civis deveria incluir, entre outras coisas, uma reforma do welfare que retirasse o dinheiro das mãos dos burocratas e o colocasse diretamente nas mãos dos indivíduos, além de promover programas de incentivo ao trabalho. Essas idéias, que tinham apoio de negros como Woodson, segundo Gigot, eram próprias da administração Reagan que enfatizava os valores individuais, a dignidade e o direito de escolha, diferente da filosofia que supostamente guiava os defensores das ações afirmativas e dos direitos civis para os negros.

5.4 – A condição dos negros estadunidenses nos anos Reagan: reflexos e efeitos do nacionalismo étnico neoconservador³⁹⁹

Depois de oito anos de uma administração neoconservadora que degradou os programas sociais, as ações afirmativas e os direitos civis, a vida da maioria dos negros nos Estados Unidos estava pior. Em meados do governo Reagan, em 1984, a vida dos

³⁹⁷ GIGOT, Paul. GOP Should Bring Civil-Rights Debate Into the '80s. *The Wall Street Journal*, New York, 18 Mar. 1988. p. 26

³⁹⁸ “the big civil rights issues now is about the poor, not about race” Ibid.

³⁹⁹ Os dados apresentados deste ponto em diante foram compilados em: ST. PIERRE, Maurice. Reaganomics and it’s implications for African American Family Life. In: *Journal of Black Studies*, Vol. 21, n3. Mar, 1991, p.325-340; e CENTER ON BUDGET AND POLICY PRIORITIES. Falling Behind: a report on how blacks have feared under Reagan. In: *Journal of Black Studies*, Vol. 17, n2. Dez, 1986, p.148-171

negros já estava claramente degradada. A renda média das famílias negras, considerando a inflação, havia caído 5.3% desde 1980; nenhum outro grupo perdeu tanto. Boa parte das famílias negras integrava os 40% mais pobres dos Estados Unidos, três vezes mais do que as famílias brancas. O rendimento anual médio das famílias negras era de US\$ 15.432. Este era, US\$ 12.542 menor do que rendimento médio das famílias brancas no mesmo período, que era de US\$ 27.686; e US\$ 11.001 menor do que o rendimento médio anual das famílias do país, que era de US\$ 26.433 em 1984. Aproximadamente 36% das famílias negras, ou 9.9 milhões de afro-estadunidenses, eram considerados pobres. Este era o maior número de negros na pobreza desde que os estadunidenses começaram a recensear a pobreza no país, em 1968. No mesmo ano de 1984, apenas 11.5% dos brancos estavam abaixo da linha da pobreza. De 1980 até 1984, quase duas vezes mais famílias negras entraram na linha de pobreza. A pobreza cresceu de 10.2% para 12.1% entre as famílias brancas e de 32.5% para 35.7% entre as famílias negras. Neste período, entre as famílias que entraram na linha de pobreza 22% eram composta por negros e 12% eram compostas majoritariamente por brancos.

Depois da recuperação econômica da nação, os índices de desemprego entre os negros caíram mais devagar do que entre os brancos, embora Reagan insistisse em dizer o contrário. Em 1982, o desemprego alcançava 20.5% dos negros. Dois anos mais tarde, no final de 1984, 16% dos negros continuavam desempregados. Isto significou uma redução de 22% no número de negros desempregados. Entre os brancos, 9.6% estavam desempregados em 1982. No final de 1984, apenas 6.4% dos brancos estavam desempregados. Isto significou uma redução de 33% no número de brancos desempregados. Quando Reagan assumiu a presidência o desemprego entre os negros era 2.15 vezes maior do que entre os brancos. No final do seu primeiro mandato o desemprego entre os negros estava 2.50 vezes maior do que entre os brancos.

Enquanto o número de negros desempregados continuava alto, os direitos dos desempregados estavam sendo reduzidos drasticamente. Até 1981, mais da metade dos desempregados recebiam os direitos da seguridade social. Em 1986, depois da redução das verbas destinadas à seguridade e aos programas sociais, apenas 30% dos desempregados recebiam seguro desemprego. O impacto deste quadro entre os afro-estadunidenses foi significativamente maior do que entre qualquer outro grupo nos Estados Unidos, visto que a quantidade de negros desempregados era significativamente maior do que o número de desempregados de qualquer grupo social do país. Além

disso, os negros ficavam desempregados por mais tempo do que qualquer outro grupo dos Estados Unidos.

As intervenções do governo federal no mercado de trabalho, travestidas de não intervenções, prejudicou diretamente os negros estadunidenses. Em 1981, a administração Reagan encerrou a Lei de Treinamento Educacional Geral (Comprehensive Education Training Act - CETA) e outros programas de serviços públicos de trabalho que subsidiavam o emprego de estadunidenses com dificuldades para ingressar ou reingressar no setor privado. O CETA oferecia oportunidades de emprego para meio milhão de estadunidenses a cada ano. 30% desses estadunidenses eram negros. Os outros programas de treinamento que preparavam os jovens pobres para o trabalho também tiveram o orçamento reduzido em 39% durante os 7 primeiros anos do governo Reagan. Além disso, o governo federal extinguiu o auxílio financeiro a que os participantes desses programas tinham direito. Como resultado, poucos jovens estadunidenses pobres continuaram a participar desses programas. Antes da redução, 37% de todos os participantes desses programas eram negros.

Os programas sociais que tiveram as verbas reduzidas desde 1980 auxiliavam, mormente, a sobrevivência dos estadunidenses que tinham renda baixa ou moderada. O número de estadunidenses negros que se valiam do direito de participar dos programas sociais eram três vezes maior do que qualquer outro grupo estadunidense. Os negros nos Estados Unidos, em 1988, era aproximadamente 12% da população total. Entretanto, em torno de 35% dos negros requisitavam o direito de participar dos programas sociais. Isto, claramente, estava relacionado com o fato de mais de um terço dos negros viverem na pobreza e não acomodados, como acusavam os neoconservadores. A redução das verbas e, conseqüentemente, a degradação dos programas sociais teve particular impacto sobre a população negra. Segundo as pesquisas do Centro de Prioridades Orçamentárias e Políticas, publicadas no *Journal of Black Studies*, com a redução das verbas para os programas sociais, as famílias negras perderam, em média, três vezes mais em renda e benefícios do que as famílias brancas.

Entre os jovens e as crianças a diferença entre negros e brancos era ainda mais aguda. 46.5% dos negros com menos de 18 anos de idade eram pobres. Entre os jovens e crianças brancas, 16.5% eram pobres. No final do primeiro mandato de Reagan, 51.7% das famílias negras chefiadas por mulheres estavam abaixo da linha da pobreza. A pobreza atingia 57% das famílias negras chefiadas por mulheres que tinham dois filhos e alcançava 75.6% das famílias negras chefiadas por mulheres com três crianças.

Entre as famílias brancas chefiadas por mulheres, 27.1% eram consideradas pobres. A pobreza atingia 42.3% das famílias brancas chefiadas por mulheres com dois filhos e 58.6% das famílias chefiadas por mulheres que tinham três filhos. Se considerarmos que 48.6% das famílias negras eram chefiadas por mulheres e em média essas famílias tinham 2.36 filhos (não muito maior do que a média de 2.01 filhos nas famílias brancas, diferente do que imaginavam os neoconservadores), aproximadamente três entre quatro crianças negras estavam vivendo na pobreza.

Mesmo sabendo de tudo isso, o governo Reagan reduziu significativamente as verbas destinadas aos programas de ajuda as famílias pobres com filhos. O principal programa deste tipo era o AFDC, que durante os anos Reagan teve uma redução de aproximadamente US\$ 1 bilhão por ano. Em outras palavras, 5.000 mães e filhos perderam o direito a participar do programa e as mães, que continuaram a participar do AFDC tiveram entre US\$ 1.400 e US\$ 2.000 a menos anualmente em suas contas. Em alguns estados, as mães que conseguissem trabalho, com até três filhos, que tivessem uma renda anual de apenas US\$ 6.000 perderiam o direito ao programa depois do quarto mês no emprego. Também em vários estados, mas nem todos, as famílias que perderam o direito de participar do AFDC perderam também o direito ao Medicaid que era associado ao programa. Em todo o país, a administração Reagan reduziu em um terço as verbas destinadas ao programa de incentivo ao trabalho que treinava as mães ligadas ao AFDC para que elas conquistassem um emprego e deixassem o programa. Um terço das mães treinadas neste programa eram negras. Além disso, no final do seu mandato a administração Reagan aprovou uma medida que exigia das mães com menos de 18 anos que vivessem com seus pais para terem direito ao AFDC; eliminou o pagamento deste mesmo direito para pais empregados que tivessem filhos com mais de 15 anos; e retirou o direito de receber o AFDC das mães solteiras que tivessem um parceiro empregado. Essas medidas atingiram particularmente as famílias negras, que, em maior número do que as famílias brancas, viviam na pobreza. Algo em torno de 5 milhões de negros, mormente mulheres e crianças, participavam do programa. Ademais, as novas exigências para requerer o direito ao AFDC criaram tensões entre as famílias negras. Os pais não queriam receber em suas casas as filhas jovens que já tinham filhos e os homens negros não queriam mulheres negras com filhos, pois não poderiam mais contar com a renda advinda do programa.

O Food Stamps, programa que auxiliava a alimentação e a nutrição dos estadunidenses, teve as verbas reduzidas em aproximadamente US\$ 2 bilhões por ano.

Um milhão de estadunidenses perderam o direito a participar do programa e os que continuaram a poder requisitar o Food Stamps tiveram os benefícios reduzidos. Em 1987, os estadunidenses que participavam deste programa recebiam apenas US\$ 0,47 de ajuda por refeição. 7.5 milhões de negros nos Estados Unidos se valiam do direito de participar do programa e foram afetados pelos cortes nas verbas destinadas a ele. Nas escolas, de 1981 até 1987, as verbas para os programas de nutrição e alimentação escolar foram reduzidas em 28%. Neste mesmo período, aproximadamente 3,5 milhões de crianças perderam o direito ao subsídio completo do governo que garantia o almoço ou o café da manhã nas escolas. As famílias de até quatro integrantes com rendimento anual entre US\$13.000 e US\$ 19.000 pagavam parcialmente pela alimentação escolar, que em parte o governo subsidiava com verbas oriundas dos impostos. Mas de 1981 até 1987 os preços dobraram. Mais de 4 milhões de crianças negras sentiram os efeitos da degradação do programa de nutrição e alimentação escolar, que o governo, até então, subsidiava parcialmente ou completamente com verbas advindas de impostos.

Ainda nas escolas, a redução nas verbas para a educação atingiu significativamente o bem estar dos negros estadunidenses. A administração Reagan alocou 45 programas destinados à educação elementar e secundária em dois blocos para os governos estaduais e locais administrarem. Através dessa estratégia, o governo federal, sob a batuta neoconservadora de Reagan, reduziu as verbas para todos os programas voltados para educação, especialmente aqueles que se destinavam às crianças com déficit de aprendizagem e a educação de adultos. Os programas destinados a subsidiar o ensino superior dos negros estadunidenses, como o Pell Grants, sofreram igual revés. As verbas destinadas a esses programas foram reduzidas em um sexto. Mais de um terço de todos os estudantes que recebiam subsídios do governo para a educação superior eram negros. Antes da redução das verbas, 43% dos negros secundaristas entravam nas universidades. Depois de 1982, quando esses programas começaram a sofrer cortes nas verbas destinadas a eles, o número de negros estadunidenses que entraram nas universidades caiu para 36%. Em 1986, cada estudante que participava dos programas educacionais recebiam em média, apenas, US\$ 4.000 por ano em subsídios para educação superior. Por outro lado, o governo federal incentivou algumas escolas e universidades privadas voltadas historicamente e exclusivamente para os negros, a fim de reeditar, indiretamente, a segregação racial na educação. Mesmo assim, as políticas educacionais do governo Reagan atingiram não só os estudantes negros, mas também muitas instituições educacionais particulares voltadas historicamente para os negros

estadunidenses, pois estas também viram o número de discentes diminuir significativamente.

A redução dos investimentos nos programas de habitação também afetou a vida dos negros estadunidenses. O custo das moradias aumentou para dois milhões de negros estadunidenses, devido à redução das verbas do governo destinadas às residências públicas e aos subsídios dos aluguéis. Antes de 1981, os estadunidenses, em especial os negros, não pagavam mais de 25% de aluguel em casas na qual a locação era subsidiada pelo governo. Depois de 1981, os subsídios do governo federal para moradia diminuíram e os alugueis aumentaram. Em 1987, os estadunidenses que viviam nas casas com aluguel subsidiado pelo governo gastavam 30% do seu orçamento com a moradia. Ademais, desde 1983, o fundo federal para construção e reforma de casas para a população de renda baixa foi reduzido em dois terços. Como resultado dessas políticas, mais de 300.000 famílias moravam em casas inadequadas e de baixa qualidade em 1985. Boa parte dessas famílias era negra.

As verbas destinadas aos programas que ofereciam serviços legais para os estadunidenses que não poderiam pagar por advogados particulares foram reduzidas em 27% de 1981 até 1987. Por todo o país, 365 escritórios públicos que proviam serviço legal para a população pobre foram fechados. O número de advogados que prestavam serviços de assistência legal pública caiu 30%. Um quarto dos estadunidenses que utilizavam os escritórios de serviços legais públicos era constituído por negros.

Como já demonstramos nesta dissertação, as políticas fiscais adotadas desde 1980 significaram mais gastos com impostos para as famílias pobres e para as famílias de classe média baixa e menos gastos deste tipo para as famílias ricas. Conseqüentemente, a renda das famílias pobres diminuiu enquanto a renda das famílias ricas aumentou em virtude das políticas fiscais neoconservadoras. Para uma família de quatro integrantes abaixo da linha da pobreza ficou praticamente impossível fazer todas as refeições, pagar serviços médicos e pagar as contas de aluguel e os outros encargos de moradia, além dos impostos. 40% das famílias estadunidenses, justamente as mais pobres, estavam pagando mais impostos sobre a renda em 1984 do que em 1980, dentre elas muitas eram compostas majoritariamente por negros. Dessa maneira o impacto do aumento de impostos e a conseqüente redução da renda foi significativamente maior entre os negros. 63% das famílias negras, que recebiam até US\$ 20.000 anuais, perderam aproximadamente US\$ 20 bilhões ao todo, considerando o aumento do imposto de renda para essa categoria e a redução dos direitos sociais. 36% das famílias

brancas sofreram as mesmas perdas, sob as mesmas condições. Por outro lado, apenas 1% das famílias negras, que estavam entre as famílias que recebiam mais do que US\$ 80.000 anuais, experimentaram uma significativa redução de impostos e conseqüentemente ganhos na renda líquida anual. Como resultado, a carga tributária mudou dos brancos para os negros, bem como mudou dos ricos para os pobres.

6 - Os imigrantes e o nacionalismo étnico neoconservador

6.1 – Nacionalismo étnico neoconservador e a imigração após 1965

A forma neoconservadora de imaginar e narrar a nação também se fez presente nos debates acerca da imigração. Os estrangeiros que imigram para os Estados Unidos, legal ou ilegalmente, e não passam pelos processos de naturalização ou requisição de cidadania, não são, de fato nem de direito, considerados cidadãos nacionais. Entretanto, os debates que envolveram a questão da imigração, em diversos momentos da história dos Estados Unidos, configuraram e revelaram as formas de se imaginar e narrar a nação a partir do encontro com o estrangeiro, que é transformado em “o outro”. Em outras palavras, o contato com o estrangeiro e os debates sobre a exclusão, a aceitação ou a assimilação deles, são de suma importância para construção da comunidade imaginada. No caso dos Estados Unidos, de forma geral, os filhos dos imigrantes nascidos em solo estadunidense são, por direito, cidadãos nacionais, ou seja, fazem parte da nação. Entretanto, frequentemente, os cidadãos estadunidenses que são filhos e netos de recém imigrados sofreram com os estereótipos, que transformaram seus pais em “outros” para diferenciá-los dos cidadãos nacionais.

Entre 1881 e 1910, os Estados Unidos receberam aproximadamente 20 milhões de imigrantes, sendo em torno de 90% deles vindos da Europa, especialmente, da Alemanha, Irlanda e Itália. Esses imigrantes se estabeleceram, mormente, no nordeste e no meio oeste do país e trabalharam nas nascentes indústrias da região. No mesmo período, um fluxo migratório menos intenso levou os chineses e os mexicanos para compor a mão de obra na agricultura. Neste tempo, muitos estadunidenses que imaginavam a nação através de um prisma étnico consideravam europeus do sul, mexicanos, chineses e estrangeiros de outras nacionalidades como indivíduos racialmente inferiores e, por vezes, desajustados socialmente. Assim, esses imigrantes representavam, para alguns estadunidenses, uma ameaça à nação, fossem por inferioridade física e mental ou por suas ideologias políticas supostamente calcadas na baderna, na criminalidade e na desordem. Muitos médicos e cientistas, inclusive, justificaram a inferioridade e a personalidade desordeira dos imigrantes através de teorias baseadas no darwinismo social. Por outro lado, no mesmo período, uma parte dos reformadores progressistas liberais, que entendiam a nação como uma comunidade de homens que com os mesmos direitos e deveres, defendia assimilar os imigrantes, que chegavam à nação. Os progressistas liberais defenderam a assimilação dos imigrantes de

inúmeras formas diferentes, desde a substituição da cultura estrangeira pela cultura nacional até a aceitação do pluralismo cultural⁴⁰⁰, que recusa o “melting pot”, preferindo a metáfora da orquestra, na qual os instrumentos representariam os legados culturais diversos trazidos pelos imigrantes de diferentes partes do mundo.

Na década de 1920, os projetos de imigração elaborados por estadunidenses que imaginavam a nação, mormente, através de valores étnicos se materializou na forma de lei. Albert Johnson, deputado Republicano do estado de Washington, o senador David Reed, Republicano do estado da Pennsylvania, elaboraram a Lei de Imigração de 1924, que reduziu drasticamente a imigração, estabelecendo cotas extremamente restritivas para entrada de imigrante, sobretudo da Europa e da Ásia. Com a Lei de Imigração de 1924, a entrada de imigrantes nos Estados Unidos passou a ser regulada desde fora do país, com a exigência dos vistos, que só poderiam ser conseguidos nos consulados antes do embarque nos portos, e, mais tarde, nos aeroportos. Os imigrantes mexicanos que serviam como mão de obra nas plantações do sul continuaram entrando nos Estados Unidos e cumprindo sua função na agricultura. O caso dos mexicanos é especial. Nas duas primeiras décadas do século XX, o Departamento de Imigração trabalhava com o pressuposto de que a entrada de mexicanos pela fronteira sul era regulado pela demanda do mercado de trabalho. Somente em 1917 estabeleceu-se pela primeira vez o recolhimento de taxas para o ingresso e em 1919 a necessidade de cumprir outras formalidades para admissão. A nova Lei de imigração de 1924 estabeleceu não só a exigência de um certificado médico para pedido do visto, como também interrogatório e procedimentos sanitários na fronteira que, somente para os mexicanos -, incluía inspeção do imigrante nu, banho, corte de cabelo e fumigação roupas e bagagem. As exigências impostas para conseguir o visto levou os mexicanos a se tornarem o maior grupo de ilegais já nos anos 20.

O objetivo de Johnson, Reed e dos estadunidenses que os apoiavam era restabelecer a configuração étnica do país aos padrões anteriores à Guerra Civil. A vitória dos estadunidenses que defendiam restrições na imigração provou-se uma vitória de pirro. A significativa redução do contato com “o outro” estrangeiro, que representava o antípoda nacional, diminuiu a importância do fator étnico na configuração nacional. Isso porque os componentes étnicos indesejáveis, que eram ressaltados para lembrar aos estadunidenses, por oposição, quem eles eram, foram atenuados.

⁴⁰⁰ JACOBSON, Matthew Frye. *Barbarian Virtues: The United States encounters foreign people at home and abroad 1876-1917*. New York: Hill and Wang, 2000.

No final dos anos 1930, a rejeição aos imigrantes ficou mais branda. Durante a Grande Depressão, a influência dos imigrantes europeus no programa de recuperação de Franklin Delano Roosevelt foi significativa. Mais tarde, diante da dinâmica da Segunda Guerra Mundial, os estadunidenses filhos de imigrantes europeus, e até mesmo os imigrantes europeus, foram incorporados à nação, pode-se dizer que foram incorporado à categoria de brancos. Primeiro, existia uma processo de incorporação dos imigrantes desde a Grande Depressão, pois esta desnudou indiscriminadamente a fraqueza de todos os homens e a recuperação da nação exigiu um esforço coletivo irrestrito. Segundo, durante a Segunda Guerra Mundial, fora de casa, os batalhões estadunidenses tiveram que lutar lado a lado com os europeus contra um projeto mundial de dominação racial, que era justificado por argumentos semelhantes àqueles utilizados para excluir os imigrantes. Durante os embates, os estadunidenses foram obrigados a confiar e reconhecer o valor dos seus companheiros europeus. Terceiro, durante a mesma guerra, os estadunidenses precisavam fazer novamente um grande esforço coletivo para suportar, economicamente e emocionalmente, o conflito. Assim, as portas do país foram abertas novamente para os refugiados da Europa, incluindo judeus, japoneses, alemães e italianos contrários aos regimes políticos vigentes em seus países, e diversos outros cidadãos de outras nações, que foram perseguidos durante o conflito. Contudo, mesmo neste momento houve quem resistisse à entrada de judeus e demonizasse a presença de japoneses no país. Com a subsequente Guerra Fria, os Estados Unidos continuaram abertos à entrada de refugiados, como poloneses e russos, que se sentiam perseguidos pelos regimes comunistas em seus países.

Na década de 1960, quando a maioria dos estadunidenses imaginava a nação como uma comunidade a qual os homens pertenciam por direito, o sistema de quotas que regulava a entrada de estrangeiros no país foi questionado, assim como a segregação racial. Em 1965, o congresso dos Estados Unidos aprovou a Lei de Imigração proposta pelo deputado Democrata Emanuel Celler, do estado de Nova York e pelo senador do mesmo partido, do estado de Michigan, Philip Hart. A Lei de Imigração de 1965 permitiu a entrada de até de 170.000 imigrantes do hemisfério leste, sendo no máximo 20.000 de cada país; 74% das entradas seriam concedidas aos imigrantes que tinham familiares nos Estados Unidos; 20% das entradas seriam distribuídas para imigrantes com qualificações profissionais que pudessem agregar valor ao país; e 6% seriam distribuídas para refugiados políticos ou vítimas de calamidades naturais. Mais 120.000 entradas seriam permitidas para homens e mulheres do

hemisfério oeste. Na realidade, o número de entradas disponíveis para os imigrantes foi bem maior, pois a admissão dos filhos, pais e esposas de cidadãos estadunidenses foi liberada de forma ilimitada.

A Lei de Imigração de 1965 entrou em vigor em 1968. Na década seguinte o número de imigrantes legais nos Estados Unidos cresceu 50%, passando de 3.3 milhões na década de 1960 para 4.5 milhões nos anos 1970. O número de estrangeiros morando nos Estados Unidos, o que inclui os imigrantes ilegais, também cresceu 50%, passando de 9.7 milhões, na década de 1960, para 14.1 milhão, no ano de 1980. Diferente do fluxo migratório do período entre 1890 e 1910, a maioria dos imigrantes vinha da América e da Ásia⁴⁰¹. A onda migratória iniciada em 1965 culminou com quatro grandes transformações na sociedade estadunidense. Primeiro, a necessidade de mão de obra nas indústrias caiu vertiginosamente como reflexo da revolução tecnológica, enquanto o número de postos de trabalho no setor de serviços cresceu. Segundo, os estados do Sunbelt experimentaram um espetacular crescimento da atividade econômica. Terceiro os sindicatos perderam força. Quarto, o fosso entre os trabalhadores especializados com ensino universitário e não especializados cresceu abruptamente.

Além da Lei de Imigração de 1965, outros fatores impulsionaram o novo fluxo migratório, dominado por asiáticos e latino-americanos, para os Estados Unidos. De forma geral, fatores econômicos, políticos, sociais e mesmo culturais impulsionam as migrações internacionais. As crises econômicas que atingiram América Latina na década de 1970 deixaram a maioria dos latino-americanos mais pobres, os empregos mais escassos e mais mal remunerados. Os governos da América-Latina, cada vez mais endividados, aceitaram os projetos de ajuste econômico, semelhantes ao programa neoconservador de Reagan, assim reduziram a atividade econômica e os investimentos sociais. Ademais, a agroindústria-exportadora foi incentivada como forma de equilibrar as balanças comerciais, expulsando trabalhadores rurais do campo em direção às cidades e a outros países. Guatemaltecos, hondurenhos, nicaragüenses, salvadorenhos, e mexicanos, que já imigravam de forma intensa para os campos do sul dos Estados Unidos, foram empurrados para as lavouras do grande irmão do norte. Esses atravessavam as fronteiras como ilegais ou utilizavam as entradas disponíveis para reencontrar familiares que já moravam nos Estados Unidos. Os asiáticos, com um grau

⁴⁰¹ WATERS, Mary C. e UEDA, Reed. *The new Americans: a guide to immigration since 1965*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

de escolaridade maior, imigraram para as indústrias do Sunbelt utilizando-se das entradas disponíveis para estrangeiros com qualificação profissional.

Os Estados Unidos, embora sofressem com a crise econômica, pareciam disponibilizar mais oportunidades de emprego, sobretudo no setor agrícola, no setor de serviços e nas indústrias do Sunbelt. Assim, os estados do sul dos Estados Unidos, que atraíram poucos imigrantes nos grandes fluxos migratórios anteriores, se tornaram o destino de um significativo contingente de trabalhadores estrangeiros depois de 1965. As conturbadas questões políticas relacionadas à Guerra Fria também impulsionaram um grande número de refugiados para os Estados Unidos. O número de refugiados de Cuba, da URSS, do Vietnã, do Haiti e de outros países dominados por ditaduras, a cada ano, superava o número de entradas previstas na Lei de Imigração de 1965. Esse fluxo impulsionou uma rede familiar que expandiu a demanda por vistos para entrada nos Estados Unidos através das entradas disponíveis para reunião familiar. A essas questões econômicas e políticas, somava-se os incentivos que o próprio governo estadunidense propiciava através da sua posição nas relações internacionais, dos discursos e da propaganda nacionalista. Esses desenhavam, fora dos Estados Unidos, a imagem de um país com grande importância mundial, que era a terra dos sonhos e da liberdade.

Os liberais da década de 1960, fazendo jus à imagem do país que projetavam internacionalmente, permitiram que os imigrantes legais, e em alguns casos ilegais, tivessem o direito de participar de diversos programas sociais e dos programas de ações afirmativas. A partir de 1970, novos imigrantes passaram a participar dos programas sociais estadunidenses, a pagar impostos e a contribuir para o sistema de seguridade social do país. Nas escolas, a educação bilíngüe passou a ser necessária e demandada por milhares de imigrantes, especialmente os hispânicos, que viviam em novas pequenas comunidades étnicas incrustadas em grandes cidades como Nova Iorque, Los Angeles e Miami. De certa forma, os direitos dos imigrantes que residiam e trabalhavam nos Estados Unidos convergiu com o direito dos cidadãos nacionais. Do ponto de vista cívico, apenas o direito de voto, a possibilidade de ocupar cargos no funcionalismo público federal e os programas voltados exclusivamente para os estrangeiros separavam os imigrantes dos cidadãos estadunidenses.

Do ponto de vista étnico, os imigrantes puderam, devido ao avanço tecnológico na área de transportes e telecomunicações, manter com mais facilidade os laços culturais, políticos econômicos e emocionais com sua terra natal. Por meio dos avanços na área de transportes e as telecomunicações, os imigrantes puderam solidificar redes de

relacionamento que facilitavam a imigração de compatriotas aos Estados Unidos, em bairros que se tornaram quase exclusivamente reduto de indivíduos de uma mesma nacionalidade. Este parâmetro de fixação nas cidades foi comum em outros grandes fluxos migratórios para os Estados Unidos, sobretudo entre imigrantes italianos e irlandeses no final do século XIX, mas não com tamanha intensidade. Além disso, os aparelhos de telecomunicação passaram a transmitir quase instantaneamente informações e manifestações culturais de qualquer lugar do mundo, lembrando aos imigrantes de onde eles tinham vindo, seus laços culturais e suas identidades prévias. Este processo de preservação de culturas e identidades ligadas aos países de origem atingiu também os filhos e netos dos imigrantes, que eram cidadãos estadunidenses.

Diante do contato e das interações sociais com o “outro” estrangeiro em um período de profundas transformações econômicas e políticas que culminaram com a vitória do projeto nacional neoconservador de nação, mais estadunidenses voltaram a imaginar e narrar a nação através parâmetros mais étnicos do que cívicos. Isso porque muitos estadunidenses que aderiram, apoiaram e construíram o projeto nacional neoconservador entendiam que os imigrantes custavam muito caro para a nação, contribuíam pouco com impostos e competiam por recursos com os verdadeiros cidadãos. Além disso, para muitos estadunidenses a extensão do direito de participar dos programas sociais e cívicos aos imigrantes desvalorizava a cidadania, pois, como já afirmamos, praticamente apagou as diferenças entre os cidadãos nascidos nos Estados Unidos e os estrangeiros que residiam na nação.

A exclusão dos imigrantes voltou à agenda nacional nos anos 1980. As políticas de imigração, durante todos os períodos de fluxo migratório intenso, ultrapassaram o embate político convencional entre conservadores e liberais, dividindo-os e formando coalizões pouco comuns. Em 1980, parte dos neoconservadores que defendiam uma suposta integridade da cultura estadunidense, boa parte dos Republicanos e os Democratas sulistas pediam restrições rígidas à imigração. Os grupos neoconservadores e conservadores tradicionalistas, como o Federation for American Immigration Reform (FAIR) e o Center for Immigration Studies (CIS) defendiam a pureza da cultura estadunidense contra a imigração, que, supostamente, alterava negativamente a identidade cultural da nação. Esses grupos, frequentemente, anunciavam que a utilização da língua hispânica superaria a utilização da língua inglesa nos Estados Unidos. Isto levou a quase metade dos estados da federação a declarar o inglês como língua oficial. Além disso, os tradicionalistas acusavam os imigrantes de custarem caro

aos cofres públicos, sendo um peso para o sistema de bem estar social da nação, sem contribuir regularmente com impostos.

Ademais a partir da segunda metade da década de 1980, as transformações políticas e econômicas na URSS e o esforço conjunto entre o governo soviético e estadunidense para reduzir os armamentos militares e evitar uma guerra nuclear, que poderia exterminar a raça humana, aproximou os dois países. Conseqüentemente, este movimento de aproximação resultou em uma nova distensão na relação entre as duas potências. A ideologia anticomunista perdeu força no segundo mandato de Reagan e aos poucos, os comunistas perderam o lugar do “outro” número 1 no imaginário estadunidense. Por outro lado, os imigrantes ilegais passaram a ser vistos como a maior fonte de criminalidade do país. O medo de uma suposta desestruturação da nação cresceu.

Por sua vez, neoconservadores libertários, dentre eles industriais do Sunbelt e agroindustriais do sul, defenderam políticas menos restritivas para imigração, defendendo a entrada de imigrantes apenas para trabalhar. Os neoconservadores ligados aos setores de serviços, aos empresários do Sunbelt e à indústria agrícola na mesma região, como os integrantes American Enterprise Institute, eram a favor da entrada de imigrantes, mas sem o direito de participar dos programas sociais e das ações afirmativas. Isto porque a entrada de imigrantes permitiria que o empresariado continuasse utilizando mão de obra barata e aumentando a lucratividade de seus negócios. Os neoconservadores libertários sustentaram que a imigração trazia benefícios econômicos para os Estados Unidos, desde que os imigrantes não onerassem a nação e aprendessem os valores estadunidenses, sobretudo a produtividade. Portanto, ambas as partes entendiam a nação através de um prisma focado em valores étnicos, embora se dividissem quanto à entrada e permanência de imigrantes nos Estados Unidos.

Os liberais e as organizações formadas por imigrantes insistiam na legalização dos imigrantes ilegais e na ampliação dos direitos sociais para todos os imigrantes. Nos anos 1980, os trabalhadores organizados se juntaram aos liberais e às organizações dos imigrantes na defesa da anistia para os ilegais e dos direitos sociais e cívicos para todos os estrangeiros residentes nos Estados Unidos. Isto ficou claro em 1981, quando o sindicato dos trabalhadores do setor têxtil criou o National Immigration Forum (Forum Nacional de Imigração - NIF) para defender os direitos dos imigrantes e a anistia. O NIF logo ganhou o apoio e a adesão de outros sindicatos no país. Vale lembrar que no início dos 60, quando programa Bracero, que permitia a entrada e permanência por período

determinado de mexicanos para trabalhar na agricultura terminou, a imigração ilegal de mexicanos aumentou significativamente e passou a ser criticada pela AFL-CIO e apoiada por organizações pelos direitos civis dos negros, como a SNCC e a CORE. A NAACP se colocou a favor de sanções contra empregadores que admitissem ilegais, posto que representaria uma concorrência desleal no mercado de trabalho. Posteriormente todas essas entidades mudaram de posição, reconhecendo que as sanções produziriam discriminação de todos os trabalhadores de aparência latina, comprometendo seus direitos civis.

6.2 – A escala Reagan

Reagan, que representava o projeto político neoconservador, precisava lidar com as diversas posições acerca da imigração. O presidente, em nenhum momento, tratou publicamente da questão da imigração de forma específica. Assim como os neoconservadores libertários, Reagan preferiria que alguns imigrantes fossem aceitos apenas para trabalhar, sem serem integrados à nação estadunidense. Os imigrantes, latino-americanos e asiáticos, não deveriam ter direito a participar dos programas sociais. Ao mesmo tempo, como os neoconservadores tradicionalistas, Reagan hierarquizava dos diversos grupos de imigrantes. Em diversos discursos, o presidente deu a entender que cada grupo de estrangeiros que residiam nos Estados Unidos tinham qualidades diferentes e inferiores às dos verdadeiros estadunidenses. Para Reagan, os antigos grupos imigrantes, de cada nação européia, representavam momentos diferentes, da construção da nação. Poucos imigrantes, como os alemães, eram bons o suficiente no que diz respeito ao trabalho duro. Outros imigrantes, como os italianos, levaram com eles o valor do trabalho duro, mas ganharam mais, absorvendo as supostas virtudes dos verdadeiros estadunidenses. Neste sentido, Reagan fazia lembrar Theodore Roosevelt, que reconhecia o papel histórico dos imigrantes na construção dos Estados Unidos, apontando que cada um deles tinha um papel na sociedade. Theodore Roosevelt acreditava na existência de uma hierarquia racial, que poderia ser manipulada através de uma miscigenação controlada, e poderia qualificar ainda mais os verdadeiros estadunidenses. Entretanto, os novos imigrantes poderiam representar uma ameaça à nação.

Reagan reconhecia as origens migratórias dos estadunidenses e repetia, inclusive, o mito da terra prometida que deu origem à nação. Contudo, Reagan deixava transparecer a idéia de que os estadunidenses eram o povo escolhido para ocupar a terra

prometida. Em 18 de outubro de 1983, diante de jornalistas de periódicos e rádios voltadas para comunidades étnicas, Reagan afirmou que todos os estadunidenses “eram ou são descendentes de imigrantes” que foram para os Estados Unidos em busca da “liberdade e de uma oportunidade para melhorar sua sorte e a sorte de suas famílias”⁴⁰². Segundo o presidente, a “América era a terra da esperança para muitos que sofriam a dor da tirania e da privação”, “o lugar mágico aonde qualquer um disposto a trabalhar duro poderia viver uma vida descecente”⁴⁰³. Entretanto, o presidente lembrou que três anos antes a estagnação e a inflação estavam eliminando as oportunidades “que tinham sido a marca registrada do país”⁴⁰⁴.

Para o presidente, os imigrantes originários da Alemanha e da Grã Bretanha guardavam valores parecidos com os dos estadunidenses. Eles, na visão de Reagan, ajudaram a construir a nação na terra prometida, valorizando a liberdade individual, o trabalho duro, a produtividade, o empreendedorismo, a independência e a inteligência. Diante da visita do chanceler da República Federal da Alemanha (RFA), Helmut Schmidt, em 21 de maio de 1981, Reagan lembrou que, durante muitos anos, muitos alemães migraram para os Estados Unidos e com “mãos fortes e bons corações, esse povo industrioso ajudou a construir uma forte e boa América”⁴⁰⁵. Para o presidente, o povo estadunidense nunca esqueceu a sua ascendência alemã. A prova disto seriam os nomes das cidades dos Estados Unidos que foram dados em homenagem às cidades alemãs como Bremen, Hamburgo, Heidelberg Stuttgart e Berlim e a heróis germânicos como o Barão von Steuben, cujo sobrenome batizou algumas cidades estadunidenses. Reagan mencionou a importância de Johann Augustus Roebeling, imigrante alemão que construiu a ponte do Brooklin. Mais tarde no mesmo dia, Reagan recordou outros imigrantes alemães que “ajudaram a construir a América”, como o fabricante de pianos, Heirinch Steinway; o cientista espacial, Werner Von Braun; o cervejeiro, Adolph Busch; e o cartunista, Thomas Nast, que criou a imagem do Papai Noel, o elefante

⁴⁰² “All of us were or are descended from immigrants, most of whom came here looking for freedom and an opportunity to better their lot and the lot of their families” REAGAN, Ronald. Remarks and a Question-and-Answer Session With Editors and Station Managers of Ethnically Oriented Publications and Radio Stations. 18 Fev. 1983. Disponível em: <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/101883a.htm>

⁴⁰³ “America was a land of hope for so many who suffered the pains of tyranny and deprivation. America was a magic place where anyone willing to work hard could live a decent life”. Ibid.

⁴⁰⁴ “Stagnation and inflation were snuffing out the opportunity that had been the hallmark of our country”. Ibid.

⁴⁰⁵ “With strong hands and good hearts, these industrious people helped build a strong and good America”. REAGAN, Ronald. Remarks at the Welcoming Ceremony for Chancellor Helmut Schmidt of the Federal Republic of Germany. 21 Mai. 1981. Disponível em: <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/52181a.htm>

símbolo do Partido Republicano, o burro símbolo do Partido Democrata e o Tio Sam. Acima de tudo, o presidente afirmou que os Estados Unidos e a República Federal da Alemanha dividiam mais do que um a amizade, dividiam “valores acerca da importância da liberdade”⁴⁰⁶.

Em 15 de novembro de 1982, Reagan recebeu o novo chanceler da Alemanha, Helmut Kohl. O presidente, orgulhosamente, informou ao chanceler que um estudo recente havia revelado que os estadunidenses reivindicavam a descendência alemã mais do que qualquer outra. O presidente lembrou que “os imigrantes alemães proveram o trabalho duro e a determinação que colonizou o meio oeste, transformando a árida fronteira nas Dakotas e retirando generosas colheitas que ajudaram a alimentar o mundo”⁴⁰⁷. Nas cidades, segundo a narrativa de Reagan, “a energia e a ingenuidade germânica ajudaram a construir as indústrias e firmas que catapultaram nossos padrões de vida e elevaram os homens comuns de uma vida de trabalhos penosos a um novo progresso condizente com a dignidade individual e o respeito”⁴⁰⁸. Tudo isso, de acordo com o presidente só foi possível porque a “liberdade estava disponível na América”, uma “liberdade para a qual os imigrantes alemães contribuíram grandemente”⁴⁰⁹.

Os italianos, e outros imigrantes europeus, para Reagan, também trabalharam duro nos Estados Unidos. Entretanto, não contribuíram com valores para a nação, mas souberam aprender com os valores dos Estados Unidos com os estadunidenses. Na associação nacional de educação católica, em abril de 1982, em Chicago, Reagan lembrou que aquela cidade fora, por muito tempo, um grande centro de atração para imigrantes que iam para os Estados Unidos a fim de construir uma vida melhor⁴¹⁰. Para estes, ressaltou o presidente, “a educação não era simplesmente outra parte da sociedade americana, era a chave que abria a porta dourada”, era “o melhor caminho para o progresso de suas famílias”, e era “uma indispensável parte do crescimento da nação e

⁴⁰⁶ “We share values about the importance of liberty”. Ibid.

⁴⁰⁷ “German immigrants provided the hard work and determination that settled much of the Midwest, taking rugged frontier land like that in the Dakotas and reaping from it bountiful harvests that helped feed the world”. REAGAN, Ronald. Remarks at the Welcoming Ceremony for Chancellor Helmut Kohl of the Federal Republic of Germany. 15 Nov. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/111582a.htm>>

⁴⁰⁸ “German energy and German ingenuity helped build the factories and firms that catapulted our standard of living and elevated the lot of the common man from a life of drudgery to new progress consistent with individual dignity and respect”. Ibid.

⁴⁰⁹ “freedom available here -- freedom to which German immigrants greatly contributed”. Ibid.

⁴¹⁰ REAGAN, Ronald. Remarks to the National Catholic Education Association in Chicago, Illinois. 15 Abr. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/41582a.htm>>

da prosperidade de todo o povo”⁴¹¹. Segundo Reagan, os imigrantes que chegaram a Chicago acreditavam no sonho americano e “ainda desejam a prosperidade e se sacrificam para que seus filhos possam aproveitá-la”⁴¹². Em 1983, na convenção anual da Federação Americana de Professores em Los Angeles, no estado da Califórnia, Reagan afirmou que, não muito tempo atrás, os imigrantes vinham para os Estados Unidos de todos os cantos do mundo com pouco mais do que suas roupas e esperança nos corações⁴¹³. Muitos, segundo a história rememorada por Reagan, eram analfabetos e pobres, mas o sistema de educação provia a “escada mágica” para que eles pudessem participar completamente “da vida na América”⁴¹⁴. E isso, de acordo com o presidente, deu aos “filhos deles mais do que as habilidades necessárias para conseguir uma vida mais abundante”, deu “valores sólidos de boa cidadania”⁴¹⁵. No Fórum Nacional de Excelência na Educação, em dezembro de 1983, em Indianapolis, no estado de Indiana, Reagan afirmou que nas décadas anteriores, quando os imigrantes chegavam em grande número aos Estados Unidos, “nossas escolas ensinaram as crianças daqueles novos americanos habilidades para ganhar suas vidas, uma nova linguagem, e um novo modo de vida, a democracia”⁴¹⁶.

No discurso de comemoração do feriado em homenagem ao navegador Cristóvão Colombo, no dia 9 de outubro de 1981, data importante para comunidade de origem italiana nos Estados Unidos, Reagan discursou exclusivamente para os imigrantes e descendentes de imigrantes italianos⁴¹⁷. Na ocasião, o presidente afirmou que os imigrantes italianos trabalharam duro e “aderiram aos sólidos e decentes valores e eles conseqüentemente prosperaram”⁴¹⁸. Sendo assim, segundo Reagan, não existia

⁴¹¹ “education was not simply another part of American society -- it was the key that opened the golden door. It was the best path to progress for their families. And it's been an indispensable part of the growth of our nation and the prosperity of all our people”. Ibid.

⁴¹² “The immigrants who came to Chicago, the poor in our inner cities, the middle classes struggling to make ends meet -- these Americans still believe the American dream. They still yearn for prosperity and still sacrifice so that their children will enjoy it”. Ibid.

⁴¹³ REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the American Federation of Teachers in Los Angeles, California. 05 Jul. 1983. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/70583a.htm>>

⁴¹⁴ “school system, often within a single generation, provided a magic ladder to full participation in American life”. Ibid.

⁴¹⁵ “it taught their children more than just the skills they needed for a more abundant life; it taught them the solid values of good citizenship”. Ibid.

⁴¹⁶ “our schools taught the children of those new Americans skills to earn their livings, a new language, and a new way of life, the democracy”. REAGAN, Ronald. Remarks at the National Forum on Excellence in Education in Indianapolis, Indiana. 08 Dez. 1983. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/120883b.htm>>

⁴¹⁷ REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the Columbus Day Proclamation. 09 Out. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/100981c.htm>>

⁴¹⁸ “They adhered to solid, decent values, and they consequently prospered”. Ibid.

“nenhuma razão para identificar os ítalo-americanos como algum tipo separado de grupo étnico, os ítalo-americanos estão integrados em todos os aspectos da vida americana”⁴¹⁹.

Em 18 de maio de 1982, Reagan anunciou a formação de uma comissão que ficaria responsável pela organização do centenário da Estátua da Liberdade, que aconteceria três anos mais tarde. No discurso, Reagan lembrou da importância da ilha Ellis, onde ficava localizada a Estátua, e que tinha sido o maior porto de entrada de imigrantes até a década de 1950⁴²⁰. De acordo com o presidente, na virada do século XIX para o século XX, “a América foi abençoada com um influxo de novos imigrantes que se tornaram cidadãos e tiveram um papel significativo na construção do nosso país e na proteção da nossa liberdade”⁴²¹. Segundo a narrativa do presidente, muitos desses imigrantes chegaram à ilha Ellis com muito pouco e acreditavam que nos Estados Unidos “viveriam uma vida melhor e que seus filhos poderiam ter uma vida ainda melhor que a deles”⁴²². Para confirmar sua narrativa, Reagan citou o exemplo de Lee Iacocca, diretor da Chrysler e filho de imigrantes italianos, que estava presente, e afirmou que ele “certamente estava provando que a América tem para oferecer para aqueles imigrantes, ou para os filhos e filhas deles”⁴²³.

De certa forma, na retórica neoconservadora de Reagan, a história dos antigos imigrantes servia de exemplo para os trabalhadores negros, para os trabalhadores latinos e para os trabalhadores asiáticos, que imigraram para o país depois de 1965 e para seus filhos. O presidente, algumas vezes, insinuou nas entrelinhas que esses acreditavam ter direito aos programas sociais, mas não se importavam com os valores estadunidenses de família, independência, trabalho duro, dignidade, respeito próprio e fé em Deus. Frequentemente, Reagan sugeriu os imigrantes que chegaram após 1965 seriam inferiores e preguiçosos, argumentando que eles deveriam aprender os valores estadunidenses, sobretudo o trabalho duro, e apoiar a política de redução de impostos e de gastos sociais, que representava o ideal de nação. O valor dos imigrantes latinos e

⁴¹⁹ “there would be no reason to identify Italian Americans as any kind of separate ethnic group, for Italian Americans are integrated into every aspect of American life”. Ibid.

⁴²⁰ REAGAN, Ronald. Remarks Announcing the Formation of the Statue of Liberty-Ellis Island Centennial Commission. 18 Mai. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/51882d.htm>>

⁴²¹ “America was blessed with an influx of new immigrants who became citizens and played a significant role in building our country and protecting our freedom”. Ibid.

⁴²² “they possessed a determination that with hard work and freedom, they would live a better life and their children even more so”. Ibid.

⁴²³ “he certainly has proven what America has to offer for those immigrants, or for the sons and the daughters of them”. Ibid.

asiáticos só era seria reconhecido por Reagan quando, supostamente, aprendessem valores produtivos estadunidenses.

Os imigrantes asiáticos e latino-americanos, vistos como inferiores, tinham que provar que poderiam trabalhar duro, que não requisitariam o direito de participar de nenhum tipo de programa social e que aceitariam os valores e a cultura estadunidense. Reagan não fez menção em nenhum momento aos valores que esses imigrantes poderiam trazer para os Estados Unidos, a não ser trabalho duro. Enfatizava a possibilidade de que aprendessem com os verdadeiros estadunidenses. Na cerimônia de naturalização de imigrantes que se tornariam novos cidadãos dos Estados Unidos, em primeiro de outubro de 1984, Reagan, sutilmente, tentou dissuadir os novos imigrantes de pensarem que teriam apoio dos programas do governo e da rede de seguridade⁴²⁴. O presidente revelou que tinha lido todas as constituições de todas as nações do mundo e elas diziam que os “governos concediam” os direitos ao povo. Mas, segundo ele, a constituição dos Estados Unidos dizia que o povo “tinha esses direitos pela graça de Deus pelo nascimento”. Ou seja, a constituição não garantia aos imigrantes nenhum direito social, embora esses fossem resultado da graça divina. Ao invés das histórias de superação dos antigos imigrantes, Reagan lembrou que, de forma ilegal, os imigrantes “mais recentes escalaram os muros, se arrastaram sob os arames farpados, passaram através de campos minados, e alguns deles arriscaram suas vidas em barcos improvisados”⁴²⁵.

Muitas vezes Reagan utilizou a terminologia “Hispanicos” para se referir aos imigrantes latinos. Esta terminologia incluía também espanhóis e cubanos imigrados na década de 1950 que eram bem vistos pelos neoconservadores por razões históricas e políticas. Assim, os discursos do presidente para os imigrantes latinos tinham duas facetas. Por um lado, para atingir os estadunidenses latinos de origem europeia e cubana os discursos se assemelhavam àqueles proferidos para os italianos. Por outro lado, Reagan cobrava trabalho duro e aceitação dos valores da nação dos imigrantes latinos, que chegaram depois de 1965 e dos seus filhos, que nasceram nos Estados Unidos. Na cerimônia de celebração da semana de descendência hispânica, em setembro de 1982, Reagan, cordialmente, disse que os hispânicos, que chegaram como imigrantes aos

⁴²⁴ REAGAN, Ronald. Remarks at Naturalization Ceremonies for New United States Citizens in Detroit, Michigan. 01 Out. 1984. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/100184a.htm>>

⁴²⁵ “Some of the most recent have crawled over walls and under barbed wire and through mine fields, and some of them risked their lives in makeshift boats”. Ibid.

Estados Unidos ou que nasceram no país, enriqueceram a cultura e deram vitalidade a nação⁴²⁶. Esses, afirmou o presidente, trabalharam duro por suas famílias, suas fazendas e seus negócios e defenderam a nação com orgulho e coragem quando a América ficou ameaçada pela sombra da guerra. Por isso, Reagan se disse honrado de ter sido o governador da Califórnia que mais nomeou hispânicos para o alto-escalão do governo e prometeu tentar fazer o mesmo em Washington. No fim do discurso, o presidente, sutilmente, pediu apoio dos imigrantes hispânicos para o programa econômico neoconservador. Reagan apontou que o sistema educacional de escolas religiosas do país guardava valores morais, que fortaleceriam as famílias dos imigrantes hispânicos, portanto seria essencial para que permanecessem fazendo parte da nação, e explicou que o plano de isenção de impostos para educação daria a possibilidade de mandar seus filhos para essas escolas.

Diante dos comerciantes latino-americanos de Tampa, no estado da Flórida, Reagan revelou que a história do seu amigo e presidente da Câmara de Comércio local, Hector Barreto, era inspiradora e deveria ser contada e ensinada para todas as crianças latinas dos Estados Unidos⁴²⁷. Reagan começou a narrar a história do seu amigo recordando que 25 anos antes ele colhia batatas por US\$ 0,80 a hora e “hoje ele é dono de um pedaço de sonho (...) ele é dono de diversos negócios, incluindo uma bem sucedida companhia de distribuição de azulejos”⁴²⁸. Na mesma ocasião, Reagan narrou a história de sucesso de mais dois imigrantes que aprenderam os valores estadunidenses, Lourdes Miranda e Manuel Caldera. Lourdes Miranda, de acordo com o relato do presidente, nascera em Porto Rico em uma família que não havia recebido educação formal, mas com persistência e compromisso ela fora à universidade, fizera doutorado na Universidade de Madri e tornara-se presidente de uma firma de consultoria em mídia em Maryland. Manuel Caldera, segundo Reagan, só conseguira completar os estudos secundários tardiamente e sonhara se tornar engenheiro. Acabou fundando a Amex Systems, uma empresa especializada em desenvolver equipamentos eletrônicos, que tinha mais de 700 funcionários.

⁴²⁶ REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Ceremony Celebrating Hispanic Heritage Week. 15 set. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/91582c.htm>>

⁴²⁷ REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the United States Hispanic Chamber of Commerce in Tampa, Florida. 12 Ago. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/81283d.htm>>

⁴²⁸ “Today, he owns a piece of the dream (...) he owns several businesses, including a successful tile distribution company”. Ibid.

Essas histórias, de acordo com Reagan, ofereciam uma visão de “progresso e esperança” e a prova de que “com liberdade de iniciativa pode-se construir valores que fazem a América mais do que um país rico, fazem um país bom”⁴²⁹. O presidente ressaltou que o sucesso de Lourdes Miranda e Manuel Caldera não os impediram de se preocupar com os outros e assegurou que ela ajudava a treinar mulheres para o mercado de trabalho, enquanto ele fazia caridade em um orfanato no México e ajudava escolas em Tampa. A própria Câmara de Comércio, segundo Reagan, desenvolvia um papel significativo provendo diversos recursos para comunidade hispânica na cidade e prestando assistência técnica e os contratos que os empresários hispânicos precisavam para competir no mercado. Depois dos elogios, o presidente alertou os comerciantes latino-americanos de Tampa de que, se eles fossem capazes de impedir o retorno da política de altos impostos e grandes gastos, uma nova era de crescimento melhoraria a vida de todos os estadunidenses e dos imigrantes. Em referência ao apoio de boa parte dos imigrantes aos Democratas, Reagan alertou que isto os afastaria da verdadeira nação. O presidente, duvidando da capacidade intelectual dos imigrantes e do comprometimento deles com a liberdade, disse que “muitas pessoas acreditam que o governo deve dominar a ação humana e os indivíduos devem viver como ovelhas”⁴³⁰. Essas, não acreditavam “na liberdade política e social” que os estadunidenses guardam com carinho, eram “insolentes com a palavra de Deus”, e acreditavam em uma filosofia alienígena que trazia escassez e tirania⁴³¹. Para Reagan, “nenhum exemplo era melhor do que Cuba”⁴³².

Na cerimônia de proclamação da semana em homenagem à descendência asiática, em 1987, Reagan reconheceu o importante papel dos imigrantes asiáticos e da região do pacífico para o desenvolvimento do país, especialmente da Califórnia⁴³³. Reagan afirmou que os imigrantes destas regiões, em desvantagem, chegaram ao país como trabalhadores simples, mas aprenderam “tirar vantagem das oportunidades da América e se sobressaíram em todos os caminhos da vida americana”⁴³⁴. Para o

⁴²⁹ “with freedom of enterprise comes values that make America more than a rich country -- they make us a good country”. Ibid.

⁴³⁰ “And of course, some people believe that governments should dominate human action and that individuals must live like sheep”. Ibid.

⁴³¹ “They are contemptuous of the worship of God. That philosophy is alien to this hemisphere and has brought deprivation and tyranny wherever it's gained a foothold”. Ibid.

⁴³² “No better example exists than Cuba”. Ibid.

⁴³³ REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the Asian/Pacific American Heritage Week Proclamation. 04 Mai. 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/050487d.htm>>

⁴³⁴ “Many came first as laborers -- as was true of so many immigrant groups -- but then, they took advantage of America's opportunity and excelled in all walks of American life”. Ibid.

presidente, os imigrantes dessas regiões foram para os Estados Unidos, verdadeiramente, em busca da “liberdade e para melhorar sua sorte”⁴³⁵.

Em mais uma semana de homenagens aos cidadãos de origem asiática e do pacífico, no ano seguinte, Reagan afirmou que a nação “retira uma força especial da nossa herança cultural rica e dos valores que unem a América” e os “americanos de descendência asiática e do pacífico “representam completamente esta experiência americana”⁴³⁶. O presidente narrou a história desses descendentes lembrando que as “raízes de suas famílias estavam enterradas na história americana e na construção desta nação”⁴³⁷. Contudo, a parte da construção da nação que coube aos antigos imigrantes asiáticos foi o trabalho duro. Reagan lembrou que mesmo antes da revolução americana já existiam pescadores filipinos estabelecidos “na América” e que outros imigrantes tinham chegado em um período mais recente. Esses, segundo Reagan, tinham apreço pela “liberdade e pelas oportunidades que este país oferece”⁴³⁸. Assim, Reagan colocava os imigrantes e estadunidenses de origem asiática que chegaram aos Estados Unidos após 1965 como homens inferiores que admiravam outros homens superiores e desejavam aprender com eles.

Para comprovar o que estava dizendo, Reagan narrou a história pessoal de Elaine Chao, filha de um imigrante de Taiwan que chegou ao país com apenas US\$ 800. De acordo com o presidente, Elaine chegou aos Estados Unidos com 8 anos e depois, aproveitando as “oportunidades da América”, tornou-se uma banqueira multimilionária e foi nomeada para Comissão Federal Marítima. Este exemplo serviu para Reagan afirmar que a educação vinha sendo o ingrediente chave para realização do sonho americano, especialmente para os asiáticos que respeitavam a família, o aprendizado e trabalham duro. O próprio Reagan reconheceu, entretanto, que esses mesmo asiáticos vinham sofrendo uma série de hostilidades e enfrentando uma série de barreiras em algumas universidades e instituições de ensino no país.

Em alguns momentos, o presidente relacionou os imigrantes a doenças e ao crime. Em um jantar de premiação da Fundação Americana para Pesquisa da AIDS, Reagan afirmou ter pedido ao departamento de saúde e serviços humanos para

⁴³⁵ “Our fellow Americans did, indeed, come here for freedom and to improve their lot”. Ibid.

⁴³⁶ “Our country draws special strength from our rich cultural heritage and the shared values that unite America. Asian-Pacific Americans represent the full breadth of the American experience”. REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the Asian/Pacific American Heritage Week Proclamation. 03 Mai. 1988. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/050388b.htm>>

⁴³⁷ “their family roots reach deep into American history and the building of this nation”. Ibid.

⁴³⁸ “have a unique appreciation for the freedom and opportunity this country offers”. Ibid.

determinar, o mais rápido possível, o quanto a AIDS “penetrou na nossa sociedade”⁴³⁹. Portanto, a doença vinha de fora, era estranha à terra prometida. O presidente anunciou que havia pedido ao mesmo órgão para incluir a AIDS na lista de doenças contagiosas que impediam a entrada de “imigrantes e *aliens*” que almejavam permanecer nos Estados Unidos.

Diante do presidente mexicano Miguel de La Madrid Hurtado, no encontro entre os dois chefes de estado em 13 de fevereiro de 1988, Reagan relacionou a imigração à entrada de drogas através da fronteira sul do país⁴⁴⁰. O presidente lembrou também que os dois países caminhavam para ratificação do tratado de assistência legal mútua que permitiria uma maior cooperação no combate aos crimes e ao tráfico internacional de drogas. O presidente assegurou ao seu companheiro mexicano que os estadunidenses estavam se afastando das drogas e que era necessário reduzir a demanda que abastecia o tráfico.

6.3 - A Lei de Imigração de 1986 e o nacionalismo neoconservador

Diante do debate nacional acerca da imigração, em 1979, o Congresso estabeleceu uma Comissão Especial para Política de Imigração e Refúgio (Special Commission on Immigration and Refugee Policy – SCIRP) para elaborar recomendações e propor alterações na lei de imigração. Como solução para o problema da imigração ilegal, o SCIRP, em fevereiro 1981, sob influência dos liberais e de líderes de organizações de imigrantes mexicanos, recomendou ao governo federal que anistiasse os imigrantes ilegais e reconhecesse sua cidadania. O SCIRP recomendou ainda que o governo federal aplicasse sanções aos empregadores que empregavam imigrantes ilegais, revisasse o programa de imigração temporária para agricultura, a fim de aumentar o número de imigrantes e que reformasse o Serviço de Imigração e Naturalização (Immigration and Naturalization Service – INS) para reduzir sua corrupção e ineficiência.

No ano seguinte, em 1982, o senador Republicano Alan K. Simpson e o deputado Romano Mazzoli, representante Democrata do estado do Kentucky, elaboraram a proposta de reforma na lei de imigração de 1965. O projeto de lei de

⁴³⁹ “AIDS virus has penetrated our society”. REAGAN, Ronald. Remarks at the American Foundation for AIDS Research Awards Dinner. 31 Mai. 1987. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/053187a.htm>>

⁴⁴⁰ REAGAN, Ronald. Toast at a Luncheon Hosted by President Miguel De la Madrid Hurtado in Mazatlan, Mexico. 13 Fev. 1988. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/021388e.htm>>

imigração apresentado em 1982 incorporou algumas recomendações do SCIRP, como a anistia para os imigrantes e as sanções para os empregadores que empregassem imigrantes ilegais. Entretanto, diferente das recomendações do SCIRP, a proposta de lei Simpson-Mazzoli, como ficou conhecida, também propunha a redução da entrada de imigrantes não especializados, a eliminação das facilidades para entrada de parentes de cidadãos estadunidenses e a ampliação da entrada dos imigrantes que eram trabalhadores especializados. Rapidamente, os representantes Republicanos do sul, Jesse Helms, deputado do estado da Carolina do Norte, e Samuel Hayakawa, senador Republicano do estado da Califórnia, emendaram a lei para permitir a entrada de um milhão de trabalhadores agrícolas temporários no país. A proposta foi aprovada no Senado, mas sofreu resistência dos representantes neoconservadores e liberais na Câmara, que propuseram mais de 200 emendas à lei, inviabilizando sua votação. Em 1983, Simpson e Mazzoli reintroduziram a proposta de lei para reformar a lei de imigração. Mais uma vez, a lei passou facilmente pelo senado, mas, na câmara, esbarrou em uma série de emendas de neoconservadores e liberais. As emendas ilustravam os diversos interesses dos representantes, desde um maior número de trabalhadores temporários para agricultura até a ampliação da anistia com a expansão dos benefícios de saúde para os imigrantes. Diante deste imbróglio, o presidente da Câmara, o deputado Democrata Tip O' Neill, preferiu não levar a proposta de lei a votação naquele ano.

Do lado de fora do congresso, a Câmara de Comércio, a Business Roundtable e o American Enterprise Institute se insurgiram contra a proposta de lei Simpson-Mazzoli. Essas organizações neoconservadoras libertárias argumentaram que o governo passaria a controlar a contratação de trabalhadores através de uma lei que aumentaria os gastos do governo e seria pouco funcional. Os neoconservadores libertários do governo insistiam na importância dos trabalhadores estrangeiros para economia nacional e pediam a Reagan para não criar nenhuma penalidade para os empresários que empregassem imigrantes ilegais, pois isto representaria uma interferência do governo na economia. Os neoconservadores tradicionalistas se opuseram à lei porque acreditavam que a anistia representava uma ameaça à identidade dos estadunidenses, portanto à nação. Eles viam o crescente influxo de imigrantes nos últimos anos como uma ameaça à soberania nacional e pediam maior controle da fronteira, punição para os empregadores e um cartão nacional de identificação. Por outro lado, os liberais e os grupos de imigrantes organizados consideraram a proposta limitada e acreditavam que a

punição aos empregadores que contratassem imigrantes ilegais iria causar discriminação e reduzir o mercado de trabalho para imigrantes legais e descendentes de estrangeiros que viviam nos Estados Unidos.

Reagan tentou não se comprometer diante do impasse, que dividiu os neoconservadores. O presidente tocou na questão poucas vezes. Em 5 de outubro de 1981, o presidente participou de uma entrevista coletiva na Flórida e um jornalista, não identificado pelas fontes, afirmou que aquele estado estava enfrentando um tremendo problema com o influxo de imigrantes ilegais⁴⁴¹. Em seguida, o mesmo jornalista perguntou a Reagan se o governo federal e o congresso tinham algum projeto para distribuir os imigrantes entre os 50 estados dos Estados Unidos. A primeira afirmação, portanto, revela uma suposta preocupação com os imigrantes ilegais, mas a pergunta seguinte, do mesmo jornalista, demonstra uma repulsa a todos os imigrantes, que estavam no estado da Flórida e que, segundo ele, deveriam ir para outros estados, longe dali. Reagan respondeu ao jornalista afirmando que sua administração estava planejando uma política de imigração para “retomar o controle das fronteiras” e interceptar quem não fosse, realmente, refugiado⁴⁴². Além disso, o presidente garantiu que a sua administração estava elaborando uma reforma da imigração, que privilegiaria a diversificação dos imigrantes e a distribuição daqueles desejáveis por todos os estados da nação. Dessa forma, a resposta de Reagan, embora sucinta, revelou, ao menos, que o presidente considerava os imigrantes, legais ou ilegais, um problema e apenas alguns imigrantes seriam desejáveis.

Em outra entrevista coletiva, em 3 de dezembro de 1981, na Califórnia, outro estado com grande população de imigrantes, o jornalista, também não identificado pelas fontes, perguntou ao presidente qual papel o governo federal assumiria em relação ao grande influxo de imigrantes mexicanos e refugiados asiáticos para aquele estado, mais especificamente para cidade de Los Angeles⁴⁴³. Intencionalmente ou não, o jornalista se referiu à imigração de mexicanos com o termo “Medfly”, um tipo de mosca que espalha peste nas lavouras frutíferas, e lembrou ao presidente que a questão

⁴⁴¹ REAGAN, Ronald. Remarks and a Question-and-Answer Session With a Group of Out-of-Town Editors. 05 Out. 1981. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/100581f.htm>>

⁴⁴² “I think that our immigration policy is perhaps going to give us a better handle on that and put us back in a position of being able to control our own borders”. Ibid.

⁴⁴³ REAGAN, Ronald. Remarks in an Interview With Managing Editors on Domestic Issues. 31 Dez. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/120381e.htm>>

envolvia uma disputa terrivelmente cara⁴⁴⁴. Reagan respondeu que a base de apoio do governo federal estava elaborando uma reforma das leis de imigração para lidar com esses problemas. Quanto ao influxo de mexicanos e as disputas financeiras que este acarretava, Reagan prometeu que a lei atenderia às necessidades dos estadunidenses e dos imigrantes e afirmou que pretendia distribuir o fluxo de imigrantes por todo país. O presidente, entretanto, informou que não pretendia limitar a entrada de refugiados no país, desde que fossem pessoas perseguidas nos seus países de origem. Reagan deixou claro que este não era exatamente o caso de todos os cubanos e haitianos, que chegaram aos Estados Unidos naquele período, pedindo refúgio. Para estes, o presidente afirmou que o governo federal não tinha elaborado nenhum plano, mas estava procurando por um lugar para instalar um centro de triagem, que verificaria as condições de cada imigrante e, se fosse o caso, os mandaria de volta. Aproveitando o tema, outro jornalista afirmou que o governo estava prestes a construir um centro de triagem no nordeste do estado de Nova Iorque, onde o clima é muito diferente do Haiti ou de Cuba, e perguntou ao presidente o quanto humano este provável local seria. Reagan disse saber do problema do clima, mas ressaltou que era muito difícil achar um local para os centros, sobretudo porque os estados não os queriam. Ademais, o presidente ressaltou que os centros de triagem deveriam ser instalados em regiões, que se beneficiariam economicamente delas.

Diante da pressão da mídia e da opinião pública, o governo se viu obrigado a se atuar na questão e participar da elaboração de uma nova lei de imigração. Representando os interesses dos neoconservadores libertários, o governo Reagan tinha o objetivo de elaborar um projeto de lei que facilitasse a entrada de trabalhadores imigrantes, mas sem estender direitos civis, sociais e políticos a eles. Para contemplar os neoconservadores tradicionalistas, a proposta do governo tinha também o objetivo de aumentar o controle sobre as fronteiras e criar um cartão de identificação nacional para impedir a entrada de imigrantes ilegais, além de criar mais dificuldades para a entrada de imigrantes legais. A proposta da administração Reagan também tinha o objetivo de promover uma anistia para os imigrantes que já estivessem no país. Entretanto, tal anistia seria restrita e os imigrantes anistiados teriam direitos políticos, sociais e civis limitados. Assim, Reagan manteria a oferta de mão de obra imigrante no país, mas isto

⁴⁴⁴ “What do you see as the Federal role with regard to California in terms of the Medfly, which is a terribly expensive battle, and also the vast number of refugees from Asia that have moved into, particularly, Los Angeles?”. Ibid.

não significaria um grande aumento de gastos, como temiam os neoconservadores libertários, e não ameaçaria a soberania da nação, como temiam os neoconservadores tradicionalistas. Mas, mesmo com este arranjo, Reagan continuou tentando evitar o assunto.

Em 1984, alguns deputados e senadores se reuniram com o intuito de harmonizar as diferenças acerca da proposta de lei para imigração, a fim de, viabilizá-la. A nova proposta incluía punição aos empregadores que empregassem imigrantes ilegais, a permissão para entrada de 350.000 trabalhadores temporários, anistia e pagamento de reembolso aos estados para cobrir os custos do processo de legalização dos imigrantes ilegais. Antes mesmo de entrar em votação, o governo pressionou os deputados e senadores da base governista a não aprovarem a lei. Para mudar a posição do presidente, Simpson, que apoiava o governo, se encontrou com Reagan e seus assessores, incluindo Baker, Stockman e Meese, que eram contra a aprovação da lei naquelas condições. Reagan deu garantias que daria apoio à proposta de lei, se Simpson conseguisse eliminar dela os direitos contra discriminação de imigrantes e reduzisse o reembolso prometido aos estados para cobrir os gastos com a anistia. Sem um acordo sobre essas questões, a proposta de lei morreu no senado e na câmara.

Na segunda metade de 1985, o senador Simpson reformulou o projeto de lei de imigração. Simpson fez mudanças no projeto que vinha apresentando a fim de conquistar o apoio dos industriais do sul, dos agroindustriais e do governo federal. O projeto de lei que o senador Simpson apresentou em 1985 indicava, entre outras coisas, que os empregadores deveriam verificar voluntariamente se os seus trabalhadores eram legais; eliminaria as punições criminais para aqueles que contratassem imigrantes ilegais; promoveria anistia apenas depois que a entrada de ilegais fosse contida; e permitiria a admissão de 350.000 trabalhadores temporários durante nove meses do ano para as plantações do sul. Mais uma vez, a proposta foi aprovada no senado. Na Câmara, os deputados incluíram novas propostas no projeto, dentre elas: um dispositivo legal para penalizar e coibir a discriminação contra os imigrantes; medidas para reduzir e coibir a entrada de imigrantes ilegais através da fronteira; punições para os empregadores que empregassem imigrantes ilegais repetidamente; e uma compensação para os estados de US\$ 1 bilhão no período de 4 anos, para cobrir os gastos com a anistia. Mais importante, a versão da câmara para o projeto de lei ampliou a anistia, que visava dar o direito a permanência legal a todos os imigrantes ilegais que tivessem chegado aos Estados Unidos antes de 1982. Os representantes dos estados na câmara

propuseram adicionar ao projeto de lei a possibilidade de 350.000 imigrantes, que moravam ilegalmente nos Estados Unidos durante os últimos 3 anos e tivessem trabalhado na agricultura por, pelo menos, 90 dias em cada um desses anos, requisitarem visto de permanência legal no país. Assim, os imigrantes ilegais que tivessem trabalhado por 90 dias na agricultura no período de maio de 1985 até maio de 1986, momento da votação, também teriam o direito a requisitar a permanência legal no país. Na Câmara ficou decidido também que a anistia não dependeria da diminuição da entrada de trabalhadores ilegais no país. Entretanto, os direitos políticos e sociais dos imigrantes anistiados seriam limitados.

As versões da câmara e do senado foram unificadas e resultou na Lei de reforma e controle da imigração (Immigration Reform and Control Act - IRCA), aprovada em 1986. A IRCA garantiu a anistia a todos os imigrantes ilegais que chegaram aos Estados Unidos antes de 1982. Seis meses após a aprovação da IRCA, os imigrantes teriam dezoito meses para requisitar residência temporária legal no país. Somente um ano depois que o pedido de anistia fosse feito, esses imigrantes poderiam requisitar residência permanente nos Estados Unidos, desde que demonstrassem conhecimento da língua inglesa e conhecimentos básicos sobre a história e o governo dos Estados Unidos. Os imigrantes legais ou ilegais, que trabalharam na agricultura nos Estados Unidos por no mínimo 90 dias em 1985 e 1986 teriam que esperar dois anos para conseguir a residência permanente. De acordo com a IRCA, os imigrantes anistiados não poderiam participar dos programas sociais e de seguridade do governo federal nos cinco primeiros anos, pois causaria um impacto negativo na economia dos municípios, dos estados e do governo federal. Durante esses cinco anos, os imigrantes deveriam pagar os impostos, inclusive aqueles relativos à seguridade, para financiar sua participação futura. O governo federal por sua vez, compensaria os estados e municípios para diminuir o impacto econômico da anistia.

A aprovação da IRCA refletiu um consenso improvável entre neoconservadores tradicionalistas, neoconservadores libertários e liberais. Com a aprovação da IRCA, os neoconservadores tradicionalistas acreditavam que menos imigrantes entrariam no país e ameaçariam a cultura estadunidense, visto que os legalizados deveriam conhecer a língua inglesa e a história dos Estados Unidos; os neoconservadores libertários acreditavam que os empresários e agroindustriais do sul continuariam com seu suprimento de mão de obra barata, - que deixava a mão de obra de forma geral mais barata em decorrência da concorrência no mercado de trabalho – contudo sem onerar a

nação, uma vez que os direitos sociais e políticos seriam limitados; e os liberais, sobretudo aqueles ligados aos imigrantes organizados, ficaram relativamente satisfeitos com anistia. Por outro lado, a IRCA deixou algum descontentamento e desconfiança em todas as partes. Os neoconservadores tradicionalistas consideravam a anistia muito ampla; os neoconservadores libertários desconfiavam das possíveis sanções aos empregadores e das possíveis interferências na gestão das propriedades privadas de produção; e os liberais desconfiavam das conseqüências discriminatórias que a lei poderia trazer.

De forma geral, a IRCA não deixou de evidenciar a faceta étnica no pensamento nacional dos neoconservadores estadunidense. Primeiro porque, de certa forma, a IRCA deixava claro que os imigrantes só seriam aceitos em condições especiais. Isto é, aceitar a cultura estadunidense e não requisitar direitos sociais, portanto nem todos estrangeiros eram bem vindos no país. Segundo, a IRCA incluiu os imigrantes na nação, mas não deixou de marcar a diferença entre imigrantes e estadunidenses. A aceitação restrita aos imigrantes e a marca da estereotipia atingiu também os estadunidenses de origem estrangeira, sobretudo asiáticos e latinos. Eles passaram a ser associados aos imigrantes indesejáveis, dependentes dos programas sociais e da seguridade, e aos imigrantes que poderiam residir no país, mas eram diferentes dos verdadeiros estadunidenses.

Dois anos depois da aprovação da IRCA, em 1988, no encontro entre Reagan e Miguel de la Madrid Hurtado, no México, o presidente deixou claro, com ou sem intenção, que os imigrantes mexicanos seriam bem vindos para o trabalho, mas representavam um perigo para a nação⁴⁴⁵. O presidente fez questão de lembrar que a lei de reforma da imigração e controle foi aprovada com o objetivo de “restabelecer o controle das nossas fronteiras” e oferecer “proteção para os mais de um milhão de imigrantes ilegais que vivem nos Estados Unidos, muitos deles vindos do México, provendo meios para eles encontrarem empregos dentro da lei⁴⁴⁶”. Contudo, mais uma vez, Reagan associou os imigrantes à degeneração e ao tráfico de drogas. Reagan lembrou também que os dois países deveriam caminhar para ratificação de um tratado de assistência legal mútua que permitiria uma maior cooperação no combate aos crimes

⁴⁴⁵ REAGAN, Ronald. Toast at a Luncheon Hosted by President Miguel De la Madrid Hurtado in Mazatlan, Mexico. 13 fev. 1988. Disponível em:

<<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/021388e.htm>>

⁴⁴⁶ “In 1986 the United States Congress passed, and I signed into law, the Immigration Reform and Control Act, intended to reestablish control of our borders. It offers protections for well over a million undocumented immigrants living in the United States, many of whom are from Mexico, by providing a means for them to find legal employment”. Ibid

e ao tráfico internacional de drogas. O presidente assegurou ao seu companheiro mexicano que os estadunidenses estavam se afastando das drogas e que era necessário reduzir a demanda que estimulava o tráfico e a influência dos narcotraficantes que entravam pela fronteira sobre os potenciais consumidores nos Estados Unidos. Portanto, era preciso vigiar os vizinhos do sul e tomar cuidado com os mexicanos que entravam no país.

6.4 - Os imigrantes nas páginas dos jornais: a caracterização dos imigrantes como antípodas da nação.

As contradições acerca da IRCA e os estereótipos que recaíram sobre os imigrantes e ajudaram a configurar a visão neoconservadora da nação estavam presentes nos jornais. Frequentemente, os imigrantes foram associados a invasores acomodados que causariam danos econômicos e políticos à nação. Esta caracterização dos imigrantes reforçava a caracterização da própria nação como a “terra prometida” e o habitat natural de um povo escolhido que teria fé em Deus, liberdade, independência, iniciativa, espírito empreendedor e seria voltado para o trabalho, portanto, destinado ao sucesso. No Wall Street Journal, as editoriais se dividiram entre aqueles que acusavam os imigrantes de procurarem os Estados Unidos para explorar os programas sociais e de seguridade e aqueles que tentavam provar que os imigrantes entravam no país para trabalhar. Ambas as partes, entretanto, enfatizavam que os imigrantes seriam bem vindos para trabalhar e seriam uma ameaça se buscassem adquirir direitos sociais e seguridade.

Em 17 de fevereiro de 1981, o jornalista Burt Schorr, do Wall Street Journal, acusou os novos imigrantes de fraudarem o sistema de seguridade social para viver no parasitismo e na dependência dos programas sociais dos Estados Unidos⁴⁴⁷. Schorr começou sua matéria afirmando que “como uma *alien* com um visto de entrada temporário, Maria Gangadeen, da Guiana não deveria estar trabalhando nos Estados Unidos”, mas com um número de seguridade social falso, ela conseguira facilmente um emprego em um banco de Nova Iorque⁴⁴⁸. Vale lembrar que a crescente da expressão *illegal aliens*, que reforça, nos discursos mais inflamados, a associação entre estrangeiro e invasor, perigoso não apenas pela diferença cultural que representa, mas pelas

⁴⁴⁷ SCHORR, Burt. Identity Crisis. *The Wall Street Journal*, New York, 17 Fev. 1981. p. 54

⁴⁴⁸ “As an alien on a temporary visa, Maria Gangadeen, from Guyana, shouldn’t have been working in the U.S. But she found it easy to land a teletypist job at New York bank (...) by using a counterfeit Social Security Card”. Ibid.

conexões indesejáveis com um mundo exterior hostil. *Alien* é um estrangeiro, alguém que não é cidadão dos EUA. Um *illegal alien* é um *alien* cuja presença no território americano é ilegal por ter cruzado a fronteira de forma ilegal ou por ter cometido um crime, o que o torna também um *criminal alien*⁴⁴⁹.

O jornal revelou que a obtenção de cartões falsos de seguridade social era um problema crescente, sobretudo quando esses cartões eram usados para outros propósitos, que não conseguir um emprego. De acordo com a reportagem tais cartões eram “frequentemente” usados “por *aliens* ilegais que querem adquirir os benefícios da invalidez ou aposentadoria dos programas de seguridade social, financeiramente problemáticos”⁴⁵⁰. A reportagem de Schorr alertou os leitores que ninguém sabia dizer quantos números da seguridade social estavam sendo utilizados ilegalmente, mas “as autoridades diziam que de 3,5 milhões a 6 milhões de *aliens* que viviam nos Estado Unidos provavelmente tinham um número falso”⁴⁵¹. Portanto, o jornalista insinuava que a nação estava sendo silenciosamente destruída pelos imigrantes. Para o jornalista era necessário confeccionar cartões de seguridade eletrônicos e com foto dos verdadeiros donos. Estes deveriam ser exigidos em qualquer oportunidade de emprego, mas a reportagem revelou que muitos defensores dos direitos civis das minorias rejeitavam tal proposta, pois alegavam que se criaria uma situação orwelliana, que promoveria ainda mais discriminação contra hispânicos, asiáticos e outras minorias.

Na edição de 3 de novembro de 1981 do Wall Street Journal, o repórter Eugene Carlson narrou a história de Sue Long Vue, uma refugiada da Indochina, de 62 anos, que se enforcou em sua casa na cidade de Portland, no estado do Oregon⁴⁵². O motivo, segundo a reportagem do Wall Street Journal, seria o fim das compensações dos programas sociais do estado para os refugiados. A reportagem contou ainda que na manhã seguinte, o estado do Oregon voltou atrás e garantiu que os programas e as compensações do sistema de bem estar social seriam pagos normalmente aos refugiados. A posição do governo estadual, de acordo com a reportagem de Carlson, fora revista, pois a administração estadual estava com medo de que “outros

⁴⁴⁹ Esta reflexão

⁴⁵⁰ “Illegally obtained Social Security Cards and numbers (...) are frequently used by applicants for federal aid who want to hide their incomes and by illegal aliens who can acquire the right to draw disability or retirement benefits from financially troubled Social Security program”. Ibid.

⁴⁵¹ “authorities says most of the 3,5 million to 6 million aliens who live illegally in the U.S. probably have bogus numbers”. Ibid.

⁴⁵² CARLSON, Eugene. Refugee Influx to Some Areas Straining Budgets, Good Will. *The Wall Street Journal*, New York, 03 Nov. 1981. p. 37

companheiros da tribo Hmong”, a qual Sue Long Vue fazia parte, influenciados pela “cultura laotiana” que, supostamente, valorizava a “superstição e os mitos” concluíssem que “o sacrifício mantém o dinheiro rolando”⁴⁵³. Carlson assegurava aos leitores, ajudando a reforçar estereótipos, que os rituais de suicídio eram um problema estranho que tinham curso em comunidades onde os refugiados se agrupavam em grande número e citou mais dois casos: um jovem indochinês na Califórnia e uma enfermeira haitiana na Flórida. Desse modo, imigrantes procedentes de países e regiões tão distantes eram associados pela marca da “superstição”, “primitivismo” ou mesmo da leviandade.

Esses casos serviram para Carlson e o Wall Street Journal afirmarem em seguida que a maioria dos cubanos, haitianos, laotianos, cambojanos e vietnamitas que chegaram naquele período aos Estados Unidos “tendiam a ser menos educados, menos especializados, e em alguns casos menos subservientes do que os cubanos que fugiram do regime de Fidel Castro e dos indochineses que chegaram imediatamente depois da Guerra do Vietnã”⁴⁵⁴. Isso porque, de acordo com a reportagem, eles se viviam concentrados, , freqüentando as mesmas escolas, hospitais e agências de bem estar social em poucos locais. Com outras palavras, Carlson acusou os imigrantes de viverem em uma cultura distinta da cultura estadunidense, dentro dos Estados Unidos. O jornal lembrou que os Hmong lutaram com os Estados Unidos na Guerra da Indochina e poucos duvidam da inteligência e da disposição para o trabalho desta tribo, mas “o grande salto cultural era estonteante/produzia confusão”⁴⁵⁵. A comunicação, para Carlson, era um problema especial, pois “poucos Hmong podem escrever em sua própria língua, sem falar em inglês”⁴⁵⁶. Além disso, o jornal afirmou que as localidades onde foram viver esses imigrantes, “carregavam um peso adicional em um período no qual os gastos em todo lugar estão sob pressão” e os estados estavam com medo de não receber os fundos do governo federal⁴⁵⁷. Em especial, como afirmou a reportagem, no estado do Oregon, 70% dos Hmong estavam participando dos programas sociais do Governo. No fim da reportagem, Carlson apresentou a “nota positiva”: o crime “uma

⁴⁵³ “Now, state official worried that Sue Long Vue’s fellow Hmong tribesmen, whose Laotian culture is ruled by superstition and myth, may draw an ominous conclusion: sacrifice keeps the money rolling”. Ibid.

⁴⁵⁴ “The nation’s newest refugees – mostly Cubans, Haitians, Laotians, Cambodians and Vietnamese – tend to be less educated, less skilled, and in some cases less law-abiding than the Cubans who fled Fidel Castro’s regime and the Indochinese who arrived immediately after the Vietnam War”. Ibid.

⁴⁵⁵ “the cultural leap is staggering”. Ibid.

⁴⁵⁶ “Few Hmong can write their own language, let alone English”. Ibid.

⁴⁵⁷ “localities have shouldered an added burden at a time when spending everywhere is under pressure”. Ibid.

preocupação fundamental quando um grupo de ‘*aliens*’ chega”, não cresceu nas áreas aonde se estabeleceram comunidades asiáticas⁴⁵⁸. Contudo, na Flórida, ressaltou a reportagem, “a chegada de 200.000 cubanos e haitianos nos últimos 18 meses coincidiu com um salto no número de crimes violentos na grande Miami”⁴⁵⁹. Isto segundo o jornal, “ameaça a grande abertura do sonho americano” e curiosamente alimentou um sentimento anti-cubano, mas não por parte dos estadunidenses, por parte dos cubanos prósperos que chegaram 20 anos antes⁴⁶⁰.

Para Richard Lamm, governador Democrata do estado do Colorado, os imigrantes deveriam ser aceitos nos Estados Unidos somente se deixassem ser assimilados pela cultura estadunidense. O primeiro passo seria aprender inglês. Isto na visão de Lamm diminuiria, inclusive, a acomodação dos imigrantes e introduziria neles a disposição para o trabalho e o sucesso que caracterizava o povo estadunidense. Lamm ganhou espaço no editorial do New York Times de primeiro de julho de 1986 e afirmou aos leitores que “uma nação tem sucesso somente se a vasta maioria dos cidadãos tem sucesso”⁴⁶¹. Em uma sociedade na qual os imigrantes correspondem a 40% do crescimento populacional, lembrou Lamm, é necessário que esses sejam assimilados e tenham um futuro brilhante. Preocupado, Lamm informou os leitores que de acordo com as pesquisas de John Garcia, professor de ciência política da Universidade do Arizona, a naturalização dos imigrantes mexicanos e dos refugiados cubanos, vietnamitas e haitianos correspondiam a apenas 10% das naturalizações. Esses grupos, segundo Lamm, estavam ficando separados pela língua, geografia, etnicidade e classe. Lamm afirmou que os hispânicos tinham os maiores índices de pobreza, analfabetismo, necessidade de participar dos programas sociais; 50% dos seus filhos não concluíam o segundo grau e a maioria deles tinha notas baixas nos testes de aptidão escolar (SAT). Lamm alertou que a não assimilação estava crescendo e os “imigrantes precisavam se tornar americanos”⁴⁶².

No mesmo editorial, o governador Democrata do Colorado apontou para o risco que a nação corria se não procurasse assimilar os imigrantes. Lamm citou Seymour

⁴⁵⁸ “a positive note: crime always an underlying worry when an alien group moves in, hasn’t increased”. Ibid.

⁴⁵⁹ “The arrival of 200.000 Cubans and Haitians in the past 18 months coincided with a huge jump in violent crime in greater Miami”. Ibid.

⁴⁶⁰ “There’s a backlash building that threatens the very openness of the American Dream”. Ibid.

⁴⁶¹ “A nation succeeds only if the vast majority of its citizens succeed”. LAMM, Richard. *The New York Times*, New York, 01 Jul. 1986. Sessão A, p. 23

⁴⁶² “immigrants must become Americans”. Ibid.

Martin Lipset, professor neoconservador de ciência política e sociologia do Hoover Institution, para lembrar aos leitores que os países que não tiveram políticas de assimilação dos imigrantes tiveram uma história de “tumultos, tensões e tragédias”, enfrentando inclusive pressão por autonomia, ou independência, de determinados grupos étnicos e “crises de existência nacional”⁴⁶³. Os Estados Unidos, para Lamm, estavam em uma encruzilhada, se não tivessem uma grande política de integração, inevitavelmente, sofreriam mais fragmentação. Para comprovar seu ponto de vista, o governador do Colorado afirmou que a nação não integrou adequadamente os negros à economia e a sociedade e por isso “nós temos a sociedade mais violenta do mundo industrial; nós temos altos índices de analfabetismo, filhos com pais desconhecidos e participantes dos programas de bem estar social”⁴⁶⁴. Concluindo, Lamm afirmou que a “América pode aceitar mais imigrantes, mas nós temos que ter certeza de que eles se tornarão americanos (...) nós devemos ser cegos à cor, mas linguisticamente coesos. Nós devemos ser um Arco-Iris, mas não uma cacofonia. Nós devemos receber pessoas diferentes, mas não adotar uma língua diferente. Nós podemos ensinar inglês através de uma educação bilíngüe, mas nós devemos tomar muito cuidado para não se tornar uma sociedade bilíngüe”⁴⁶⁵.

Diferente do que pensava o governador do Colorado, os políticos do estado do Texas, em 1982, negaram o direito à educação pública para os imigrantes e para os filhos dos imigrantes, mesmo aqueles nascidos nos Estados Unidos, portanto estadunidenses. A suprema corte anulou tal decisão. O Wall Street Journal, apresentou aos leitores uma matéria permeada de falas de analistas que mostravam como a imigração poderia ser perigosa⁴⁶⁶. O Wall Street Journal de 16 de junho de 1982 contou aos leitores que para muitos “analistas”, a decisão da Suprema Corte estava “provendo

⁴⁶³ “The history of bilingual and bicultural societies that do not assimilate are histories of turmoil, tension and tragedy. Canada, Belgium, Malaysia, Lebanon – all face crises of national existence in which minorities press for autonomy, if not independence”. Ibid.

⁴⁶⁴ “If it does not consciously move toward greater integration, it will inevitably drift toward more fragmentation. (...) We have not adequately integrated blacks into our economy and society. (...) We have the most violent society in the industrial world; we have startlingly high rates of illiteracy, illegitimacy and welfare recipients”. Ibid.

⁴⁶⁵ “America can accept additional immigrants, but we must be sure that they become American. We can be a Joseph's coat of many nations, but we must be unified. One of the common glues that hold us together is language - the English language. We should be color-blind but linguistically cohesive. We should be a rainbow but not a cacophony. We should welcome different peoples but not adopt different languages. We can teach English through bilingual education, but we should take great care not to become a bilingual society”. Ibid

⁴⁶⁶ TEXAS ISN'T shocked by schooling order for aliens' children. *The Wall Street Journal*, New York, 16 Jun. 1982. Editorial, p. 24

aos *aliens* ilegais uma ferramenta com a qual clamar por futuros direitos civis”⁴⁶⁷. Além disso, o jornal afirmou que a decisão da suprema corte “levanta novos temores”, pois poderia encorajar uma mobilização dos imigrantes exigindo dos estados e do governo federal acesso aos programas sociais e de seguridade⁴⁶⁸. O jornal deu voz a Raymon L. Bynum, Comissário Educacional do estado do Texas, que revelou que a educação das “crianças mexicanas” nascidas nos Estados Unidos, ou não, custaria aos cofres estaduais US\$ 100 milhões⁴⁶⁹. A reportagem contou que supostos funcionários não identificados do Departamento de Educação de Brownsville, no Texas, teriam dito que o grande influxo de “novos residentes legais” e imigrantes ilegais obrigaram a criar cerca de duas novas escolas por ano. O Wall Street Journal deu voz também a Deane Dana, que explicou aos leitores que, depois da anulação da lei no Texas, “a conclusão lógica” e perigosa era a de os “*aliens* ilegais viessem a ter direito a todas as formas de bem estar público”⁴⁷⁰. Dana, apresentada posteriormente como supervisora do condado de Los Angeles, afirmou ainda que de 300.000 à 600.000 imigrantes ilegais já causavam gastos de mais de US\$ 200 milhões em serviços médicos no estado da Califórnia. Para confirmar a imagem de que os imigrantes dependentes ameaçavam a nação, o jornal reproduziu a fala de John Huerta, conselheiro do Fundo México-Americano para Defesa e Educação em Los Angeles. Segundo o Wall Street Journal, Huerta havia dito que buscaria “obter assistência pública para *aliens* ilegais nas mesmas bases que outros residentes”⁴⁷¹. Então, o jornal alertou seus leitores, que um dos casos que a organização de Huerta defendia era o de um imigrante legal que queria receber o seguro desemprego levando em conta o tempo que trabalhou como ilegal.

Em agosto de 1982, o Wall Street Journal lançou um editorial, perguntando aos leitores “Quem alimentará os haitianos?”, depois que Eugene Spellman, um juiz distrital, concedeu liberdade condicional a 1900 haitianos que estavam retidos há um ano na Flórida⁴⁷². O editorial acusou os grupos religiosos que davam suporte aos haitianos de exigir que o governo federal incluísse os haitianos nos programas sociais e

⁴⁶⁷ “the decision was viewed by several Supreme Court analysis as providing illegal aliens a tool with which to claim further civil rights”. Ibid.

⁴⁶⁸ “the high court’s decision raises new fears (...) may encourage a move to make local and state governments provide food stamps, welfare payments and social security benefits to illegal aliens”. Ibid.

⁴⁶⁹ “it was costing about US\$ 100 million a year to educate tens thousands of Mexican children”. Ibid.

⁴⁷⁰ “it’s a logical conclusion that the ruling will result eventually in illegal aliens right to all forms of public welfare”. Ibid.

⁴⁷¹ “John Huerta (...) called the decision a first step in obtaining public assistance for illegal aliens on the same basis as other residents”. Ibid.

⁴⁷² WHO’LL FEDD the Haitians? *The Wall Street Journal*, New York, 03 Ago. 1982. Editorial, p. 32

na seguridade. O jornal revelou que imigração legal e ilegal e a explosão dos refugiados poderiam sobrecarregar pesadamente o bem estar social e outros serviços sociais. O editorial passou para os leitores a informação de que os esforços para cuidar de cada haitiano custaria US\$ 15 por dia, ou US\$ 1800 por quatro meses, até que eles estivessem totalmente assentados. Duvidando da condição dos haitianos, o jornal ressaltou que a liberdade condicional não significava o direito ao asilo, para o qual “a vasta maioria será considerada inelegível”⁴⁷³. Além de mostrar como os haitianos dependentes poderiam prejudicar a nação economicamente, o editorial lembrou que eles poderiam ser uma ameaça à integridade moral e física dos cidadãos estadunidenses, ligando-os à criminalidade. O Wall Street Journal assegurou que os eleitores da Flórida já estavam irritados com “a onda de crimes que se seguiu à chegada do navio Mariel de Cuba” e temiam que a situação piorasse com a libertação dos haitianos⁴⁷⁴. No final, o editorial criticou os defensores dos direitos civis e as igrejas que enfatizavam a má situação dos haitianos nos campos de detenção, mas não lembravam que os 1.900 que lá estavam detidos “eram apenas uma pequena proporção daqueles que queriam” ir para os Estados Unidos⁴⁷⁵. Portanto, os Estados Unidos eram a terra prometida, que não poderia ser maculada por haitianos. Estes, diferente dos verdadeiros estadunidenses, queriam invadir a terra prometida para viver do estado de bem estar social e roubar os cidadãos estadunidenses, destruindo a nação. Para o editorial “a cruzada moral pela liberação [dos haitianos] não ajudava as autoridade de imigração dos Estados Unidos nas terríveis escolhas que deviam fazer para decidir quem estaria autorizado a entrar no país” e concluiu que “seria muito pedir para o governo federal pagar pela política de liberdade condicional”⁴⁷⁶.

Os haitianos ainda poderiam destruir a nação de outra forma. Na década de 1980, a AIDS era uma doença nova. Em meio a muitas incertezas, o New York Times, no editorial de saúde de 15 de maio de 1983, noticiou que, desde junho de 1981, 5 mil pessoas já haviam morrido em decorrência da doença⁴⁷⁷. O editorial de saúde afirmou que a doença atacava homens homossexuais, usuários de drogas injetáveis, hemofílicos

⁴⁷³ “the vast majority will be found ineligible”. Ibid.

⁴⁷⁴ “Florida voters, already upset by the crime wave following the Mariel boatlift from Cuba”. Ibid.

⁴⁷⁵ “it’s worth remembering that the 1.900 Haitians who were detained are only a small proportion of those who want to come here”. Ibid.

⁴⁷⁶ “it seems a bit much to ask the federal government to pay for a parole policy”. Ibid.

⁴⁷⁷ THE SCOURAGE of a new decease. *The New York Times*, New York, 15 Mai. 1983. Editorial de Saúde. Disponível em:

<<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?sec=health&res=9B02EED91038F936A25756C0A965948260>>

e imigrantes haitianos⁴⁷⁸. O jornal revelou que as causas da doença e o possível agente transmissor eram desconhecidos e o fator comum de predisposição desses grupos de risco ainda eram um mistério, mas poderia se espalhar para toda população. Por fim, o New York Times apontou que o governo Reagan não estava tomando as medidas necessárias para pesquisar e combater a doença devido à falta de “compaixão” e a contenção dos gastos públicos. Uma semana mais tarde, em 24 de maio de 1983, o mesmo New York Times publicou uma matéria informando que as pesquisas do Centro Governamental para Controle de Doenças haviam confirmado que realmente se tratava de uma doença nunca vista antes, “ao menos nos países desenvolvidos”, portanto era uma doença de países subdesenvolvidos e trazida por imigrantes⁴⁷⁹. Três anos mais tarde, a relação direta entre imigrantes e a AIDS continuava viva. Em 1987, o governo Reagan, através do Serviço Público de Saúde (PHS) anunciou que submeteria todos os imigrantes a testes para saber se eles carregavam a doença.

Assim como Reagan, Jack Rosenthal, um dos editores do New York Times, que poderia ser chamado de conservador ou neoconservador tradicionalista, revelou o temor de uma invasão de mexicanos através da fronteira ao sul do país, no editorial de 17 de abril de 1987⁴⁸⁰. A invasão de homens pobres, preguiçosos e diferentes culturalmente colocaria em risco a existência da nação. Rosenthal narrou nas páginas do jornal a suposta realidade de uma cidade fronteiriça, Tijuana, no México, e de seus habitantes. Segundo Rosenthal, no extremo sul da Califórnia é possível “ver o futuro”⁴⁸¹. Em Tijuana, do outro lado da fronteiras, nas palavras do editor, era possível ver milhares de tendas, cabanas e casas de blocos de concreto, todas completadas com tetos feitos com galhos e plástico azul. Para Rosenthal “esta é Tijuana, impressionante símbolo do terceiro mundo que salta sobre as fronteiras da América”⁴⁸². Os dois milhões de habitantes, na descrição de Rosenthal, pareciam que iam transbordar a fronteira. Muitas

⁴⁷⁸ “The disease attacks chiefly homosexual men, but also intravenous drug users, hemophiliacs and Haitian immigrants. The common factor that predisposes these groups to AIDS is a mystery”. Ibid.

⁴⁷⁹ “There is ample reason for concern. Researchers, particularly the dedicated group at the Government's Centers for Disease Control in Atlanta, have confirmed that it is truly a new disease not seen before - at least not in developed countries”. SCHAMBERG, Sidney. A baffling epidemic. *The New York Times*, New York, 15 Mai. 1983. Editorial de Saúde. Disponível em:

<<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9407E2D91E38F937A15756CA965948260&sec=health&spon=&pagewanted=all>>

⁴⁸⁰ ROSENTHAL, Jack. It's Not Tia-Wanna Anymore. *The New York Times*, New York, 17 Abr. 1987. Editorial. Disponível em:

<<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9B0DE2DA123BF934A25757C0A961948260&scp=38&sq=Immigration&st=nyt>>

⁴⁸¹ “Peer south from Otay Mesa in this southernmost part of California and you can see the future”. Ibid.

⁴⁸² “This is Tijuana, stunning symbol of the third world that overhangs America's borders”. Ibid.

peessoas, na maioria homens jovens que usavam camisas do L.A Rams, franquia de futebol americano que naquele período estava sediada em Los Angeles, ficavam sentados fumando, cozinhando alguma coisa ou jogando futebol, “esperando pelo grande jogo”⁴⁸³. Quando a noite caísse, de acordo com Rosenthal, eles atravessariam o Canyon, “centenas deles (...) tentando iludir os helicópteros, os cavalos e o sexto sentido da Patrulha Fronteira”⁴⁸⁴.

Outro tradicionalista, Harold Ezell, comissário do Serviço de Imigração e Naturalização na região oeste, durante a administração Reagan e Bush, ganhou espaço na coluna “comentário” do Los Angeles Times em agosto de 1985 e alertou a população para a invasão de imigrantes criminosos⁴⁸⁵. Para Ezell, a imigração era uma questão controversa e evocava emoções, mas, sem dúvida, era uma ameaça à economia e à sociedade estadunidense. Segundo Ezell, o tráfico de imigrantes ilegais para os Estados Unidos movimentava milhões de dólares que eram usados para financiar atividades ilícitas e estimular o crime. O comissário revelou aos leitores que o Departamento de Polícia do Condado de Santa Ana, na Califórnia, havia reportado no mês de novembro daquele ano um aumento de 35 homicídios, dos quais 70% das vítimas e 50% dos assassinos eram imigrantes ilegais. Ezell citou ainda que o condado de Orange, também no estado da Califórnia, experimentou um aumento semelhante no número de crimes cometidos por imigrantes ilegais. Depois de apresentar esses dados alarmantes, Ezell insinuou que os Estados Unidos estavam em perigo, pois os imigrantes ilegais já representavam de 25% a 30% da população dessas cidades. Além disso, tentou mostrar aos estadunidenses o impacto dos imigrantes ilegais na economia perguntando retoricamente: “quanto os serviços sociais que os *aliens* ilegais utilizam custam aos contribuintes do condado de Orange? Despesas escolares? Desemprego? Ninguém sabe ao certo, mas o total espantaria todos nós”⁴⁸⁶. Por fim, Ezell apontou que os imigrantes prejudicavam a balança de pagamentos dos Estados Unidos, portanto ajudavam a aumentar o déficit, com as remessas de capital que mandavam para os parentes em outros países. Depois que a Lei de Reforma e Controle da imigração entrou em vigor, Ezell ficou nacionalmente conhecido pela brutalidade com que comandou as ações na

⁴⁸³ “Some sit and smoke, or start cook fires, or play soccer, waiting for the larger game”. Ibid.

⁴⁸⁴ “Come nightfall they will dash and scramble across the canyon, hundreds of them, trying to elude the helicopters, horses and sixth sense of the Border Patrol”. Ibid.

⁴⁸⁵ EZELL, Harold W. Illegal aliens pose serious threat. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 18 Ago. 1985. Editorial, p. OC_A22.

⁴⁸⁶ “How much illegal aliens cost Orange County taxpayers in social services? School expenses? Job displacement? Nobody knows for sure, but the total figure would astound all of us”. Ibid.

fronteiras, organizando expedições noturnas e incursões surpresas, inclusive em empresas e restaurantes. No início dos anos 1990, depois que deixou a agência de imigração, Ezell passou a intermediar a entrada de imigrantes milionários que buscavam cidadania nos Estados Unidos. Ezell teria dito: “eu acredito que nós fizemos um grande trabalho com o povo dos barcos, e eu penso que um pouco do povo dos yachts não farão mal à América”⁴⁸⁷. Ezell também ajudou a escrever a proposição 187 do estado da Califórnia que negava os benefícios públicos, incluindo saúde e educação, aos imigrantes ilegais.

A política de imigração ideal para uma parte dos neoconservadores libertários do Wall Street Journal e dos BPOs, era uma política de portas abertas, na qual os imigrantes pudessem trabalhar e, caso necessário, serem culturalmente assimilados nos Estados Unidos, mas sem usufruir dos direitos políticos e sociais como cidadãos estadunidenses. As primeiras versões do projeto de lei de imigração foram atacadas veementemente pelo Wall Street Journal, sobretudo as sanções aos empregadores, a concessão de direitos aos imigrantes e as barreiras que impediam a entrada dos estrangeiros. Em 17 de setembro de 1982, o Wall Street Journal deu espaço no seu editorial para Edwin Harwood, especialista em imigração associado ao Hoover Institution⁴⁸⁸. Harwood atacou a lei, assegurando que ela não funcionaria, pois o governo teria que aumentar os gastos para fiscalizar os empregadores e deportar imigrantes; os liberais não liberariam verbas para aumentar o controle da fronteira; e principalmente, os imigrantes fraudariam a lei e os documentos de anistia. Além disso, o associado do Hoover Institution apontou que a punição aos empregadores era contraprodutiva e equivocada, uma vez que não era da competência destes avaliar se os documentos de imigração eram legítimos ou não. Harwood argumentou que os empregadores não poderiam se recusar a empregar imigrantes porque por isso também poderiam ser punidos pela lei. De forma clara, portanto, os imigrantes eram bem vindos para trabalhar, mas, se a anistia fosse concedida macularia a nação.

O editorial do Wall Street Journal de 17 de fevereiro de 1984 reproduziu uma piada que ilustrava a sua posição sobre o projeto de lei de imigração naquele período:

⁴⁸⁷ “I believe we've done a great job with boat people, and I think that a few yacht people are not going to hurt America”. HAROLD W. EZELL IS DEAD at 61; immigration official in west. *The New York Times*, New York, 27 Ago. 1998. Caderno U.S. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1998/08/27/us/harold-w-ezell-is-dead-at-61-immigration-official-in-west.html?pagewanted=1>>

⁴⁸⁸ HARWOOD, Edwin. Congress's bad immigration bill. *The Wall Street Journal*, New York, 17 Set. 1982. Editorial, p. 28

“perca um país, ganhe um restaurante”⁴⁸⁹. A piada, segundo o jornal, revelava uma realidade, “indivíduos capazes e industriais deixaram países como Cuba, Haiti, Etiópia e Indochina para fazer uma nova vida nos Estados Unidos e estão fornecendo seus talentos e energias para o crescimento da economia”⁴⁹⁰. O editorial mostrou estudos recentes, um deles realizado pela Heritage Foundation, que comprovavam que os imigrantes, legais ou ilegais, achavam emprego rapidamente; participavam pouco dos programas sociais; e pagavam mais impostos do que “as famílias de americanos nativos”⁴⁹¹. O editorial apontou que nenhum dos estudos apresentavam uma explicação completa para o sucesso dos imigrantes, mas oferecia as suas. Segundo o editorial, os imigrantes tendiam a ser jovens; os imigrantes ilegais, especialmente os mexicanos, aceitavam empregos que os estadunidenses recusavam; refugiados políticos viriam de uma elite educada; e muitos imigrantes teriam uma família sólida que proveria segurança e pequenos negócios. Contudo, no final, o editorial fez uma ressalva e alertava para o perigo de um suposto “parasitismo”: “nós sabemos que a imigração não é uma simples benção. Ela tem, às vezes, gerado tensões sociais e políticas, uma vez que os recém-chegados têm dificuldades de acharem aceitação em algumas cidades e comunidades”⁴⁹².

Em 19 de junho de 1984, o Wall Street Journal continuou atacando a lei de imigração e controle das fronteiras. O editorial daquele dia, ironicamente lançado com o título em espanhol, “Coragem não, hipocrisia sim” afirmou que o projeto de lei Simpson-Mazzoli ganhou a simpatia de Reagan, pois este achava necessário controlar as fronteiras e conquistou a anuência dos liberais porque estes acreditavam que ela poria fim à “exploração dos *aliens*”⁴⁹³. Para o jornal nada disso seria alcançado. Mais uma vez usando a ironia, o editorial apontou que: “a anistia provará a inteligência dos imigrantes que conseguiram chegar cedo, e encorajará futuros imigrantes a chegar com esperança

⁴⁸⁹ “Lose a country, gain a restaurant”. MAKING IT. *The Wall Street Journal*, New York, 17 Feb. 1984. Editorial, p. 30

⁴⁹⁰ “industrious individuals who have fled such garden spots as Cuba, Haiti, Ethiopia and Indochina to make new lives in the U.S. and are supplying their talents and energies to U.S. economic growth”. Ibid.

⁴⁹¹ “and here’s an even bigger surprise: immigrant families pay more federal taxes, on average, than do native American families”. Ibid.

⁴⁹² “we know that immigration isn’t an unvarnished blessing. It has sometimes generated social and political tensions as newcomers have had difficulties finding acceptance in some towns and communities”. Ibid.

⁴⁹³ “Liberals say the bill will end the ‘exploitation’ of aliens”. COURAGE NO, hypocrisy si. *The Wall Street Journal*, New York, 19 Jun. 1984. Editorial, p. 28

de que a anistia se repita”⁴⁹⁴. O jornal mais uma vez afirmou que a lei ampliaria o déficit federal em bilhões de dólares para pagar os benefícios do bem estar social para os imigrantes, que até então não poderiam requisitá-los. Além disso, a lei afastaria os empregadores dos cidadãos hispânicos e reduziria, ainda mais, os eleitores hispânicos de Reagan. O editorial revelou aos leitores que a fiscalização e penalização sobre os contratantes dos imigrantes ilegais não poderia ser aplicada ao congresso. Assim, segundo o editorial, os trabalhadores ilegais do congresso poderiam ficar eternamente gratos e dependentes dos políticos de Washington. Para o Wall Street Journal, com o “entendimento de como usar a lei, Washington é a cidade mais importante para este mercado”⁴⁹⁵.

No Los Angeles Times de 14 de agosto de 1984, Arthur Laffer, um dos intelectuais neoconservadores mais notáveis, criticou o projeto de lei de imigração Simpson-Mazzoli⁴⁹⁶. Laffer reconheceu que a política de imigração desenvolvida até então era “obviamente trágica”, pois impedia os imigrantes de chegarem à “terra prometida” e iria impor sanções aos empregadores que contratassem imigrantes ilegais. Isso, de acordo com Laffer, desestimularia os empregadores a contratarem quaisquer latinos, mesmo os descendentes de imigrantes ou imigrantes legalizados, uma vez que tentariam evitar a intromissão do governo nos seus negócios e as possíveis sanções. Laffer, respondendo àqueles que insistiam em dizer que os imigrantes ocupavam os empregos dos trabalhadores estadunidenses, informou aos leitores que os imigrantes ilegais criavam empregos, portanto, aumentando a demanda, também mantinham o valor do trabalho alto; produziam produtos de alta qualidade a um custo baixo; e não recebiam os benefícios do bem estar social e da seguridade. Concluindo, Laffer criticou a anistia e a concessão de direitos aos imigrantes afirmando que “existem poucas razões para negar a alguém o direito de trabalhar nos Estados Unidos, mas cidadania, residência permanente e o direito aos muitos programas sociais concedidos pela nossa sociedade aos menos afortunados deveria ser um precioso direito que precisaria ser conquistado”⁴⁹⁷.

⁴⁹⁴ “its amnesty provisions will prove the wisdom of immigrants who managed to get here early, and encourage future immigrants to come in hopes of an amnesty repeat”. Ibid.

⁴⁹⁵ “Naturally, with its understanding of how to use the law, Washington is the capital city for this market”. Ibid.

⁴⁹⁶ LAFFER, Arthur. Curbing illegals would hurt them and U.S. economy. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 14 Ago. 1984. Editorial, p. B05.

⁴⁹⁷ “There are few reasons to deny anyone the right to work in the United States, but citizenship, permanent residency and the right to qualify for the many social programs provided by our society to its less fortunate should be a cherished right that must be earned”. Ibid.

Peter F. Schabarum, veterano da Guerra da Coréia e presidente do conselho de supervisores do estado da Califórnia afinado com os neoconservadores Republicanos, afirmou no editorial do Los Angeles Times de 30 de dezembro de 1985 que o condado de Los Angeles ficaria paralisado caso a lei Simpson-Mazzoli fosse aprovada⁴⁹⁸. Schabarum narrou a própria trajetória familiar, revelando que seus avós eram imigrantes mexicanos e alemães que tinham vindo para os Estados Unidos em busca do “sonho americano”. Contudo, Schabarum, que nasceu em 1929, lembrou aos leitores que quando seus avós chegaram aos Estados Unidos “não existiam programas de bem estar social, e eles, bem como todos os outros imigrantes, trabalharam duro para pagar por comida, roupas e abrigos”⁴⁹⁹. Comparando a chegada de seus avós a dos novos trabalhadores estrangeiros que chegaram ao país, Schabarum afirmou que os programas de bem estar social e outros estavam disponíveis para imigrantes legais e ilegais e o condado de Los Angeles estava “cambaleante sob o peso dos cuidados para com aqueles que chegam às nossas fronteiras”⁵⁰⁰.

Schabarum informou aos leitores que o estado da Califórnia abrigava 48% dos imigrantes ilegais do país; somente na cidade de Los Angeles eram 1 milhão de imigrantes ilegais; os serviços sociais, de saúde, e justiça destinados aos imigrantes custavam US\$ 200 milhões por ano “à população”; além desses gastos, o Departamento de Saúde do condado gastaria mais US\$ 115 milhões ao ano com cuidados médicos dos 600 imigrantes ilegais, em média, que todos os dias ocupavam leitos hospitalares; 70% dos bebês que nasciam nos hospitais do condado eram filhos de imigrantes que, por lei, se tornariam cidadãos estadunidenses com direito aos programas de bem estar social e outros benefícios, em números, eram 48.000 crianças que custavam “aos contribuintes do condado” US\$ 8 milhões por mês; e se a lei Simpson Mazzoli fosse aprovada imporia ao condado mais US\$ 300 milhões em gastos por ano para prover saúde e bem estar social aos imigrantes anistiados. No fim, Schabarum perguntou aos leitores: “quem vai cuidar dessas pessoas?”⁵⁰¹. Ele próprio respondeu: “o peso cairá diretamente sobre os contribuintes do condado de Los Angeles” e completou “isto é moralmente e

⁴⁹⁸ SCHABARUM, Peter F. County is stuck with bill for immigrants. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 30 Dec. 1985. Editorial, p. A5.

⁴⁹⁹ “there were no welfare programs then, and they and all other immigrants worked hard to pay for food, clothing and shelter”. Ibid.

⁵⁰⁰ “Los Angeles County is staggering under the burden of caring for all those who come to our shores”. Ibid.

⁵⁰¹ “Who will take care of these people?”. Ibid.

financeiramente inaceitável”⁵⁰². Mais do que qualquer outro, o artigo de Schabarum marcou em cores fortes quais imigrantes seriam bem vindos à nação: aqueles que, como os verdadeiros estadunidenses, trabalhassem duro e não dependessem dos programas sociais e da seguridade. Dessa forma, utilizando exemplos familiares, Schabarum reforçou a distinção entre os imigrantes que chegaram antes de 1965 e os que vieram após esta data. Mais do que isso, Schabarum caracterizou os estadunidenses como homens livres, independentes e produtivos, que têm um destino dourado pela frente, diferente dos novos imigrantes.

Em setembro de 1986, quando a IRCA já havia sido aprovada no Senado, no Comitê Judiciário da Câmara e estava bem próxima de ser aprovada também por toda Câmara dos deputados, o Wall Street Journal abriu espaço para Annelise Anderson, associada do Hoover Institution, comentar a lei⁵⁰³. Para Anderson a punição aos empregadores que contratassem imigrantes ilegais encorajaria a discriminação contra quem parecesse ou soasse estrangeiro; a identificação dos trabalhadores através do cartão de identidade constituía uma grande ameaça às liberdades civis; e, principalmente, a anistia geral para os imigrantes ilegais e para trabalhadores agrícolas temporários era “irresponsável e desnecessária”⁵⁰⁴. Segundo Anderson, “não havia nenhuma evidência que a lei funcionaria”⁵⁰⁵. Por isso, Anderson afirmou ser necessário uma nova abordagem para a questão da imigração. Para Anderson, o governo precisava adotar uma política de fronteiras abertas com México e Canadá; deveria continuar determinando que pessoas que poderiam entrar no país e quais documentos eram apropriados, mesmo com uma política de fronteiras abertas com os vizinhos; impedir o acesso dos imigrantes ilegais aos serviços públicos, aos programas sociais e à seguridade, mas não ao mercado de trabalho; reforçar as fronteiras, por meio do Serviço de Naturalização e Imigração, para limitar a entrada de imigrantes ilegais; e para os processos de naturalização, deveria levar em conta a competência na língua inglesa, o conhecimento da economia e do sistema político dos Estados Unidos.

6.5 – Fechando as portas: o nacionalismo neoconservador na pele dos imigrantes e descendentes de imigrantes

⁵⁰² “The burden will fall squarely on the taxpayers of Los Angeles County. This is morally and financially unacceptable”. Ibid.

⁵⁰³ ANDERSON, Annelise. Employers Sanctions don’t work elsewhere. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 09 Set. 1986. Editorial, p. 28

⁵⁰⁴ “employer-sanctions (...) is unconscionable and unnecessary”. Ibid.

⁵⁰⁵ “And there is no evidence that the bill would work”. Ibid.

A faceta étnica do nacionalismo neoconservador estadunidense dos anos 1980 esteve presente não só nos discursos, mas também nas relações entre os homens que produziam e consumiam tal discurso. Depois de 1965, mas principalmente após 1980 e, especificamente, após 1984, começou a surgir cada vez mais casos de preconceito, xenofobia e perseguição aos imigrantes. Nesses casos os imigrantes eram vistos como nocivos à nação, fossem pelas diferenças culturais ou pelo suposto parasitismo que destruiria a economia nacional e macularia o caráter dos estadunidenses. Em março de 1981, o Los Angeles Times relatou o caso de Daniel Cardona, um deficiente mental estadunidense com ascendência mexicana, que foi preso em 1977 na cidade de Clovis, na Califórnia, e em seguida foi expulso do país, pois fora confundido com um imigrante ilegal⁵⁰⁶. Em fevereiro do mesmo ano, o mesmo jornal relatou que, no último ano do governo Carter, depois do seqüestro da embaixada estadunidense no Irã, 754 iranianos, que entraram nos Estados Unidos como estudantes, foram deportados e mais 3008 estavam próximos de ter o mesmo destino⁵⁰⁷. O governo Reagan anunciou em fevereiro de 1981 que deportaria 4785 haitianos que chegaram ao país depois de outubro de 1979⁵⁰⁸. Em setembro do mesmo ano, Reagan ordenou que a Guarda Costeira interceptasse qualquer barco com imigrantes haitianos que se aproximasse da costa estadunidense e o fizesse retornar, a força se preciso fosse, para o Haiti. No mesmo ano, o governo Reagan prometeu deportar também imigrantes ilegais salvadorenhos e os cubanos, que chegaram ao país em 1979 no Navio Mariel. Todos eles entraram nos Estados Unidos alegando que eram perseguidos políticos.

No início de 1982, o governo Reagan, através do Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos, decidiu suspender a validade das “Silva Letters” (Cartas Silva). A “Silva Letters” era um documento que permitia que mexicanos que entrassem com pedido de residência no país permanecessem nele legalmente até que o pedido fosse julgado. Mais de 70.000 mexicanos permaneciam nos Estados Unidos apoiados em “Silva Letters”, mas a partir da decisão do governo, todos se tornaram ilegais. O Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos tinha todos os dados desses imigrantes e seus agentes estavam prontos para ir à busca deles. E isso foi efetivado. Também no início de 1982, o governo federal, novamente através do Serviço

⁵⁰⁶ MAXWELL, Evan. U.S. Mistakenly Deported as illegal alien. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 10 Mar. 1981. p. A7

⁵⁰⁷ MAXWELL, Evan. U.S. expels Iranians in crackdown on students. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 02 Feb. 1981. p. A1

⁵⁰⁸ U.S. TRYING TO EXPEL 5.000 Haitians; 7.000 protected. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 26 Mar. 1981. Editorial. p. A1

de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos, anunciou que aumentaria o número de operações em empresas e bairros residenciais para descobrir e deportar imigrantes ilegais. A agência anunciou que passaria a realizar em torno de 50 operações por dia, ao invés das 18 habituais.

Em 1983, a caçada aos imigrantes se intensificou. O Los Angeles Times apresentou aos leitores duas reportagens que comprovavam as transformações e a eficácia da Border Patrol (Patrulha da Fronteira) em impedir a entrada de imigrantes através da fronteira sul dos Estados Unidos. Em 18 de janeiro de 1983, o jornalista Ronald J. Ostrow anunciou que depois que a Patrulha da Fronteira passou a utilizar binóculos infra-vermelhos de longa distância e um efetivo maior de patrulheiros, naquele mesmo mês, o número de prisões de imigrantes ilegais aumentou 53.4% e chegaria a 1 milhão, ainda naquele ano⁵⁰⁹. Na mesma matéria, o jornalista deu voz a agentes do Serviço de Naturalização e Imigração dos Estados Unidos que recebiam os imigrantes presos na fronteira. Um dos agentes, não identificado, disse que a agência detinha os imigrantes ilegais presos por 24 horas, para que eles não tentassem voltar no mesmo dia. A fala do agente reforçava a idéia de que a nação estava sendo invadida e que os patrulheiros da fronteira eram a linha de frente para que tal catástrofe não se sucedesse. Segundo o mesmo a agente “o verdadeiro fator que deteria, nós esperamos, serão os novos agentes e os binóculos infravermelhos, que nós esperamos, irão aumentar o nível de detenção em mais de 90%”⁵¹⁰. Três meses depois, outro jornalista, Mark Foster, relatou no mesmo jornal que somente no mês de março 49.600 imigrantes ilegais tinham sido presos na fronteira dos Estados Unidos com o México próxima da cidade de San Diego, na Califórnia⁵¹¹. Este número, segundo a reportagem, era o maior registrado em toda a história daquela região e o número total de prisões em um mesmo mês, 108.000, era o maior da história. De acordo com a reportagem, o número de patrulheiros da fronteira na Califórnia, mais uma vez no mesmo ano, aumentou significativamente e com eles a utilização de mais binóculos infravermelhos.

No final de 1983 e no início de 1984, a perseguição aos imigrantes, legais e ilegais, foi associada à luta contra o terrorismo que poderia ameaçar as olimpíadas de Los Angeles em 1984. O medo de que asiáticos e, ou, latino-americanos recém

⁵⁰⁹ OSTROW, Ronald J. Arrests of aliens may surge to 1 million in 1983. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 18 Jan. 1983. p. B5

⁵¹⁰ ““The real deterrent, we hope, will be these additional agents and the infrared scopes, which we hope will lead to an apprehension rate as high as 90%””. Ibid.

⁵¹¹ FOSTER, Mark. Record set on seizures of illegal aliens at the border. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 09 Abr. 1983. p. SD_A1

chegados, legalmente ou ilegalmente, ao país promovessem um ataque terrorista durante os jogos de 1984 era maior do que o medo de que comunistas o fizessem. Em outubro de 1983, as forças estadunidenses de investigação e segurança realizaram uma operação anti-terrorismo no aeroporto de Los Angeles, como parte de um projeto contra possíveis ataques terroristas nos jogos. Tal operação resultou na prisão de 46 imigrantes ilegais, 26 deles, taxistas nigerianos, iranianos e árabes⁵¹². Segundo Harold Ezell, o aeroporto de Los Angeles era um local de potencial falha de segurança com “imigrantes ilegais dirigindo táxis, carregando bagagens, servindo comida e limpando banheiros”⁵¹³. Para ele, “imigrantes ilegais poderiam ser chantageados por terroristas que precisassem de um favor ou necessitassem de plantar uma bomba em um avião”⁵¹⁴. Enquanto a operação de desenrolava, o governo Reagan pediu ao congresso que aumentasse em US\$ 93 milhões o orçamento do Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos.

Em 1984 os casos de abusos, perseguições e medidas legais contra imigrantes e cidadãos estadunidenses de origem estrangeira se multiplicaram. Em 22 de fevereiro daquele mesmo ano, HG Reza, repórter do Los Angeles Times noticiou mais um caso de imigrante deportado por engano⁵¹⁵. Mario Moreno Lopez, um rapaz de 14 anos de idade, foi confundido com um trabalhador ilegal em Santa Ana, na Califórnia, e foi deportado para Tijuana, do outro lado da fronteira sul. De acordo com o relato de Marco Antonio Rodriguez, diretor do Centro para Assuntos de Imigração (Center for Immigration Affairs), organização ligada à igreja que provia ajuda para os imigrantes, “muitas crianças em San Ysidro são recolhidas a todo o momento. Elas dizem que são residentes legais, mas os Patrulheiros da Fronteira as ignoram e levam elas para o outro lado da fronteira”⁵¹⁶. Ainda segundo Rodriguez, no relato de Reza, os agentes da Patrulha da Fronteira “não parariam para ver se era uma criança, um cidadão estadunidense, um residente legal ou qualquer coisa. Uma vez que eles pegam, eles

⁵¹² DEL OLMO, Frank. Immigration service’s raids play games with the public’s emotions. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 23 Out. 1983. p. C7

⁵¹³ “Potentially we have the same kind of thing here with the lack of security – using illegal aliens to drive cabs, to handle baggage, to serve food, to clean the restrooms”. Ibid.

⁵¹⁴ “Ezell said that an illegal immigrant could be blackmailed by terrorists ‘who need a favor or need to plant a bomb in a plane’”. Ibid.

⁵¹⁵ REZA, H.G. Deportation Error Called Another Example of Rights Violations. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 22 Fev. 1984. p. SD_A1

⁵¹⁶ “a lot of kids in San Ysidro get picked up all the time. They say they are legal residents, but they (border patrol) ignore them and take them to the border”. Ibid.

deportam se não tiver com uma identificação”⁵¹⁷. Reza relatou em sua matéria que os casos de desrespeito aos direitos civis dos imigrantes eram cada vez mais comuns e que a Agência de Responsabilidade Profissional de San Diego (San Diego Office of Professional Responsibility) estava investigando 60 casos de abusos dos agentes da INS. Além disso, cerca de doze agentes da INS já estavam sendo processados por violar os direitos civis de imigrantes e cidadãos estadunidenses de origem estrangeira. No mês seguinte, o mesmo HG Reza relatou no Los Angeles Times um novo caso de perseguição, crime e violação dos direitos civis contra os imigrantes. George Underwood, um agente da INS, foi acusado de seqüestrar e assediar sexualmente uma imigrante ilegal em julho do ano anterior. O agente teria detido a imigrante ilegal, pedindo que ela fizesse sexo oral em troca da sua liberdade nos Estados Unidos⁵¹⁸.

Depois dos jogos olímpicos, cresceu o medo de que grupos de origem asiática, mais especificamente árabes e iranianos praticantes do islamismo, realizassem um ataque terrorista contra os Estados Unidos. Mesmo depois dos jogos, as autoridades estadunidenses continuaram preocupadas com ataques terroristas. Em agosto de 1984, 5 homens, de origem árabe e iraniana, foram presos, em uma ação conjunta do FBI e da INS, acusados de planejar um ataque contra a convenção republicana em Dallas, no Texas. Segundo as agências de segurança, eram dois grupos: um iraniano pró-Khomeini e outro grupo pró-palestina que contava com homens do Kuwait e da Síria. Os dois grupos, supostamente, pretendiam jogar jatinhos contra o local onde a convenção estava sendo realizada. Todos os presos tinham visto de permanência para estudar nos Estados Unidos e nada foi provado contra eles⁵¹⁹.

No âmbito legal, no início daquele ano de 1984, em janeiro, em uma decisão surpreendente a Suprema Corte dos Estados Unidos pediu a deportação de uma mulher tailandesa, de nome não revelado, que vivia há mais de 7 anos no país. Pela lei de imigração de 1965, anterior a IRCA, os imigrantes que estivessem fisicamente presentes no país por mais de 7 anos, mesmo ilegalmente, não poderiam ser deportados sumariamente. Entretanto, a Suprema Corte, alegando a descoberta de que a mulher tailandesa estivera por três meses fora dos Estados Unidos, considerou que ela poderia

⁵¹⁷ “they wouldn’t stop to see if he was a kid, a U.S. citizen, a legal resident or what. Once they get them, they deport them if they don’t have an I.D. on them”. Ibid.

⁵¹⁸ REZA, H.G. INS officer charged in sex case. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 28 Mar. 1984. p. SD_A3

⁵¹⁹ DALLAS TERRORIST suspect reported held. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 29 Ago. 1984. Editorial. p. B1

ser deportada⁵²⁰. Em 17 de abril do mesmo ano, a mesma Suprema Corte decidiu que os agentes da INS poderiam fazer incursões nas fábricas em busca de imigrantes ilegais. As incursões nas fábricas começaram ainda no governo Carter, em 1977. Neste ano, agentes da INS apareceram de surpresa em duas fábricas têxteis e, posicionados perto das saídas, pararam os trabalhadores para interrogá-los. Cento e sessenta e dois trabalhadores foram presos sob a acusação de serem trabalhadores ilegais. Trabalhadores, sindicatos e organizações de direitos civis questionaram a constitucionalidade da lei e em julho de 1982 a Corte de Apelação de São Francisco decidiu que as incursões eram ilegais. Contudo, mais uma vez, em 1984 os agentes da INS foram liberados para fazerem incursões nas fábricas em busca de imigrantes ilegais. Em outubro de 1984, o juiz federal Kendal Sharp de Orlando, na Flórida, negou a cidadania a sete estrangeiros, todos latinos, porque não estava convencido de que eles falavam inglês e de que a filosofia deles se adequava à vida nos Estados Unidos. Os imigrantes requisitaram a cidadania estadunidense apoiados na lei de imigração vigente naquele momento. Esta dava direito a cidadania a todos os imigrantes com mais de 50 anos que viviam nos Estados Unidos há mais de 20 anos⁵²¹. A decisão de Sharp poderia criar jurisprudência para uma série de decisões semelhantes no país.

Em 1985, as perseguições, sobretudo por parte da INS, continuaram. Em março daquele ano, uma menina de 15 anos, cidadã estadunidense da cidade de Santa Ana, na Califórnia, foi presa por três dias em Tijuana, sob a acusação de que era uma imigrante que tentava entrar ilegalmente nos Estados Unidos. A INS impediu a menina, identificada apenas como Evelia, de entrar nos Estados Unidos por duas vezes, depois que foi a Tijuana visitar parentes. Evelia carregava consigo documentos que comprovavam que ela nascera nos Estados Unidos, em San Diego. Os agentes da INS não acreditaram em Evelia porque ela não falava bem inglês, uma vez que passara a infância em Tijuana. Depois de três dias a mãe de Evelia e um advogado conseguiram levá-la para casa⁵²². Um mês depois, em abril, o patrulheiro da fronteira, Edward Cole atirou em um menino de 12 anos, Humberto Carrilo-Estrada, que tentava atravessar a

⁵²⁰ COURT MAKE it easier to deport aliens. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 10 Jan. 1984.

Editorial. p. A1

⁵²¹ JUDGE RULES: no english, no citizenship. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 01 Out. 1984.

Editorial. p. 05

⁵²² PEREZ, Ray. Girl detained despite proof of citizenship. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 03 Mar. 1985. p. OC_A1

fronteira ilegalmente com seu irmão⁵²³. No Los Angeles Times de 25 de abril, o jornalista Barry Horstman pediu a Ezell que comentasse o ocorrido. Ezell depois de lamentar o que acontecera com o garoto comentou: “o agente Coles fez o que ele tinha que fazer”⁵²⁴. A violência na fronteira aumentou consideravelmente. Em junho um grupo de imigrantes organizou um protesto em San Diego. O protesto lembrou do acontecido a Humberto Carrilo-Estrada; a Jose Cisneros, um doutor de Calexico, que foi espancado por Ken Jarvis, um patrulheiro da fronteira; e a um menino de 14 anos de idade, que fora seqüestrado e aterrorizado durante três dias por Robert Ferrick, outro patrulheiro da fronteira⁵²⁵. Segundo o Los Angeles Times, que comentou o protesto em 07 de junho, estupros, roubo e morte de imigrantes ilegais estavam se tornando comuns ao longo da fronteira. Entre 1984 e 1985 os imigrantes relataram 4 mortes, 14 casos de estupro e 243 casos de roubo a imigrantes. No plano legal, no mesmo ano, o Departamento de Justiça anunciou que seria mais rígido com os pedidos de refúgio, sobretudo de guatemaltecos, salvadorenhos e haitianos. Estes teriam que provar, de forma contundente, que, se continuassem em seus países, sofreriam perseguições e suas vidas estariam ameaçadas.

O ano de 1986, ano em que a IRCA começou a vigorar, assistiu a uma série de manifestações xenófobas. A American for a Sound Foreign Policy (Americanos por uma Política Externa Forte - ASFP), uma organização política conservadora de Washington DC, solicitou dinheiro e assinaturas para deportar supostos terroristas xiitas que viviam em Detroit, cidade preferida pelos imigrantes árabes. Na mesma lógica da invasão silenciosa, presente em algumas colunas jornalísticas e em alguns discursos de Reagan mostrados neste capítulo, Phillip Abbot Luce, líder da ASFP, dizia que “nas cidades americanas eles [Terroristas Árabes] eles estão à espera”⁵²⁶. Neste caso, o INS, o FBI e a polícia de Detroit disseram que não sabiam e nem estavam investigando nenhum grupo de terroristas árabes em Detroit. A lógica da invasão silenciosa à nação apareceu também em músicas. De acordo com o Los Angeles Times de 3 de julho de 1986, a estação de rádio KS-103, de Los Angeles, no programa do DJ Randy Miller, colocou no ar a música *Mexican National Anthem* (Hino Nacional Mexicano), uma

⁵²³ HORTSMAN, Barry M. INS official defends across the border shooting of boy, 12. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 25 Abr. 1985. p. SD_A1

⁵²⁴ “the Immigration and Naturalization Service, as well as the Border Patrol are standing behind and fully endorsing what agent Cole did and had to do”. Ibid.

⁵²⁵ MILLER, Marjorie. Chicanos to protest D.A.’s ruling on border shooting. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 07 Jun. 1985. p. SD_A1

⁵²⁶ “in the cities across America they lie in wait”. MAIL ORDER vigilantes. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 24 Jan. 1986. Editorial. p. B4

paródia feita tendo como base a música *She'll be coming round the mountain*, uma canção infantil popular de autor desconhecido⁵²⁷. A letra da música falava sobre a imigração ilegal e o tráfico de drogas, com os versos: “eles estarão chegando através da fronteira, porque não existe lei e ordem (...) eles estarão carregando drogas e pistolas, então poderão se divertir de verdade (...) eles não terão um Green Card, mas eles sabem como correr rápido (...) agora, tudo que eles sabem é espanhol e se você não souber, eles vão desaparecer com você”⁵²⁸. Ao fundo, uma segunda voz ficava recitando palavras como: tortillas, taco bell e “que passa”.

Em 1987, Patrick McDonnell, jornalista do LA Times, escreveu uma reportagem contando casos de imigrantes que poderiam participar do processo de anistia, mas que eram impedidos pela INS e pela patrulha da fronteira⁵²⁹. Em 15 de junho daquele ano, Gabriel Soto, mexicano que morava há dez anos nos Estados Unidos, foi preso em San Diego e não conseguiu convencer aos agentes da Patrulha da Fronteira que já havia entrado com o pedido de anistia. Segundo Soto, em depoimento a McDonnell, “eles [os agentes da Patrulha da Fronteira] disseram que eu estava mentindo. Eles disseram que eu vivia em Tijuana... Eles disseram que eu era um contrabandista”⁵³⁰. Soto contou ainda que os agentes da Patrulha da Fronteira o colocaram em uma Van e rodaram com ele por toda a noite, fazendo ameaças, até levá-lo para uma cela em El Paso, no Texas.

Segundo McDonnell, casos semelhantes aconteceram com outros imigrantes. Vidal Paiz, mexicano que morava nos Estados Unidos desde 1978, fora preso em El Cajon, na Califórnia, e coagido a assinar um documento de deportação voluntária. Diante da negativa de Paiz, que requisitara anistia, os agentes da Patrulha da Fronteira o mantiveram preso por três meses. Roberto L. Martinez, co-presidente da Coalizão por Lei e Justiça (Coalition for Law and Justice), que reunia uma série de organizações de defesa dos direitos dos imigrantes, assegurou a McDonnell que os agentes da Patrulha da Fronteira não queriam saber se os imigrantes detidos requisitaram anistia e nem informavam a eles sobre a lei. De acordo com Matinez, os agentes da Patrulha da Fronteira detinham e deportavam mesmo aqueles que poderiam ser anistiados.

⁵²⁷ REZA, H.G. Disc Jockey's parody of illegal hits a sour note. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 03 Jul. 1986. p. C35

⁵²⁸ “they'll be coming across the border cause there is no law and order (...) they'll carrying drugs and handguns so they can have some real fun (...) they will not have a green card but they sure know how to run hard (...) now, all they know is Spanish and if you don't they will vanish”. Ibid.

⁵²⁹ MCDONNELL, Patrick. Critics claim Border Patrol agents ignoring amnesty directives. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 24 Ago. 1987. p. 01

⁵³⁰ “they told me I was laying. They said I lived in Tijuana. They said I was a pollero”. Ibid.

No mesmo ano, Le Xuan Khoa, presidente do Indochina Resource Action Center (Centro de Recursos e Ação para Indochina), acusou os Estados Unidos de impedir a entrada de refugiados vindos da Indochina sob a justificativa de que eles não eram perseguidos. Ainda de acordo com o depoimento de Khoa, os agentes da INS passaram a exigir dos refugiados documentos que dificilmente eles teriam, como certidão de nascimento original. Diante da falta desses documentos, os refugiados eram mandados de volta para Indochina ou, se tivessem chegado aos Estados Unidos antes de 1982, eram estimulados a pedir anistia. Khoa acusou os agentes da INS de estimular os refugiados indochineses a requisitarem anistia, pois os imigrantes anistiados não teriam direitos sociais imediatamente, ao contrário dos refugiados, que poderiam participar dos programas sociais e ainda contar com outros programas de ajuda específicos para sua condição⁵³¹. No plano legal, em 3 de junho daquele ano, o Senado votou de forma unânime uma emenda a IRCA, proposta pelo senador Republicano neoconservador Jesse Helms, que exigia testes de HIV, sífilis e lepra para todos os imigrantes que entrassem no país e para os 3 milhões que já estavam ilegalmente nos Estados Unidos e teriam direito anistia. Além de dificultar a entrada de imigrantes, a emenda confirmava em lei a idéia de que os imigrantes poderiam ser o vetor de doenças contagiosas que entravam na “terra prometida”.

Em 1987 também ocorreu o caso mais notório de perseguição a imigrantes, que supostamente, ameaçavam, em silêncio, provocar um ataque terrorista e destruir a nação, durante o governo Reagan. Em 27 de janeiro, o Los Angeles Times noticiou que sete imigrantes foram presos em Los Angeles pelo FBI e foram acusados de pertencer à Frente Popular de Libertação da Palestina (FPLP), suposto braço terrorista da Organização pela Libertação da Palestina (OLP). Seis eram jordanianos e um queniano⁵³². Os imigrantes foram levados imediatamente à Juíza de imigração, Ingrid K. Hrycenko, diante da qual a Conselheira do Distrito para assuntos de Imigração e o promotor da INS os descreveram como sendo um risco à segurança nacional. Todos os imigrantes, por outro lado, alegavam ser estudantes e trabalhadores. Dois dias mais tarde, o jornal informou aos leitores que os imigrantes estavam sendo acusados de violar a Lei McCarran-Walter de 1925, que proibia os imigrantes de participarem de

⁵³¹ MAY, Lee. U.S. immigration rules keep refugees out, group charges. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 03 Mar. 1987. p. 14

⁵³² OVEREND, William. 7 tied to PLO terrorist wing seized by INS. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 27 Jan. 1987. p. 01

atividades subversivas⁵³³. Os imigrantes, a princípio, estavam presos sob a acusação ensinarem e advogarem doutrinas econômicas e governamentais do mundo comunista. Contudo, continuariam a ser investigados como possíveis terroristas. Uma semana depois, em 6 de fevereiro, o Los Angeles Times noticiou que o FBI não tinha provas suficientes para acusar os sete imigrantes, mas a deportação continuava sendo recomendada⁵³⁴. No final do governo Reagan, o caso ainda não estava resolvido. O FBI e a INS tentaram acusar os imigrantes de violar outras leis de imigração, mas não obtiveram sucesso. Até dezembro de 1988, os sete imigrantes mais um oitavo, um jordaniano que fora preso em seguida, estavam presos, sem que nada fosse provado contra eles.

No último ano do governo Reagan, o número de homens e mulheres da Nicarágua, El Salvador e Guatemala que entraram nos Estados Unidos e pediam asilo político aumentou ainda mais. Diante disso, o governo federal anunciou que mandaria mais examinadores da INS para analisar os pedidos e prometeu aumentar o contingente da Patrulha da Fronteira a fim de evitar que imigrantes da América Central entrassem no país. Como prometido, nos meses seguintes, o governo federal realmente aumentou o contingente da Patrulha da Fronteira, pela terceira vez em menos de 3 anos. Ao final do governo Reagan e dois anos após a aprovação da IRCA, o Los Angeles Times divulgou uma pesquisa realizada pelo próprio jornal, apontando que a maioria dos estadunidenses via os imigrantes como uma força econômica negativa que contribuía pouco para cultura estadunidense. Segundo o jornal, os pesquisadores perguntaram aos entrevistados se os imigrantes se beneficiavam mais de programas sociais e seguridade ou contribuía mais com impostos e trabalhos. 64% dos entrevistados responderam que os imigrantes se beneficiavam mais de programas sociais e seguridade do que contribuía com impostos e trabalho. Os pesquisadores perguntaram aos entrevistados se os imigrantes contribuía para cultura estadunidense na última década. 46% dos entrevistados responderam que não, apenas 40% deles responderam afirmativamente. Contraditoriamente, perguntados se aprovam a anistia, 31% dos entrevistados responderam sim e apenas 22% responderam que não. Entretanto, 42% disseram não saber sobre a anistia. Os entrevistados não eram favoráveis nem mesmo à imigração de europeus para os Estados Unidos. Apenas 30% dos entrevistados viam com bons olhos

⁵³³ SOBLE, Ronald. 7 suspected of PLO ties say rights are denied. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 29 Jan. 1987. p. 03

⁵³⁴ SOBLE, Ronald. FBI didn't get enough data to prosecute in Arab case. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 06 Fev. 1987. p. 03

a chegada de europeus com educação formal elevada, enquanto 50% não consideravam os imigrantes europeus mais bem vindos do que latinos ou asiáticos⁵³⁵. A pesquisa foi realizada com 1418 moradores de diversas regiões do país, por telefone, e aos olhos da história mostrou exatamente o alcance e a eficácia do discurso nacionalista neoconservador, com todas as suas facetas étnicas.

⁵³⁵ HERNANDEZ, Marita. Negatives cited in time poll on immigrants. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 19 Set. 1988. p. 01

Conclusão

Nesta dissertação buscamos investigar como os neoconservadores representados por Ronald Reagan reinventaram os mitos e as narrativas da nação, construindo um novo nacionalismo nos Estados Unidos nos anos 1980. Os mitos e as características que o Reagan reinventou nos seus discursos já estavam presentes no imaginário estadunidense sobre a nação, mas ele, considerava esses atributos como naturais e essenciais, presentes, inclusive, nos primeiros colonizadores, que fugiram da Inglaterra com essas características. Neste sentido, os discursos de Reagan foram os alicerces de uma nação e um nacionalismo neoconservador nos estadunidense na década de 1980. Esta nação e nacionalismo neoconservadores foram criados através da reconfiguração de antigos mitos em consonância com a ideologia neoconservadora que deram um novo significado a terra prometida, ao passado, ao futuro e ao povo escolhido. Neste novo arranjo, a idéia de que os estadunidenses dividem uma cultura, uma história única e estão ligados por laços de solidariedade antigos e naturais ganha força. O nacionalismo étnico estadunidense ganha uma nova roupagem, um novo peso e se combina com o nacionalismo cívico de uma outra maneira, com mais força. Algumas dessas conclusões já estão presentes nos trabalhos do historiador americano Gary Gerstle, contudo, neste trabalho mostramos como esta nação e este nacionalismo neoconservador foram gestados em organizações políticas empresariais, construídos por discursos e postos em prática pela ação política do governo Reagan.

No primeiro capítulo apresentamos brevemente como os liberais imaginaram a nação e construíram o nacionalismo no século XX. Apresentamos este primeiro capítulo, pois o liberalismo e a forma como os liberais entendiam a nação e o nacionalismo eram hegemônicos até o final da década de 1970. Mas, vale dizer que essa hegemonia foi sendo construída ao longo desse período e que não foi uniforme. No sul, por exemplo, o nacionalismo étnico persistiu com muito mais força. Os liberais imaginavam a nação e entendiam o nacionalismo, mormente através de um viés cívico, embora elementos étnicos estivessem sempre presentes. Isso se deveu ao fato de que o liberalismo teve que se transformar diante das conjunturas políticas, sociais, econômicas e culturais ao longo do século, sobretudo nos anos 1910, 1930 e 1960. Principalmente nesses momentos, os movimentos sociais exigiram a atuação contundente dos governantes para melhorar a vida dos trabalhadores e das minorias. Os liberais, não sem

contradições, incluíram as demandas dos movimentos sociais em um projeto político que pretendia ser nacional.

A idéia de proteção social foi se firmando, sobretudo entre os movimentos sociais liberais. O governo então passou a ter a obrigação de atuar como promotor de políticas econômicas, sociais e culturais que promovessem direitos civis, políticos e econômicos para que todos os estadunidenses tivessem boas condições de vida. Em síntese, diante das crises geradas pro pressões sociais e políticas, diferentes grupos de estadunidenses passaram a imaginar a nação como uma comunidade formada por homens com direitos sociais, direitos políticos e deveres iguais, o que fez com que o nacionalismo cívico ganhasse feições novas e com que a nação se tornasse mais inclusiva. Este ideal se transformou em ação prática através da mobilização social e das políticas sociais, econômicas e culturais. Como uma espiral, essas políticas sociais estimularam ainda mais a imaginação cívica da nação e o nacionalismo cívico.

No segundo capítulo mostramos como este processo histórico foi revertido. Diante da crise que abalou a sociedade e a economia estadunidense no final da década de 1960 e no início da década de 1970, surgiram diversas vozes culpando as políticas liberais e os programas sociais e os direitos civis que elas promoveram. Os conservadores tradicionalistas, que se opunham às mobilizações sociais, ao capitalismo reformista e defendiam supostos valores da sociedade estadunidense, e os libertários, que se opunham à intervenção do governo na economia e na política e acreditavam em um “capitalismo puro”, reconquistaram espaço na sociedade estadunidense. Paradoxalmente, enquanto a crise ameaçava setores tradicionais do capitalismo estadunidense, impulsionou um novo eixo de indústrias bélicas, energéticas e de alta tecnologia no sul dos Estados Unidos, além do setor de serviços e do capital financeiro. Esses, entretanto, não se sentiam menos ameaçados pela crise. Logo esses novos setores do capitalismo estadunidense financiaram intelectuais, centros de pensamento e organizações políticas, que fundiram a visão de mundo conservadora e a visão de mundo libertária. Esta fusão deu origem ao chamado neoconservadorismo.

Nenhum dos centros de pensamento neoconservador e nenhuma organização política neoconservadora culpou a Guerra do Vietnã ou outros fatores pela crise econômica do país, somente os programas sociais e as políticas de direitos civis. Com um investimento gigantesco, os neoconservadores investiram em quadros políticos, para que representassem o neoconservadorismo na política local e nacional e servissem como vetor de transformação do projeto político neoconservador em um projeto político

nacional hegemônico. O quadro neoconservador mais notório neste período era Ronald Reagan, que depois de algumas dificuldades foi lançado como candidato à presidência dos Estados Unidos. O projeto político neoconservador floresceu em um momento no qual a crise econômica deixou milhares de estadunidenses na miséria, no qual os liberais perderam a organização e a organicidade e no qual os trabalhadores organizados perderam força política. Assim, Ronald Reagan tornou-se presidente dos Estados Unidos.

No terceiro capítulo tentamos mostrar como Ronald Reagan produziu um discurso pedagógico estadunidenses o projeto político neoconservador, que se tornara um projeto nacional, e como o colocou em prática. Reagan procurou convencer os estadunidenses que o projeto neoconservador de nação tinha como objetivo principal recuperar a economia e a moral dos Estados Unidos, derrubando a inflação e a estagnação econômica. O plano para conquistar tal objetivo era baseado, principalmente, nos ensinamentos econômicos dos economistas monetaristas e dos economistas “supply-siders”. Os monetaristas insistiam que a inflação deveria ser combatida com a adoção de uma taxa de juros alta, redução dos gastos governamentais e desregulamentação da economia. Os economistas que defendiam a Supply Sider Economics acreditavam que a chave para recuperação econômica estava na combinação de redução de impostos, ampliação da base de arrecadação e redução dos gastos do governo, sem necessariamente aumentar a taxa de juros. A fusão e a aplicação dessas duas teorias resultaram no programa político neoconservador do governo Reagan, popularmente conhecido como Reaganomics.

O Reganomics consistia em um pacote de cinco medidas. A implementação de impostos regressivos, isto é, diminuição de impostos para os mais ricos, que, supostamente, gastariam mais e ampliariam seus negócios. A redução dos investimentos nos programas sociais e nas políticas de direitos civis do governo federal, que diminuiria a circulação de capital e estimularia o investimento privado em setores antes dominados pelo governo, como educação. O neofederalismo, ou seja, a transferência da administração dos programas federais para os governos locais e estaduais, com um investimento menor e menos específico. A eliminação das regulações federais, dentre elas as leis que regulavam as relações trabalhistas. E por fim, a estabilização monetária através de uma política de juros, que inicialmente manteria as taxas altas até que pudessem, gradativamente, ser reduzidas. Reagan prometeu aos estadunidenses que seu programa econômico e o projeto nacional neoconservador seriam o melhor caminho

para a nação, que reduziria a inflação, recuperaria a produtividade e promoveria a empregabilidade, deixando os estadunidenses com dinheiro no bolso. No final de seus oito anos na Casa Branca, Reagan conseguiu reduzir drasticamente a inflação e recuperar a produtividade e a lucratividade das empresas. Entretanto, o abismo social que separou os homens mais pobres e os homens mais ricos dos Estados Unidos aumentou significativamente e a vida da maioria dos estadunidenses ficou ainda mais difícil.

Os neoconservadores imaginavam e narravam a nação e exerciam o nacionalismo de forma diferente dos liberais. Obviamente, esta nova visão de mundo exigia uma nova forma de imaginar e narrar a nação. Isto era necessário, inclusive, pois uma narrativa nacional neoconservadora e um nacionalismo neoconservador eram peças de suma importância para construção da hegemonia neoconservadora nos Estados Unidos. Por isso, no quarto capítulo, buscamos compreender como os neoconservadores narravam a nação e entendiam o nacionalismo nos Estados Unidos. Para isso, analisamos os discursos de Ronald Reagan. Nas palavras de Reagan, os verdadeiros estadunidenses que compunham a nação não eram aqueles que tinham direitos e deveres como cidadãos, como insinuavam os liberais. Reagan narrou a nação como uma comunidade de homens que dividiam as mesmas características e os mesmos valores naturais e essenciais. Características e valores que estavam presentes nos primeiros peregrinos, que de certa forma foram escolhidos por Deus, e chegaram a uma terra prometida, a América, fugindo da opressão inglesa e com o objetivo de viver um sonho e um destino divinamente ordenados. Em outras palavras, Reagan narrou a nação como uma comunidade de homens que eram, essencialmente, livres, independentes, produtivos, empreendedores, inteligentes, crentes em Deus e trabalhavam duro. Além disso, esses homens cultivavam códigos morais e modelos de família tradicionais.

Ser nacionalista para Reagan era defender as características da nação e os valores morais que estavam presentes no projeto neoconservador de nação. Portanto, defender a nação era apoiar o projeto político que ele representava. As políticas liberais, que enfatizavam a participação do Estado como promotor de programas sociais e direitos civis, eram vistas como uma ameaça à nação. Na ótica neoconservadora de Reagan, os programas sociais e os direitos civis representavam uma ameaça à nação, pois, supostamente, interferiam na vida dos estadunidenses diminuindo a liberdade individual e a fé em Deus e promovendo fé no Estado, dependência, vício, preguiça e mediocridade intelectual. Tudo isto impulsionaria comportamentos destrutivos como

crime, utilização de drogas e aborto. Dessa forma, os liberais e quem defendesse os programas sociais e as ações afirmativas eram configurados como anti-patrióticos. Quem participasse dos programas sociais ou de ações afirmativas, com exceção de um grupo extremamente carente e desfavorecido, também estaria indo contra a nação. Isto porque estavam tentando defender interesses particulares ou estavam sendo ludibriados pelos liberais, que defendiam interesses específicos e estavam preocupados em manter seu poder através das políticas do estado. Reagan não era uma voz isolada. O discurso e a narrativa nacional neoconservadora, do qual ele era o maior representante, se difundiu nos jornais. Nas editoriais, reportagens e colunas assinada por intelectuais, muitos deles mentores de Reagan, discursos e narrativas de nação semelhantes também alcançaram rapidamente os leitores, reforçando os discursos do presidente.

Reagan nunca representou abertamente um contorno étnico para a nação. Entretanto, subjacente aos discursos e práticas dos neoconservadores representados por Reagan achamos fortes indícios de que a nação e o nacionalismo neoconservador têm um forte viés étnico. Afinal de contas, os neoconservadores representados por Ronald Reagan deixaram de narrar a nação como uma comunidade de homens que usufruíam e compartilhavam os mesmos direitos e deveres e passaram a narrar a nação como uma comunidade fundada por homens especiais que exibiam características e valores naturais e essenciais. No quinto capítulo, mostramos como Reagan associou a participação em programas sociais e em ações afirmativas à leniência, à dependência, a falta de capacidade intelectual, ao autoritarismo, ao vício, ao uso de drogas, à criminalidade, ao aborto e à destruição da família e da nação. Se considerarmos que a maioria dos estadunidenses que participavam dos programas sociais e defendiam as ações afirmativas eram negros, então todo o estereótipo do antípoda nacional recaiu sobre eles. O próprio Reagan, nas entrelinhas dos discursos, reforçou a idéia de que os negros que participavam dos programas sociais eram dependentes, preguiçosos, pouco produtivos, intelectualmente atrasados e apresentavam desvios de comportamento moral, se envolvendo em crimes, utilizando drogas e praticando aborto.

O discurso neoconservador levou a reforçar um imaginário de inferioridade dos negros. A representação dos negros no imaginário neoconservador se alimentou e se revelou na relação entre o que era dito nos discursos e no que se depreendeu dele. Os negros eram vistos como homens que precisavam da caridade e dos ensinamentos dos verdadeiros estadunidenses, pois não conseguiam compreender que os liberais e os líderes negros desenvolviam os programas sociais e as ações afirmativas para defender

interesses próprios e não os da nação. Nos discursos de Reagan, os negros apareceram como homens suscetíveis à ladainha liberal que os líderes negros pregavam. As editoriais e as colunas dos jornais afinados com os neoconservadores repetiram ainda mais claramente tal narrativa nacional, que representava os negros como antípodas da nação. Para além do discurso o dismantelamento dos programas sociais e das ações afirmativas deixou a maioria dos negros em uma situação precária, reforçando a idéia de que eles não alcançavam o ideal nacional de independência, produtividade, liberdade, empreendedorismo e fé em Deus.

A faceta étnica do nacionalismo neoconservador ficava ainda mais evidente na postura adotada em relação aos imigrantes, que voltaram a entrar em massa nos Estados Unidos a partir de 1965. Em 1924, a lei de imigração limitou significativamente a quantidade de imigrantes que poderiam entrar nos Estados Unidos. Era uma vitória dos nacionalistas, que imaginavam a nação com características étnicas exclusivas. Contudo, a diminuição do contato dos estadunidenses com “o outro” estrangeiro e a assimilação dos imigrantes que já estavam no país foram ingredientes fundamentais para que em 1930 a nação passasse a ser imaginada, majoritariamente, através de um prisma mais cívico do que étnico. Em 1965, uma nova lei de imigração ampliou drasticamente o número de imigrantes que poderiam entrar no país a cada ano. O contato dos estadunidenses com uma infinidade de imigrantes de diversas regiões do mundo dentro dos Estados Unidos foi restabelecido em um período no qual os movimentos sociais de trabalhadores e das minorias exigiam a concretização do ideal cívico de nação. Os imigrantes e seus descendentes nascidos nos Estados Unidos, portanto cidadãos aos olhos da lei, entraram na batalha pela ampliação dos direitos sociais e civis. Entretanto, a xenofobia e a reação contra o “outro” estrangeiro, identificado como usurpador dos recursos nacionais, ladrão de postos de empregos e corruptor da essência nacional logo vieram à tona na crise que se estabeleceu nos anos 1970.

No sexto capítulo, mostramos que o nacionalismo neoconservador reagiu imediatamente à entrada de estrangeiros no país e, sobretudo, ao desejo deles de participarem/serem incluídos na nação através da conquista de direitos sociais e cívicos. Os neoconservadores, preocupados com a essência cultural da nação, acusaram os imigrantes de destruir a cultura nacional, sobretudo pelo uso de outras línguas e práticas culturais próprias. Outros neoconservadores, mais preocupados com a utilização de mão de obra barata, defendiam a entrada irrestrita de imigrantes no país, desde que a eles não fossem estendidos direitos sociais e cívicos. Reagan, e boa parte

dos neoconservadores, conjugavam essas duas visões. Em seus discursos, Reagan representou a nação como uma comunidade formada por imigrantes de diversos tipos. Os alemães e os ingleses que chegaram ainda no período colonial situavam-se num patamar superior na escala de Reagan. Teriam ajudado a cultivar o caráter estadunidense. Seguindo a mesma lógica, os latino-europeus, que chegaram numa onda imigratória posterior, teriam contribuído com o trabalho duro e, como originários de culturas/sociedades pouco desenvolvidas, aprenderam a viver como os estadunidenses, assimilando suas características e virtudes morais. Por outro lado, os imigrantes latino-americanos e asiáticos que chegaram após 1965 eram vistos com desconfiança.

Reagan, algumas vezes, associou os novos imigrantes ao crime e a desvios de comportamento e insistiu inúmeras vezes que eles deveriam aprender os valores morais e a ética puritana do trabalho dos “verdadeiros” estadunidenses, sem exigir direitos sociais e cívicos. Os neoconservadores buscaram controlar a entrada de imigrantes no país, a fim de evitar que ultrapassasse os limites aceitáveis em termos de oferta de mão de obra barata e para impedir que se mobilizassem em prol de direitos sociais e civis. Reagan, conjugando as diferenças entre os neoconservadores, queria uma lei de imigração que controlasse as fronteiras para evitar a entrada de imigrantes indesejáveis ao mesmo tempo em que facilitasse a entrada de imigrantes que quisessem trabalhar nos Estados Unidos, sem direitos políticos ou sociais. Nos editoriais e colunas de jornal de autoria dos neoconservadores, os imigrantes foram freqüentemente descritos como diferentes e inferiores. Os imigrantes precisavam aprender os valores estadunidenses se quisessem trabalhar no país ou deveriam ser mandados embora se representassem uma ameaça à nação. A perseguição aos imigrantes indesejáveis foi implacável e atingiu os cidadãos de origem estrangeira que, além de discriminados, foram, não poucas vezes, vítimas de ações truculentas e discriminatórias.. Assim como os negros, os imigrantes se tornaram os antípodas da nação. O estabelecimento dessa alteridade era fundamental para definição de quem pertencia ou não, enfim, para o contorno da comunidade imaginada.

Podemos concluir, portanto, que o neoconservadorismo não mudou apenas a política e a economia estadunidense, mas também mudou significativamente as narrativas nacionais e o sentido e natureza do nacionalismo nos Estados Unidos. A nação passou a ser narrada como uma comunidade de homens escolhidos, que exibiam características e valores culturais essenciais como independência, liberdade, produtividade, empreendedorismo e fé em Deus. O nacionalista deveria promover as

virtudes nacionais e lutar contra aqueles que ameaçavam a nação neoconservadora. A nação e o nacionalismo neoconservador reforçaram o caráter étnico da nação e do nacionalismo, ao passo que enfraqueceram o caráter cívico. Isto não quer dizer que o nacionalismo neoconservador fosse irredutivelmente exclusivista. Por um lado, os negros e os imigrantes eram representados como antípodas que reforçavam as características da nação e o nacionalismo neoconservador. Por outro, os negros e os imigrantes que aceitassem e assimilassem a essência da nação poderiam participar dela de outra forma, mas, mesmo deixando o lugar de antípodas, dificilmente alcançariam participação plena, um patamar equivalente aos demais. Talvez esta possibilidade de participar da nação de forma positiva e alcançar “o sonho americano” estimulasse um contingente minoritário de negros e os imigrantes a apoiar o projeto nacional e o nacionalismo neoconservador, ainda que sofressem na pele as suas conseqüências.

A nação neoconservadora e o nacionalismo neoconservador dos anos 1980, embora carregados com cores étnicas, não eram como a nação e o nacionalismo conservador branco, Anglo-Saxão e protestante (WASP – White, Anglo-Saxon and Protestant) do final do século XIX. A dimensão étnica das narrativas de nação e do nacionalismo neoconservador de Reagan seria, talvez, mais próximo do teor étnico das narrativas de nação e do nacionalismo de Theodore Roosevelt no começo do século XX. Ambos reservaram aos negros e aos imigrantes o papel de antípodas e de cidadãos de segunda classe, que poderiam, no entanto, alcançar “o sonho americano” se assimilassem a essência natural dos estadunidenses. Contudo, enquanto Theodore Roosevelt expressou, ao longo de sua trajetória, o processo de enfraquecimento do teor étnico em favor de uma nação e de um nacionalismo de cunho mais cívico, Reagan foi a melhor expressão do movimento inverso: o fortalecimento do sentido étnico em detrimento do caráter cívico do nacionalismo e da nação estadunidense.

Fontes:

REAGAN, Ronald. Address to the nation on the economy. 5 fev. 1981. disponível em: <http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/20581c.htm>

REAGAN, Ronald. Address before a joint session of the congress on the “program for economic recovery”. 18 Fev, 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/21881a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks on the Program for Economic Recovery at a White House Breakfast for Democratic Members of the House of Representatives. 23 Jun, 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/62381a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks on the Program for Economic Recovery at a White House Reception for Republican Members of the House of Representatives. 23 Jun, 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/62381d.htm>>

REAGAN, Ronald. Address to the nation on federal tax reduction legislation. 27 jul, 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/72781d.htm>>

John T. Woolley and Gerhard Peters, *The American Presidency Project* [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=42687>>

REAGAN, Ronald. Address to the nation on federal on tax and budget reconciliation legislation. 16 ago, 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/81682a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the national legislative conference of the building and construction trades department, AFL-CIO. 05 abr, 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/40582d.htm>>

John T. Woolley and Gerhard Peters, *The American Presidency Project* [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=40909>

John T. Woolley and Gerhard Peters, *The American Presidency Project* [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=40205>>

REAGAN, Ronald. Address to the nation announcing the Reagan-Bush candidacies for reelection. 29 jan, 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/13084b.htm>>.

GINGRICH, Newt. Apud. BIRNBAUM, Jeffrey. GOP conservatives join to assail Reagan on budget strategy, prepare alternative. *The Wall Street Journal*, New York, 24 jan. 1984. p. 05.

REAGAN, Ronald. Address to the nation on the eve of presidential election. 05 nov, 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/110584e.htm>>

REDUCED spending sought. *The Wall Street Journal*, New York, 08 nov. 1984. Editorial, p. 07

John T. Woolley and Gerhard Peters, *The American Presidency Project* [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=38069>>

REAGAN, Ronald. Remarks to Business and Trade Representatives During a White House Briefing on the Fiscal Year 1986 Budget. 4 fev, 1985. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1985/20485c.htm>>

REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Federal Budget and Deficit Reduction. 24 abr, 1985. Disponível em <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1985/42485b.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks Announcing Bipartisan Support for Balanced Budget and Emergency Deficit Control Legislation. 4 out, 1985. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1985/100485a.htm>>

ANDERSON, Martin. The budget amendment not so crazy after all. *The New York Times*, New York 30 ago, 1985. Editorial, p. 25.

REAGAN, Ronald. Remarks Announcing America's Economic Bill of Rights. 03 jul, 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/070387a.htm>>.

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Briefing for Supporters of Welfare Reform. 09 fev, 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/020987b.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a republican campaign in Mesquite, Texas. 05 nov, 1988. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/110588c.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at National Conference of the Building and Construction Trades Department, AFL-CIO. 30 Mar. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/33081b.htm>>

REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Program for Economic Recovery. 24 Set. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/92481d.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a Rally Supporting the Proposed Constitutional Amendment for a Balanced Federal Budget. 19 Jul. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/71982d.htm>>

WOOLEY, John T. & PETERS, Gerhard. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=41164>>

REAGAN, Ronald. Remarks Announcing America's Economic Bill of Rights. 03 Jul. 1987. Disponível em:<
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/070387a.htm>>

JACOBS, Stanford L. Sitting Pretty: a daughter discovers the dole. *The Wall Street Journal*, New York 13 Jan, 1981. p. 32

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the Texas State Bar Association in San Antonio. 6 Jul. 1984. Disponível em
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/70684a.htm>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Centennial Meeting of the Supreme Council of the Knights of Columbus in Hartford, Connecticut. 03 Ago. 1982. Disponível em:<
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/80382a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Columbus, Ohio. 06 Mar. 1984. Disponível em:<
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/30684c.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Orlando, Florida. 08 Mar. 1983. Disponível em:<
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/30883b.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks to the National Catholic Education Association in Chicago, Illinois. 15 Abr. 1982. Disponível em:<
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/41582a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Conservative Political Action Conference Dinner. 18 Fev. 1983. Disponível em:<
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/21883e.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Members Banquet of the National Rifle Association in Phoenix, Arizona. 06 Mar. 1983. Disponível em:<
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/50683c.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the Texas State Bar Association in San Antonio. 06 Jul. 1984. Disponível em:<
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/70684a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Conference of the National Sheriff's Association in Hartford, Connecticut. 20 Jun. 1984. Disponível em:<
<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/62084c.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks to Members of the National Fraternal Congress of America. 25 Set. 1986. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1986/092586h.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a Meeting of The White House Conference for a Drug Free America. 29 Fev. 1988. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/022988a.htm>>

SHERRY, Mary. Families: paying the price of Social Security. *Wall Street Journal*. New York, Abr, 02. 1982, p22.

REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Economy. 05 Fev. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/20581c.htm>>

REAGAN, Ronald. Address Before a Joint Session of the Congress on the Program for Economic Recovery. 18 Fev. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/21881a.htm>>

REAGAN, Ronald. Address to the Nation on Federal Tax Reduction Legislation. 27 Jul. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/72781d.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Reception for Representatives of the Business Community. 15 Set. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/91581d.htm>>

REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Economy. 13 Out. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/101382d.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks to Reporters on a House Budget Proposal. 18 Mar. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/31883a.htm>>

WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=40205>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Reagan-Bush Rally in Atlanta, Georgia. 26 Jul. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/72684a.htm>>

WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=38069>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Briefing for Members of the Tax Reform Coalition. 23 Set. 1986. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1986/092386e.htm>>

WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=40205>>

REAGAN, Ronald. Remarks to the Senate Republican Caucus on the Budget Deficit. 21 Mar. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/32184a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Ford Claycomo Assembly Plant in Kansas City, Missouri. 11 Abr. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/41184a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a dinner marking the 10th of the Heritage Foundation. 03 Out. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/100383h.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks to Members of the American Enterprise Institute for Public Policy Research. 08 Dez. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/120883d.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Conservative Political Action Conference Luncheon. 20 Fev. 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/022087b.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the National Association of Evangelicals in Columbus, Ohio. 06 Mar. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/30684c.htm>>

ASHOK, Chandrasekhar. Are we better off? *The Wall Street Journal*, New York, 24 Jul. 1984. p. 62.

REAGAN, Ronald. Remarks at an Reelection Celebration in Los Angeles, California. 06 Nov. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/110684b.htm>>

REAGAN, Ronald. Apud. WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=38069>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the National Religious Broadcasters Association. 1 Fev. 1988. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/020188c.htm>>

REAGAN, Ronald. Farewell Address to the Nation. 11 Jan. 1989. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1989/011189i.htm>>

REAGAN, Ronald. Address to the Nation on the Economy. 05 Fev. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/20581c.htm>>

REAGAN, Ronald. Address Before a Joint Session of the Congress on the Program for Economic Recovery. 18 Feb. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/21881a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the National Conference of the Building and Construction Trades Department, AFL-CIO. 30 Mar. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/33081b.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a Rally Supporting the Proposed Constitutional Amendment for a Balanced Federal Budget. 19 Jul. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/71982d.htm>>

MAYER, Jeremy. Running on race: racial politics in presidential campaigns 1960-2000. New York. Random House, 2002. p. 151-155

REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the Bill Making the Birthday of Martin Luther King, Jr., a National Holiday. 02 Nov. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/110283a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks in Denver, Colorado, at the Annual Convention of the National Association for the Advancement of Colored People. 29 Jun. 1981. Disponível: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/62981a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Luncheon for Black Clergymen. 26 Mar. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/32682a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Reception for the National Council of Negro Women. 28 Jul. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/72883h.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Briefing for Black Administration Appointees. 23 Jun. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/62584a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the 40th Anniversary Dinner of the United Negro College Fund. 11 Out. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/101184g.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks in Denver, Colorado, at the Annual Convention of the National Association for the Advancement of Colored People. 29 Jun. 1981. Disponível: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/62981a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Luncheon for Officials of Black Colleges and Universities. 15 Set. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/91581b.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Reception Marking the Beginning of National Historically Black Colleges Week. 24 Set. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/92484c.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a National Black Republican Council Dinner. 15 Set. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/91582e.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Briefing for Black Administration Appointees. 25 Jun. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/62584a.htm>>

WOOLEY, John T. & GERHARD, Peters. The American Presidency Project [online]. Santa Barbara, CA: University of California (hosted), Gerhard Peters (database). Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=38069>>

Ronald. Interview With Ann Devroy and Johanna Neuman of USA Today. 17 Jan. 1985. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1985/11785d.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the National Historically Black Colleges Week Proclamation. 24 Set. 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/092487b.htm>>

RACIAL Overtones. *The Wall Street Journal*, New York, 01 Jul. 1981. Editorial, p. 24.

TURN welfare in a new direction. *The New York Times*, New York, 01 Jul. 1981. Editorial

BLACKS Vs Reagan. *The Wall Street Journal*, New York, 12 Nov. 1984. Editorial, p. 24

LUBLIN, Joan. Blacks Urged by Urban League to Take A Bigger Role in Seeking Social Gains. *The Wall Street Journal*, New York, 17 Jan. 1985. p. 15

NEW HELP for self-help. *The Wall Street Journal*, New York, 18 Fev. 1985. p. 32

PERKINS, Joseph. Urban League emphasizes an agenda of self-help. *The Wall Street Journal*, New York, 06 Ago. 1986. p. 16

STATE of Blacks. *The Wall Street Journal*, New York, 19 Jan. 1987. Editorial, p. 18

GIGOT, Paul. GOP Should Bring Civil-Rights Debate Into the '80s. *The Wall Street Journal*, New York, 18 Mar. 1988. p. 26

REAGAN, Ronald. Remarks and a Question-and-Answer Session With Editors and Station Managers of Ethnically Oriented Publications and Radio Stations. 18 Fev. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/101883a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Welcoming Ceremony for Chancellor Helmut Schmidt of the Federal Republic of Germany. 21 Mai. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/52181a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Welcoming Ceremony for Chancellor Helmut Kohl of the Federal Republic of Germany. 15 Nov. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/111582a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks to the National Catholic Education Association in Chicago, Illinois. 15 Abr. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/41582a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the American Federation of Teachers in Los Angeles, California. 05 Jul. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/70583a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the National Forum on Excellence in Education in Indianapolis, Indiana. 08 Dez. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/120883b.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the Columbus Day Proclamation. 09 Out. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/100981c.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks Announcing the Formation of the Statue of Liberty-Ellis Island Centennial Commission. 18 Mai. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/51882d.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at Naturalization Ceremonies for New United States Citizens in Detroit, Michigan. 01 Out. 1984. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1984/100184a.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at a White House Ceremony Celebrating Hispanic Heritage Week. 15 set. 1982. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1982/91582c.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the Annual Convention of the United States Hispanic Chamber of Commerce in Tampa, Florida. 12 Ago. 1983. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1983/81283d.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the Asian/Pacific American Heritage Week Proclamation. 04 Mai. 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/050487d.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks on Signing the Asian/Pacific American Heritage Week Proclamation. 03 Mai. 1988. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/050388b.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks at the American Foundation for AIDS Research Awards Dinner. 31 Mai. 1987. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1987/053187a.htm>>

REAGAN, Ronald. Toast at a Luncheon Hosted by President Miguel De la Madrid Hurtado in Mazatlan, Mexico. 13 Feb. 1988. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/021388e.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks and a Question-and-Answer Session With a Group of Out-of-Town Editors. 05 Out. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/100581f.htm>>

REAGAN, Ronald. Remarks in an Interview With Managing Editors on Domestic Issues. 31 Dez. 1981. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1981/120381e.htm>>

REAGAN, Ronald. Toast at a Luncheon Hosted by President Miguel De la Madrid Hurtado in Mazatlan, Mexico. 13 fev. 1988. Disponível em: <<http://www.reagan.utexas.edu/archives/speeches/1988/021388e.htm>>

SCHORR, Burt. Identity Crisis. *The Wall Street Journal*, New York, 17 Feb. 1981. p. 54

CARLSON, Eugene. Refugee Influx to Some Areas Straining Budgets, Good Will. *The Wall Street Journal*, New York, 03 Nov. 1981. p. 37

LAMM, Richard. *The New York Times*, New York, 01 Jul. 1986. Sessão A, p. 23

TEXAS ISN'T shocked by schooling order for aliens' children. *The Wall Street Journal*, New York, 16 Jun. 1982. Editorial, p. 24

WHO'LL FEDD the Haitians? *The Wall Street Journal*, New York, 03 Ago. 1982. Editorial, p. 32

THE SCOURAGE of a new decease. *The New York Times*, New York, 15 Mai. 1983. Editorial de Saúde. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?sec=health&res=9B02EED91038F936A25756C0A965948260>>

SCHAMBERG, Sidney. A baffling epidemic. *The New York Times*, New York, 15 Mai. 1983. Editorial de Saúde. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9407E2D91E38F937A15756CA965948260&sec=health&spon=&pagewanted=all>>

ROSENTHAL, Jack. It's Not Tia-Wanna Anymore. *The New York Times*, New York, 17 Abr. 1987. Editorial. Disponível em: <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9B0DE2DA123BF934A25757C0A961948260&sc p=38&sq=Immigration&st=nyt>>

EZELL, Harold W. Illegal aliens pose serious threat. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 18 Ago. 1985. Editorial, p. OC_A22.

HAROLD W. EZELL IS DEAD at 61; immigration official in west. *The New York Times*, New York, 27 Ago. 1998. Caderno U.S. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1998/08/27/us/harold-w-ezell-is-dead-at-61-immigration-official-in-west.html?pagewanted=1>>

HARWOOD, Edwin. Congress's bad immigration bill. *The Wall Street Journal*, New York, 17 Set. 1982. Editorial, p. 28

MAKING IT. *The Wall Street Journal*, New York, 17 Fev. 1984. Editorial, p. 30

COURAGE NO, hypocrisy si. *The Wall Street Journal*, New York, 19 Jun. 1984. Editorial, p. 28

LAFFER, Arthur. Curbing illegals would hurt them and U.S. economy. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 14 Ago. 1984. Editorial, p. B05.

SCHABARUM, Peter F. County is stuck with bill for immigrants. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 30 Dec. 1985. Editorial, p. A5

ANDERSON, Annelise. Employers Sanctions don't work elsewhere. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 09 Set. 1986. Editorial, p. 28

MAXWELL, Evan. U.S. Mistakenly Deported as illegal alien. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 10 Mar. 1981. p. A7

MAXWELL, Evan. U.S. expels Iranians in crackdown on students. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 02 Fev. 1981. p. A1

U.S. TRYING TO EXPEL 5.000 Haitians; 7.000 protected. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 26 Mar. 1981. Editorial. p. A1

OSTROW, Ronald J. Arrests of aliens may surge to 1 million in 1983. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 18 Jan. 1983. p. B5

FOSTER, Mark. Record set on seizures of illegal aliens at the border. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 09 Abr. 1983. p. SD_A1

DEL OLMO, Frank. Immigration service's raids play games with the public's emotions. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 23 Out. 1983. p. C7

REZA, H.G. Deportation Error Called Another Example of Rights Violations. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 22 Fev. 1984. p. SD_A1

REZA, H.G. INS officer charged in sex case. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 28 Mar. 1984. p. SD_A3

DALLAS TERRORIST suspect reported held. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 29 Ago. 1984. Editorial. p. B1

COURT MAKE it easier to deport aliens. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 10 Jan. 1984. Editorial. p. A1

JUDGE RULES: no english, no citizenship. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 01 Oct. 1984. Editorial. p. 05

PEREZ, Ray. Girl detained despite proof of citizenship. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 03 Mar. 1985. p. OC_A1

HORTSMAN, Barry M. INS official defends across the border shooting of boy, 12. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 25 Abr. 1985. p. SD_A1

MILLER, Marjorie. Chicanos to protest D.A.'s ruling on border shooting. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 07 Jun. 1985. p. SD_A1

MAIL ORDER vigilantes. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 24 Jan. 1986. Editorial. p. B4

REZA, H.G. Disc Jockey's parody of illegal hits a sour note. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 03 Jul. 1986. p. C35

MCDONNELL, Patrick. Critics claim Border Patrol agents ignoring amnesty directives. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 24 Ago. 1987. p. 01

MAY, Lee. U.S. immigration rules keep refugees out, group charges. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 03 Mar. 1987. p. 14

OVEREND, William. 7 tied to PLO terrorist wing seized by INS. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 27 Jan. 1987. p. 01

SOBLE, Ronald. 7 suspected of PLO ties say rights are denied. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 29 Jan. 1987. p. 03

SOBLE, Ronald. FBI didn't get enough data to prosecute in Arab case. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 06 Fev. 1987. p. 03

HERNANDEZ, Marita. Negatives cited in time poll on immigrants. *The Los Angeles Times*, Los Angeles, 19 Set. 1988. p. 01

Bibliografia:

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the origin and Spread of Nationalism*. New York: Verso, 1983.

AULETTA, Ken. *The underclass*. New York: Randon House, 1982.

AZEVEDO, Cecília. A santificação pelas obras: experiência do protestantismo nos EUA. IN. *Revista Tempo* vol 6. nº 11, Rio de Janeiro: 7 letras/Ed Uff, 2002.

_____. Guerra à pobreza: EUA, 1964. In: *Revista brasileira de história*, São Paulo. V. 153, nº. 2/2005.

BALAKRISHNAN, Gopal (org). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contaponto, 2000.

BENDER, Thomas. *Toward an urban vision: Ideas and institutions in nineteenth century America*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1982.

BERLET, Chip & LYONS, Matthew N. *Right wing populism in America: too close for comfort*. Nova Iorque: The Guilford Press, 2000

BERMAN, William C. *America's right turn: from Nixon to Bush*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva

_____. *Razões Práticas*. São Paulo: Papyrus, 1996.

_____. *Os Usos e abusos da ciências: Por uma sociologia clinica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004.

CENTER ON BUDGET AND POLICY PRIORITIES. *Falling behind: a report on how blacks have feared under Reagan*. In: *Journal of black studies*. Vol. 17, Nº2. Dec 1986.

COLLINS, Robert M. *The Economic Crisis of 1968 and the waning of the "American Century*. In: *The American historical review*. V. 101, Nº2, abr 1996.

_____. *Transforming America : politics and culture in the Reagan Years*, New York: Columbia University Press, 2007

DUBOFSKY, Melvyn. *American labor since the New Deal*. Chicago: Quadrangle Books, 1971.

DWECK, Ruth Helena. O federalismo norte-americano: questão fiscal – "Reaganomics". In: *Transit Circle, Revista Brasileira de Estudos Americanos*, vol. 2 Nova Série, Rio de Janeiro, 2003.

ESPING-ANDERSEN, Gosta. *The Three political economies of the welfare state*. *Canadian Review of Sociology and Anthropology*, Vol. 26, 1989

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FRASER, Steve & GERSTLE, Gary (ed), *Ruling America: A history of wealth and power in a democracy*. Cambridge: Harvard University Press, 2005

FURTADO, Celso. *Transformação e crise na economia mundial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERSTLE, Gary. *The protean character of American liberalism*. In *American historical review*, Vol. 99, Nº. 4, p.1046, out. 1994.

- GERSTLE, Gary. *American crucible: race and nation in the twentieth century*. New Jersey: Princeton University Press, 2001.
- GERSTLE, Gary. *Working-Class Americanism: The Politics of Labor in a Textile City, 1914-60*. York: Cambridge University Press, 1989.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- GILDER, George. *Wealth and poverty*. New York: Basic Books, 1980.
- HASTINGS, Adrian. *Special Peoples*. IN. *Nations and Nationalism*, n. 5 (3), ASEN 1999.
- HARTZ, Louis. *The liberal tradition in America: an interpretation of American political thought since the Revolution*. New York: Harcourt Brace, 1955.
- HARRINGTON, Michael. *The new poverty*. New York: Rinehart and Winston, 1984.
- HIMMELSTEIN, Jerome L. *To the right: the transformation of American conservatism*. Berkeley: University of California Press, 1990.
- HOBBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (org). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOVELER, David. *Conservative intellectuals and the Reagan Ascendancy*. In: *the history teacher*, Vol.23, nº3. mai, 1990
- JACOBSON, Matthew Frye. *Barbarian Virtues: The United States encounters foreign people at home and abroad 1876-1917*. New York: Hill and Wang, 2000.
- JENKINS, Craig J. & ECKERT, Craig M. *The right turn in economic policy: business elites and the new conservative economics*. In: *Sociological Forum*, Vol. 15, nº2. jun, 2000
- JEFFORDS, Susan. *The patriot system, or managerial heroism*. IN. *Cultures of American Imperialism*. Ed. Kaplan and Pease. Durham: Duke University Press, 2003.
- KATZ, Michael. *In the Shadow of the poorhouse: a social history of welfare in America*. New York: Basic Books, 1996.
- KESSEL, John H. *The structures of the Reagan white house*. In: *American journal of political science*. Vol. 28, nº.2. Mai, 1984
- LEOUSSI, Athena. *Myths of ancestry*. IN. *Nations and Nationalism*, n. 7 (4), ASEN 2001.
- LIMONCIC, Flávio. *A promessa da vida Americana: Herbert Croly, as “discriminações construtivas” e a questão do Estado Norte-Americano*. In: REIS FILHO, Daniel Aarão. *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- _____. *Os inventores do New Deal: a construção do sistema norte-americano de relações de trabalho nos anos 1930*. In: *Transit Circle, Revista Brasileira de Estudos Americanos*, vol. 2 Nova Série, Rio de Janeiro, 2003
- MAMPAEY, Luc & SERFATI, Claude. *Os grupos armamentistas e os mercados financeiros: rumo a um compromisso “guerra sem limites”?*. IN. CHESNAIS, François (org). *A finança mundializada*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MATUSOW, Allen J. *The unravelling of America: A history of liberalism in the 1960's*. New York: Harper & Row, 1984.

- MITCHELL, Timothy. MITCHELL, Timothy. Mcjihad: Islam in the U.S Global Order. IN. Social Text. Vol. 73, Winter 2002, Duke University Press.
- MILLS, Wright C. The power elite. New York. Oxford University Press, 1956
- MURRAY, Charles. Losing Ground. New York: Basic Books, 1994
- NGAI, Mae M. Impossible Subjects: Illegal Aliens and the making of modern America. New Jersey: Princeton University Press, 2004
- PORTES, Alejandro e RUMBAUT, Rubén. Immigrant America. Berkeley: University of California Press, 1996.
- SITKOFF, Harvard. A new deal for blacks: the emergency of civil rights as a national issue: the depression decade. Oxford: Oxford University Press, 1978.
- SMITH, A. D. Myths and memories of the nation. New York: Oxford University Press, 1999.
- ST. PIERRE, Maurice. Reaganomics and its implication for African-American family life. In: Journal of black studies. Vol. 21, N°3. Mar 1999.
- SULEIMAN, Michael. Arabs in America: building a new future. Philadelphia: Temple University Press, 1999.
- TICHENOR, Daniel J. Dividing Lines: politics of immigrant control in America. New Jersey: Princeton University Press, 2002
- WATERS, Mary C. e UEDA, Reed. The new Americans. Cambridge: Harvard University Press, 2007.
- ZIMMEMAN, Joseph F. Federal preemption under Reagan's New Federalism. In: Publius, Vol. 21, n°.1. Winter, 1991